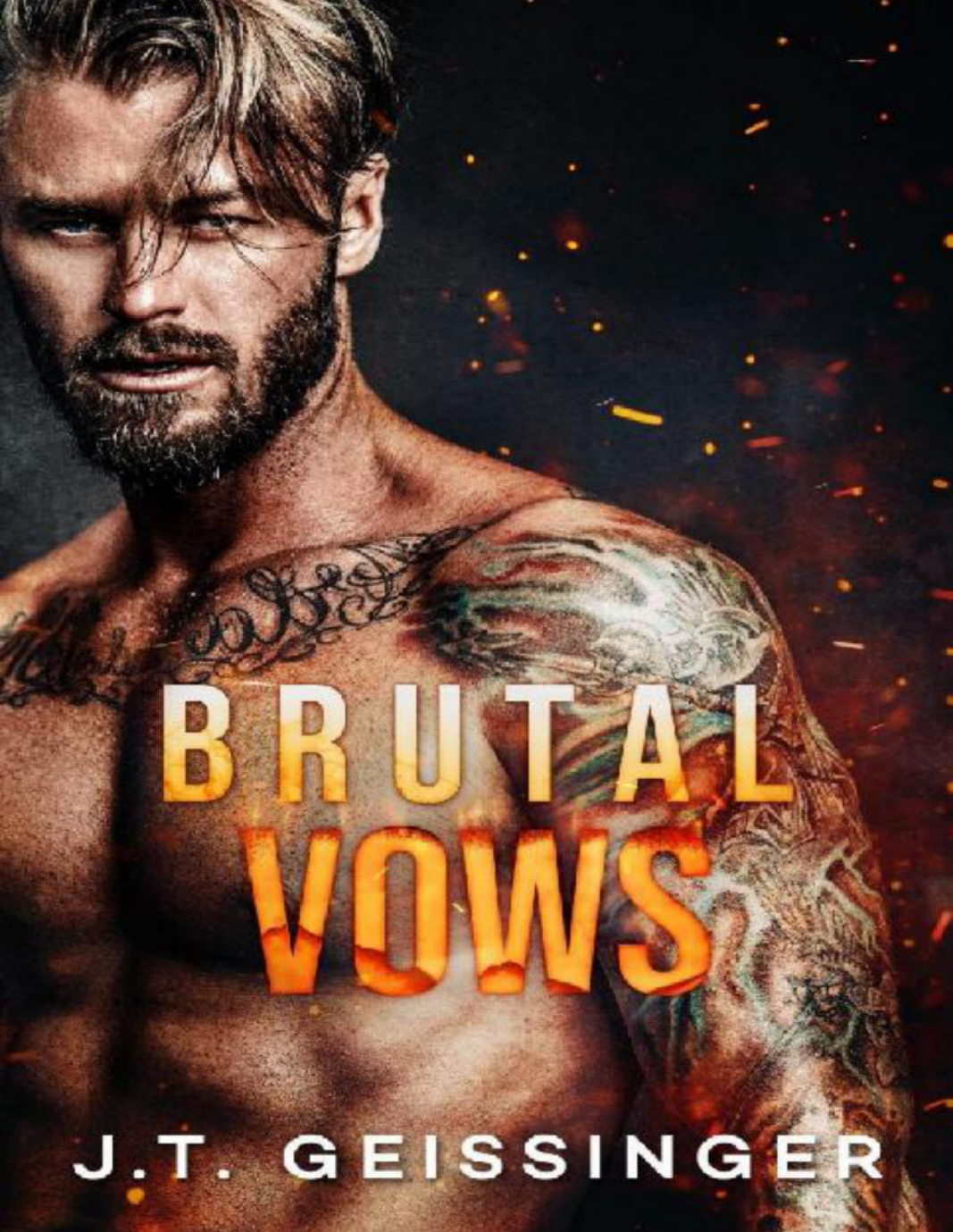


**BRUTAL
VOWS**

J.T. GEISSINGER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



BRUTAL VOWS

J.T. GEISSINGER



BRUTAL VOWS

J.T. GEISSINGER

A presente tradução foi efetuada pelo grupo WL, de modo proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando a posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir obras, dando a conhecer os autores que, de outro original, modo não poderiam, idioma não ser no a impossibilitando conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo V poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer WL parceria, coautoria grupo ou coparticipação e eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



QUEENS & MONSTERS

LANÇAMENTO



J.T. GEISSINGER

LIVRO Q



QUEENS & MONSTERS

ORDEM DA SÉRIE



LIVRO UM



LIVRO DOIS



LIVRO TRÊS



LIVRO QUATRO

SINOPSE

Um mafioso irlandês com um ressentimento brutal.

Uma princesa da máfia italiana com um segredo sombrio.

Dois impérios inimigos se unem pelos votos sagrados de matrimônio.

Que comecem os jogos de ódio.

Reyna

Caso este arrogante mafioso irlandês a quem meu irmão vendeu minha sobrinha pense que eu vou jogar bonito com este casamento arranjado, besteira, ele deveria pensar melhor.

Não me importa se este jogo com a Máfia fará de meu irmão capo das Cinco Famílias.

Não me importa quanto dinheiro, território ou poder ganharemos.

Não me importa especialmente que o irlandês seja o homem mais sexy que eu já vi.

Não vou permitir que minha sobrinha inocente sofra da mesma forma que eu sofri.

Mesmo que eu tenha que matá-lo.

Spider

Devo me casar com a doce e bela Lili.

Então, por que não consigo parar de pensar na bruxa pantanosa da sua tia?

Reyna, que me odeia. Reyna, que me desafia. Reyna com a coragem de uma viking, o corpo de uma deusa da fertilidade e a atitude de uma gata selvagem.

Nada de bom pode vir do que estou sentindo por uma mulher que não é a que está no contrato de casamento que assinei.

Uma mulher que eu quero muito, então terei que queimar o mundo
inteiro para conseguir.

Se ela não me matar primeiro.

PLAYLIST

“Enemy” Imagine Dragons

“Angry Too” Lola Blanc

“Black Widow” Iggy Azalea

“Cold Little Heart” Michael Kiwanuka

“Wicked Games” G-Easy

“Shivers” Ed Sheeran

“Woman” Mumford & Sons

“Fall Into Me” Forest Blakk

“Mrs.” Leon Bridges

“The Joker And The Queen” Ed Sheeran/Taylor Swift

“Him & I” G-Easy & Halsey

“Kings & Queens” Ava Max

Muitos bons enforcamentos previnem um mau casamento.

~ **William Shakespeare**

REY

O fardo da memória às vezes pode ser tão pesado que chega a ser sufocante.

Tome agora, por exemplo. Estou de pé em frente à mesa de carvalho do meu irmão em seu enorme escritório com painéis de madeira, olhando para seu rosto e lutando para respirar ao redor da mão invisível apertando meus pulmões. Há também uma pedra na minha garganta e um barril de ácido se agitando no meu estômago.

Todos os resultados inevitáveis sempre que a palavra ‘casamento’ é mencionada na minha presença.

Nenhum palavrão de nove letras poderia ser tão vil.

Desconfortável sob meu olhar, Gianni olha para a mesa. Ele brinca com a borda do mata-borrão, depois passa um dedo sob a gola de sua camisa branca.

— Não me olhe assim. Você sabia que isso ia acontecer. Lili é maior de idade agora.

— Ela fez dezoito anos há duas semanas, pelo amor de Deus. E a faculdade? Você prometeu que consideraria isso.

Ele levanta seu olhar para encontrar o meu. Ele tem os olhos de nosso pai, pretos como carvão e sem vida. Todos os outros o acham - e ele é - aterrorizante.

Mas meu pai não me assustava, e meu irmão mais velho também não. Aliás, ninguém assusta mais.

Depois do que eu passei, o próprio diabo poderia aparecer exigindo minha alma, e eu diria a ele para beijar minha doce bunda e voltar para o inferno.

Gianni diz: — Não, *you* insistiu que eu considerasse. E, como sempre, ao receber uma resposta negativa, você a ignorou. — Como eu só fico ali olhando para ele, acrescenta: — Eu o pesquisei. Ele não é Enzo.

Ao som do nome do meu falecido marido, um arrepio passa por mim. O ácido agitando no meu estômago abre um caminho ardente na minha garganta.

Fico parada por vários segundos, lutando para recuperar o equilíbrio. Então, para não começar a quebrar os móveis, começo a andar de um lado para o outro.

Gianni me observa em silêncio por um longo momento antes de tentar uma nova abordagem.

— Nós vamos conseguir território. Rotas comerciais. Aliados importantes que precisamos desesperadamente. A união nos renderá uma quantia substancial de dinheiro. Dezenas de milhões, pelo menos. Potencialmente centenas.

Eu murmuro: — Você parece um cafetão.

Ele ignora isso. — Sem mencionar a influência que nos dá sobre as outras famílias. Você sabe como todos estão desesperados para fazer uma aliança com a Mob. Se conseguirmos fazer isso, eu serei nomeado capo. A parada é enorme, Rey. Podemos assegurar a posição da família por gerações.

— Você continua dizendo ‘nós’ e ‘nós’. Não quero ter nada a ver com forçar minha sobrinha à escravidão.

Com paciência exagerada, ele diz: — Lili sempre se casaria para o bem da família. Você sabe disso. Ela sabe disso. Todos sabem disso. Isto não é novidade.

Paro de andar e olho para ele. — Ela ainda é uma criança.

— Aos dezoito anos, ela agora é uma adulta. E você era dois anos mais nova do que ela quando se casou.

Eu digo amargamente: — Sim. E veja como foi bom.

Sua expressão azeda. — Você herdou a fortuna de Enzo. Você ganhou sua liberdade. Diria que acabou muito bem para você no final.

— Você convenientemente pulou toda a carnificina no meio entre nosso noivado e sua morte.

— Lili não é você, Rey.

— Não, ela é minha sobrinha. E minha afilhada. E uma das garotas mais doces e brilhantes que eu já conheci. Ela não merece se

casar com um velho irlandês horrível!

— Nunca disse que ele era velho.

— Que provavelmente fede a repolho cozido!

— Eu prometo a você, ele não cheira a um vegetal.

— E tem o hábito de pornografia infantil! Qualquer homem que queira se casar com uma adolescente *tem* que ser um perverso!

Com cuidado para não levantar a voz, embora seja óbvio que ele está aborrecido comigo e quer que a conversa termine, Gianni diz: — Não acredito que ele seja o tipo de pornografia infantil, mas você pode julgar por si mesma. Ele estará aqui a qualquer minuto.

Eu recuo em desgosto. — Ele está vindo aqui?

— Para conhecer Lili.

— *Agora?*

— Sim.

Estreito meus olhos em suspeita. — Por que você só está me contando sobre esse contrato de casamento segundos antes do irlandês colocar os pés nessa casa?

Depois de uma pequena pausa, ele diz com cuidado: — Considerando seu temperamento, parecia uma boa ideia dar a você o mínimo de tempo possível para começar a quebrar as coisas.

Essa pode ser uma razão, mas posso dizer que não é a principal. Conheço bem meu irmão.

— Seu filho da puta. Lili ainda não sabe, sabe?

Gianni se levanta de sua mesa. Deslizando a mão pela frente de seu paletó azul marinho sob medida, ele caminha em minha direção. Ele para na minha frente e gentilmente agarra meus braços.

— Eu estava esperando que você pudesse dizer a ela.

Digo categoricamente: — Eu vou te matar aqui mesmo.

Ele examina minha expressão, então deixa cair as mãos para os lados e dá um passo para trás.

Jogada inteligente.

— É por isso que eu não te contei antes. Lamento que isso traga más lembranças para você, mas está acontecendo. Os termos já foram negociados. A única coisa que resta é o irlandês conhecer Lili. Se ela o agradar, o contrato será assinado e a data será marcada.

Ele não detalha o que acontecerá se Lili não agradar, mas eu sei que não será bom.

Para Gianni, o fracasso, mesmo na menor escala, é imperdoável.

Ele continua em um tom mais suave. — E sua *zia* vai explicar a ela como tudo isso é para o melhor, como a família vem em primeiro lugar, e no caso de seu novo marido provar ser algo parecido com o falecido marido de sua *zia*, Enzo, ele se verá vítima de uma morte prematura também. — Ele faz uma pausa. — Uma morte meticulosamente planejada sem testemunhas ou evidências de crime. Uma morte *acidental* tão bem executada que até enganou a polícia.

Sem perder tempo, eu digo: — Eu não matei meu marido.

Ele sorri. — Nunca conheci ninguém que pudesse mentir tão bem quanto você.

— É um dom.

Seu sorriso cresce mais. — Um de muitos.

— Pare de tentar me lisonjear para que eu faça o trabalho sujo por você.

— Ela não vai me ouvir, Rey. Você sabe como ela é.

— Sim, é muito inconveniente para os homens desta família quando as mulheres têm vontade própria.

Posso dizer que ele quer suspirar, mas ele não o faz. Ele simplesmente se levanta e me olha suplicante até que eu ceda.

Não é como se eu tivesse escolha, de qualquer maneira. Como chefe da família Caruso, Gianni toma todas as decisões. Algum dia, haverá uma mulher chefe de uma das cinco famílias criminosas italianas em Nova York. É um sonho meu que eu vou viver o suficiente para vê-lo.

Até lá, tudo o que posso fazer é exercer o máximo de influência possível.

Ajuda que meu irmão tenha medo de mim.

— Quero a aprovação final sobre esse irlandês. Eu direi a Lili por você, mas se eu não gostar dele, o negócio está cancelado.

Gianni passa a língua pelos dentes. Ele provavelmente está contando silenciosamente até dez em sua cabeça ou xingando, desejando ter uma irmã mais parecida com a de seu melhor amigo Leo. Uma garota dócil e fraca, sem opiniões sobre nada, exceto o que seu pai e seu irmão lhe dizem para ser.

Ao invés disso, ele me tem.

Uma mulher com má reputação, rancorosa e com uma espada como língua.

— De acordo? — eu pergunto.

— Você não vai achar ninguém bom o suficientemente para ela — ele rebate. — Teremos essa mesma conversa repetidas vezes pelos próximos vinte anos.

— Não é verdade. Consigo ser razoável.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Não faça essa cara. Eu simplesmente quero ter certeza de que ele não é um monstro.

— Eu lhe asseguro, ele não é um monstro.

— Esta seria uma boa hora para dizer que você também gostou de Enzo.

Gianni estremece. — Enzo era um sociopata. Eles são muito bons em fingir ser encantadores.

— Exatamente. É por isso que preciso ter a última palavra. Se alguém pode identificar um psicopata a um quilômetro de distância, sou eu.

Ele não tem argumentos para isso. Como ele poderia? É a verdade.

Eu ganhei meu radar de monstro da maneira mais dura.

Gianni me olha com uma expressão ilegível por tanto tempo que acho que perdi. Mas então ele me surpreende dizendo: — Tudo bem. Se você não gostar do irlandês, o casamento está desfeito.

Alívio inunda meu corpo. Expiro, assentindo.

— Mas você ainda tem que contar a Lili.

Ao som de pneus de carro esmagando sobre o cascalho da entrada circular lá fora, Gianni e eu nos viramos para as janelas. Soando divertido, ele diz: — E eu acho melhor você fazer isso rápido.

Meus ouvidos queimam de raiva. — Você é um pai de merda, Gi.

Ele dá de ombros. — É de família.

Eu me viro e saio antes de pegar o abridor de cartas de sua mesa e fazer algo do qual vou me arrepender.

* * *

Subo as escadas até o segundo andar de dois em dois. No patamar, faço uma curva fechada à esquerda e sigo por outro corredor, na direção oposta do meu quarto. Retratos a óleo de ancestrais sombrios emoldurados em dourado me encaram quando passo.

Ignorando os afrescos pintados à mão nas paredes, os candelabros de vidro venezianos brilhando e uma governanta assustada limpando as folhas de uma palmeira em um vaso, caminho rapidamente em direção ao quarto no final.

Não tenho tempo a perder.

Eu paro na frente da pesada porta de carvalho e bato meu punho nela. — Lili? Sou eu. Posso entrar? Eu tenho que falar com você.

— Só um segundo, *zia!* Eu... eu já estarei aí!

De trás da porta, a voz de Lili soa fraca. E entro em pânico.

Talvez ela já saiba. Ela é muito inteligente para alguém que foi protegida a vida inteira.

Ouçó alguns ruídos arrastados, então um baque estranho. Preocupada, eu me inclino para mais perto da porta. — Lili? Você está bem?

Alguns longos e silenciosos minutos depois, minha sobrinha abre

a porta.

Suas bochechas estão coradas. Seu longo cabelo escuro está desgrenhado. A camiseta branca que ela está vestindo está amassada e solta de um lado de um par de calças de ioga pretas. Ela está descalça e parece desorientada, como se tivesse acabado de acordar.

O que seria estranho, considerando que são quatro horas da tarde.

— Desculpe, você estava dormindo?

— Hum... malhando. — Ela aponta por cima do ombro para a televisão na parede do lado oposto da sala. Na tela, uma mulher em spandex rosa choque está fazendo polichinelos. — Se você não se importa, eu gostaria de voltar a isso.

Ela está prestes a fechar a porta, mas eu a empurro para o quarto. — Isso não pode esperar.

Como o resto da casa, o quarto dela está excessivamente decorado. Não há um centímetro de espaço livre onde o olhar possa descansar que não esteja enfeitado com veludo, dourado, espelhos, papel de parede ornamentado, madeira esculpida intensamente, ou vitrais.

Pelo menos aqui, as cores são rosas e verdes suaves. Meu quarto é todo preto, bordô e dourado. Parece um bordel dentro do Vaticano.

A falecida esposa de Gianni era professora de design de interiores na escola da Igreja Católica. Ela morreu ao dar à luz a Lili, mas seu gosto único na decoração continua vivo.

Pego o controle remoto em cima da cômoda, clico em um botão para silenciar a TV, depois volto para Lili. Ela está no mesmo lugar, parecendo nervosa.

— O que foi, *zia*?

— Não há uma boa maneira de falar isso, então vou apenas dizer. — Quando ela começa a torcer as mãos, acrescento: — Talvez você devesse se sentar.

— Oh, Deus. Quem morreu? É Nonna?

— Sua avó está bem. Ela fez um acordo com o diabo para viver o suficiente para irritar o resto de nós até a morte primeiro. Agora

ouça, não temos muito tempo. — Aproximo-me dela, seguro suas mãos nas minhas e olho-a nos olhos. — Vou te dizer uma coisa. Você não vai gostar.

Seu rosto empalidece. — Ah, merda.

— Sim. E você sabe como me sinto sobre você xingar.

— A julgar pelo olhar em seu rosto, vou xingar muito mais nos próximos minutos.

— Você fez um bom ponto.

— Além disso, você xinga o tempo todo.

— Eu não quero que você se torne como eu.

— Por que não? Você é uma vadia má.

— Exatamente.

— Não, *zia*, ser uma vadia má é *bom*.

— Oh. Obrigada. Eu acho. Voltando ao que eu preciso te dizer. Você está preparada?

— Não. Diga-me de qualquer maneira.

Dou a suas mãos um aperto reconfortante. — Seu pai negociou um contrato de casamento para você. Você vai conhecer o homem hoje. Como agora. O carro dele acabou de estacionar.

Lili fica imóvel. Ela engole. Fora isso, não tem nenhuma reação.

— Você aceitou isso melhor do que eu esperava. Garota corajosa. Então essa é a má notícia. A boa notícia é que, se eu não aprovar sua escolha, o contrato será cancelado.

Ela fecha os olhos, exala e diz baixinho: — Puta merda de gato.

— Muito criativo. Algo mais?

Ela abre os olhos e me encara em pânico, apertando minhas mãos com tanta força que dói. — Eu não quero me casar, *zia*.

— Claro que não. Você é sensata.

Sua voz se eleva. — Não, quero dizer, eu *não posso* me casar!

Ela se afasta de mim, atravessando o quarto para ficar desafiadoramente na frente do grande guarda-roupa de madeira perto de sua cama.

A coisa é enorme, uma antiguidade do chão ao teto feita de mogno brilhante esculpido. Sempre me lembrou o guarda-roupa mágico de “*As Crônicas de Nárnia*” que pode transportar uma pessoa para uma terra de animais falantes e criaturas míticas.

Ela coloca as mãos nos quadris e declara apaixonadamente: — Prefiro morrer a me casar com um homem que não amo!

De dentro do guarda-roupa vem um baque distinto, como se um corpo acabasse de cair no chão.

Depois, há silêncio.

Olho para minha sobrinha. Ela olha de volta para mim, seus olhos castanhos normalmente doces em chamas com desafio.

Eu digo calmamente: — Lili?

— Sim?

— O que foi esse barulho?

Ela levanta o queixo e cruza os braços sobre o peito. — Que barulho?

Olho para seu cabelo despenteado, sua camisa para fora da calça, seus pés descalços e sua expressão rebelde, e sei em meus ossos que temos um grande problema.

Atravesso o quarto em vários passos largos, indo para o guarda-roupa.

Lili tenta me parar, pulando na frente das portas do guarda-roupa e implorando, mas eu a empurro para o lado e abro a porta.

E fico cara a cara com o jovem de pé lá dentro.

Escondendo-se dentro de um casaco de vison e um vestido de noite com contas, encolhendo-se o máximo que pode contra a parede dos fundos.

Ele é bonito, vou dar esse crédito a ela. Com olhos castanhos, lábios carnudos e um peito que poderia aparecer em capas de revistas, o garoto é inegavelmente atraente.

Ele está vestindo nada além de uma cueca branca apertada, através da qual sua ereção é claramente visível.

Não pode ter mais de dezoito anos.

Lentamente fecho a porta do guarda-roupa. Então eu volto para Lili.

Ela está com os braços cruzados sobre o peito e os lábios puxados entre os dentes, os ombros curvados. Se ela tivesse um rabo, estaria enfiado entre as pernas.

Falo baixinho: — Você sabe o que aconteceria se seu pai descobrisse isso.

Ela não se incomoda com negações esfarrapadas. Simplesmente assente.

Mas tem que ser dito em voz alta. As coisas ganham uma certa gravidade quando são faladas.

— Ele o mataria, Lili. Quem quer que seja, o menino de pé neste guarda-roupa morreria. Devagar. Dolorosamente. E muito provavelmente, você seria obrigada a assistir.

Os olhos de Lili se enchem de lágrimas. Ela acena com a cabeça novamente, engolindo em seco, seu rosto contorcido pela miséria. Então, sussurra: — Eu sei.

Meu coração se parte por ela.

Ela é uma tola. Uma tola jovem e imprudente, mas eu a entendo completamente.

Também já fui jovem. Eu tive sonhos uma vez, também. Eu tinha necessidades e desejos e um futuro aberto que se estendia à minha frente como um sonho dourado e brilhante.

Até que todos os belos sonhos foram destruídos pelo frio, o peso matador de uma aliança de casamento.

Eu a coloco em um abraço, puxando-a para perto e envolvendo meus braços ao redor de seus ombros.

— Eu não sei como você o trouxe aqui — murmuro em seu ouvido — certifique-se de que ninguém o veja quando você o tirar. Posso te dar dez minutos, talvez quinze, mas não mais. Encontre-me no escritório do seu pai. Use seu vestido azul, aquele com botões de

pérolas. Sorria e parecia doce. Deixe-me fazer o resto. Combinado?

Assentindo, ela funga. — Combinado. Obrigada, *zia*.

Ouvindo vozes vindo do pátio abaixo, libero Lili e corro para as janelas do quarto. Empurro a cortina para o lado e espio para fora.

Abaixo, na entrada circular, um Escalade preto brilhante está estacionado em frente à fonte. Dois dos guardas armados do meu irmão estão a vários metros de distância de um homem que não reconheço.

Ele é grande e tem o peito largo, maior do que os dois guardas, mas tem um sorriso e modos amigáveis. Vestido com um terno preto e oxfords pretos brilhantes, ele tem uma forma imponente.

Os guardas e o homem continuam a falar. Um dos guardas o revista, procurando por armas, então os três acenam com a cabeça. Os guardas recuam, o motorista dá a volta no carro e abre a porta do passageiro, e outro homem vestido de preto sai do veículo.

Minha respiração fica presa.

Este homem é mais magro que o primeiro. Tão alto e de ombros largos, mas não tão volumoso. Um quarterback para a linha defensiva do outro.

Seu cabelo é ouro escuro. Parece descuidado, como se ele passasse os dedos por ele em vez de usar um pente. Sua barba é de um tom mais escuro, mais próximo do bronze, cobrindo uma mandíbula angulosa. Uma de suas narinas é perfurada com uma pequena argola de metal.

Ele é incrivelmente bonito. Meio aristocrata e meio lutador de rua, exala uma espécie de poder bruto e brutal, inconfundível mesmo a esta distância.

Claramente visível acima da gola de sua camisa branca engomada está uma tatuagem de teia de aranha.

Ele olha para a janela e me pega olhando.

Nossos olhos travam.

Meu coração salta.

Nesse instante, sei com uma certeza sombria que estou olhando nos olhos do homem que vai rasgar minha família em pedaços.

SPIDER

Tenho apenas um vislumbre da mulher na janela antes que as cortinas voltem ao lugar e ela desapareça, mas a imagem dela está gravada em minhas retinas.

Cabelo escuro, lábios vermelhos, pele morena.

Um vestido preto decotado.

Acres de decote.

E olhos que brilhavam prateados ao sol da tarde como o brilho de moedas no fundo de um poço dos desejos.

Ela não pode ser Liliana, a moça que estou aqui para conhecer. Já vi fotos dela. Ela tem um rosto doce e inocente. Um sorriso tímido e encantador.

A mulher na janela parece que só sorriria se estivesse cortando sua garganta.

Consciente dos guardas armados, digo em gaélico para Kieran: — Achei que a mãe da moça tivesse morrido?

De pé ao meu lado, ele segue meu olhar e olha para a janela vazia. — Aye². Por quê?

— Quem mais mora aqui?

Ele dá de ombros. — Não sei. Pelo tamanho do maldito lugar, provavelmente mil pessoas.

Ela não é uma criada, isso eu sei. Não havia um indício de servidão naqueles olhos brilhantes.

Parecia mais um senhor da guerra prestes a liderar um exército de soldados para a batalha.

— Por aqui — diz o guarda mais próximo de mim. Ele aponta para uma abertura em arco na parede de tijolos que leva da entrada

circular para um pátio interno.

Ignorando o pensamento da mulher misteriosa, eu abotoo meu paletó e sigo atrás do guarda enquanto ele me conduz junto com Kieran para longe do carro. O outro guarda caminha atrás de nós. Somos levados através do pátio com paisagismo exuberante até um conjunto de enormes portas de carvalho esculpidas, ladeadas de ambos os lados por altas colunas de mármore.

A casa principal paira sobre nós, três andares de calcário bege com balaustradas elaboradas e varandas de ferro onduladas, cobertas por uma fileira de estátuas de centuriões romanos que nos olhavam de um parapeito no telhado vermelho.

Dentro do hall de entrada principal, a decoração torna-se ainda mais ostensiva.

Querubins nus brincam com sátiros peludos e ninfas da floresta em afrescos coloridos nas paredes. Em vez de um lustre de cristal suspenso, há três. O piso é de mármore preto, os móveis de mogno entalhados têm bordas douradas, e meus olhos estão começando a lacrimejar com o brilho caleidoscópico dos vitrais.

Baixinho, Kieran diz: — Jesus, Maria e José. Parece que Liberace jogou seu almoço por todo o maldito lugar.

Ele tem razão. É horrível.

Eu tenho que me forçar a não me virar e sair.

— Ah, Sr. Quinn!

Eu me viro à minha direita. Um homem se aproxima com as mãos abertas em saudação.

Ele está em forma, de estatura média, e algo em torno de quarenta. Seu cabelo escuro está penteado para trás com gel. Vestindo um terno risca de giz azul-marinho, posso dizer que é feito sob medida, uma gravata azul-claro com um alfinete de diamante, um relógio de diamante grosso e um anel de ouro em cada mão, ele exala riqueza, privilégio e poder.

Sua colônia chega até mim antes dele.

Seu sorriso é ofuscante.

Eu o odeio à primeira vista.

— Sr. Caruso, presumo.

Ele pega uma das minhas mãos nas suas e a puxa para cima e para baixo como se fosse um candidato político em campanha pelo meu voto.

— É um prazer finalmente conhecê-lo. Bem-vindo à minha casa.

— Obrigado. É um prazer conhecê-lo também.

Ele não parou de sorrir ou apertar minha mão.

Mais dez segundos dessa merda, e eu vou quebrar esses dentes de *Chiclets* dele.

— Este é meu associado, Sr. Byrne. — Eu tiro minha mão do aperto mortal de Caruso e gesticulo para Kieran, que inclina a cabeça respeitosamente.

— Senhor.

— Sr. Byrne, seja bem-vindo. E por favor, vocês dois, podem me chamar de Gianni. Prefiro que todos usemos o primeiro nome, não é?

Prefiro me cegar com ácido, seu idiota.

Kieran educadamente oferece seu nome. Eu não ofereço nada. Há uma pausa constrangedora enquanto Caruso espera, mas ele entende a dica e sugere que nos retiremos para seu escritório para conversar em particular.

Depois do que parece uma marcha da morte por quilômetros de corredores ecoantes, chegamos ao escritório. Provavelmente é maior que a biblioteca jurídica de Notre Dame. Sentamo-nos em frente a Caruso em um par de cadeiras de couro tão desconfortáveis que devem ter sido desenhadas por sádicos.

Não estou aqui há dez minutos, e já estou me arrependendo disso, porra.

Até que ela entra pela porta.

Cabelo escuro, lábios vermelhos, pele morena.

Um vestido preto decotado.

Acres de decote.

Não apenas decote, mas pernas longas e um corpo de ampulheta que deixaria qualquer homem estúpido com luxúria.

Se ele não estivesse muito ocupado sendo transformado em pedra pelo gelo de seus olhos, isso é.

Nunca vi uma *serial killer* atraente, mas aposto que é exatamente assim que ela seria.

— Sr. Quinn, Kieran — diz Caruso, gesticulando para cada um de nós — esta é minha irmã, Reyna.

Estou de pé antes de tomar conscientemente a decisão de me levantar. Kieran também se levanta, murmurando uma saudação.

Reyna devolve seu olá e sorri para ele, mas quando ela vira o olhar para mim, seu sorriso morre.

Ela me olha nos olhos e diz: — Boa tarde, Sr. Quinn.

Parece que *vou comer seu baco no jantar*.

Não tenho certeza se devo rir ou perguntar qual é o maldito problema dela, mas vou com uma saudação neutra.

— Boa tarde para você, Srta. Caruso.

Meu olhar cai para o dedo anelar de sua mão esquerda. É cercado por uma pequena tatuagem preta, algumas palavras em letra cursiva muito pequenas para serem lidas de onde estou. — Ou é Sra. alguma coisa?

Eu olho de volta para seu rosto para encontrar seu olhar de pedra transformado em calor fulminante.

É um olhar que poderia derreter aço. Eu nunca vi uma fúria tão quente e inexpressiva. Isso faz com que os lagos de fogo ardentes nas profundezas do inferno pareçam banhos de espuma aconchegantes em comparação.

Todo aquele calor e ódio que ela está atirando em mim vai direto para o meu pau, que pulsa de excitação.

Típico. O filho da puta só quer o que não pode ter.

Quando ela não responde minha pergunta por tempo suficiente para torná-la desconfortável, seu irmão responde por ela.

— Minha irmã é viúva.

— Sinto muito por sua perda.

Como se um interruptor tivesse sido acionado, todo o calor em seus olhos esfria em gelo. — Obrigada.

Ela se vira e caminha rigidamente para as janelas atrás da mesa de seu irmão, onde olha para fora com os braços cruzados sobre o peito, enviando um frio invernal sobre o pátio abaixo.

Estou surpreso que as vidraças não crepitam com a geada de sua proximidade.

Kieran e eu trocamos um olhar, então tomamos nossos lugares novamente.

Caruso diz: — Posso lhes oferecer uma bebida, senhores?

Kieran recusa. Mas acho que vou precisar de fortificação líquida para passar por esta reunião, então aceito.

De uma gaveta de baixo da escrivaninha, Caruso tira dois copos de cristal lapidado e uma jarra de licor cor de rubi que suponho ser vinho. No momento em que eu engoli um bocado da merda amarga, é tarde demais.

Ele abre um caminho pela minha traqueia, chamuscando todos os pelos do meu nariz em seu rastro.

Caruso sorri para mim com uma antecipação cheia de dentes. — É Campari. Você já tomou isso antes?

Um aceno de cabeça é tudo o que consigo. Se eu tentasse falar, vomitaria.

Por cima do ombro, Reyna me lança um olhar. Ela vê o olhar de desgosto no meu rosto e rapidamente se vira para a janela, mas não antes que ela possa esconder seu pequeno sorriso satisfeito.

Talvez eu queime a casa depois de me casar com a filha. Os vizinhos me agradeceriam, sem dúvida.

Caruso ainda está tagarelando sobre o Campari, como é famoso na Itália, blá, blá, blá, blá, mas eu o interrompo para perguntar quando vou encontrar Liliana.

— Oh. Sim. Liliana.

Por um momento, ele parece desorientado, como se tivesse perdido o enredo. Mas se recompõe e coloca seu sorriso de comedor de merda novamente. — Ela já vai descer.

Ele se vira ligeiramente para Reyna para confirmação.

Ela permanece em silêncio, mas assente.

Com seu jeito de político bajulador, Caruso diz: — Enquanto isso, Sr. Quinn, permita-me estender minha gratidão a você e ao Sr. O'Donnell pela visita. Estou ansioso para conhecer vocês dois melhor enquanto unimos as nossas famílias...

— Não vamos nos apressar — eu interrompo, colocando o copo de líquido sujo em sua mesa. — Depois de conhecer sua filha, teremos muito tempo para conversar sobre o futuro. Por ora, este acordo não foi assinado.

— Sim, claro — diz ele, sua voz abafada. — Por favor, perdoe-me.

Reyna se vira da janela novamente, desta vez para enviar a seu irmão um olhar indignado e de lábios apertados.

Ela está pensando que ele é um maricas por agir tão fraco. Em sua própria casa sangrenta, nada menos.

Ela está certa.

Eu me levanto da minha cadeira, olhando para ela. — Na verdade, eu gostaria de falar com sua irmã primeiro por alguns minutos. Sozinho.

Caruso parece assustado com o pedido.

Parece que Reyna está se perguntando onde está o machado mais próximo para enterrá-lo no meu crânio.

Não tenho ideia de porque essa mulher me odeia tanto, mas está começando a ficar chato.

Independentemente do que meu pau pensa sobre ela, ela está me irritando.

Kieran se levanta, já sabendo que meu pedido será atendido. Caruso o segue, lançando um olhar nervoso na direção de Reyna.

— Certamente. Nós lhe daremos um momento. Kieran, por que

não te mostro minha coleção de ovos Fabergé?

Com uma cara séria, Kieran diz: — Não consigo pensar em nada melhor, cara.

Eles partem. Assim que a porta se fecha atrás deles, olho para Reyna. — Tudo bem. Você obviamente tem algo a me dizer. Diga.

Ela se vira da janela, piscando. — Desculpe, não faço ideia do que você quer dizer.

Sua mão repousa na base de sua garganta. Seus olhos estão arregalados e inocentes. Ela é a imagem da inocência, e está totalmente cheia de merda.

Eu falo: — Tarde demais, mulher. Eu já vi a bruxa do pântano que você está tentando esconder sob esse traje de pele humana que está vestindo.

— *Desculpe-me?*

— Você não é uma atriz tão boa quanto pensa.

Ela me encara em um silêncio escaldante por alguns segundos, então diz friamente: — Número um: não me chame de mulher como se fosse pejorativo. Não é. Número dois: se você não é inteligente o suficiente para saber o que a palavra *pejorativo* significa, pergunte ao seu ajudante. Parece que ele pode ter realmente lido um livro uma vez. Número três...

— Isso vai demorar? Tenho uma reunião para terminar.

Suas narinas se dilatam. Seus lábios afinam. Seu corpo treme com uma fúria impotente, e acho que estou começando a me divertir.

Ela diz com firmeza: — Número três: não tenho nada a dizer a você.

— Não? — Deixei meu olhar percorrer o comprimento de seu corpo, para baixo e para cima novamente, saboreando cada curva perigosa. — Porque com certeza parece que você tem.

Com o que parece ser uma enorme força de vontade, Reyna retém qualquer vitríolo que esteja queimando a ponta de sua língua. Ela passa a mão pelo cabelo escuro, endireita os ombros e força um sorriso tenso.

— Se você insiste.

— Eu insisto.

— Mas não vai ser agradável.

— Duvido que você seja capaz de gentilezas, pequena víbora.

Seus olhos piscam. — Insultar-me não lhe dará nenhum ponto.

— Não sou eu quem precisa ganhar pontos.

Isso a deixa ainda mais irritada. Suas bochechas ficam escarlates. — Por que você está me provocando deliberadamente?

— Porque você é melhor que seu irmão — falo, segurando seu olhar enfurecido. — Você não precisa fingir ser algo que não é. Agora fale comigo. Eu preciso saber por que está com tanta raiva, e eu não vou conseguir a verdade dele.

Ela está surpresa com o elogio e com minha franqueza, ambos os quais ela obviamente não esperava.

Tenho a sensação de que não há muito que ela não antecipe, então isso é gratificante.

Quando ela não fala por muito tempo, eu digo: — Você não gosta que eu seja irlandês.

— Eu não sou tão mesquinha ou preconceituosa — ela diz irritada. — Não julgo as pessoas por onde elas nasceram.

Da maneira como ela diz, eu acredito nela. Está verdadeiramente insultada com a sugestão.

O que é interessante, considerando que a maioria de seus parentes preferiria ser queimado vivo do que ser amigo de um irlandês.

Nossas famílias podem fazer negócios juntas quando isso nos convém, mas é motivo de orgulho que odiamos uns aos outros.

— E daí, então?

Ela me olha em silêncio, avaliando-me. Então ela balança a cabeça.

— Sabe que eu não posso ser honesta com você. Há muito em jogo para a minha família.

— Há muito em jogo se você não for honesta comigo.

— Por exemplo?

— Vou sair daqui sem conhecer Liliana e sem olhar para trás, porque há muitas outras moças na Cosa Nostra que alegremente abrirão as pernas para mim e ganharão vantagens para suas famílias se ela não o fizer.

Ela me encara. Seus olhos são de uma cor incomum, um cinza-esverdeado pálido, como uma sereia pode ter.

Em uma mulher sem o desejo de me matar e enterrar meu corpo desmembrado em uma cova rasa, eles poderiam ser fascinantes.

— Eu te odeio por dizer isso.

— Adicione-o à sua lista.

Meu sorriso é a coisa que finalmente a quebra.

— Tudo bem. Você quer a verdade? Eu vou dar a você. Minha sobrinha é uma boa menina. Ela merece muito melhor do que ser vendida pelo maior lance sem uma maldita palavra sobre o assunto. Ela merece muito mais do que um homem que se casaria por dinheiro, posição ou poder. Ela merece ser amada, querida e respeitada por tudo o que ela é. O que ela não merece é não ter voz. Ou uma escolha. Ou uma vida própria!

— O que faz você supor que ela não terá vida própria se nos casarmos?

Reyna pisca. Uma vez. Lentamente. Como se o que acabei de dizer fosse a coisa mais estúpida que ela já ouviu.

— Ou que eu não iria respeitá-la?

Ela torce os lábios. — Agora você está brincando comigo, Sr. Quinn.

— Spider.

Depois de um segundo de confusão, ela diz: — Perdão?

— Pode me chamar de Spider.

— Por que diabos eu faria isso?

— Porque é o meu nome.

Ela ri. É um som adorável. Também parece surpreendê-la, porque ela para de rir abruptamente, parecendo não ter ideia de como deixou algo tão agradável passar por seus lábios.

— Seu nome é... *Spider*?

— Sim.

— Sua mãe te odiava?

— Não.

— Mas ela nomeou você em homenagem a um inseto?

— É um apelido. E aranhas não são insetos.

Ela franze as sobrancelhas e me encara.

— Por que você está boquiaberta para mim como se eu tivesse um chifre crescendo entre meus olhos?

— Porque acho que devo ter caído da cama esta manhã e sofrido uma concussão.

Eu rio. — Isso explicaria por que você está comendo a minha cabeça.

Ela abre a boca para dizer algo, mas a fecha novamente.

— Oh, olha. A pequena víbora perdeu suas palavras. Aposto que isso não acontece há muito tempo.

Com os dentes cerrados, ela diz: — Se você falasse inglês em vez da língua dos idiotas, não estaríamos tendo este problema.

— Ooo, as presas estão de fora.

Seus olhos de sereia brilham com malícia. — Pare. De. Zombar. De. Mim.

— Ou o quê? Você vai enterrar esse abridor de cartas no meu peito?

Seu olhar corta para o mata-borrão na mesa de seu irmão, então volta para mim. A maneira como seus lábios se curvam nos cantos, posso dizer que ela está gostando da ideia de me apunhalar.

— Tente. Estou com vontade de dar boas risadas.

— Você não estaria rindo por muito tempo. Acho que essa reunião acabou.

— Desculpe dizer isso a você, *lass*⁴, mas você não é quem está no comando aqui.

Isso realmente a deixa irritada. Um rubor vermelho sobe por seu pescoço para se fundir com a queimadura em suas bochechas. Ela diz rigidamente: — Nós obviamente não temos mais nada a dizer um ao outro.

— Agora, essa é a coisa mais boba que você disse desde que entrou.

— Se você não parar de sorrir para mim, não serei responsável pelo que acontecer.

Inclino minha cabeça e a considero. — São homens em geral, é isso? Você odeia os homens.

Seu sorriso maligno ficaria bem em casa no próprio Satanás. — Apenas alguns merecedores.

Eu sei que poderíamos ir e voltar assim até o inferno congelar, então decido ir direto ao ponto.

— Admiro sua lealdade a sua sobrinha, senhorita Caruso, mas quero uma esposa, não uma escrava. Se Liliana e eu nos casarmos, ela pode fazer o que quiser, desde que não interfira nos meus negócios ou reflita mal sobre mim.

Ela me estuda, sem dúvida tentando decidir se estou mentindo. Então, em um tom desafiador, diz: — Ela poderia ir para a faculdade?

Isso me surpreende. — Ela quer ir para a faculdade?

— Ela foi aceita em Wellesley. É uma escola só para meninas...

— Eu sei o que é isso.

— ...assim você não teria que se preocupar com ela perto de outros garotos.

Meu olhar cai para sua boca. Sua boca carnuda, exuberante e escarlate, que parece ser usada principalmente para lançar insultos.

Pena. Ficaria linda esticada ao redor da cabeça de um pau duro.

Eu digo baixinho: — Eu não sou um garoto.

Quando eu levanto meu olhar para o dela novamente, ela parece nervosa, mas como se estivesse tentando não demonstrar isso.

— O que mais? Vamos lavar toda a roupa suja enquanto estamos nisso.

— Tudo bem então. Você bebe?

— Não em excesso, se é isso que você está perguntando.

— Você tem um mau temperamento?

— Todos os homens têm um mau temperamento.

Ela zomba. — Como se eu não soubesse disso. O que quero dizer é que se você é violento?

— Sou o segundo em comando da máfia irlandesa. O que você acha?

Ela engole, desvia o olhar, então encontra meu olhar novamente. Ela umedece os lábios. — Eu... eu quis dizer com mulheres.

E aqui estamos.

Olho para sua mão esquerda, para o círculo de tinta preta em seu dedo anelar, e finalmente entendo do que se trata essa inquisição.

Minha voz baixa, eu digo: — Eu não sou seu marido morto.

Ela começa como se tivesse levado um choque elétrico. Seus olhos se arregalam. Ela dá um passo para trás, então se segura e fica no lugar, endireitando os ombros e levantando o queixo.

— Eu não sei o que você quer dizer.

— Essa é a terceira vez que você mentiu para mim, pequena víbora. Não faça isso de novo.

Nossos olhares fixos parecem eletrificados, como se houvesse um fio invisível nos conectando, enviando raios de energia para frente e para trás em um loop. Nós nos encaramos em um silêncio crepitante enquanto meu pau endurece e a veia do lado de seu pescoço lateja.

Em um tom cuidadosamente controlado, friamente educado, ela

diz: — Eu não recebo ordens, Sr. Quinn. Também não me dirijo a homens adultos por apelidos ridículos, nem gosto de receber um. Embora eu tenha que admitir que o *víbora* é preciso, mas o *pequena* está completamente errado. Eu sou tão grande quanto pareço.

Ela se vira e vai embora, os quadris balançando. Na porta, ela para e se vira para mim. Quando sorri, aqueles olhos de sereia dela brilham tão gelados quanto diamantes.

— Você também deve ter em mente que as víboras são venenosas... e elas comem aranhas no almoço.

Abre a porta e passa por ela com a cabeça erguida, deixando-me sozinho no escritório.

Sozinho e sorrindo.

Pela primeira vez desde que entrei na casa, estou feliz por ter vindo.

REY

Quando Kieran e Gianni voltam do salão onde sua coleção de ovos Fabergé é mantida em armários de vidro selados, eu luto com minha raiva fervente e assassina até uma fúria negra mais administrável.

Convivi com a fúria negra durante a maior parte da minha vida de casada, por isso sei que não cometerei danos corporais a um irlandês sorridente e arrogante no futuro imediato.

Eu quase perdi a cabeça quando ele mencionou o abridor de cartas, no entanto. Eu quase dei uma de Jack, o Estripador em sua bunda.

Era uma decisão extremamente acertada.

— Está tudo certo? — Gianni pergunta, olhando nervosamente para a porta aberta do escritório.

Expiro e tento não parecer a assassina do machado que eu sinto por dentro. — Sim. Sr. Quinn e eu terminamos, então pensei em esperar por vocês aqui. Você gostou da coleção, Kieran?

— Er... — Ele tosse em sua mão. — Foi absolutamente... brilhante.

Gianni sorri, sem entender que se alguém tivesse dado uma corda ao pobre Kieran durante o passeio, ele teria pensado seriamente em se enforcar na viga mais próxima.

— É mesmo, não é? — digo suavemente.

Partilhamos um olhar. Kieran tenta esconder seu sorriso o interior de sua bochecha.

O som de passos ecoando no mármore faz meu pulso acelerar.

Lili aparece do canto do corredor com o vestido azul que eu a instruí a usar, corada e com os olhos arregalados. Quando ela vê Kieran, seu passo vacila, mas ela se recupera rapidamente, colocando

um sorriso no rosto.

Ao seu lado, suas mãos estão fechadas em punhos.

Firme, tesoro. Você não vai se casar com ninguém, especialmente com aquele bastardo no escritório de seu pai.

Ainda não consigo acreditar no que ele disse. *Eu não sou seu marido morto.* Como se o filho da puta pudesse ler minha mente.

Faz anos que não fico tão abalada.

O olhar nervoso de Lili encontra o meu. Inclino a cabeça ligeiramente, faço um pequeno movimento com dois dedos da mão direita e a vejo expirar de alívio.

— Ah! Aqui está ela!

Gianni estende os braços. Lili corre até ele. Ele a beija nas duas bochechas, então se vira para Kieran. — Sr. Byrne, gostaria de lhe apresentar minha filha, Liliana. Lili, este é o Sr. Byrne.

Sorrindo timidamente, Lili murmura um oi.

— Por favor, pode me chamar de Kieran. Prazer em conhecê-la, lass.

Ele estende a mão. Assustada, Lili olha para mim em busca de orientação.

Ela nunca tocou em um homem fora de sua família imediata.

Excluindo o garoto escondido no guarda-roupa do quarto dela. A julgar pelo seu estado de nudez, eles têm feito muito mais do que tocar as mãos um do outro.

Um problema que abordarei assim que terminar com este.

Quando eu aceno, Lili hesitante estende a mão. É engolida por Kieran, desaparecendo em seu aperto carnudo.

Parecendo sombrio e respeitoso, Kieran diz: — Não se preocupe, lass. Ele parece assustador, mas é um gatinho, eu prometo a você.

Eu sufoco um bufo. *Gatinho, minha bunda. Seu amigo é um cão raivoso.*

Percebendo a expressão no meu rosto, Lili diz: — Hum...

— Sim, tenho certeza de que Lili vai gostar muito de conhecer o Sr. Quinn. Não vai, *bambolotta*?

Gianni diz que seu apelido para ela em tom de ameaça.

Eu gostaria de socá-lo na garganta.

— Sim, papai.

— Vamos entrar, Reyna?

Eu pego uma das mãos de Lili. Seu pai pega a outra. Nós a levamos para o escritório entre nós, um cordeiro para o abate.

Deus, como eu desprezo a tradição do casamento arranjado. Saber que ela será poupada da indignidade de ter que se casar com esse idiota irlandês em particular que se chama de inseto me ajuda a me sentir melhor, mas será outra pessoa algum dia.

Não importa o quanto eu queira, não poderei proteger Lili para sempre.

Na Cosa Nostra, ainda é a idade das trevas. As mulheres são valorizadas apenas por nossa capacidade de gerar herdeiros, o quanto podemos cozinhar bem, ou como depositárias de esperma. Nem sequer nos é permitido votar.

É o suficiente para deixar qualquer mulher louca.

Ou para assassinar.

— Sr. Quinn — Gianni diz, seu sorriso tão brilhante que poderia ser visto do espaço sideral. — Por favor, permita-me apresentar minha filha, Liliana.

Spider – não acredito que me permito chamá-lo assim – olha para Liliana sem nenhum traço de emoção em seu rosto. Ele pode estar olhando para um bloco de queijo em uma caixa refrigerada para todo o interesse que ele demonstra.

Surpreendente. Lili é uma garota extremamente bonita. A maioria dos homens começa a salivar quando põe os olhos nela.

Esse não. Ele apenas a olha de cima a baixo e murmura: — Olá.

Gianni olha para mim em pânico, mas não consigo olhar para ele porque estou muito preocupada tentando não começar a cantar.

Será muito melhor para mim se Quinn for o único a cancelar o contrato.

Embora Gianni tenha concordado em me permitir a última palavra sobre o assunto, eu nunca teria ouvido o fim disso. Ele alternaria entre o amargurado e o ofendido até encontrar outro pretendente para Lili. Faria da minha vida um inferno. Um preço que eu pagaria de bom grado, mas um inferno, mesmo assim.

Se Quinn não quiser Lili, porém...

Talvez exista um Deus.

Ah! Não seja ridícula.

— Lili, este é o Sr. Quinn — diz Gianni, sua voz um pouco alta demais. Ele limpa a garganta, então estala: — Diga, olá.

Olhando recatadamente para os pés dele, Lili diz: — Olá, Sr. Quinn. É um prazer conhecê-lo.

Quando o irlandês fica ali parado olhando para ela, mudo como uma estátua, com os olhos semicerrados, Gianni lhe dá uma cotovelada nas costelas.

— Eu...eu, hum, espero que possamos nos conhecer melhor. Estou ansiosa para... conversar com você. Hum. Hoje.

Quinn está em silêncio.

Gianni claramente gostaria de cortar seus pulsos.

Afinal de contas, este está se tornando um bom dia.

Dando um empurrãozinho em Lili em direção a Quinn, Gianni diz: — Por que vocês dois pombinhos não têm uma boa conversa lá no sofá? Reyna e eu lhe daremos um pouco de privacidade...

— Nós não podemos deixá-los sozinhos — eu interrompo, minha voz é dura.

O irlandês me olha com uma sobrancelha erguida.

Sorrio o meu melhor sorriso de *não se incomode eu sou só uma mulher tola*. — Lili não tem permissão para ficar sozinha com um homem. Ela precisa de um acompanhante. Correto, Gianni?

Já que foi ele quem fez a maldita regra, ele não pode me

contradizer.

E ainda assim, ele gostaria de esmagar algo na minha cara.

— Correto — diz ele, cerrando os dentes. — Tenho certeza de que você entende, Sr. Quinn. Minhas desculpas, mas somos antiquados.

— Vocês são? — ele fala lentamente, olhando para mim.

Seus olhos castanhos estão semicerrados. Seus lábios levemente curvados. Parece que ele está curtindo uma piada particular de que eu sou o alvo.

A raiva fervente que eu consegui conter vem rugindo de volta, abrindo um caminho ao longo de todas as minhas terminações nervosas e incendiando meu rosto.

Ele percebe isso e sorri.

Então ele pega Lili pelo braço – *Pelo braço! Como uma possessão!* – e a leva para longe de nós sem outra palavra.

Assim que eles estão fora do alcance da voz, Gianni se vira para mim e sussurra: — *Che palle!*⁶

— Acalme-se, irmão. Não há como deixar Lili sozinha com esse... — Eu penso em seus olhos famintos, no jeito que ele olhou para mim mais cedo como se pudesse me comer viva. — Predador.

Além disso, já decidi que este casamento vai acontecer sobre o meu cadáver.

— Não podemos arriscar insultá-lo!

Penso em nossa pequena luta verbal e tenho que reprimir um sorriso.

Tarde demais.

Fervendo, Gianni ajusta sua gravata e olha para onde Lili e Quinn estão sentados no divã de veludo do lado oposto da sala. Suas mãos estão cruzadas no colo, suas pernas estão cruzadas nos tornozelos, e seu olhar está direcionado para os pés dele, como se ela estivesse fascinada por seus sapatos.

Seus enormes oxfords de couro preto que ele certamente tem que fazer sob medida porque são muito grandes.

O tamanho deles é surpreendente. Mas agora que penso nisso, ele também tem mãos enormes.

Meu marido tinha mãos pequenas e pés ainda menores. Eles eram do tamanho de uma boneca em comparação. Para combinar com seu pau pequenino.

Recuso-me a considerar o que pode significar que o irlandês tenha pés do tamanho de esquis.

— De qualquer forma — eu digo, confusa — pelo menos ele não está usando aquela cara horrível agora. Você viu a maneira como ele olhou para ela quando foram apresentados?

— Achei que ele poderia sair pela porta — diz Gianni, balançando a cabeça em desgosto. — O que diabos tem de errado com ele? Lili é linda!

— Talvez ele seja gay.

— Pfft. Olhe para ele. A maneira como ele se comporta, a maneira como ele se gaba...

A maneira como ele olhou para os meus lábios.

Eu engulo, minha boca de repente seca.

— Isso é um rei leão — continua Gianni. — Não é um *fanook*?

Eu estremeço. — Por favor, não use essa palavra. É extremamente ofensivo.

Gianni revira os olhos, murmurando: — Você e seu amor por bichas.

— Isso é ainda pior! Pelo amor de Deus, Gianni, que tal tentar não ser tão intolerante pelo menos uma vez?

Ele acena com a mão com desdém para mim. — Olha, ela está rindo. Isso é um bom sinal, *giusto*?

O riso cintilante de Lili transporta a distância entre nós e eles. Posso dizer que é genuíno, não forçado. Ela não está tentando ser educada, ela realmente acha que o que quer que o irlandês tenha dito é engraçado.

Ele provavelmente tentou dizer a ela que é inteligente.

Naquele momento, ele olha para o lado, me pega observando-o, e pisca o olho.

Ele pisca.

Então sorri, revelando um conjunto de dentes brancos perfeitos.

Eu gostaria de esculpir seu fígado.

Gianni murmura: — Bem, ele certamente parece estar de melhor humor agora. — Ele solta um suspiro forte e olha para o teto. — Não olhe para ele, pelo amor de Deus.

Mas de repente tornou-se impossível não ficar olhando para ele. Seus olhos risonhos são faróis de trator, atraindo-me para lá.

Ninguém ri de mim. *Ninguém.*

Nunca.

Todos têm evitado meus olhares, como se eu fosse a Medusa e eles temessem ser transformados em pedra com um olhar.

Mas este leão dourado que tem o nome de um inseto e parece um super-herói de quadrinhos não evita meu olhar. Ele o fixa e o mantém refém.

E definitivamente não tem medo de rir de mim. Na verdade, acho que pode ser sua nova coisa favorita.

Não sei bem o que fazer com isso.

Talvez os irlandeses sejam todos loucos? Eu realmente não conheci nenhum antes. Quando alguém fala da Irlanda só penso em trevos de quatro folhas, duendes e cerveja verde.

Agora posso acrescentar a isso homens rudes com pés enormes.

Embora Kieran pareça doce. Ele não é nem um pouco rude.

Olho por cima do ombro para encontrá-lo no corredor, as mãos enfiadas nos bolsos e o nariz franzido enquanto olha para os afrescos na parede.

Ele balança a cabeça e murmura: — Completamente maluco.

Eu me afasto. É uma pena que ele não esteja no topo da hierarquia da Mob. Poderia realmente ser tolerável como cômico. Mas

ele parece ser um guarda-costas ou um motorista, um posto impotente demais para ser útil a Gianni.

Embora Quinn seja apenas o segundo no comando, Gianni sabe muito bem a rapidez com que a liderança muda em nosso mundo. Nosso próprio pai já foi o líder, até que um rival implacável o substituiu. Bastaria uma única bala para colocar Quinn no topo.

Ou eliminá-lo.

O pensamento me faz sorrir.

Quando isso acontece, o maluco irlandês ainda me olha fixamente, lambendo seus lábios.

Arranco meu olhar para longe do dele e pergunto-me se lembrei de recarregar a arma na minha mesa de cabeceira depois que a limpei na semana passada.

Lili e o brutamontes passam mais vinte minutos conversando enquanto eu e Gianni esperamos pacientemente perto da porta. Então ele se levanta, gesticulando para que Lili faça o mesmo.

— Lá vêm eles! — Gianni deixa escapar quando eles começam a caminhar em nossa direção.

A expressão de Lili é calma. Posso dizer que ela está tomando cuidado para não mostrar qualquer emoção. Ela vai me contar tudo sobre a conversa deles, é claro, mas no momento tudo o que posso fazer é esperar que não tenha sido horrível demais para ela.

O rosto do irlandês também é inexpressivo, mas há um olhar em seus olhos que eu não gosto.

Se ele pedir provas de que ela é virgem bem na frente dela, vou arrancar um de seus pés gigantes e espancá-lo até a morte com ele.

Jesus, Reyna. Recomponha-se!

Sinceramente, há anos não me sinto tão perturbada. O homem traz à tona o animal que há em mim.

Graças a Deus, eu me certifiquei de obter a última palavra sobre a aprovação deste matrimônio, porque se ele entrasse para a família e eu tivesse que interagir com ele regularmente, começaria a escalar as paredes e a gritar como um babuíno.

À medida que Lili se aproxima, eu estendo a mão. Ela vem

rapidamente para o meu lado e a pega, agarrando-a com força e tão perto, que é como se ela quisesse se esconder debaixo do meu vestido.

Quinn para a poucos metros de distância e olha para Lili por baixo de seus cílios.

Então ele olha para Gianni.

Então para mim.

Seu sorriso vem lento e caloroso.

— Sr. Caruso — ele fala lentamente, ainda olhando para mim.
— Obrigado por permitir a mim e a Lili um momento para conversar em particular.

Ele a está chamando de Lili? Ninguém a chama assim, a não ser sua família!

A coragem desta besta.

Gianni está tão empolgado com a mudança no jeito do irlandês que está praticamente se cagando. — É claro! Eu confio que tudo correu bem?

O irlandês deixa-o segurar sua ansiedade por um momento antes de assentir.

Merda.

Gianni exala uma respiração audível de alívio. Então ele bate palmas, fazendo Lili pular. — Excelente!

— Se eu puder ter uma palavra com você, no entanto. Sozinho.

— Certamente!

Em sua pressa para colocar a mim e Lili para fora da porta, Gianni nos dá um empurrão. Ele se arrepende quando eu rosno para ele, mas não o suficiente para diminuir sua excitação.

— Vão. Vão — sibila, acenando para nós. No momento em que cruzamos a soleira, ele bate a porta atrás de nós, sacudindo os retratos nas paredes.

Kieran olha para meu rosto lívido e ri.

— Vou dar a vocês um pouco de espaço. Há uma pintura do

menino Jesus no corredor que estou morrendo de vontade de dar uma olhada. — Assobiando, ele se afasta.

Assim que ele está fora de vista, eu me viro para Lili, dou um abraço nela e começo a me desculpar.

— Você está bem, *tesoro*? Sinto muito que você teve que passar por isso. Eu deveria ter te preparado melhor para este momento. Se eu soubesse que ele viria, poderíamos ter conversado primeiro. Eu poderia ter lhe dado algum apoio...

— Estou bem — ela interrompe, afastando-se. — Não foi tão ruim assim, prometo.

Olho para ela incrédula. — Sei que você só diz isso para que eu não me preocupe.

— Não, eu não estou. Ele é realmente legal.

Eu quase tombo de lado e caio no chão. — *Legal?*

Ela encolhe os ombros.

— Bem, o que ele disse para você?

— Ele me perguntou sobre meus hobbies, que tipo de música eu gosto, minha comida favorita. Coisas assim. Ah, e faculdade. Ele parecia realmente interessado no que eu queria estudar. Quando eu disse a ele direito criminal, ele riu.

— Ele zombou de você! — digo, enfurecida.

— Acho que não. Ele disse que gostou da ironia disso. Disse que achava que eu seria uma boa advogada.

Alguém vai ter que me ajudar a tirar meu queixo do chão.

— Se ele foi tão legal, por que você veio até mim como um ratinho assustado?

Ela faz uma pausa. — Digo... você o viu? O cara é totalmente intimidador. Tipo grande e... não sei... *tudo isso*. Eu pensei que poderia engravidar apenas sentada ao lado dele.

Horrorizada, faço o sinal da cruz no peito. — Nem mesmo diga essa palavra em voz alta.

— Eu sei que você está cuidando disso, de qualquer maneira.

Você tem a aprovação sobre isso, certo?

— Certo.

— E é óbvio que você o odeia e não vai deixar papai me casar com ele, certo?

— Certo.

— Então por que você está tão nervosa?

Essa é uma pergunta muito, muito boa.

— Eu não estou. — Aliso uma mão sobre o meu cabelo e sorrio para ela de forma tranquilizadora.

Ela revira os olhos. — *Zia*, por favor. Você está espumando pela boca.

Descartando isso, eu abaixo minha voz e digo: — Você cuidou da situação no guarda-roupa?

As bochechas de Lili coram. Ela olha para baixo e acena com a cabeça, sorrindo um sorrisinho secreto.

— Como você o tirou?

— No elevador de pratos.

Eu suspiro. — Você enfiou aquele pobre garoto no elevador de pratos? Você quebrou todas as articulações dele primeiro?

O rubor em suas bochechas se aprofunda, assim como seu sorriso. — Ele diz que vale a pena.

Digo sarcasticamente: — Aposto que sim. — Então outra coisa me ocorre. — Oh, não. Não é a primeira vez, é?

Ela olha para mim e faz uma careta.

— Não importa, eu não quero saber. Apenas me prometa que é a última vez.

Quando ela hesita, falo com veemência: — Lili, você não pode permitir que ele volte para esta casa. Seu pai vai pendurar a cabeça empalhada na parede de troféus em seu escritório.

— Eu sei — ela sussurra, seu sorriso morrendo.

— Quem é ele, afinal?

— Filho do Timo.

Tenho que pensar por um momento. — Timo? O jardineiro?

— O homem da piscina. Juan Pablo às vezes ajuda seu pai a limpar a piscina. Foi assim que nos conhecemos. — Seu sorriso secreto reaparece. — Eu estava deitada tomando sol no meu biquíni amarelo.

Querido Deus. A filha de um mafioso está tendo um caso com o garoto latino da piscina.

Somos uma novela.

Estou prestes a interrogá-la sobre controle de natalidade quando a porta do escritório de Gianni se abre. O irlandês e Gianni saem.

— Obrigado novamente pela visita — diz Gianni, evitando meus olhos. — Foi um prazer.

— O prazer foi meu.

O irlandês para na minha frente e de Lili. Formal e sério, ele diz a ela: — Gostei de conhecê-la, Lili. Obrigado por conversar comigo.

Ela se aproxima do meu lado. — De nada. E obrigada também.

O irlandês acena com a cabeça, então volta seu olhar para mim. Seus olhos castanhos começam a queimar.

— E Reyna — diz ele, sua voz tão suave que me dá um arrepio. — Foi... interessante conhecê-la. — Ele estende a mão.

Eu olho para isso. O focinho aberto e cheio de dentes de um crocodilo pareceria mais convidativo.

Mas eu deslizo minha mão na dele e encontro seu olhar sem vacilar, porque rainhas não têm medo de répteis burros.

Ou aranhas também.

— Adeus, Sr. Quinn. E boa viagem. As estradas por aqui podem ficar perigosas depois do anoitecer.

Eu sei que ele recebeu a ameaça quando ele sorri.

Ele segura minha mão e meu olhar por um instante, então se vira abruptamente para Gianni. — Não precisa me acompanhar.

— Ah, não, eu vou com você! — Gianni protesta. Mas cai em ouvidos surdos porque o irlandês já está se afastando, com os ombros retos e o queixo erguido, arrogante como um toureiro.

Quando ele desaparece no corredor, digo categoricamente: — Eu não aprovo. O casamento está cancelado.

Soando triunfante, Gianni diz: — Infelizmente, *sorellina*, isso é impossível.

Ao meu lado, Lili endurece.

Minha voz fica afiada. — O que você está falando?

— O contrato já foi assinado. Fizemos isso agora... e marcamos a data do casamento também. Lili e Sr. Quinn vão se casar no próximo mês.

Lili grita de horror e tapa a boca com as mãos.

Enfurecida, dou um passo em direção ao meu irmão. — Você disse que eu teria a aprovação final! Você me prometeu que eu poderia escolher!

Seus lábios se curvam para cima nas bordas. — Você não é a única nesta família que é uma boa mentirosa.

Então ele se vira e se tranca em seu escritório, deixando-me sozinha com Lili no corredor, seus lamentos angustiados ecoando nas paredes.

SPIDER

No momento em que saímos da garagem de Caruso, Kieran começa a rir.

— Do que você está cacarejando, seu maldito *gombeen*?⁹

Ele bufa. — Só você mesmo, com uma cara que faria os ratos saírem de um celeiro quando conheceu o Sr. Goodfellas¹⁰ lá atrás. Pensei que fosse dar uma bofetada nele!

— Sim. Quase. Eu nunca conheci tamanha idiotice em minha vida.

Kieran dá um soco no volante de alegria. — Ah, foi grandioso! Ele quase sujando sua calcinha toda vez que você respirava, se curvava e rastejava como se tivesse uma audiência com a sangrenta Rainha da Inglaterra. Quase teve um colapso nervoso, sim. Mal posso esperar para contar tudo sobre isso a Declan. Pura loucura.

Ele suspira feliz, balançando a cabeça, então de repente fica sério.

— *Ach*¹¹ a irmã era uma coisa boa, hein? Um pouco assustadora, com o quanto ela queria te matar, mas tudo bem mesmo assim. — Ele assobia baixinho. — Não gostaria de ficar do lado ruim dessa mulher, mas eu pagaria um centavo bonito para vê-la em sua *kex*¹²! Fiquei borbulhando só de olhar para ela.

Você não é o único. Meu pau ainda está duro como pedra.

— Pare de falar, por favor, companheiro. Estou com uma dor de cabeça brutal.

Ele me ignora.

— Eu me sinto muito mal pela pequena *Cailin*¹³, no entanto. A pobre e doce moça. Imagine ter o tipo de pai que oferece sua própria filha para ser vendida como um pônei premiado!

Ele faz um som de desgosto. — Mas suponho que seja o jeito

deles, não é? Selvagens e tudo. Bem, adeus para aqueles vagabundos italianos e aquele monte de merda que eles chamam de lar. Que bom que os estamos vendo pela última vez.

— Nós não os estamos vendo pela última vez.

Assustado, Kieran olha para mim. — O que você quer dizer?

— Quero dizer, eu assinei o contrato. Liliana e eu nos casaremos em trinta dias.

Kieran quase sai da estrada. Ele grita: — Você está louco?

— Cuidado com aquele poste.

Ele vira bruscamente de volta para o centro da pista, xingando baixinho, então começa a me atacar novamente.

— Você não pode estar falando sério, Spider! A ideia de se casar com essa família é totalmente idiota!

— Por que é idiota?

— Você não acabou de participar da mesma maldita reunião que eu? Caruso é um lickarse¹⁴ colossal! A irmã quer cortar sua língua! Eles moram em um lugar com quadros nas paredes pintados à mão de fadas e demônios que se esfregam uns aos outros!

Ele está tão nervoso que eu não ficaria surpreso se sua cabeça explodisse.

— Nada disso importa. Lili é uma doce moça. Ela será uma boa esposa. E os termos do contrato são excelentes. Eu vou em frente com isso.

Fecho meus olhos e descanso minha cabeça no encosto do banco para não ter que ver Kieran boquiaberto para mim.

Eu ainda posso ouvi-lo, no entanto, gaguejando em protesto.

— Mas... você gostou da *lass*? Quero dizer... você se sentiu atraído por ela?

Não. É por isso que é tão perfeito. A última coisa que quero é uma esposa que me atraia.

Como Reyna, por exemplo.

Nunca seria capaz de me concentrar em outra coisa se eu fosse casado com uma mulher assim. Tudo o que eu seria capaz de pensar seria naquela bunda bonita e naqueles peitos lindos e segurá-la para que eu pudesse enfiar meu pau duro dentro de sua linda boceta molhada.

Já é difícil não pensar nisso, e só a conheci há uma hora.

— Inacreditável — Kieran murmura.

— Não diga isso.

— Isso é sobre Riley, não é?

— Eu disse, *não diga isso*. Esqueça o maldito assunto.

Ele ignora isso também, como eu sabia que ele faria.

— Você é um idiota se pensa que se casando com uma superará a outra!

Meu suspiro é pesado. Abro os olhos e olho para ele. — Não estou *tentando* superá-la, eu já a superei. Mas obrigado pela sua opinião não solicitada. Agora cale a boca. Você está piorando minha dor de cabeça.

Kieran bufa. — Jesus, Deus e todos os santos. Seu bastardo maluco teimoso.

— Se isso faz você se sentir melhor, idiota, pense assim: pelo menos comigo, a moça terá sua própria vida sangrenta. Se ela se casasse com alguém de sua espécie, seria acorrentada a um fogão na cozinha. Ou pior, acorrentada a uma cama e forçada a ser uma máquina de fazer bebês.

Ele me olha. — Uh-hum. E quanto ao bebê que vocês vão fazer?

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, se você não está atraído pela moça, como vai fazer sua flauta tocar uma música para ela?

Talvez eu pense na tia homicida dela.

Fecho meus olhos e descanso minha cabeça no encosto do banco novamente.

Há uma pausa longa e carregada. — Você não pode estar me

dizendo que não vai fazer sexo com sua própria esposa.

— Ela tem apenas dezoito anos. Eu me sentiria um pedófilo.

— Então qual é o plano? Vai esperar até que ela tenha idade suficiente para pedir uma cerveja em um pub? — Quando permaneço em silêncio, ele suspira. — Você é o maior idiota em toda a terra, e isso é um fato.

— Ouça, seu idiota, não faria mal a você me mostrar um pouco mais de respeito. Tecnicamente, sou seu chefe agora.

Ele gargalha. — Oh, ho! Esse é um cavalo muito alto que você tem aí, rapaz! Você quer uma pequena coroa para acompanhar sua nova posição elevada, meu lord?

Imagino-me com uma roupa da época shakespeariana com mangas bufantes e uma túnica com cinto, uma coroa cravejada de joias na cabeça enquanto inspeciono altivamente os camponeses que labutam em minha terra, e não posso deixar de sorrir.

— Aye. Dê-me uma coroa maldita, pode ser? Melhor ainda, vou pedir emprestada a tiara de diamantes que Sloane usava quando se casou com Declan.

— Por que não ir com tudo e pedir emprestado o vestido vermelho dela, também?

— Fico muito bem de vermelho.

— Sempre soube que você era um pouco florzinha, companheiro — diz ele, ainda rindo.

— E o que diz sobre você que é meu melhor amigo?

— Que eu sou o segundo maior idiota em toda a terra, obviamente.

— Pelo menos uma vez, nós concordamos. Agora cale a boca, seu saco de merda. Quero dar algumas piscadelas antes de voltarmos ao avião.

No entanto, por mais que eu tente. Eu não consigo dormir.

Todo o caminho até o aeroporto, lembranças de furiosos olhos de sereia cinza esverdeados me mantêm acordado e agitado.

— Então você foi em frente com isso.

— Sim.

Declan resmunga. Não posso dizer o que significa. Eu sei que ele pensa que eu sou tão idiota quanto Kieran em concordar com um casamento arranjado com uma completa estranha, mas eu também sei que ele está muito satisfeito com o negócio em si.

O que significa tudo para mim. Não só Declan O'Donnell é o chefe da máfia irlandesa, como é um dos melhores homens que já conheci. Eu não estaria vivo hoje se não fosse por ele. Minha lealdade a ele é inabalável.

É um pequeno preço a pagar para me casar com uma *lass* que não gosto.

— E?

— E o quê?

— Como ela é?

Penso sobre isso por um momento. — Brilhante.

Declan faz uma careta. — As lâmpadas são brilhantes. Como é a maldita garota, Spider?

Estamos sentados em seu escritório em Boston, bebendo uísque. É tarde, depois da meia-noite, mas Declan parece não dormir muito. Quando mandei uma mensagem de Logan para ele dizendo que havíamos desembarcado, ele me instruiu a ir à casa dele depois do jantar para que pudéssemos conversar.

Agora, aqui estamos nós, conversando, mas não consigo pensar muito para descrever minha futura esposa.

Eu mal conheço a *lass*, pelo amor de Deus.

— Que diferença faz?

Ele bufa. — Só a diferença entre a infelicidade e a felicidade.

— Nem todo mundo pode ter o que você tem com Sloane. — Acrescento secamente: — Ou gostaria.

Seus olhos azuis brilham com a menção de sua esposa. — Você está dizendo que minha querida noiva é difícil de lidar?

— Difícil de lidar? Nem sequer começa a arranhar a superfície. Sua mulher é uma força sangrenta da natureza. Todos nós comíamos na palma da mão dela um dia depois que você a sequestrou.

Seu olhar azedou. — Quero que você saiba, eu estava no controle total o tempo todo.

Eu rio. — Sim, com certeza parecia que você estava arrancando os cabelos e gritando.

Sua esposa, Sloane, poderia facilmente dominar o mundo se quisesse. Eles se conheceram em circunstâncias incomuns – ele a sequestrou com a intenção de interrogá-la depois que ela causou um tiroteio entre nossos homens e a Bratva (longa história) – e ele instantaneamente caiu sob seu feitiço.

Como todo mundo faz, homem ou animal.

Quando eu disse que ela era uma força da natureza, foi preciso. Ela é um vulcão em erupção, um furacão de categoria 5 e um terremoto de magnitude 10, tudo embrulhado em um corpo feito para o pecado.

Como alguém que conheci recentemente.

Em quem eu não estou pensando, porra.

Exceto que estou, porque Declan diz: — Você conheceu a irmã de Caruso?

Olho para cima para encontrá-lo olhando para mim com expectativa. — Sim. Por quê?

Ele levanta um ombro. — Só que eu sempre me perguntei como é a notória *Viúva Negra*. Ela tem a bunda que dizem que ela tem?

— Uau, espere um minuto. *Viúva Negra*?

— *Aye*. De acordo com os rumores, ela matou o marido a sangue frio. — Ele toma um gole de uísque. — Não que ele não o merecesse. Dizem que ele era violento com ela. Afinal de contas, ele era um imbecil gigantesco.

Penso no rosto de Reyna quando perguntei se ela era a Sra. alguma coisa, no jeito que ela ficou com tanta raiva. Penso em como

ela estava tão chateada por sua sobrinha não ter escolha sobre se casar. Como ela zombou quando perguntei o que a fez pensar que a moça não teria vida própria depois que nos casássemos.

Então me pergunto sobre aquela tatuagem em seu dedo anelar, a pequena linha preta de escrita no lugar onde estaria uma aliança de casamento.

Sinto um desejo repentino e poderoso de saber o que diz.

Digo distraidamente: — Sim, ela tem essa bunda. E um par de peitos que poderiam dar a um homem um ataque cardíaco. E olhos como nuvens de trovoadas sobre um mar tempestuoso.

Depois de um momento perdido em pensamentos, percebo que Declan não disse nada. Eu olho para ele para encontrá-lo olhando para mim com as sobrancelhas levantadas, uma expressão divertida no rosto.

— Deixou uma boa impressão em você, não é, *boy*¹⁵?

Estou com o cenho franzido. — Não.

— Sério? Você está sentado aí cuspindo poesia sobre os olhos sonhadores dela, e ela não causou uma boa impressão?

Arrasto a mão pelo meu cabelo e tomo o resto do meu uísque. Então eu admito com relutância: — Sim. Mas só por causa do quanto ela me odiou.

— Odiou você?

Eu concordo. — Queria me encharcar de gasolina e acender um fósforo. E teria dançado enquanto me observava queimar.

— Por quê? O que você fez?

— Desculpe-me, mas eu não fiz porra nenhuma!

— Ela é apenas uma cadela, então.

— Sim, ela é uma cadela! — Faço uma pausa, pensando em nosso encontro. — Não posso culpá-la, no entanto. Ela parece terrivelmente afeiçoada à sobrinha. Protetora da moça, quase como uma mãe. Não deve ter sido fácil para ela ter algum irlandês estranho andando pelo lugar e interrogando a moça como se ela estivesse pronta para uma importante entrevista de emprego.

— O que, tecnicamente, ela estava.

Expiro pesadamente, de repente exausto. — E ela passou. Vamos falar de outra coisa agora.

— Você está brincando? Estou me divertindo demais vendo você se contorcer. Conte-me mais sobre a Viúva Negra. Qual é o nome verdadeiro dela?

Olho para o teto, mordendo a língua e sabendo que não há saída a não ser atravessar. Minha voz sai rouca. — Reyna.

— Hum. Suponha que se encaixe, com a reputação dela.

— Não entendi.

— Reyna significa rainha.

Rainha. Por que isso envia um choque de luxúria em minhas veias, eu não tenho ideia.

Fecho os olhos e cerro os dentes, tentando banir o pensamento dela.

Meu pau ri de mim e me envia uma lembrança de seus lábios carnudos e escarlates.

Suprimindo um gemido, eu me sirvo de mais uísque.

Observando-me atentamente, Declan diz: — É melhor você não fazer essa careta fora desta sala, rapaz, ou você implorará para sua nova esposa não cortar seu pau.

— Não estou fazendo careta.

— Seu pau está.

— Sim, bem, ele não é o meu chefe.

— Vamos esperar que não. Coloque-o onde ele não deveria estar, e você pode começar uma guerra.

Digo com os dentes cerrados: — Eu nunca faria nada para arriscar isso. Eu sei como este negócio é importante para você. Para nós. Não vou estragar tudo por causa de um pedaço de bunda. Além disso, como eu disse, ela me odeia.

Declan abaixa a voz. — O engraçado sobre as mulheres, porém,

Spider, é que nunca é tão simples quanto parece à primeira vista.

— Porra, se eu não sei disso — eu murmuro, então tomo outro grande gole de uísque.

Tenho a sensação de que terminarei essa garrafa.

REY

Por seis dias inteiros, não falo com meu irmão. Eu mal posso olhar para ele também.

O que é uma sorte para ele, porque se eu olhar por tempo suficiente, posso arranhar seus olhos.

Bastardo sem coração.

Enquanto isso, ele está flutuando nas nuvens, gabando-se do matrimônio para qualquer um que queira ouvir. Ele já teve uma reunião com os chefes das outras quatro famílias para anunciar a novidade. Estou surpresa que não tenha publicado um anúncio de página inteira no *New York Times*.

E Lili, minha pobre querida Lili, está trancada em seu quarto, chorando.

Estou preocupada com o quanto ela está levando isso a sério.

É claro que é horrível não ser mais para seu próprio pai do que um peão num tabuleiro de xadrez a ser movido a seu favor nos jogos de guerra da máfia, mas nunca foi segredo que ela se casaria com um marido do jeito que todas as mulheres de nossa família fizeram.

Embora eu ache que a realidade fria e crua é sempre pior do que a teórica.

Um homem de carne e osso é pior do que a possibilidade de um.

E um irlandês arrogante e pretensioso é exponencialmente pior do que todos eles.

Não fui capaz de apagar da minha mente a memória de sua presunção. A maneira como ele olhou para mim. A maneira como ele *riu* de mim.

A maneira como ele me puxou com os olhos.

Aqueles olhos meio fechados que me queimavam e

ridicularizavam brutalmente.

Se ele for algo menos do que um parceiro absolutamente ideal para Lili, um Príncipe Encantado que ela pode eventualmente aprender a tolerar, se não amar, eu vou matá-lo.

O que basicamente significa que vou ter que matá-lo, porque aquele sapo insuportável não poderia ser menos um príncipe encantado se tentasse.

— Reyna! *Sei fuori*¹⁶! Você estragou tudo!

Assustada com a repreensão brusca de minha mãe, eu olho para a panela de água fervente na minha frente. Estou de pé no fogão da cozinha com uma colher de pau na mão e não faço ideia de há quanto tempo estou no mundo da lua, remoendo sobre Lili e a besta.

Tempo suficiente para cozinhar demais a massa, evidentemente.

Apoiada em sua bengala no fogão ao meu lado, minha mãe me cutuca raivosamente no braço.

— Olhe para essa bagunça encharcada. Jogue no ralo e comece de novo.

— Desculpe, mamãe — falo, suspirando. — Estou preocupada.

Seu olhar permanece em mim enquanto eu coloco um par de luvas de forno e levo a panela pesada para a pia. Ela me observa enquanto eu despejo a massa, encho a panela com água quente e a levo de volta ao fogão. Ela continua silenciosamente observando enquanto eu salgo a água e aumento o fogo.

Este foco de falcão não é nada novo. Minha mãe é como uma daquelas pinturas assustadoras em uma casa mal-assombrada cujos olhos seguem você em todos os lugares, olhando diretamente para você, não importa onde esteja.

Ou onde você tenta se esconder.

— Você está certa em estar chateada — diz ela abruptamente. — Os irlandeses são desprezíveis. Dar a um deles uma joia dessas é... — Ela amaldiçoa em italiano, gesticulando com raiva.

— Não é por ele ser irlandês. É que ele é um *canaglia* e um *mascalzone*¹⁷ com os modos de um animal de curral. Você deveria ter visto a maneira como ele se mostrava, pomposo como um pavão.

Um pavão com pés tamanho quarenta e oito.

Sacudindo a memória indesejável, eu continuo. — Nunca conheci alguém tão horrível. Ele invadiu aqui como se fosse Júlio César no Coliseu, esperando que o cobríssemos de pétalas de rosas e virgens.

Baixinho, minha mãe diz: — Não que ele encontre alguma dessas nesta casa.

Eu olho para ela bruscamente.

Ela acena com a mão para mim como se estivesse espantando uma mosca. — Oh, não dê à sua própria mãe um olhar tão maligno. Não é como se eu fosse uma *ragazza*¹⁸ *estúpida*, você sabe. — Ela bate nos óculos com um dedo e balança as sobrancelhas. — Eu vejo o que acontece por aqui.

Eu sei que ela não está falando de mim, porque literalmente nada acontece por aqui sem o conhecimento de minha mãe.

A menos que ela tenha encontrado minha coleção de brinquedos sexuais e eróticos.

Não, não pode ser isso. Ela já teria tido um derrame e desmaiado se os encontrasse.

— Não sei o que você quer dizer.

Ela sorri. — Não? Você não viu aquele menino bonito entrar sorrateiramente no quarto de Lili em todas as horas do dia e da noite?

Estou escandalizada. Eu simplesmente não posso acreditar que a matriarca da família criminosa Caruso permitiria que sua neta tivesse relações ilícitas em casa, muito menos com o filho do homem da piscina.

— Você *sabia* disso? Por que não disse nada?

— Para quem? Seu irmão? E o pobre garoto levar um tiro?

— Para *mim*!

— Por que, para que você pudesse arruinar toda a diversão dela, colocando um fim nisso?

— Sim!

Ela cacareja: — A *piccolina principessa*¹⁹ vai se casar com o mesmo idiota pelo resto da vida, Reyna. Ela merece viver um pouco primeiro.

Quando eu só fico lá olhando-a incrédula, ela fala mais suavemente: — É um dos meus grandes arrependimentos não ter permitido a mesma liberdade a você.

Depois de um momento de profundo choque, eu digo fracamente: — Por favor, espere. Meu cérebro derreteu.

Ela se vira e vai até a mesa da cozinha, mancando com a ajuda da bengala, depois se joga em uma cadeira e suspira.

Vestida toda de preto – como todas as viúvas da família se vestem, independentemente de quanto tempo seus maridos estejam mortos – ela parece muito mais velha do que seus sessenta e cinco anos.

Ela nunca pintou o cabelo grisalho e o usa rente à cabeça como o de um homem. O estilo de vestido que ela usa é desmazelado e pouco lisonjeiro. Ela não está acima do peso, mas se recusa a fazer qualquer coisa para se tornar um pouco atraente, incluindo usar maquiagem ou atualizar seus óculos para um estilo deste século.

Depois que meu pai foi morto, ela simplesmente desistiu.

Eu sei que não foi de tristeza. Só acho que ela nunca quis que outro homem a notasse novamente.

A vida com meu pai siciliano raivoso era um inferno para todos nós.

Especialmente depois que ela foi diagnosticada com esclerose múltipla e ele trouxe sua amante de 22 anos para morar na casa de hóspedes para que ele não tivesse que *foder uma aleijada*, palavras dele.

Ver minha mãe manter a cabeça erguida e ranger os dentes apesar de toda a sua crueldade e indiscrições me ensinou a ter a mesma força quando meu próprio marido se tornou pior do que meu pai jamais foi.

Muito pior, eu nunca poderia ter imaginado.

Olhando para mim com carinho, mamãe diz: — Você é a melhor coisa que eu fiz na minha vida, *stellina*²⁰. Sou muito orgulhosa de

você.

Eu tenho que voltar para a panela no fogão para que ela não veja a água brotando em meus olhos.

Minha mãe me dando um elogio é um evento tão raro quanto um avistamento de OVNI.

Murmuro um *obrigada*, olhando para a água e desejando que ferva para que eu tenha algo a fazer além de lutar com essa sensação horrível no meu peito.

A raiva é muito mais fácil para eu lidar do que a ternura.

A raiva te dá uma armadura. A ternura te desnuda até os ossos.

— Você teria sido uma excelente mãe — ela continua em um tom pensativo. — É uma pena que não possa ter filhos. Ou devo dizer... certificou-se de que não poderia.

Quando eu olho para ela, assustada de novo, ela ri.

— Eu não te culpo, *tesoro*. Enzo como pai? — Ela estremece. — Você foi mais inteligente do que eu. Não que eu esteja dizendo que me arrependo dos meus filhos, veja bem. Você é o amor da minha vida. — Ela pensa por um momento. — Seu irmão, meh.

Eu rio. — Eu sei que você não quis dizer isso. Ele é o primogênito e um menino. Seria um crime punível com a morte na Sicília se você não o amasse mais.

Ela encolhe os ombros. — Então é uma sorte não estarmos na Sicília.

Eu zombo. — Ah, mamãe. Você tomou vinho novamente.

— Não, mas isso me lembra — diz ela, animando-se para olhar para o refrigerador de vinho ao lado da geladeira. — Que tal um bom pinot noir?

— Desde quando você bebe alguma coisa além de Chianti?

— Desde que comecei a assistir a esse jovem encantador no YouTube com seu próprio canal sobre vinho.

— Você está assistindo ao YouTube?

Ela balança a cabeça como se sua decisão de entrar na internet

não fosse tão monumental quanto o pouso na lua. Até o ano passado, ela ainda usava um telefone de discagem.

— Pinot é seu favorito. Ele bebe por galão. Vamos beber um pouco com o tagliatelle.

— Uau. As maravilhas nunca cessam. Ok, mamãe, você está bêbada.

Vou até a geladeira de vinhos, seleciono uma garrafa e a levo até o balcão para abri-la, quando um homem entra pela porta da cozinha.

É o irlandês.

Meu coração aperta. Meu rosto fica quente. Respiro fundo e congelo.

— Olá — ele diz com uma voz rouca, olhando para mim.

Passado meu choque, consigo dizer: — *Você*.

Ele me envia seu sorriso marca registrada. — Sim. Eu.

Ele está segurando um buquê embrulhado de rosas brancas. Está vestindo um terno preto novamente. Armani, ao que parece. A gravata e a camisa também são pretas. Em qualquer outro homem, tanto preto o faria parecer um apresentador de game show ou um agente funerário.

Este homem de preto da cabeça aos pés parece um modelo de passarela que também atua como um assassino, o filho da puta presunçoso.

E oh, doce Jesus, tenha piedade de minha alma, não estou percebendo o quão apertado o terno está em torno de sua virilha.

Não vejo essa protuberância substancial.

Eu *não*.

Digo rigidamente: — O que você está fazendo na minha cozinha?

Seu olhar aquecido faz uma viagem vagarosa pelo meu corpo, da cabeça aos pés e de volta. Ele lambe os lábios.

— Eu estava na cidade. E queria ver Lili.

Eu expiro com força e coloco a garrafa de vinho no balcão com uma intensidade que faz minha mãe pular na cadeira.

— Se você gostaria de ver Liliana, Sr. Quinn, tem que combinar antes de aparecer em nossa casa sem aviso prévio. Independentemente de como as coisas são feitas na Mob, esta família tem certos padrões de conduta.

— Oh, vamos, *lass* — ele repreende, apreciando minha agitação com sua aparição repentina e indesejada. — Um homem deve ser capaz de ver sua noiva sem marcar no calendário.

Sabendo que não há nada que eu possa fazer para impedi-lo de aparecer a qualquer hora que quiser, ele sorri.

Ele tem tanta sorte que eu ainda não tenho o abridor de vinho na minha mão. Ele teria um saca-rolhas enfiado na bunda antes que pudesse falar outra palavra.

No silêncio que se segue, minha mãe diz: — Ei. Irlandês.

Quinn olha para ela. A julgar por sua expressão, ele está surpreso ao ver mais alguém na cozinha. Ela aponta para um armário atrás dele.

— Os vasos estão lá. Quando terminar de arrumar as flores, você pode abrir o vinho. — Ela sorri. — Se você conseguir arrancá-lo da mão de Reyna, isso é.

— Perdoe minhas maneiras — diz Quinn. — Eu não a vi sentada aí.

— Eu sei. Você estava muito ocupado irritando minha filha.

— Sra. Caruso?

— A primeira e única. — Ela ri. — Bem agora. O resto é comida de verme.

Deus, minha mãe tem um senso de humor sombrio.

Quinn atravessa a cozinha e estende a mão para ela. Ele diz respeitosamente: — É uma honra conhecê-la, senhora. Eu sou Homer.

Quase caio de cara no chão da cozinha.

Primeiro, porque Quinn está agindo como um humano pela primeira vez – não o macaco que eu sei que ele é – e segundo,

porque... *Homer*?

Mamma aceita sua mão estendida. Ele a segura suavemente por um momento, inclinando a cabeça, depois a solta e se endireita. Ela olha para ele através dos óculos com os olhos cerrados.

Ela diz sem rodeios: — Que tipo de nome é esse para um irlandês?

Ele não se ofende. Apenas ri. — Minha mãe era estudante de arte. Winslow Homer era seu artista favorito.

Mamãe gargalha. — Ainda bem que não foi Edvard Munch.

— Se eu te disser o nome pelo qual todo mundo me conhece, você vai rir ainda mais.

— Qual é?

— Spider.

Ela não ri. Em vez disso, ela olha para mim. — Você não me disse que ele era um comediante.

— Ele não é — falo com os dentes cerrados. — Mas ele está indo embora.

— Não antes que ele me sirva meu vinho!

O sorriso presunçoso de Quinn reaparece. — E coloque as flores na água.

Telegrafo mentalmente uma ameaça de assassinato para ele, a qual ele ignora, voltando-se para o armário atrás dele para selecionar um vaso da coleção de cristais.

Enquanto minha mãe e eu o observamos, ele traz o vaso e as flores para a pia, rasga o plástico e o papel de seda do buquê, enche o vaso na torneira e diz calmamente: — Sua panela está fervendo.

Olho para o fogão. A panela de água está em plena fervura, prestes a transbordar pelas bordas.

Amaldiçoando, abandono a garrafa de vinho e pulo até o fogão. Eu desligo o fogo, volto para Quinn e pergunto: — Como você entrou aqui?

— Pela porta da frente.

Bastardo arrogante. — Quero dizer, quem deixou você entrar?

— A governanta. Bela moça. Bettina, eu acredito? Não poderia ser mais doce.

Aposto que ela não podia. Um olhar para o *Sr. Supermodelo Assassino* aqui e ela provavelmente desmaiou.

— Por que ela não o anunciou?

— Eu disse a ela que queria que fosse uma surpresa. — Ele me envia um olhar ardente. — *Surpresa.*

Sinto aquele olhar até os dedos dos pés.

Aturdida, minhas bochechas quentes, eu retruco: — Eu odeio surpresas.

Mamãe murmura: — Alguém por aqui está prestes a receber uma surpresa na forma de um tapa se eu não conseguir meu vinho logo.

Quinn joga as flores no vaso de água, mexe com elas por um momento até ficar satisfeito, depois cruza para o balcão e pega a garrafa de pinot noir.

Ele examina o rótulo. — Hum.

Mamãe diz: — Sinto muito, não temos cerveja para lhe oferecer.

Seu sorriso é levemente divertido. — Eu não bebo cerveja.

— Então por que você está olhando para o vinho assim?

Ele olha para ela. Depois de uma pausa, fala: — Não quero insultá-la dizendo a verdade.

— Isso nunca parou você antes — falo, furiosa por não conseguir tirá-lo da minha cozinha.

Ele sorri para mim, seus olhos castanhos queimando. — Saca rolhas?

Ele conseguiu fazer aquele som lascivo, o porco.

Aponto para a gaveta ao lado da máquina de lavar louça e falo: — Liliana está no cinema com as amigas esta noite, então, infelizmente, você não poderá vê-la. E meu irmão está na cidade a

negócios. Se você ligar amanhã de manhã, podemos marcar um horário para o final da semana.

— Cinema? — Quinn repete.

— Sim — eu minto, assentindo. — Você já ouviu falar de longas-metragens, eu presumo? Talvez eles não os tenham na Irlanda. Muitas outras coisas importantes para fazer, imagino, com a tosquia de ovelhas e a dança do rio e todos os campeonatos de arremesso de dardos no pub local. Mas ela vai toda quinta-feira. E não estará em casa até tarde. Então você deve sair. Agora.

Ele me olha em silêncio por um tempo, então diz: — Sea Smoke.

Eu pisco. — Com licença?

Ele volta seu olhar para minha mãe. — Se você gosta de pinot noir, você deve experimentar Sea Smoke. — Ele segura a garrafa na mão. — É melhor do que essa merda barata.

Minha mãe diz: — Meu amigo do YouTube bebe isso. É muito caro para mim, no entanto.

— Vou te comprar uma garrafa.

Ela se ilumina, batendo palmas. — Ah, *grazie mille*²¹. Mal posso esperar!

Estou tendo um AVC? O que diabos está acontecendo?

— Sr. Quinn...

— Spider. — Ele sorri para mim. — Eu deixaria você me chamar pelo meu nome verdadeiro, mas ainda não ganhou o privilégio.

Reúno toda a raiva em meu corpo e a concentro em meu olhar, que direciono como um foco de laser superaquecido em seu rosto bonito e hediondo.

Ele sorri mais largo e abre o vinho.

REY

Mamãe e eu nos sentamos com meu arqui-inimigo à mesa da cozinha, observando em silêncio enquanto ele devora seu macarrão.

Nunca vi um homem comer assim. Ele caiu em seu prato e começou a devorar o tagliatelle com molho de carne como se tivesse estado à deriva no mar em uma jangada por seis meses.

Estou igualmente fascinada e perturbada.

— Mmmpf — ele murmura com a boca cheia, revirando os olhos para o céu e mastigando vigorosamente. — Deus todo poderoso. Sra. Caruso, esta é a melhor comida que já comi em toda a minha vida.

— Parece a *única* comida que você comeu em toda a sua vida. E graças a Reyna, ela é a cozinheira.

Ele interrompe sua comida o suficiente para olhar para mim com surpresa. — Você fez a refeição?

Como se não estivesse sentado naquele maldito lugar me observando o tempo todo.

— Do zero — mamãe fornece quando eu apenas me sento lançando punhais para ele. — A massa, a bolonhesa e a focaccia. E esse molho Caesar na sua salada também é caseiro. Reyna cozinha para toda a família. Depois que meu marido morreu, eu pendurei meu avental para sempre.

Quinn resmunga.

De alguma forma, isso resume sua descrença de que eu seja capaz de preparar uma refeição comestível junto com um reconhecimento da morte de meu pai. Embora eu não deva me surpreender, considerando que a maior parte de seu vocabulário é provavelmente composto de tais expressões não verbais.

Animais de curral não são conhecidos por seu discurso espirituoso.

Tomo outro gole do pinot da minha taça. Meu prato de comida permanece intocado. Meu estômago está inquieto e minhas axilas estão úmidas, e mal posso esperar para ele terminar o jantar para que eu possa quebrar seu prato com um martelo e jogá-lo no lixo, garantindo que nenhuma pessoa civilizada possa comer nele novamente.

Aquele garfo que ele está usando terá que ir também.

Não há alvejante suficiente em todo o mundo para limpar seus germes.

Rasgando um pedaço de focaccia com os dentes, Quinn diz: — Lili cozinha?

Mamãe olha para mim, esperando para saber como vou lidar com a questão.

Eu vou com um: — Sim... — Um tom neutro.

— Assim?

Hesito, não querendo admitir que Lili foi banida da cozinha por a incendiar não uma, mas *duas* vezes, um prato no micro-ondas e outro no fogão.

— Ela está aprendendo. Tenho certeza de que com o tempo irá dominar. Se você se lembra, ela é apenas uma adolescente.

Eu digo a última parte acidamente. Fico feliz em ver que dá uma pausa em Quinn.

Ele me olha fixamente por um momento, um pedaço de pão saliente em sua bochecha, então mastiga e engole, enxugando a boca com o guardanapo.

Ele se recosta na cadeira, toma um gole de vinho e diz sombriamente: — *Aye*.

Então exala pesadamente, como se estivesse preocupado com a idade dela.

Mamma me lança outro olhar sem palavras, com as sobrancelhas levantadas.

Antes que eu possa aproveitar a oportunidade de envergonhá-lo por querer se casar com uma criança, ele me indaga de repente: — Quantos anos você tem?

Mamãe gargalha. — Ah, *gallo sciocco*²², você tem um desejo de morte, *sí*?

Colocando minha taça de vinho cuidadosamente na mesa — para não a quebrar — eu seguro seu olhar penetrante e falo: — Que maneiras encantadoras você tem, Sr. Quinn.

— Quase tão charmosas quanto as suas, Srta. Caruso.

— Não sou eu que estou fazendo perguntas indelicadas.

— Por que é falta de educação querer saber a idade da minha futura tia?

— Tia emprestada — eu corrijo, querendo lavar minha boca com sabão só por ouvir isso. — E é *sempre* falta de educação perguntar a idade de uma mulher.

— Por mais indelicado que seja oferecer a um novo parente tal... — Ele observa meu olhar fulminante e minha postura rígida. — Calor e hospitalidade?

Mamãe diz: — Não leve para o lado pessoal, Homer. Ela não gosta de ninguém.

— Eu gosto de algumas pessoas!

Ela olha para mim. — *Tch*. Cite duas.

O irlandês sorri, inclinando-se sobre o prato e apoiando os cotovelos na mesa. Ele apoia o queixo nas mãos e diz: — Trinta e oito.

Minha respiração inalada é afiada e alta. — Eu *não* tenho trinta e oito anos.

Ele faz uma pausa para fazer um inventário vagaroso e semicerrado do meu rosto e peito. — Trinta e seis?

Digo categoricamente: — Essa faca de manteiga também pode ser usada como ferramenta de escultura.

— Cinco? Quatro?

— Acho que é hora de encerrarmos a noite, Sr. Quinn. — Empurro minha cadeira debaixo de mim e me levanto.

Ele se recosta na cadeira e sorri, cruzando as mãos sobre o estômago e esticando as pernas, a própria imagem do senhor da

mansão à vontade.

— Mas ainda não comemos a sobremesa.

Mamma – a traidora – parece achar toda a troca muito divertida. Na verdade, ela parece achar o próprio Sr. Quinn muito divertido, algo que me indigna.

Foi ela quem disse que os irlandeses são desprezíveis!

Eu grito: — Nós não temos nenhuma sobremesa.

— Exceto pela panna cotta²³ que você fez esta manhã — diz mamãe. — Tem um pouco de *tiramisù* também.

O sorriso de Quinn se transforma em um enorme. Ele mostra todos aqueles belos dentes brancos para mim, sem saber ou se importar que ele está em perigo mortal.

Eu olho para minha mãe. — Que *gentileza* sua lembrar, mamãe. Não é hora de você ir para a cama?

Ela olha pela janela da cozinha, depois de volta para mim. Como são apenas seis e meia e meados de agosto, ainda está claro lá fora. Mas como ela escolheu o lado errado dessa luta, ela precisa ir embora.

Ela se levanta. Quinn também se levanta.

— Foi um prazer conhecê-la, Sra. Caruso — diz ele.

Seu sorriso parece ser genuíno. Não o fodido sorriso de comedor de merda com o qual ele está sempre me presenteando.

Mamma diz: — Prazer em conhecê-lo também, *gallo sciocco*. Boa sorte.

Ela manca para fora da cozinha, rindo para si mesma.

Presunçoso, Quinn olha para mim. — Gostou de mim, você não acha?

Digo categoricamente: — É a demência.

— Não, moça, sua mãe é tão afiada quanto uma tachinha.

— É por isso que ela continuou chamando você de galo idiota.

— Admita. Ela gosta de mim.

— Ela também gosta de queijo de larva.

Ele faz uma careta. — Que diabos é queijo de larva?

— Olhe-se no espelho e descubra.

Ele me dá um olhar azedo, então se senta novamente e olha incisivamente para a geladeira.

— Sr. Quinn, não vou te servir a sobremesa. Por favor, vá agora.

— Por que eu iria querer sair quando estamos nos divertindo tanto?

— Você é tão divertido quanto uma gangrena²⁴.

— Ai.

Ele finge estar sério, mas posso dizer que ele está tentando não rir.

Pego meu prato de macarrão não comido, vou até a pia e despejo tudo no ralo. Ligo a água e o triturador de lixo a todo vapor, esperando que o barulho o ensurdeça.

Ele se inclina sobre a mesa, pega minha taça vazia e a enche de pinot. Por cima do barulho do triturador de lixo, ele grita: — Vou experimentar a *panna cotta* e o *tiramisù*. E eu amo sorvete de manga, se você tiver. — Ele sorri. — Se não, tenho certeza de que poderia preparar um pouco, já que você é uma boa cozinheira.

Desligo a água e o triturador, seguro a beirada da pia, fecho os olhos e respiro fundo, rezando por forças e para que o teto ceda e desabe sobre sua cabeça.

Quando abro os olhos, Quinn está olhando para mim com um calor tão ardente que meu coração dá um pulo.

— Você está com medo de ficar sozinha comigo, *lass*?

— Não seja ridículo.

— Tem certeza? Você parece um pouco abalada.

— É assim que eu sempre pareço antes de vomitar.

Ele puxa os lábios entre os dentes. Seus olhos brilham e seu peito começa a tremer.

Ele está rindo de mim novamente.

Que grande surpresa.

— Sr. Quinn...

— Spider.

Eu olho para ele, calor queimando minhas bochechas e meu coração batendo forte. — Eu nunca vou te chamar desse apelido estúpido. Agora, por favor. Vá.

Ele inclina a cabeça e examina minha expressão. Seus olhos ainda estão calorosos, mas há algo suave neles também. Algo inesperado.

Ele aponta para minha cadeira vazia e ordena: — Sente-se.

Minhas costas rígidas, eu respondo com os dentes cerrados. — Eu não respondo a comandos. Eu não sou um cachorro.

— Deus sabe que você não é — diz ele com veemência. — Agora coloque sua bela bunda nessa cadeira, mulher. Não me faça dizer uma terceira vez.

Isso soou distintamente como uma ameaça. Eu estalo: — Ou o que?

Ele rosna: — Ou eu vou colocá-la sobre os meus joelhos e te ensinar algumas maneiras.

Este bastardo ameaçou me espancar!

Meu coração dispara em um galope estrondoso. Minhas mãos começam a tremer. Minha respiração é superficial, e há um zumbido agudo em meus ouvidos.

Não me lembro da última vez que fiquei tão furiosa.

Oh, espere. Sim, eu lembro.

A última vez que ele esteve na minha casa.

Olho ansiosamente para o bloco de madeira de facas de cozinha afiadas no balcão.

Quinn fala suavemente: — Reyna.

Olho para ele. Grande, masculino e bonito, ocupando todo o

espaço da cozinha. Seu olhar como um incêndio na floresta e o mais leve indício de um sorriso pairando em seus lábios carnudos e esculpidos.

De repente, mal posso esperar para sair daqui.

Mas eu já sei o suficiente sobre o irlandês para perceber que a única maneira de isso acontecer é se eu der a ele o que ele quer primeiro.

Então é isso.

Pego minha taça de vinho e engulo.

Então eu olho para ele em um silêncio nervoso, esperando.

Ele se senta lá e fuma de volta para mim, um turbilhão de perguntas não ditas em seus olhos.

Estou prestes a pular de volta e sair correndo quando ele diz abruptamente: — Por que você mora com seu irmão e sobrinha?

— Por que você tem uma tatuagem de teia de aranha no pescoço?

Escapa antes que eu possa evitar. Eu não tinha ideia do porquê estava curiosa sobre aquela tatuagem estúpida até agora.

Ele coloca os antebraços sobre a mesa e se aproxima. — Sou eu que faço as perguntas.

— Sei que você acha que está no comando de todos no universo, Sr. Quinn, mas você está iludido.

— Eu não estou no comando de todos no universo. Só de todos nesta casa.

Deus, como eu o odeio por isso. Como eu odeio sua confiança dominante e sua masculinidade patológica, sua suposição de que ele - e somente ele - é quem está no controle.

Odeio isso mais do que tudo porque ele está certo.

Porque em nosso mundo, os homens estão no comando.

E machos alfa como ele estão no topo da cadeia alimentar.

Minha pobre e doce Lili. Ele vai comê-la viva.

— Eu não vou machucá-la — diz ele de repente, assustando-me.

— O quê?

— Eu disse que não vou machucá-la. Sei que você está preocupada com isso, mas eu nunca coloquei a mão em uma mulher na minha vida. — Ele ri baixinho. — Bem, não com raiva.

Desvio o olhar, enervada por ele conseguir ler minha mente com tanta facilidade, e também pela imagem vívida que minha mente me forneceu, inutilmente, dele em cima de uma mulher nua, empurrando entre suas coxas abertas enquanto ela arqueia e grita em êxtase.

Meu rosto fica quente novamente. Parece estar acontecendo com uma frequência preocupante.

— Vamos tentar de novo. Por que você mora com seu irmão e sua sobrinha?

Eu coloco minhas mãos no tampo da mesa e olho para elas enquanto reúno a armadura mental necessária para responder.

— Quando meu marido morreu, eu... — Paro para limpar minha garganta. — Eu nunca tinha morado sozinha antes. Fui direto da casa do meu pai para a de Enzo. Depois do funeral, voltei para aquela casa grande e vazia, e não aguentei. O terrível silêncio.

E as terríveis lembranças. Lembranças à espreita que me devoravam e me assombravam a cada passo.

— Então fiz uma mala e vim para cá. Estou aqui desde então. Eventualmente, irei para um lugar só meu. Eu só... ainda não.

— Há quanto tempo você é viúva?

— Três anos.

Três anos felizes, sem ossos quebrados e sem hematomas.

Percebo minhas mãos tremendo, então eu me sirvo o resto do vinho da garrafa e engulo. Quinn me observa silenciosamente, seu olhar intenso.

— Quanto tempo você ficou casada?

— Muito tempo, tempo *pra* caralho.

— E quanto tempo é isso?

Respiro fundo e olho para a tinta no meu dedo anelar. É preta e reconfortante, um lembrete visual da promessa que fiz a mim mesma de que nenhum homem jamais me possuiria novamente.

— Catorze anos.

— Isso é muito tempo.

Para passar no inferno.

Em voz alta, eu digo: — Parecia mais longo.

Nenhum de nós fala depois disso por um momento. Então ele pede: — Conte-me sobre o resto da família.

— Como o quê?

— Como quantos de vocês moram aqui?

— Sou só eu, mamãe, Lili e Gianni.

— Sem avós?

— Todos mortos.

— Primos?

— Não há ninguém. Só nós.

— Achei que todas as famílias italianas eram grandes.

— Pensei que todos os irlandeses fossem bêbados.

Ele ri. — Você tem uma resposta inteligente para tudo, não é?

— É fácil vencer uma guerra de palavras quando seu oponente é burro. — Surpresa com o quão cruel isso saiu, eu olho para Quinn. — Sinto muito. Isso foi rude.

Mas ele não parece nem um pouco ofendido. Está rindo novamente, balançando a cabeça.

— Por que você está rindo?

— Já me chamaram de muitas coisas, mas burro é a primeira vez.

Estou surpresa com a reação dele. Se Enzo estivesse sentado em seu lugar, meu maxilar já estaria quebrado.

— Bem... não é que seja mentira. Eu simplesmente não deveria ter dito isso.

Ele ri mais forte.

Apesar do meu ódio absoluto por ele, eu sorrio.

Meu sorriso desaparece quando ele se levanta da cadeira, vai até a geladeira de vinhos e pega outra garrafa.

— O que você está fazendo?

— O que parece que estou fazendo?

— Como se você fosse abrir outra garrafa de vinho.

— Sim. E aqui eu pensei que você não era nada além de um rosto bonito e uma língua atrevida. Você também pode fazer suposições corretas.

Algo sobre o jeito familiar que ele está me provocando, o jeito que está sorrindo para mim debaixo de seus cílios e especialmente a coisa sobre o *meu rosto bonito*, deixa meus dentes no limite novamente.

— E quanto à minha suposição de que você vai tornar a vida da minha sobrinha um inferno? Isso está correto?

Ele faz uma pausa antes de dizer suavemente: — Nem todo casamento é horrível, *lass*.

Eu zombo. — Sério? Que contos de fadas você tem lido?

Ele pega o saca-rolhas do balcão, tira o rótulo da tampa da garrafa e a abre com eficiência rápida. Então vai até a mesa e enche minha taça.

De pé sobre mim, ele é todo calor e músculo, uma presença masculina poderosa em um terno Armani preto.

— Não sei quantas vezes terei que repetir isso, mas não sou seu marido morto.

Eu olho para ele. Sua expressão é séria. Seus olhos castanhos são suaves e quentes.

Minha boca fica seca. Minha mente fica em branco. Não consigo pensar em uma única coisa para dizer a ele.

Ele pega o vinho e me entrega. — Aqui. Beba isso. Vai te dar algo para fazer com sua boca além de cuspir veneno em mim.

Ele olha para a minha boca e lambe os lábios.

Isto é quando eu percebo que estou no nível dos olhos com sua virilha.

E aquela protuberância enorme esticando a costura de suas calças.

Querido Deus. Vou ter que deixar Lili pegar emprestado meu vibrador Greedy Girl XL. Aquele garoto da piscina com quem ela está brincando não é páreo para esse monstro.

Começando a suar, eu pego o vinho dele e bebo a taça inteira de uma só vez.

Ele fala lentamente: — Eu te deixo nervosa, pequena víbora?

Tusso violentamente, meus olhos lacrimejando. — Você me faz desejar um derrame.

— Por que você não gosta de mim?

— Porque você tem a personalidade de uma ferida purulenta.

Seus cílios abaixam. Ele me considera em um silêncio escaldante por um momento, então se inclina e murmura em meu ouvido: — Mentirosa.

Ele inala profundamente contra o meu pescoço, levantando arrepios ao longo dos meus braços.

Eu endureço. Ele exala, fazendo um som baixo de prazer no fundo de sua garganta.

Então se endireita e olha para mim.

— Diga a Lili que estarei de volta amanhã às cinco horas. Ou você gostaria que eu fosse até o quarto dela e contasse eu mesmo?

Assustada, eu olho para ele para encontrar seu sorriso de volta no lugar e seus olhos castanhos zombando.

Ele sabe que ela está aqui. Ele sabia o tempo todo.

Sem outra palavra, dá meia-volta e sai da cozinha, deixando-me

sentada sozinha à mesa com meu coração latejando e um milhão de perguntas nadando na minha cabeça.

O mais importante é, se ele sabia que Lili estava em casa o tempo todo, por que ele ficou e jantou comigo?

— Oh, meu Deus — falo em voz alta, horrorizada. — Aquele filho da puta acha que vai ganhar um especial dois em um?

SPIDER

Ela é inteligente, ela é sexy e tem uma bunda que eu gostaria de morder, espancar e foder.

Pior ainda, toda vez que eu olho para ela por muito tempo, meu pau fica duro como uma pedra e minha boca começa a salivar.

Já basta.

Nunca vou falar com Reyna *fodida* Caruso novamente.

REY

Espero até de manhã para contar a Lili a má notícia de que seu noivo lascivo vai fazer uma visita a ela.

Ela aceita como qualquer mulher racional deveria e começa a chorar.

— *Zia*, por favor! — ela geme, agarrando-se ao meu braço. — Você não pode fazer alguma coisa? Você não pode fazer o papai cancelar?

— Se eu pudesse, já teria. Agora seque os olhos. Precisamos conversar e preciso que preste atenção.

Eu a afasto e começo a andar pelo comprimento de seu quarto, até a cômoda e de volta para a porta, torcendo minhas mãos com ansiedade.

Eu não dormi nada ontem à noite. Estava bem acordada na cama, olhando para o teto, lembrando do jeito que aquela fera Quinn cheirou meu pescoço como se eu fosse uma barra de chocolate.

E aquele *barulho* que ele fez.

Aquele som baixo, retumbante e masculino de prazer que veio do fundo de sua garganta.

Estou tremendo agora só de pensar nisso.

Em desgosto, é claro. O homem é absolutamente revoltante.

— Ok, aqui está a coisa. — Faço uma pausa para reunir meus pensamentos caóticos. — Quinn é um homem. Certo? Um tipo de homem muito masculino. Ele é muito... viril.

Que diabos você está dizendo? Controle-se!

Fungando, Lili se senta na beirada de sua cama e mastiga sua unha do polegar enquanto me observa andar.

— Ele vai ser difícil de lidar. Impossível, realmente. Ele é obviamente extremamente teimoso. E costuma fazer o que quer.

E arrogante. E lindo. E dotado como um maldito cavalo.

Eu me viro e passo para o outro lado, arrastando minhas mãos pelo meu cabelo em irritação.

— E, infelizmente, *tesoro*... você deve se preparar para a realidade de que ele não será fiel a você.

— Quem se importa se ele é fiel? Eu vou esfaqueá-lo até a morte enquanto ele dorme!

Eu paro e olho para ela horrorizada. — Nunca mais me deixe ouvir você falar essas bobagens de novo.

— Por que não? Você matou o tio Enzo!

Fecho os olhos, respiro fundo, conto até dez, depois volto a abrir os olhos. Eu digo calmamente: — Você quer morrer na prisão?

— Você queria?

Eu estava disposta, se isso significasse que nunca seria espancada novamente.

Em vez de dizer isso, falo: — Eu não matei meu marido.

— Pare de mentir, *zia*! Todo mundo sabe! Por que você acha que todos estão com tanto medo de você?

— As pessoas têm medo de qualquer mulher que fala o que pensa e não suporta suas besteiras. Agora escute. Você disse que Quinn foi gentil com você quando conversaram. Ele se interessou pela sua vida. E acho que podemos convencê-lo a permitir que você vá para a faculdade. Então, embora ele tenha o charme de uma carcaça podre, pode provar ser suportável.

Quem estou enganando? A vida dela vai ser um longo pesadelo, o Dia da Marmota.

Lili se levanta e grita apaixonadamente: — Não posso me casar com ele, *zia*!

Meu coração está com ela, mas não posso vacilar sobre isso. Firmo minha voz. — Eu entendo completamente seus sentimentos, mas o contrato é inescapável. Se você não se casar com ele, vai

arruinar a família. A vida do seu pai vai acabar. Literalmente, quero dizer. A Mob vai colocar uma bala na cabeça dele pelo desrespeito.

Faço uma pausa, hesitando em dizer isso a ela e a aborrecer ainda mais. Mas ela precisa saber exatamente o que está em jogo.

— Eles vão fazer algo terrível com você também. Algo *pior* que a morte, especialmente se Quinn descobrir que você não é virgem. Falaremos sobre como você pode fingir isso mais tarde, mas a conclusão é que vai se casar com o irlandês.

— Não, eu não vou! Estou apaixonada por Juan Pablo!

É quando noto o pequeno hematoma escuro no lado de sua garganta.

Exceto que não é uma contusão. Conheço uma mordida de amor quando vejo uma.

Sentindo-me enjoada, vou até o guarda-roupa e abro as portas.

Está vazio.

Lili está soluçando atrás de mim. — Sou apaixonada por ele. Eu não me importo com o contrato estúpido ou com o que alguém pensa. Prefiro morrer a me casar com outra pessoa. *Eu prefiro morrer!*

Eu me viro e olho para seu rosto manchado de lágrimas. A agonia em seus olhos. Todo o seu fervor tremendo e frenético, e sinto uma pontada de ciúme.

Pelo menos ela teve isso. Pelo menos ela amou uma vez. A memória do que ela compartilha com Juan Pablo ajudará a sustentá-la por todos os anos sombrios e solitários que virão.

A única coisa que eu tinha para me sustentar era a esperança de que uma das raivas violentas de Enzo terminasse em minha morte.

Nunca terminaram, no entanto. Ele me espancou muitas vezes, mas a morte nunca veio me resgatar.

Eu tive que me resgatar em vez disso.

Vou até Lili e a pego em meus braços. Ela se agarra a mim e soluça contra meu peito, seus ombros tremendo. Alisando a mão sobre o cabelo, eu a seguro e faço sons suaves até que ela se acalme um pouco e esteja apenas soluçando.

— *Tesoro* — murmuro. — Minha linda. Você é a filha que eu nunca tive, e eu te amo.

Lili sussurra: — Eu também te amo, *zia*.

— Eu sei que você ama. E eu quero que você saiba que, no entanto, eu posso apoiá-la através disso, eu vou. Sempre estarei aqui para você. Eu sempre vou cuidar de você. Nunca vou te abandonar, você entende?

Ela choraminga.

Minha voz endurece. — E eu prometo que se seu novo marido colocar um dedo em você com raiva, eu vou acabar com a vida dele.

Isso é o mais próximo de uma admissão de minhas capacidades que eu já cheguei, mas estas são circunstâncias terríveis.

Ela levanta a cabeça e me encara com olhos lacrimejantes. Meu coração dói, enxugo as lágrimas de seu rosto com meus polegares.

— Agora seque os olhos. Levante o queixo. As mulheres Caruso são fortes e orgulhosas. Mantemos nossos momentos de fraqueza em sigilo. Seu noivo está vindo para vê-la hoje, e você precisa estar preparada.

Seu queixo treme. Ela balança a cabeça, claramente traumatizada pelo pensamento de ter que enfrentá-lo.

— Nunca deixe ele ver você chorar, Liliana. Nenhum homem merece suas lágrimas, especialmente não aquele. Apenas lembre-se do que eu lhe disse.

Eu suspiro, pegando-a em meus braços novamente. Ela se enfia em mim e funga.

Depois de muito tempo, ela sussurra: — Talvez tenhamos sorte e ele leve um tiro antes do casamento.

Fecho meus olhos, imaginando Quinn deitado parado e silencioso no chão em uma poça cada vez maior de seu próprio sangue.

Pela primeira vez em uma eternidade, sinto-me feliz.

Então deixo Lili sozinha com seus pensamentos e preparo-me para lidar com a próxima tarefa importante da agenda de hoje.

Demitir o homem da piscina.

* * *

Ele é pontual, o irlandês presunçoso. Tenho que dar isso a ele.

Precisamente às cinco horas, Quinn toca a campainha. Lili e eu já estamos esperando, de mãos dadas no vestíbulo em um silêncio tenso. Ao nosso lado está Gianni, vibrando de felicidade, praticamente abanando a porra do rabo.

Bettina abre a porta e deixa o irlandês entrar.

Seu ego ocupa tanto espaço que instantaneamente a casa parece menor.

— Sr. Quinn! — Gianni avança com as mãos estendidas. — Bem-vindo. Muito bom vê-lo novamente tão cedo.

Quinn dá a ele um aceno superficial. Eles apertam as mãos. Quinn olha para Lili e envia a ela o mesmo aceno desinteressado que ele deu ao meu irmão.

Ele não olha para mim ou me reconhece.

Parece deliberado.

Seja qual for a razão para isso, seu desprezo afrouxa o torno ao redor dos meus pulmões, permitindo-me respirar mais facilmente.

Talvez eu estivesse sendo paranoica quando pensei que ele estava dando em cima de mim na cozinha. É tão raro que um homem fora da minha família se atreva a olhar para mim, quanto mais flertar comigo, não consigo me lembrar como é.

Gianni diz: — Vamos para o meu escritório e tomar uma bebida, certo?

— Não. Estou aqui para ver Lili.

Posso dizer que Gianni está ofendido com a dispensa rude, mas ele mantém o sorriso agradável no rosto. — É claro. Você gostaria de visitá-la no salão ou...

— Nós vamos dar um passeio — Quinn interrompe friamente.

Lili olha para mim em pânico.

Eu franzo a testa. *Ele quer levá-la para um passeio? No carro dele?*

Quando percebo sua motivação, o calor passa por mim. Ele sobe pelo meu pescoço e se instala nas minhas bochechas, onde queima.

Ele não quer levá-la para um passeio, ele quer *levá-la para um passeio*.

Este *testa di cazzo*²⁵ acha que vai provar a mercadoria antes de comprá-la!

Mantendo meu tom tranquilo embora eu gostaria de arrancar seus intestinos pelas narinas, eu digo: — Isso vai ser lindo. Eu adoro passeios à tarde no verão. Tão refrescante. — Quando Quinn me envia uma carranca escaldante, eu sorrio. — Claro que tenho certeza de que você se lembra que eu sou a acompanhante de Lili.

Se olhares pudessem matar, eu já estaria morta. O olhar de Quinn é mil flechas disparadas de arcos inimigos.

Meu sorriso cresce mais.

O irlandês me encara como se fosse dar sua bola esquerda para me tornar invisível. — Sim, eu me lembro. Vamos seguir, então.

Ele gira nos calcanhares, abre a porta da frente e desaparece por ela. Ouço seus passos ecoarem com raiva nos ladrilhos do pátio e me pergunto se talvez ele tenha transtorno bipolar.

Isso explicaria muito.

Gianni se vira para mim e murmura: — Criado em uma porra de um celeiro.

— Um celeiro é muito civilizado. Aquele irlandês foi criado em um matadouro.

Lili sussurra nervosamente: — O que vamos fazer?

— Siga-o! — sibila Gianni.

Dou um aperto reconfortante na mão de Lili, depois a conduzo para fora da porta. Nós caminhamos para a garagem, onde Quinn está parado ao lado de seu grande Escalade preto.

A porta do motorista está aberta. Seu ajudante, Kieran, não está

à vista.

Lili e eu caminhamos até a porta traseira do SUV e ficamos ali, esperando.

Quinn percebe que estamos esperando que ele abra a porta para nós e murmura: — Foda-se.

Ele espreita pela frente do veículo, abre a porta traseira do passageiro e rosna para mim: — *Entre*.

Então abre a porta do passageiro da frente e olha para Lili. — Desculpe, moça. Tenho muita coisa em mente hoje. Suba.

Ele a ajuda a se acomodar no banco do passageiro, certifica-se de que ela afivela o cinto de segurança e depois fecha a porta. Sem outro olhar em minha direção, ele pula de volta para o banco do motorista e liga o motor.

Claramente, estou por conta própria subindo na caminhonete.

Lamentando não ter pensado em trazer minha bolsa – aquela com o compartimento secreto para o minha 38 – subo cautelosamente no estribo do Escalade e alcanço a alça no teto dentro da porta. Estou de salto alto e vestido, então subir no banco é uma produção.

Porque o homem não poderia dirigir um veículo adulto como um sedã é um mistério.

Mal fechei a porta antes que ele saísse. Salpicos de cascalho sob as rodas. Lili grita de surpresa e agarra a maçaneta da porta. Eu caio de lado no banco, xingando.

— Sr. Quinn! Você pode, por favor, desacelerar?

No espelho retrovisor, ele me envia um olhar de raiva assassina que combina exatamente com o meu. Mas ele tira o pé do acelerador, permitindo que o carro diminua a uma velocidade razoável.

Com quatro dos guardas armados de Gianni seguindo em um carro atrás de nós, passamos pelo portão da guarda em silêncio.

Nós dirigimos pela área arborizada ao redor da casa em silêncio.

Quilômetros de estradas rurais passam no mesmo silêncio rígido e desconfortável.

Não é até que passamos pelo lago e entramos na estrada que eu

o quebro.

— Sr. Quin?

Olhando diretamente para o para-brisa, ele resmunga para mim.

— Aonde estamos indo?

Ele balança a cabeça como se eu o estivesse irritando. Espero que eu esteja.

E qual diabos é o problema dele hoje?

Olho atrás de nós para ter certeza de que os guardas de Gianni ainda estão à vista. Não tenho ideia do que esse maldito irlandês está fazendo, mas quando vejo a Mercedes preta nos seguindo, eu me sinto melhor sabendo que não estamos sozinhas com ele.

Nós aceleramos pela estrada enquanto Lili se agarra à maçaneta da porta.

Estou com tanta raiva que ele a assustou, quero tirar um dos meus saltos e apunhalá-lo na orelha com ele.

Depois de mais alguns quilômetros, ele pega uma saída da estrada e vira à esquerda. Ele dirige o carro em direção ao parque de diversão ao longe.

Espere... quando ele disse passeio, ele realmente quis dizer um passeio no carrossel?

Ele acha que ela tem seis anos?

Estacionamos em um terreno de terra. Quinn sai do carro e ajuda Lili a sair do banco do passageiro. Então ele a leva pela mão. Ele não olha para trás.

Quando os guardas param, eu já pulei e bati a porta atrás de mim.

Luigi, o motorista, abaixa o vidro. Ele faz um gesto questionador com a mão.

— Quem porra sabe? — falo, agravada. — Talvez o idiota queira um algodão doce.

Corro para seguir Lili e Quinn que se afastam enquanto se dirigem para a bilheteria. Eu os alcanço assim que eles estão passando

pelo portão principal.

— Senhora! Senhora, você precisa de um bilhete!

Ignorando o jovem cheio de espinhas me chamando da cabine, eu sigo atrás de Quinn e Lili enquanto ele a conduz pela pequena multidão. Ela olha por cima do ombro em pânico, procurando por mim. Quando me vê marchando atrás dela com o rosto do meu carrasco, parece aliviada.

Quase quebro um tornozelo tentando acompanhá-los. Ele tem pernas longas e está fazendo bom uso delas, caminhando pela multidão com determinação enquanto arrasta Lili junto. Estou começando a pensar que ele vai nos fazer marchar em círculos até que uma de nós caia de exaustão quando, de repente, vira à esquerda, em direção ao carrossel.

Mas que porra...?

Há cerca de vinte pessoas na fila. Quinn passa por todos eles, empurra um bilhete para a garota no portão, e caminha direto para o carrossel girando lentamente.

Ele pega Lili pela cintura e a coloca na plataforma.

Ela se afasta dele, parecendo totalmente confusa.

Eu suspiro e avanço, empurrando as pessoas até chegar ao portão. A bilheteira está prestes a pedir o meu bilhete, mas dá uma olhada no meu rosto e se encolhe.

Quinn se vira assim que eu o alcanço.

Eu grito: — O que diabos você pensa que está fazendo?

Ele me agarra pela cintura com um braço e me puxa rudemente contra seu corpo.

Seu corpo grande, duro e inflexivelmente masculino.

Por um longo segundo e sem fôlego, ele olha para o meu rosto. Suas sobrancelhas estão franzidas. Seus olhos são escuros. Seus lábios carnudos estão pressionados em uma linha estreita e raivosa. Quando seu olhar cai para minha boca, um músculo em sua mandíbula aperta.

Então ele encontra meus olhos novamente e rosna: — Qualquer merda que eu queira, víbora.

Ele salta para a plataforma móvel, levando-me com ele.

Um grito fica preso na minha garganta.

Ele pega uma barra na beirada da plataforma, me gira e me coloca de pé, então me solta abruptamente. Desequilibrada em meus saltos na plataforma de metal irregular e móvel, eu cambaleio, lutando para o cavalo de carrossel colorido estúpido mais próximo movendo-se preguiçosamente para cima e para baixo em sua vara.

Eu jogo meus braços em volta de seu pescoço e me agarro.

Quinn olha para mim.

Eu olho de volta.

Então ele sai andando pelo campo de pôneis de carrossel ondulantes enquanto eu grito palavras em italiano que a música de calíope estridente não faz nada para abafar.

Eu tiro meus saltos e o sigo.

É uma tarefa hercúlea. Ele parece não ter nenhum problema em navegar em meio a tantas pessoas montando animais de fibra de vidro em movimento em um disco giratório, enquanto estou escorregando e deslizando por todo o lugar, esbarrando em todos e começando a me sentir enjoada.

Quando finalmente o alcanço, ele está levantando Lili em um pônei roxo e dourado, segurando-a com cuidado, mas controlando seu peso com facilidade, como se ela fosse uma boneca.

Ela se senta montada no pônei, agarra a vara de ouro que sai do pescoço e olha para Quinn com os olhos arregalados.

Estou prestes a dar um soco em seu rim quando ela sorri.

Graças a Deus. Ela não tem medo.

Eu estou a um pônei de distância, observando-os com alívio, até que ele vira seu olhar para mim e fica mais aguçado.

Quando ele se aproxima de mim, sei exatamente o que ele tem em mente.

— Não se atreva — eu aviso quando ele se aproxima. — Estou falando sério, Quinn! Eu *não vou* subir nessa coisa!

Mas é claro que vou.

Porque ele quer que eu suba.

Ele me pega pela cintura e me levanta no cavalo, então eu estou sentada na sela de lado, agarrada a seus ombros largos, minhas pernas e pés nus balançando impotentes enquanto eu olho para ele.

Ele olha para mim, suas mãos ainda agarradas firmemente ao redor da minha cintura.

O cavalo desce em sua vara. As mãos de Quinn vão da minha cintura até minhas costelas.

Mais um centímetro e aquelas mãos enormes estarão em volta dos meus seios.

Eu chupo uma respiração. Meus mamilos apertam. Meu corpo inteiro explode em chamas. Nossos olhos se encontram e, de repente, o carrossel, a música e tudo ao nosso redor desaparecem. É como se ninguém mais no mundo existisse além de nós dois.

Nós dois e minha vagina dolorida, que só agora ressuscitou dos mortos para começar a uivar de necessidade.

Por *ele*.

Esse irlandês horrível e arrogante.

Que está noivo da minha amada sobrinha.

Que está loucamente apaixonada pelo garoto da piscina.

Eu entendo com clareza assustadora naquele momento que nada disso vai acabar bem.

SPIDER

A víbora me encara com seus lábios vermelhos entreabertos e seus olhos de sereia arregalados, seu cabelo escuro caindo ao redor de seu rosto e seus seios exuberantes lutando para se libertar do profundo decote em V de seu vestido enquanto ela se agarra aos meus ombros.

A bainha de seu vestido subiu, expondo suas coxas nuas.

Coxas que eu quero beijar, morder e enterrar meu rosto entre elas.

Bem aqui neste maldito carrossel. Agora mesmo, eu quero fazer essa mulher feroz e perigosa gozar com a minha boca. Eu quero ouvi-la gemer meu nome e senti-la puxar meu cabelo enquanto eu a fodo com os dedos e lambo seu clitóris até que ela esteja gritando.

Então eu quero fodê-la, profundo e forte.

Calor corre para o meu pau. Ele pulsa, endurecendo. Eu quase gemo com a necessidade.

Eu sabia que não deveria ter voltado para Nova York.

Deveria ter ficado em Boston até o casamento, então mudar Lili para minha casa e evitar sua tia letal e deliciosa pelo resto da minha maldita vida.

Mas é como se meu pau se tornasse uma daquelas varinhas mágicas, sempre apontando direto para o tesouro escondido dela. Obcecado por ela.

Depois de nosso primeiro encontro, saí com uma ereção que continuava voltando, apesar das repetidas tentativas de saciá-la com liberação. Eu acordei no meio da noite todas as noites na semana seguinte com um pau tão duro e dolorido que eu não conseguia voltar a dormir a menos que eu me obrigasse a gozar.

Pensando na víbora, é claro. Imaginando em detalhes carnavais cada coisa imunda que eu gostaria de fazer com ela.

A lista não tem fim.

Aqueles lábios carnudos e vermelhos nos quais eu forçaria meu pau inchado a passar.

Aquele cabelo longo e escuro que eu enrolaria no meu pulso duas vezes e usaria para puxar sua cabeça para trás.

Aqueles seios macios que eu lamperia e acariciaria, chupando seus mamilos até que estivessem rosados e rígidos na minha boca.

E aquela boceta doce e quente que eu foderia em todas as malditas posições, uma e outra vez.

Quero isso.

Eu quero tudo isso.

Exceto que eu me convenci de que não terei. Eu me convenci que a luxúria ardente que eu sentia era tudo na minha imaginação. Especialmente depois do aviso de Declan. Como poderia ter sido tão óbvio?

Não podia.

Então, determinado a provar a mim mesmo que estava totalmente no controle, eu me joguei no tanque de tubarões mais uma vez.

Entrei em sua cozinha, dei uma olhada para ela de pé no fogão olhando para mim, e fiquei duro tão rápido que fiquei envergonhado por mim mesmo.

Voltei hoje mais determinado do que nunca a manter a calma, mas ela me destruiu com um único olhar. Ela estava na entrada me queimando em cinzas com os olhos, e eu tive que me conter para não a agarrar e jogá-la sobre a cadeira mais próxima para que eu pudesse fodê-la por trás na frente de todos.

Na frente da moça que vai ser minha maldita esposa!

Não sou estranho à química sexual. Já senti desejo antes, muitas vezes. Mas isso é algo diferente.

Este é o golpe do fósforo que acendeu o violento incêndio na floresta.

Isso é escuro, intenso e perigoso.

Isso é *necessidade*, não desejo... e eu não gosto nada disso.

Na verdade, eu odeio isso.

Talvez tanto quanto Reyna me odeia.

E é melhor eu encontrar uma maneira de lidar com isso, porque há muito em jogo para estragar.

Não posso desistir do casamento com Lili. Não que eu queira, a moça é tão doce quanto poderia ser. Ela será uma esposa maravilhosa. Uma esposa pela qual eu nunca ficaria obcecado. Ser distraído por ela. Ser consumido porque é a última merda que eu quero.

Eu não quero *sentir* nada – esse é o ponto! Queria um casamento arranjado para nunca mais sentir nada por uma mulher.

A última mulher por quem senti algo foi sequestrada por minha causa.

Ela foi baleada por minha causa.

Ela acabou na Rússia, engravidada por seu maldito sequestrador assassino da Bratva, tudo porque eu falhei em mantê-la segura.

Com a minha sorte amaldiçoada com as mulheres, eu sei que não devo deixar os sentimentos se envolverem em meus relacionamentos novamente.

No entanto, aqui estou eu com meu idiota de varinha de condão explodindo a toda velocidade na direção de uma mulher que eles chamam de Viúva Negra.

Uma mulher que é como uma mãe para minha futura noiva.

Uma mulher que me odeia com uma paixão ardente.

Uma mulher que nunca poderá ser minha.

Eu arranco minhas mãos de seu corpo e afasto-me, perguntando-me o que diabos eu fiz para que Deus me odeie tanto.

REY

Quinn se afasta de mim, deixando-me ofegante.

Ofegante e abalada até o meu núcleo.

Posso contar nos dedos da minha mão esquerda as vezes que experimentei a verdadeira atração em minha vida. Nenhuma delas era nada parecido com isso.

Meus mamilos estão duros, minhas mãos estão tremendo e meu maldito clitóris está formigando.

Formigando.

Para combinar com todos os fogos de artifício acontecendo dentro do meu útero. Nunca imaginei que um dia realmente sentiria meus ovários pulsando como se estivessem ligados a eletrodos, mas aqui estamos.

Tenho que sair do carrossel antes que eu jogue uma perna sobre esse pônei e comece a me esfregar contra o coitado.

Deslizo do cavalo, aterrissando desajeitadamente na plataforma de metal com um baque. Preciso tomar um momento para permitir que meus joelhos trêmulos se acalmem. Então eu respiro fundo, coloco meus ombros para trás, e trêmula refaço meus passos para onde eu descartei meus saltos.

Eu os agarro e pulo do carrossel.

Descalça, vou até o portão de entrada para esperar que ele pare.

Fico ali com a boca seca, o coração acelerado e uma completa confusão, que é apenas um pouco menos grave do que minha culpa.

Eu queria que o terrível noivo de Lili me beijasse.

Gemo, cobrindo meus olhos com a mão, brilhando de vergonha que o que eu realmente queria era muito mais do que isso.

Eu queria sua boca em cada centímetro da minha pele.

E eu sei em meus ossos que ele saberia exatamente o que fazer com aquela sua boca também. Saberia exatamente como me fazer gemer e implorar, como me fazer delirar de prazer.

Ele deixaria suas mãos grandes e ásperas vagarem por todo o meu corpo enquanto se deliciaria com minha boceta com sua língua, então ele me viraria de barriga para baixo e puxaria meu cabelo e rosnaria coisas imundas no meu ouvido enquanto ele me fodia.

Fodia-me forte e profundo, porque aquele irlandês não é nada senão poderoso.

Se eu já não estivesse indo para o inferno por todos os meus outros pecados, eu definitivamente iria por este.

O carrossel acaba desacelerando e depois para. Lili e Quinn saem junto com todos os outros. Eles se dirigem a mim enquanto eu tento olhar para qualquer lugar, menos para o rosto de Quinn.

Ele passa com Lili sem olhar para mim.

Graças a Deus. Prefiro seus silêncios e carrancas ao outro lado de sua personalidade. O arrogante, o sorridente, o paquerador.

Aquele que constantemente me faz corar de raiva.

Exceto agora que minha vagina triste e solitária começou a uivar como um lobo quando ele me tocou no carrossel, eu tenho uma terrível suspeita de que não foi a raiva que me fez corar antes.

Acho que talvez minha raiva esteja encobrindo outra coisa.

Algo inimaginável. Indesculpável.

Insano.

— *Zia!*

Eu me viro ao som da chamada de Lili. Ela está sendo arrastada pela mão por Quinn, olhando por cima do ombro e acenando freneticamente para mim.

Colocando meus saltos de volta em meus pés, eu me afasto do portão e os sigo. Quinn está se movendo tão rápido que é impossível alcançá-los, mas eu os mantenho à vista enquanto caminham em linha reta através da multidão, forçando as pessoas a sair do seu caminho ou

arriscando bater neles.

Estamos voltando para o estacionamento. Os guardas de Gianni me seguem, dois atrás e dois à frente, espalhados a uma curta distância. Em seus ternos escuros e óculos de sol espelhados, eles se destacam da multidão casual de verão, mas não tanto quanto Quinn. Com sua altura e sua boa aparência de deus dourado, ele está ganhando olhares lascivos da esquerda e da direita.

E não só das mulheres.

Quando chegamos ao Escalade, estou suando e sem fôlego.

Quinn abre a porta do passageiro da frente para Lili e a ajuda a entrar. Ele fecha a porta dela e alcança o puxador da porta traseira do passageiro, exatamente quando eu alcanço.

Nossas mãos se tocam.

Um estalo de eletricidade crepita quente sobre meus dedos.

Ofegante, afasto minha mão da dele.

Ele me encara com olhos duros, um queixo rígido e uma expressão de pura fúria.

Em vez de me enfurecer ou me assustar, esse olhar incendeia todos os nervos que habitam o meu corpo.

Minhas entranhas ficam líquidas. Meus mamilos endurecem como se ele os beliscasse. Meu coração começa a palpitar e eu fico suando frio. Estou tão excitada que estou ofegante.

Claramente, nunca mais poderei chegar perto de um carrossel.

Ele abre a porta. Com os dentes cerrados, ordena: — Entre.

É preciso muito esforço para manter minha voz firme quando falo: — Eu não sei por que você está agindo tão estranho hoje, mas eu já disse que não recebo ordens.

Inclinando-se para perto de mim, sua mandíbula ainda apertada, ele olha nos meus olhos.

— Coloque sua bunda neste carro. Sem perguntas. Sem atrevimento. Você não fala novamente a menos que eu lhe dê permissão. O que eu não dei. Entendido?

Sua voz é baixa e rouca. O calor de seu corpo me queima. Posso sentir o cheiro dele, o cheiro quente e masculino de sua pele, e contar cada partícula de ouro em seus lindos olhos castanhos.

Minha boca fica seca. Não consigo responder, então simplesmente subo no carro e me sento.

Ele olha para mim por um segundo, então seu olhar cai para minha boca. Ele exala, as narinas dilatadas.

Então se retira e bate a porta com tanta força que o carro inteiro é sacudido por ela.

— *Zia?* — sussurra Lili do banco da frente, apavorada.

Eu não sei o que está errado, mas se ele fizer algo perigoso, eu vou lidar com isso.

Quinn entra no carro, bate a porta e liga o motor. Ele fica sentado em um silêncio escaldante, respirando com dificuldade e olhando direto para o para-brisa. Ele fecha os olhos por um momento.

Quando os abre novamente, ele parece mais no controle de si mesmo. Sai do estacionamento do parque e volta para a estrada a uma velocidade razoável. Mas suas mãos estão agarradas com tanta força ao redor do volante que os nós dos dedos estão brancos.

Quando voltamos para casa, estou exausta de toda a tensão no carro.

Quinn para na garagem, desliga o motor e salta para fora. Ignorando-me, ele ajuda Lili, segurando sua mão. Então a leva para o pátio sem olhar para trás.

Eu me agacho no banco, cubro o rosto com as mãos e expiro.

Ainda estou na mesma posição quando Quinn volta dez minutos depois.

Ele abre a porta e fica lá em silêncio até que eu deixo cair minhas mãos e olho para ele.

— O quê?

— O que você está fazendo?

— Talvez eu esteja meditando.

— Você está?

— Não. Vá embora.

Ele muda seu peso de pé para pé. Ainda parece agitado, mas não tão furioso quanto antes. — Eu tenho algo a dizer.

Isso deve ser interessante. Eu levanto minhas sobrancelhas, esperando.

Ele limpa a garganta e olha para a cerca viva ao redor da entrada. Ele dá um puxão no nó da gravata, depois passa a mão com força pelo cabelo. Um músculo se flexiona em sua mandíbula. — Eu te devo desculpas.

— Você está falando com aquele arbusto ou comigo?

Seu olhar corta de volta para encontrar o meu. — Estou falando com você, espertinha.

— E eu tenho permissão para falar com você agora? Porque me lembro claramente de algo sobre obter permissão. Não gostaria de ter problemas nem nada.

Suas pálpebras deslizam para baixo. Seus olhos ficam quentes. Ele diz rispidamente: — Sim, víbora, você tem minha permissão.

Isso soou tão sexual, eu tenho que engolir antes de falar novamente.

— Pelo que exatamente você está se desculando?

— A mesma coisa pela qual acabei de pedir desculpas a Lili. Perdi a calma.

Digo rispidamente: — Sim, lembro-me de lhe perguntar sobre isso no dia em que nos conhecemos. Você se lembra do que me disse?

— Que eu não era seu marido morto.

Nós nos encaramos. Eu poderia cair naqueles lindos olhos castanhos e me afogar.

Isso é um maldito desastre.

Minha voz baixa, eu digo: — Ninguém poderia ser tão ruim quanto ele. E eu posso lidar com suas pequenas birras, mas não vou permitir que você assuste Lili.

— Não foi uma birra — ele retruca, insultado.

Ignorando isso, eu emendo: — E se você *continuar* a assustá-la agindo de forma rude, inconsistente e agressiva, haverá consequências para você.

Ele ri abruptamente. — Você está me ameaçando, víbora?

— Sim.

Sua risada morre. Ele bufa incrédulo. Então passa a mão pela barba, estudando-me atentamente.

A maneira como ele está me olhando faz todo o meu assoalho pélvico apertar como se eu estivesse fazendo Kegels²⁶.

Eu deveria ligar para o meu ginecologista logo pela manhã e marcar uma histerectomia. Meus órgãos reprodutivos enlouqueceram.

— Agora é minha vez de me desculpar com você.

Ele ergue uma sobrancelha. — Mudou de ideia sobre essa ameaça tão cedo, não é?

— Não. A ameaça permanece. O que eu preciso pedir desculpas é não lhe dar uma chance. Eu fui uma vadia com você desde o minuto em que entrou pela porta. — Faço uma pausa, um sorriso pairando nos cantos dos meus lábios. — Eu deveria ter esperado até saber que *culo*²⁷ você é primeiro.

— *Culo* significa guerreiro bonito, certo?

Meu sorriso cresce mais. — Certíssimo.

Ele sorri. Nós nos encaramos até nossos sorrisos desaparecerem lentamente e ficarmos sombrios.

Ele diz rispidamente: — Você tem minha palavra que não vou perder a paciência perto de Lili novamente. Você é outra história, mas... vou tentar.

Desvio o olhar, incapaz de olhar para o rosto dele por mais um segundo. — Obrigada. Posso perguntar por que você fez isso?

Sua pausa é curta, mas carregada. — Não. Agora entre. Seu irmão me prometeu que você vai me fazer o jantar.

— Meu irmão tem o QI de um girino.

— Você vai, víbora — diz ele suavemente. — Vai me alimentar.

Eu olho para ele e o encontro olhando para mim com uma intensidade ardente.

Meu coração salta, mas mantenho minha voz leve. — E por que eu faria isso, Sr. Quinn?

— Porque é hora do jantar. Porque você é uma boa anfitriã. — Sua pausa é quase breve demais para notar, mas a queda em sua voz não é. — E porque eu estou ordenando a você.

Meu batimento cardíaco vai de pular como o de uma colegial boba para bater com raiva. Digo friamente: — Você parece estar com a impressão equivocada de que, quando me diz para pular, devo perguntar a que altura.

Ele sorri. — Você vai.

— Veja. O homem que pensa que é o Personagem Principal da Terra está de volta.

— Assim como a mulher que poderia congelar minhas bolas com um olhar.

— Coisas minúsculas congelam tão facilmente, não é? E obrigada por me desiludir da noção tola de que às vezes você pode agir como humano. Agora saia do meu espaço. Você está sugando o oxigênio com toda essa respiração pela boca que você faz.

Eu agarro a maçaneta da porta e tento fechá-la, mas ele a bloqueia, aproximando-me.

— Eu não terminei com você ainda — ele estala.

— Então me empreste sua arma. Só vou precisar de uma bala.

— Você quer atirar em mim agora?

— A bala é para mim.

Quando ele rosna, não posso deixar de enviar a ele o tipo de sorriso presunçoso e de merda que ele sempre me envia. — Cuidado. Você já está perigosamente perto de quebrar sua promessa sobre seu temperamento.

— Isso é porque você pode transformar o Papai Noel no Grinch, mulher.

— O que eu te disse sobre usar a palavra ‘mulher’ como pejorativo?

— Algo que eu não podia ouvir sobre o quão alto sua cara de cadela estava gritando.

Meu sorriso morre. Respirando com dificuldade, olhamos um para o outro em um silêncio escaldante.

Depois de uma pausa que parece interminável, ele diz com firmeza: — Você não precisa gostar de mim, Reyna. Mas você tem que me mostrar respeito.

— De volta para você, Quinn. E permita-me deixar isso perfeitamente claro para você, caso já não esteja: *não* gosto de você. E especialmente não confio em você.

— E por que isto?

Respondo sem pensar, dizendo a primeira coisa que me vem à mente.

É algo que eu acredito absolutamente.

— Porque um homem que se casaria com uma mulher por qualquer motivo que não fosse amor tem a alma de um monstro.

Ele aperta a mandíbula. Fica me olhando, visivelmente contido para não falar, até que finalmente diz entre dentes cerrados: — Você já considerou que não é a única pessoa neste maldito planeta que já foi magoada antes?

— Claro que eu sei disso.

— *Aye?* Porque você tem uma vara enfiada tão fundo na sua bunda sobre o quão ruim é o casamento que está te cegando.

Exasperada, eu digo: — Cegando-me para *o quê?*

Depois de uma pausa longa e intensa, ele rosna: — Esqueça. Seria um desperdício da porra da minha respiração.

— Não. Nem pensar, Quinn. Não vou deixá-lo escapar tão facilmente. Se você acha que eu tenho uma vara enfiada na minha bunda sobre o casamento, você está certo. Sabe por quê? Porque um homem ganha tudo quando leva uma esposa. Uma empregada, uma cozinheira, uma governanta, uma administradora social e um brinquedo que ele pode foder sempre que lhe for conveniente. Mas,

para uma mulher, um casamento é onde sua vida termina.

— Se você realmente acredita nisso, anda saindo com os homens errados.

Eu zombo. — Fui criada na Cosa Nostra. Todas as mulheres estão na mesma situação que eu estava. Que Lili está. Somos leiloadas como bens a homens que não sabem como amar.

— Ou que simplesmente não suportam serem quebrados novamente.

Ele deixa isso pairar no ar entre nós, crepitando como um fio vivo.

Eu o encaro, sem palavras. Simplesmente não consigo encontrar palavras.

Não só por causa da vulnerabilidade crua disso – algo que eu nunca teria acreditado que fosse possível nele – também porque sei no fundo do meu coração que o que ele disse é a verdade.

Sua verdade.

Ele não é como Enzo, ou qualquer outro Made Men que eu conheço que aceita jovens noivas em troca de poder, dinheiro ou ganho familiar sem pensar duas vezes nos sentimentos das garotas sobre isso.

Para Quinn, o casamento não é parte de um joguinho maior. Não se trata de colocar seu peão em um tabuleiro de xadrez como é para meu irmão, ou de ter alguém mais fraco para governar com um punho de ferro, como meu marido fez.

É sobre fuga.

Ele quer fugir *para* o casamento com o mesmo desejo que eu queria fugir *dele*.

Para mim, os votos matrimoniais foram o começo de uma longa e horrível derrocada para a escuridão.

Para Quinn, eles são o fim de tudo.

Ele foi tão magoado, que acha que não poderá sobreviver a isso novamente.

Tudo o que eu achava que sabia sobre ele estava errado.

Estou prestes a fazer outro pedido de desculpas quando ele retruca: — Faça um favor a nós dois e arranje outra pessoa para ser a acompanhante de Lili de agora em diante. Você é uma pílula muito amarga para eu engolir.

Ele se vira e vai embora, balançando a cabeça.

— Espere. Quinn, espere!

Eu salto para fora do SUV e corro atrás dele. Ele me ignora, caminhando rapidamente pelo pátio em direção à porta da frente. Ele a abre, invadindo o interior. Eu o alcanço no saguão e agarro seu braço.

— Pelo amor de Deus, seu irlandês teimoso, espere! Eu quero te contar uma coisa!

Ele se vira, me pega pelos ombros e me puxa contra seu peito. Olhando nos meus olhos com intensidade ardente, ele rosna: — Ouça-me, víbora. Vou me casar com Lili, goste você ou não. Eu serei bom para ela, quer você acredite ou não. E vou te agradecer por guardar suas malditas opiniões para você de agora em diante.

Ele faz uma pausa, as narinas dilatadas e a mandíbula apertada. Ele me olha com tanta intensidade que é como se ele estivesse tentando memorizar meu rosto.

— Na verdade, esta é a última vez que eu quero vê-la, para sempre.

Querido Deus, este homem é impossível! — Você está exagerando.

— Errado. Se eu estivesse exagerando, eu faria Gianni te jogar para fora desta casa e te jogar na rua por ser tão desrespeitosa comigo.

Minhas bochechas queimam com o calor. — Meu irmão nunca faria isso.

— Não? Você quer apostar?

Estou prestes a dizer que sim, mas reconsidero. Há uma boa possibilidade de Gianni fazer qualquer coisa que Quinn peça. Não importa o quanto ele tenha medo de mim, ele tem muito mais medo da Máfia.

— Foi o que eu pensei.

Eu deixo escapar: — Eu sinto muito. Isso é o que eu queria te

dizer. Eu não deveria...

— Guarde suas desculpas. Eu não acredito em você, de qualquer maneira.

Minhas mãos estão pressionadas contra seu peito. Sob minhas palmas, seu coração bate descontroladamente. Em vez de me dar a sacudida dura que eu sei que ele gostaria de dar, ele me mantém cativa contra seu corpo, olhando para mim com o calor ardente de mil sóis.

E aqui estou eu mais uma vez, derretendo sob sua pura beleza masculina e desejando com todo meu coração que esse idiota machista e arrogante me beije.

Mas ele acabou de me dar uma saída dessa loucura. Uma saída que não posso deixar passar, a menos que queira me tornar infeliz e trair minha sobrinha nesse meio tempo.

Desejar o marido de outra mulher é imperdoável.

Principalmente se a mulher for parente de sangue.

Olhando nos olhos dele, eu digo: — Se você realmente não quer me ver de novo, eu vou respeitar isso. Mas pelo menos deixe-me ir ao casamento. Lili vai precisar de mim lá. Depois disso, eu vou embora.

Inalando lentamente, ele me encara em silêncio.

— Por favor, Quinn. Ela é a única coisa no mundo que significa algo para mim. Sei que você não se importa com o que eu quero, mas acredito que você se importa com o que ela quer. E se ela descobrir que você me banuiu do casamento, ficará arrasada. E nunca te perdoará.

— A única maneira de ela descobrir é se você contar a ela.

Eu retruco: — Ela sabe muito bem que a única razão pela qual eu não estaria com ela no dia do seu casamento é se eu estivesse em coma!

— Isso pode ser arranjado.

Eu sei que não é uma ameaça, porque os cantos de sua boca se curvam.

Ele está me provocando.

Aliviada, reviro os olhos. — Então, estamos de acordo?

Seu olhar cai para minha boca. Suas mãos apertam meus ombros. Meu batimento cardíaco dá um salto.

Então, com uma voz cansada que soa como se ele tivesse mil anos, ele diz: — Sim, víbora. Estamos de acordo. O casamento será a última vez que nós nos veremos.

— Ok. Oh, espere.

— O quê? — ele rosna, agravado.

— O que devo dizer a ela sobre as outras vezes?

— Que outras?

— Aniversários. Nascimentos. Feriados. — Eu suspiro de horror. — *Natal!* Oh, Deus, Quinn, o que devo dizer a ela sobre por que eu nunca posso visitá-la no Natal?

— Talvez você devesse ter pensado nisso antes de soltar sua língua demoníaca em mim.

— Mas...

— Você vai pensar em alguma coisa! — ele interrompe alto. — Jesus Cristo, você é o suficiente para levar um homem a beber!

Ele me solta, passa as duas mãos pelo cabelo, emite um som que um urso raivoso poderia fazer e segue na direção da cozinha.

No meio do corredor, ele se vira abruptamente e grita: — Não se esqueça do meu maldito jantar, mulher!

Ele se vira e continua pelo corredor, me deixando fervendo.

Ele está me dando ordens de novo? Acabou de me proibir de ver minha própria sobrinha, e agora ele está gritando ordens para mim sobre fazer o seu maldito jantar?

E ele está me chamando de MULHER?

Encarando com os olhos apertados suas costas recuando, murmuro: — Espero que goste de guisado de aranha.

SPIDER

Uma vez na cozinha, vou direto para a geladeira de vinhos, pego uma garrafa de Cabernet e a levo para a grande ilha de mármore. Agarro um saca-rolhas e abro o vinho, respirando profundamente para tentar acalmar meu batimento cardíaco palpitante.

Essa porra de mulher poderia me dar um ataque cardíaco.

E não só por causa daqueles peitos perfeitos.

— Ei. Irlandês.

Estou tão assustado com a voz que deixo cair o saca-rolhas e xingo. — Cristo! Eu não te vi aí.

A mãe de Reyna está sentada à mesa da cozinha, apertando os olhos para mim por trás dos óculos.

É enervante como ela faz isso. É como se a mulher pudesse se materializar do nada, como Drácula.

Expiro com força e acrescento em um tom mais civilizado: — Sinto muito, Sra. Caruso. Eu não estou muito bem hoje.

Ela bufa e diz algo em italiano.

Eu não sei o que é. E também não quero saber. Pego duas taças de vinho do armário e levo-as junto com a garrafa para a mesa.

Sento-me em frente a ela, abro o vinho, sirvo-o para nós dois e levanto o meu. — *Sláinte*.

Ela faz uma cara azeda. — O mesmo para você.

Isso me faz rir. — Significa *saúde*.

— Oh. Bem, por que você não disse isso? — Ela pega seu copo. — Para o quê?

Olhando para ela, a mulher que gerou Reyna, Rainha Diaba Vadia de Toda Existência, eu digo amargamente: — Controle de

natalidade.

— Ei! Eu vou beber a isso.

Nós brindamos e bebemos. Quando coloco minha taça na mesa, ela está sorrindo para mim.

De alguma forma, não é reconfortante.

Ela diz: — Então. *Homer que foi nomeado por causa de um artista morto*. Você mata pessoas para viver, *sí*?

Debato sobre como responder, mas decido ir com a verdade. Ela parece ser alguém que não tolera besteiras.

— Eu não diria que é meu papel principal, mas definitivamente está na mistura.

Ela assente, grunhindo. — Meu marido também matou pessoas. Assim como o de Reyna. É um modo de vida para todos os Made Men.

Ela me olha por cima de sua taça de vinho como se estivesse esperando que eu respondesse.

— Se você está perguntando se eu gosto, a resposta é não. — Paro e penso por um momento. — Na verdade, esqueça isso. Lembro-me de várias vezes que gostei. Mas aqueles homens em particular eram selvagens.

— Todos os homens são selvagens. — Sua resposta é instantânea. — É simplesmente uma questão do quanto.

Digo secamente: — Estou começando a ver onde sua filha consegue seu amor pelo sexo oposto.

— Se você fosse casado com o diabo por quatorze anos, você veria muito melhor.

A maneira como ela diz isso, em uma voz baixa carregada de dor e arrependimento, faz minha pele arrepiar. — Ele era tão ruim assim?

Ela encontra meu olhar e o mantém por vários segundos em silêncio, então suspira e toma um gole profundo de seu vinho.

— Eu não teria sobrevivido a ele. Honestamente, eu nunca conheci ninguém que pudesse. Mas Reyna sim. Gostaria de saber como? — Ela não espera pela minha resposta antes de dizer com firmeza: — Garra.

Quando eu apenas olho para ela em silêncio, ela acrescenta: — Ela pode não ser doce. Tudo isso foi esculpido nela. Mas uma vez que um coração é escavado por facas, ele pode suportar qualquer coisa.

— E Lili? Ela tem garra?

Ela me olha por um longo momento. — Acho que vamos ter que esperar para ver.

Estou prestes a protestar que não sou nada parecido com o marido psicopata morto de Reyna quando o estalo de tiros ressoa em algum lugar atrás da casa.

— Ah, escute — diz a sra. Caruso calmamente, olhando para a janela da cozinha. — Eles estão tocando sua música.

Eu me levanto, chutando a cadeira debaixo de mim e me agachando. Puxando minha arma do coldre dentro do meu paletó, retruco: — Vá para debaixo da mesa!

— Não posso. Tenho um vinho para terminar.

Quando outra rajada de tiros soa, ela toma um gole de vinho e sorri para mim.

Putá merda. A porra da família inteira é maluca.

Vou rapidamente para a parede ao lado das janelas. Inclinando-me, dou uma olhada rápida no quintal. O quintal é cercado por enormes árvores de carvalho e uma alta cerca viva de arborvitae que bloqueia a visão da propriedade do lado de fora.

Ainda há luz do dia suficiente para eu ver o longo trecho de gramado que leva até a piscina, o jardim formal com suas roseiras e fontes, e a casa da piscina ao longe.

E a fila veloz de homens vestidos com trajes de combate pretos vindo na direção à casa principal, contornando entre os troncos das árvores, com rifles táticos a postos.

Também vejo quatro homens deitados de bruços no gramado, espalhados como bonecas descartadas.

Os guardas de Gianni.

— Temos companhia — digo à Sra. Caruso.

Ela ri. — Obrigada, Capitão Óbvio.

Eu me viro e olho para ela. — Você pode ir para debaixo da maldita mesa, por favor?

— Posso levar um tiro lá tão facilmente quanto aqui. E você deveria se preocupar com Lili, não comigo. Ela está em seu quarto, caso você esteja se perguntando. Vire à esquerda no topo da escada, último quarto no final do corredor.

Balançando a cabeça, puxo o revólver do coldre no tornozelo e coloco-o na mesa na frente dela. Depois apago as luzes da cozinha e deixo dona Caruso com o vinho.

Sigo rapidamente pelo corredor do lado de fora, onde encontro Gianni saindo de seu escritório com uma espingarda nas mãos.

— Eu contei seis — digo a ele. — Pode haver mais.

— Onde?

— Lado norte do pátio. Entraram rápido. Quantos guardas armados estão na propriedade?

— Uma dúzia.

— Você caiu para oito. Você tem uma sala segura na casa?

Ele concorda. — No porão.

— Lili está em seu quarto. Pegue-a e leve-a para o porão. Vou lidar com nossos visitantes.

— Já coloquei tudo no modo de bloqueio — ele protesta. — As portas e janelas são à prova de balas e as paredes são reforçadas. Não há como eles entrarem na casa.

— Sempre há um jeito.

Como se estivesse provando meu ponto de vista, uma explosão em algum lugar próximo rasga a casa, fazendo os lustres balançarem e o gesso caindo aos pedaços dos afrescos nas paredes.

— Alguma ideia de quem seus amigos podem ser? — pergunto a Gianni, olhando para a estátua de mármore de Apolo balançando perigosamente no topo de uma coluna próxima.

— Talvez eles sejam *seus* amigos — ele retruca. — Todos nós temos alvos nas costas.

— Justo. Onde está Reyna?

Olhando ao redor, ele murmura: — Provavelmente em algum lugar afiando suas garras e fervendo os crânios de seus inimigos.

Se não estivéssemos na situação atual, eu poderia até rir disso.

— Pegue Lili e vá para o porão. Não abra a porta para ninguém além de mim.

Sem esperar por sua resposta, sigo em direção à explosão, movendo-me rapidamente e ficando longe das janelas. Depois de percorrer vários corredores, encontro aquele com fumaça flutuando no ar e escombros espalhados sobre o travertino.

Eu recuo alguns passos, agacho-me contra a parede e escuto.

Fica em silêncio por vários segundos. Então ouço o barulho de vidro quebrado sob uma bota.

Eu me inclino no corredor e abro fogo.

Uma saraivada de balas passa pelo meu rosto, errando meu nariz por centímetros. Colocando-me de volta em segurança, estou satisfeito ao ouvir o baque pesado de um corpo caindo contra o chão.

Há um gemido baixo, um gorgolejo molhado, então silêncio.

Outra espiada rápida ao virar revela um dos intrusos deitado de costas, olhando com olhos cegos para o teto.

Além dele, o corredor está vazio.

Eles se separaram.

Corro até o cadáver, agacho-me ao lado dele e dou uma olhada rápida em sua jaqueta e calça tática. Ele não tem identidade, telefone ou carteira. As únicas coisas que consigo são cartuchos de munição sobressalentes para o rifle.

Eu tiro suas luvas e empurro as mangas de seu casaco, procurando por tatuagens, mas sua pele está nua. Assim como seu estômago e peito quando eu puxo sua camiseta.

Interessante.

Todos os Made Men têm tatuagens que declaram sua afiliação familiar. Os únicos caras que não usam tatuagens são aqueles que não

querem que ninguém saiba quem eles são.

Em outras palavras, eles são ajudantes contratados.

Mercenários.

Tiros irrompem na frente da casa, do lado de fora, no pátio. Muito provavelmente são os outros guardas de Gianni lutando contra os recém-chegados de preto. Vou me preocupar com eles assim que lidar com quem mais estiver aqui dentro.

Descendo o corredor novamente, chego a um buraco irregular aberto na parede externa. O chão ao redor está cheio de detritos.

É uma abertura de seis por seis. Um tamanho considerável, o que significa um poder de fogo muito considerável. Esta bagunça foi feita por algo com muito mais força do que uma granada de mão, especialmente considerando que as paredes são reforçadas.

O eco de pegadas pesadas chama minha atenção.

Eu me escondo em um nicho na parede e escuto enquanto os passos se afastam mais. Posso dizer que há mais de um homem, mas não mais de três. Segurando minha pistola para baixo e mantendo meus pés o mais leve possível, eu ando mais longe pelo corredor até chegar a uma quebra na parede, além da qual há uma enorme sala de estar com um piano de cauda preto brilhante no canto.

Dois homens com rifles movem-se rapidamente entre os aglomerados de sofás e cadeiras. As miras de suas armas estão encostadas em seus rostos mascarados, os canos apontados para um corpo parado do outro lado da sala.

É Reyna.

Suas mãos pendem frouxamente em seus lados. Sua expressão é impassível. Ela observa os homens se aproximarem com um distanciamento estranho em seus olhos, como se a cena que se desenrola à sua frente estivesse acontecendo com outra pessoa.

Ela está em choque. Porra. Reyna, corra!

Levanto minha arma, miro e atiro.

Cérebros salpicam o papel de parede em uma colcha de retalhos vívida e robusta de vermelho. O intruso ao qual o cérebro pertencia cai pesadamente de joelhos. Ele cai de cara no tapete.

O outro gira nos calcanhares e puxa o cano do rifle na minha direção.

Antes que ele possa disparar, Reyna tira uma faca do bolso do vestido e a enfia no pescoço dele.

Ele grita, cambaleando para o lado e largando o rifle. Enquanto ele luta com a lâmina que se projeta do lado de seu pescoço, tentando desesperadamente desalojá-la, eu coloco uma bala entre seus olhos.

Ele sacode e cai, derrubado para trás em um sofá de veludo. O sangue esguicha irregularmente do ferimento em seu pescoço. Então ele desliza lentamente para o chão e permanece imóvel, sua boca aberta.

Reyna olha para mim com irritação indisfarçável.

— Já estava no controle disso, Quinn.

Esta mulher. Jesus, Deus, você realmente quebrou o molde quando fez esta.

— Você estava prestes a levar um tiro na cabeça! E de nada!

Revirando os olhos como se achasse que estou sendo ridículo, ela se ajoelha ao lado do corpo na frente do sofá. Ela arranca a faca do pescoço dele, limpa a lâmina em sua jaqueta e a guarda de volta no bolso escondido na saia de seu vestido. Ela pega o rifle dele, verifica se há uma bala na câmara e se levanta.

— Você conhece esses caras?

Impressionado por sua calma absoluta, eu digo: — Não. Você?

Ela balança a cabeça. — Onde está Lili?

— Gianni a levou para a sala segura.

— E mamãe?

— Sozinha na cozinha, bebendo vinho no escuro.

Ela acena com a cabeça, como se o que acabei de dizer a ela fosse totalmente normal. Quando mais tiros irrompem do lado de fora, ela diz: — Alguma ideia de quantos são?

— Eu contei seis. Matei um no corredor. Além desses dois, restam três.

— Dois.

— Como você sabe?

— Matei outro no caminho para cá.

— Claro que você fez.

Com um aceno de cabeça, ela joga o cabelo sobre o ombro. — Mostrei meus seios para ele. Ele congelou como um cervo nos faróis.

Engraçado como posso sentir um ciúme insano de um homem morto que nunca conheci.

— Que criativo.

— Os homens são irritantemente previsíveis.

— As tetas são o nosso calcanhar de Aquiles. Agora desça para o porão com seu irmão e Lili. Vou limpar o resto...

— Ah, cale a boca, Quinn — ela interrompe zangada, então se vira e sai da sala.

Tenho que tomar um momento para pressionar a mão sobre meu coração, que está tendo uma convulsão.

Não importa quanto tempo eu viva, nunca vou esquecer a imagem de Reyna Caruso em um vestido preto e salto alto, carregando um rifle de alto calibre pronto enquanto ela sai para caçar intrusos armados, seus quadris carnudos balançando e seu longo escuro cabelo esvoaçando atrás dela como uma bandeira.

Entro em ação novamente quando ouço o pulso staccato dos tiros disparados.

Contornando as cadeiras de veludo e os divãs acolchoados, saio da sala. Examino mais cinco salas no andar térreo, cada uma maior que a anterior e aparentemente usadas para nada mais do que exibição de móveis horríveis e arte assustadora com tema religioso.

Todas estão vazias.

Perto da escada no saguão, um homem vestido com roupas de combate pretas está deitado de bruços em uma poça de sangue. Sua arma está desaparecida. A porta da frente está aberta. Eu vejo três dos guardas de Gianni correndo do lado de fora, em busca de alguém correndo a pé.

Vários segundos depois, há mais tiros, então alguns gritos em italiano que soam comemorativos.

Se apenas seis homens entraram na propriedade, ainda falta mais um.

Reyna não está à vista, então subo as escadas correndo e vou de quarto em quarto, verificando-os um por um para garantir que estejam vazios. Quando confirmo que estão, desço as escadas correndo e sigo para as salas restantes no térreo. Estão todas vazias também.

Então ouço uma voz raivosa vindo de um salão próximo, o último ainda inexplorado. É uma voz que eu reconheceria em qualquer lugar.

— Vá em frente, filho da puta. Você me fará um favor. Mas eu verei você de novo no inferno, e então vou cortar suas bolas e sufocá-lo com elas.

Reyna.

Meu batimento cardíaco acelera. Movendo-me rápido, mas silenciosamente, eu caminho até o salão, arma na mão, e devagar do lado de fora da porta.

Quando olho para dentro, meu coração palpita até parar.

Reyna está na frente de uma lareira apagada, os olhos brilhando com fúria, o queixo erguido em desafio. Um homem está em frente a ela, a cerca de um metro e oitenta de distância.

Ele está apontando uma arma semiautomática para seu peito.

Um rifle está no chão ao lado dele.

Acho que é o que ela estava carregando. Ele deve tê-la surpreendido de alguma forma.

Eu digo em voz alta: — Ei. *Dickface*.

Ele sacode a cabeça para a direita.

Aperto o gatilho e coloco uma bala em sua têmpora. Ele cai como uma boneca de pano em uma pilha no chão.

Então algo me atinge no ombro por trás.

— O quê...?

Eu me viro para encontrar outro cara mascarado de preto agachado em um joelho no corredor, braços estendidos, segurando uma Glock semiautomática em suas mãos. Antes que eu possa levantar minha arma, um tiro soa.

Névoas de sangue de sua máscara em um spray. Ele tomba para o lado, a arma batendo contra o mármore, depois fica parado.

Sem fôlego, Reyna corre para o meu lado. — É uma pena que você não saiba contar, Quinn. Havia sete deles, não seis.

Atordoadado demais para discutir, eu a encaro segurando o rifle em suas mãos. — Você acabou de atirar em um homem para me proteger?

Ela olha para mim, pisca, então estremece. — Merda. Deve ter sido um reflexo.

— Ou talvez você estivesse sentindo gratidão pelas duas vezes que salvei sua vida nos últimos dez minutos.

Ela zomba. — Por favor. Eu não precisava de sua ajuda. — Então ela engasga e seus olhos se arregalam.

— Não me diga. Você acabou de lembrar que ainda não me fez o jantar.

— Não, Quinn... — Ela estende a mão e toca levemente meu ombro. — Acho que você foi baleado.

Olho para onde ela está tocando. Um fio de fumaça sobe de um pequeno buraco no tecido da minha jaqueta. O cheiro acre de seda queimada paira no ar.

Observando um círculo de umidade crescer ao redor do buraco, suspiro.

Porra. Este é o meu terno favorito.

REY

— Deixe-me dar uma olhada — digo a Quinn, pegando sua lapela.

Ele me dispensa com impaciência. — Está bem.

— Não está *bem*, idiota. Tem um buraco em você. Está sangrando. Eu posso ajudar.

— Não preciso de uma enfermeira. Especialmente uma que provavelmente vai me apunhalar no pescoço quando não estiver olhando.

Percebendo que discutir com ele não vai me levar a lugar nenhum, eu desisto. — Ok, Macho Man. Boa sorte com essa infecção desagradável.

Ele me encara. — Eu não tenho uma infecção desagradável.

— Ainda não. Mas logo se instalará com os detritos que entraram no ferimento junto com a bala. Você sabe, fios de sua camisa e terno, fragmentos de ossos, pó queimado, todas essas coisas divertidas. A ferida precisa ser irrigada, desinfetada e costurada ou as coisas ficarão feias rapidamente. Você pode acabar morto.

Tento não parecer muito satisfeito com o pensamento, mas tenho certeza de que falho.

Ele faz uma pausa para me considerar por um instante. — Tem muita experiência com ferimentos de bala, não é, pequena víbora?

Irritada com esse apelido hediondo, eu moo meus molares. — Vivi todos os meus trinta e três anos na Máfia. O que você acha?

Ele arqueia uma sobrancelha. E se transforma em um sorriso. Então fala lentamente: — Então você tem trinta e três anos. Hum. — Ele me olha de cima a baixo. — Não parece ter mais de quarenta.

— Pelo menos trinta e três é a minha idade e não o meu QI.

— E pelo menos *eu* não tenho a personalidade de um assento de vaso sanitário frio.

— Deus, eu gostaria que você caísse em uma colmeia de vespas assassinas. Enquanto isso, por que não vai lá fora e vê se consegue contar mais intrusos? Vou checar minha mãe.

Enquanto me afasto, indo para a cozinha, ele grita: — Como chego à sala segura?

— Faça duas curvas à direita no final daquele corredor. Você vai bater em um conjunto de portas duplas de madeira. A escada para o porão está atrás delas.

Entro na cozinha e acendo as luzes do teto. Mamãe está sentada à mesa com uma taça vazia e uma garrafa de vinho na mesa à sua frente. Ela tem uma pequena pistola prateada na mão esquerda.

— Ah, *stellina!* Bem a tempo – eu estou sem vinho. — Ela abaixa a arma e empurra a taça de vinho vazia para mim. — E nada de Cabernet, por favor. Essas coisas que Homer gosta são muito densas.

Murmuro: — Como o próprio homem.

Colocando o rifle na ilha, pego o telefone da casa e ligo para a sala segura. Gianni atende no primeiro toque.

— Sou eu. Você está com Lili?

— Sim, ela está segura.

— Ainda não verifiquei as câmeras. O que você pode ver?

— O terreno está livre.

— Ótimo. A casa também.

— Leo está a caminho com mais homens.

— Quanto tempo até eles chegarem aqui?

— Qualquer minuto. — Segue-se uma pequena pausa. — Sr. Quinn salvou sua vida.

Eu não posso dizer pelo seu tom se ele vai agradecê-lo ou odiá-lo por isso. — Eu estaria bem sem a ajuda dele.

Ele ri. — Pelo que pude ver, não parecia, *sorellina*.

Irmãzinha, estrelinha, pequena víbora... por que todo mundo insiste em me chamar com *diminutivos*?

Eu sou foda de GRANDE!

E certamente não preciso de um homem-criança mandão, autoritário e confiante com um apelido idiota e uma tatuagem combinando ainda mais idiota para salvar minha vida. Posso fazer tudo sozinha, obrigada!

Solto um suspiro, empurro minha raiva de lado e me concentro. — Então, quem você acha que eles eram?

A voz de Gianni endurece. — Ainda não sei. Mas irei descobrir. O que eles disseram para você?

Nas duas vezes em que fui confrontada pelos intrusos, eles falaram comigo, o que Gianni obviamente viu enquanto observava as câmeras de segurança na sala segura. Mas não há alimentação de áudio, então ele não foi capaz de ouvir.

— Eles me perguntaram onde estava Lili. Disseram que atirariam em mim se eu não os levasse até ela.

Gianni amaldiçoa baixinho. — Eu deveria saber.

— Saber o quê?

— Esta união de nossas famílias, a Máfia e a Irish Mob... fez de Lili um alvo de destaque.

Percebendo o que ele quer dizer, meu estômago revira. — Sequestro.

— Sim. Agora eu não sou o único que pagaria uma fortuna para recuperá-la. O Sr. Quinn também tem interesse na segurança dela. Alguém queria dobrar seu dinheiro.

Ele faz uma pausa. Sua voz cai. — Ou impedir o casamento completamente.

Eu sei o que ele quer dizer sem ele ter que soletrar.

Há muitas pessoas que ficariam felizes se a Máfia e a Irish Mob permanecessem inimigas para sempre. Ao unirmos as nossas casas, teremos aliados poderosos, mas também nos colocamos na mira daqueles que ficariam mais felizes se ficássemos em desacordo.

Lili não está apenas em perigo de sequestro. Ela está em perigo de algo muito pior.

Assassinato, por exemplo.

Meu sangue corre gelado.

Agarrando o telefone com tanta força que treme, eu digo: — Russos?

— Duvidoso. Declan O'Donnell tem uma ligação com eles. Por sangue.

— O rei da máfia é parente dos russos? Como?

— A irmã de sua esposa está grávida do chefe da Moscow Bratva.

Isso é uma notícia chocante. A Mob e a Bratva estão na garganta uma da outra desde que me lembro. — Como essa união aconteceu?

— À força. Ela foi sequestrada.

— Ah. Merda.

— Exatamente.

Maravilhoso. Portanto, não apenas Lili corre o risco de ser sequestrada e mantida em resgate ou morta para impedir a aliança, ela também corre o risco de ser roubada e propositalmente engravidada para que uma aliança com algum outro terceiro seja forçada.

Ela está agora no radar de todos os mafiosos nos Estados Unidos.

E provavelmente em todo o mundo.

Furiosa, eu digo: — Cristo, Gianni! Eu lhe disse para não manter o acordo com esse irlandês!

— Não seja tão míope. Ganharemos muito mais a longo prazo do que o perigo que enfrentamos agora. É apenas um período turbulento que temos que navegar até que o empreendimento valha a pena.

— Você sabe que é da sua filha que estamos falando, certo? Sua própria carne e sangue? Ela não é um investimento no maldito mercado de ações!

Entediado com minha preocupação com sua prole, Gianni suspira. — Nós vamos subir quando Leo chegar. Não deixe a mamãe beber muito vinho. Ela fica tagarela quando está bêbada.

Ele desliga, deixando-me rosnando.

— Estou morrendo de sede aqui, *tesoro*. — Mamma bate na taça vazia com a unha.

Desligo o fone do telefone e olho para ela. — Você criou um idiota absoluto, sabe disso?

Ela faz uma pausa para franzir os lábios. — Estamos falando do seu irmão?

— Você quer o seu vinho ou não?

— *Sí*.

— Então estamos falando do meu irmão!

Ela estala a língua, *tsks*. — Só estou brincando com você. *Mamma mia*, você está tão tensa ultimamente!

Atravessando a geladeira de vinho, falo: — Puxa, eu não sei por que, pode ser essa invasão que acabamos de sofrer.

Em voz baixa, ela diz: — Ou algo um pouco difícil.

Eu me viro e olho para ela. — Desculpe, o que você acabou de dizer?

Ela pisca inocentemente. — O quê?

— Você acabou de dizer a palavra... *difícil*?

Ela finge pensar. — Eu?

— Você sabe o quê? Não quero saber. Vou pegar seu vinho. Agora, por favor, nunca mais fale.

Ela dá de ombros e estende a taça.

Nesse exato momento, Quinn entra na cozinha.

Mamãe gargalha. — *Aha!* O enredo se complica!

Ele olha para mim. Um sulco se forma entre suas sobrancelhas. — O que eu perdi?

Retruco: — Todo o período após a infância, quando você deveria se tornar um adulto.

Ele olha para mamãe.

Ela diz: — Você pode tentar responder a isso, mas será muito *perigoso*.

Depois de um momento de reflexão, ele simplesmente se senta em frente a ela e tira a jaqueta, colocando-a nas costas da cadeira ao lado dele.

Mamãe ri. — Boa decisão.

Pego uma garrafa de vinho e o abridor da gaveta, e corto o papel alumínio no topo da garrafa até que esteja em pedaços. Então eu apunhalo a rolha com o saca-rolhas até que Mamma me diz baixinho em italiano: — Não é a invasão da casa que te deixou tão nervosa.

Eu paro o que estou fazendo e olho para ela.

Ela balança a cabeça, segurando meu olhar. — Agora respire e acalme-se. Você é minha filha. Você é feita de ferro, como eu. Forjada no fogo. Inquebrável. Você pode suportar qualquer coisa. — Ela inclina a cabeça na direção de Quinn. — Incluindo sua atração por ele.

É uma coisa humilhante, ter alguém que te conhece tão bem. Alguém que vê além de todas as paredes que você ergueu, além de toda a fumaça e espelhos que jogou para se proteger e desviar todos os outros da verdade.

Coloco o saca-rolhas lentamente na bancada, fecho os olhos e expiro.

No silêncio que se segue, Quinn diz: — Talvez eu possa abrir isso para você.

Quando eu abro meus olhos, ele está apontando para a garrafa, um olhar questionador em seus olhos.

— Você foi baleado, seu tolo.

— Estou acostumado a operar em circunstâncias nada ideais.

Isso me faz rir. — Tenho certeza de que está. A propósito, por que você está aqui? Eu pensei que você estava indo para o porão.

— Eu fui. Está tudo bem lá embaixo. Gianni quer ficar lá com

Lili até que seus homens cheguem, e eu concordei com isso. Então agora estou de volta aqui. — Sua voz cai. — Com você.

Ignorando o olhar penetrante de mamãe, digo: — Se você ficar, vai levar pontos.

Ele franze o nariz.

— Sem argumentos. Não quero seu sangue no meu chão limpo. Vou servir-nos um pouco de vinho e depois dar uma olhada na ferida. Goste você ou não! — eu acrescento em voz alta quando ele começa a protestar.

Ele ergue as mãos em sinal de rendição. — Que tal se fizermos um acordo? Você pode me costurar, mas depois disso, eu gostaria que você me fizesse o jantar.

Eu arqueio uma sobrancelha. — Oh, o mestre do universo está fazendo um pedido? E aqui eu pensei que você só soubesse latir ordens.

— Percebi que não responde bem às ordens.

Quando não falo nada, ele acrescenta suavemente: — Por favor?

Olhamos um para o outro por um momento enquanto Mamma olha para trás e para frente entre nós. Então ela bate sua taça de vinho contra a mesa, murmurando: — Os prisioneiros recebem um serviço melhor do que este.

Quinn lhe envia um sorriso carinhoso. — Estou feliz que você disse isso e não eu.

— Se vocês dois vão se juntar contra mim, *ninguém* vai ganhar vinho!

Irritada com a camaradagem deles, sirvo o vinho para mamãe e pego mais duas taças no armário. Sirvo uma para Quinn, então fico ao lado da mesa e bebo uma taça inteira de Chianti de uma só vez.

Observando-me, Quinn fica em silêncio.

Quando ele se levanta e afrouxa a gravata, ainda estou sob controle. Não é até que ele desabotoa sua camisa preta e a tira que eu quase caio para trás em um desmaio.

Os músculos. *Meu Deus, os músculos.*

Seu peito é largo e duro como pedra. Seus mamilos são perfurados com pequenos pinos de prata. Seus abdominais parecem que foram esculpidos em mármore. Seus ombros são largos e seus bíceps salientes. Tudo é duro, definido e firme. Não há um grama de gordura nele.

E as tatuagens.

Misericórdia, as tatuagens.

Como pode uma coleção de tatuagem colorida ser tão devastadoramente sexy?

Seu braço direito tem uma manga cheia, ombro a pulso. Uma fonte elaborada em um idioma que não conheço serpenteia em um arco na parte superior do peito, de ombro a ombro, logo abaixo da clavícula. Há algum tipo de símbolo tribal decorando seu bíceps esquerdo e outro em seu ombro esquerdo.

E aquela teia de aranha na lateral do pescoço, é claro.

De alguma forma, com ele nu até a cintura, até mesmo aquela maldita tatuagem de teia de aranha assumiu um fascínio sedutor. Quero traçar cada linha com minha língua.

Onde ele não é tatuado, sua pele é lisa e dourada, como se ele trabalhasse sem camisa ao ar livre ao sol.

Este homem poderia ser um modelo *pin-up*.

Pelo menos minha vagina pensa assim. Um incêndio de cinco alarmes irrompeu na minha calcinha. Vou ter que procurar um extintor de incêndio para apagar essas chamas que rugem.

As sobrelanceiras de Quinn se juntam. Examinando minha expressão, ele diz: — O que há de errado?

Mamãe e eu trocamos um olhar atordoado antes de me recompor. — Esse ferimento de bala é sério.

Ele olha para baixo em seu braço. Há um corte irregular na parte superior externa de seu ombro. Está cercado por tecido machucado escurecendo para roxo, e está vazando sangue.

Ele diz: — É apenas um arranhão. Ela só raspou.

— Alguns centímetros mais abaixo e aquela bala teria rasgado direto no seu coração.

— Mas não aconteceu. Sorte irlandesa, suponho.

Estou chocada com o quão casual ele soa. Ele poderia estar discutindo sobre uma unha encravada por quão indiferente parece.

— Você foi muitas vezes baleado? — pergunta mamãe.

— Depende de como você define muito.

— Mais de uma vez.

— Então, sim. Com essa... — Ele faz uma pausa, pensando. — Cinco? Seis?

Estou surpresa. — Você não tem certeza?

Ele ergue uma sobrancelha para mim, sorrindo. — Você parece impressionada.

— Só você pensaria isso. É lamentável que seu criador tenha decidido considerá-lo terminado sem lhe dar um cérebro. Sente-se.

Ele pisca para mamãe. — Olha quem está latindo ordens agora.

Ela sorri conscientemente. Então se levanta e segura sua bengala em uma mão e sua taça de vinho na outra. — Eu não vou ficar para a parte sangrenta. Não tenho um estômago tão forte ao ver sangue quanto Reyna tem.

Um estômago que ganhei ao longo de anos limpando meu próprio sangue de roupas, carpetes e minha pele.

Enquanto mamãe sai mancando, Quinn me observa, seus olhos castanhos afiados como os de uma águia.

— Você está bem?

— Sim. Não. Eu não sei. Hoje foi...

— Todos os tipos de diversão — diz ele, rindo.

— Fique quieto agora.

Eu me viro e vou até a pia, onde pego uma garrafa de água oxigenada do armário embaixo. O kit de primeiros socorros está em um armário sobre a máquina de lavar louça, com gaze limpa, pomada antibiótica, bandagens, luvas e instrumentos dentro.

Eu coloco o kit na mesa, então fico em cima de Quinn e coloco

as luvas de látex. Enquanto cuidadosamente limpo e desinfeto a ferida, ele bebe seu vinho e arde como só ele pode, olhando para mim de vez em quando com os olhos encobertos.

Posso dizer que ele está absorto em pensamentos, mas eu serei amaldiçoada se eu perguntar a ele sobre isso.

Depois de um tempo, ele diz abruptamente: — Eu ainda não quero ver você depois do casamento.

— Você deixou isso claro antes. Eu também não quero vê-lo. Suas mudanças de humor requerem intervenção médica. Agora cale a boca, ou farei seus pontos parecerem pertencer ao monstro Frankenstein.

— Você pode simplesmente colar.

— Com o que? Elmer?

— Você não tem cola cirúrgica para a pele?

— Eu pareço uma droga de farmácia?

Seu olhar varre sobre mim, da cabeça aos pés. Ele rosna: — Não, víbora. Você parece mais uma porra de uma mina terrestre.

— Se isso foi um insulto, eu não entendi. Agora, por favor. Cale a boca.

Um som baixo de irritação ressoa em seu peito.

Trabalhando o mais rápido que posso, enfio uma agulha com fio dental não encerado e dou pontos pequenos e uniformes na ferida para fechá-la. Em vez de dar um nó no final, corto o fio dental com um centímetro sobrando, depois prendo-o em sua pele em ambas as extremidades.

Quando eu o sinto olhando para mim, eu sei que ele está prestes a exigir uma explicação, então eu explico: — Vai cicatrizar melhor se as suturas não forem puxadas com muita força. Os nós os fazem puxar.

— Como você sabe disso?

Eu murmuro: — Anos de experiência pessoal em meu próprio corpo.

Estou prestes a me afastar, mas ele agarra meu pulso e o segura, seu aperto firme, mas não apertado.

Assustada, eu olho em seus olhos.

Eles estão ardendo de emoção.

Ele diz rispidamente: — Eu gostaria de matá-lo.

— Quem?

— Seu marido. Se ainda estivesse vivo, eu o mataria por você. E eu não faria isso rápido.

Isso me tira o fôlego.

Eu o encaro com meus lábios entreabertos e meu coração martelando como louco, sentindo como se estivesse me equilibrando na beira de um penhasco alto, olhando para um abismo sem fim abaixo de mim, perigosamente perto de cair.

Antes que eu possa dizer outra palavra, Quinn solta meu pulso, se levanta, puxa sua camisa e paletó do encosto da cadeira onde ele os dobrou, e sai da cozinha.

REY

Duas horas depois, há mais duas dúzias de guardas armados patrulhando o terreno. Leo, Quinn e Gianni estão trancados no escritório, planejando. Estou na cozinha, fazendo o jantar. Mamãe está lá em cima, dormindo, e Lili está em seu quarto, fazendo Deus sabe o quê.

Ela provavelmente ainda está em choque. Quando ela veio do porão com Gianni, estava branca como um fantasma e tremendo muito.

Esta foi sua primeira experiência com o lado mais sombrio da vida da máfia.

Ela é mimada e protegida desde bebê, frequentando apenas escolas particulares exclusivas para meninas com outras crianças de famílias ricas, cercadas por guarda-costas e olhares atentos. Scarsdale fica a menos de uma hora de Manhattan, mas tem apenas cerca de 20.000 habitantes e quase nenhum crime.

Ela não foi exposta à morte de forma significativa. Seu avô foi morto antes de ela nascer, sua mãe morreu no parto e seu zio Enzo, bem...

Ela também não o viu morrer.

A questão é que ela nunca viu esse tipo de violência. Achei que fosse desmaiar ao ver o corpo ensanguentado caído de bruços no meio do vestíbulo quando Gianni a levou para seu quarto.

Este tem sido um grande dia para ela.

Para nós duas.

Ainda posso ver o rosto de Quinn quando ele disse: *Eu o mataria por você*. Ainda ouço aquele tom áspero e urgente em sua voz, vejo seus lindos olhos ardentes.

Tudo isso ficará gravado em minha mente para sempre.

Ninguém nunca tentou me ajudar. Todo mundo sabia o que estava acontecendo, o que Enzo gostava de fazer comigo, mas ninguém nunca interveio. Eu era sua esposa e, portanto, sua propriedade, e na Cosa Nostra, você pode fazer com sua propriedade o que quiser.

Até minha própria mãe só podia oferecer seu ombro para eu chorar.

Depois de um tempo, não havia mais lágrimas, então eu nem precisava disso.

Mas o irlandês de Lili gostaria de ter ajudado. Acredito que ele teria, se ele estivesse por perto para ver isso.

Talvez ela nunca o ame. E talvez ele seja mal-humorado ou irritante ou um desleixado, mas agora acredito que não irá machucá-la além das maneiras mesquinhas como maridos e esposas podem machucar um ao outro, aqueles pequenos momentos de indelicadeza, palavras ditas impensadamente ou pequenos atos de negligência.

Quinn matou quatro homens hoje. Protegendo-me – nós, nossa família – ele tirou quatro vidas.

Ele teria enfrentado um exército sozinho se precisasse.

O que me convenceu, mais do que qualquer coisa que ele pudesse dizer, que ela estará segura com ele. Pode não ser um casamento por amor, mas um homem que protege uma mulher com sua própria vida é uma coisa rara.

Tão raro, quase não é visto.

Então, embora eu pudesse querer alguém diferente para Lili, esse irlandês servirá.

— *Buona sera*²⁸, Reyna.

Levanto os olhos do fogão e vejo Leo entrando na cozinha. Ele tem a mesma idade de Gianni, e parece a mesma coisa também. Cabelo escuro penteado para trás, terno sob medida, anel no dedo mindinho. Com sua altura, constituição e coloração próximas, eles poderiam ser irmãos.

— *Buona sera*, Leo. Obrigada por ter vindo.

Ele acena isso. — Você parece bem. Nem um arranhão, hein?

— Nenhum.

Ele ri, balançando a cabeça. — Suponho que você não pode se arranhar com titânio.

Como acontece com todos os amigos de Gianni, ele nunca olha diretamente para mim. Ele se dirige a mim diretamente, mas seu olhar pousa em qualquer lugar, menos no meu rosto. Eu costumava pensar que era respeito, mas agora acho que é medo.

Os homens não gostam de coisas imprevisíveis que não podem controlar. É por isso que eles preferem cães a gatos.

— Como está sua mãe?

— O mesmo raio de sol de sempre. E a sua?

— Sua artrite está pior.

— Sinto muito por ouvir isso. Por favor, envie-lhe meus cumprimentos.

— Eu vou.

Gianni entra, acenando para mim e batendo a mão no ombro de Leo. — Cheira delicioso, *sorellina*.

— Fiz o suficiente para um exército, então os homens de Leo podem entrar e comer em turnos durante a noite.

Léo parece surpreso. — Obrigado. Eles vão apreciar isso.

— Os soldados não conseguem se concentrar quando seus estômagos estão roncando.

Gianni diz com orgulho: — Ela daria um bom general no exército, hein?

Eu sei pelo elogio que ele está se preparando para me pedir um favor. Caso contrário, estaria levando o crédito por me ensinar tudo o que sei sobre culinária.

Ele não me ensinou nada, é claro. O homem nem sabe ferver água. Entre mamãe, sua falecida esposa, e agora eu, ele nunca fez uma refeição na vida.

Quinn entra na cozinha, instantaneamente fazendo o ambiente parecer lotado. Não faço ideia de como a presença dele ocupa tanto

espaço, mas é um dom. Ele puxa uma cadeira e se senta à mesa.

Ele não olha para mim, mas sinto uma grande mudança nele desde a última vez que conversamos. Ele está carrancudo e agitado, tamborilando os dedos inquietos no tampo da mesa, uma nuvem de raiva pairando sobre suas feições.

Honestamente, o homem deve consultar um médico sobre suas mudanças de humor. Uma garota poderia quebrar o pescoço tentando acompanhar.

Gianni olha para ele como se esperasse permissão para falar. Quando não vem, ele diz abruptamente: — Decidimos adiantar a data do casamento. Para a própria segurança de Lili e...

— Concordo — interrompo, mexendo calmamente uma enorme panela de molho carbonara.

O olhar afiado de Quinn estala na minha direção. A temperatura do meu corpo sobe vários graus. Ninguém diz nada por vários momentos, então Gianni limpa a garganta.

— Bem... ótimo. Ela precisa de um vestido. E terá que estar toda arrumada e pronta para ir para Boston. Suas roupas e pertences, o que ela precisar.

— É claro. Cuidarei disso tudo. Quanto tempo eu tenho?

— Uma semana.

Minha agitação vacila por apenas um breve segundo antes de eu começar de novo. — Sim. O local?

Quinn diz rispidamente: — A antiga igreja no Norte em Boston.

Chocada, eu olho para ele, encontrando seu olhar penetrante. — Uma igreja? Isso é seguro? Em algum lugar tão público?

— É a nossa paróquia de origem. Se o chefe da Mob pode se casar em segurança lá, seus homens também podem.

Quando olho para Gianni, ele acena com a cabeça. Suspeito que eles tiveram discussões profundas sobre as precauções de segurança exatas que serão postas em prática para a cerimônia. Discussões das quais não estarei a par, então terei que confiar que eles sabem o que estão fazendo.

E não confio, mas vou ter que tentar.

— E o jantar de ensaio? Onde isso será realizado?

Parecendo perplexo, Gianni olha para Quinn. — Precisamos de um jantar de ensaio?

Quinn examina meu rosto por vários segundos. — O que você acha, Reyna?

Quase derrubo a colher de surpresa, mas consigo me recompor a tempo. — Definitivamente, precisamos de uma reunião formal entre as duas famílias antes do casamento.

Gianni diz: — Vou viajar para Boston amanhã para conhecer o Sr. O'Donnell.

— Tudo bem, mas você precisa envolver as mulheres também.

Gianni parece irritado com isso. — Por que temos que envolver as mulheres?

Nivelando-o com um olhar de pedra, eu digo: — Porque estamos juntando nossas famílias, e é respeitoso nos incluir em algo tão importante. Porque ajudará Lili a se adaptar à sua nova vida em Boston se ela já conhecer algumas das mulheres com quem passará o tempo. E porque somos nós que decidimos se suas vidas em casa serão o céu ou o inferno, então deveria nos atender de vez em quando.

Suspirando, ele diz: — Tudo bem. Teremos um jantar de ensaio.

— Obrigada. Quinn, você poderia me colocar em contato com alguém da igreja para que eu possa resolver os arranjos das flores, música e outros detalhes da cerimônia?

— Aye.

— E a lista de convidados? Quem está lidando com isso?

Eu recebo um monte de olhares vazios em resposta a essa pergunta.

Sério, como os homens estão no comando de alguma coisa? Eles são totalmente incompetentes com logística. Eles pensaram que enviaríamos pombo-correio?

Tentando controlar meu temperamento, digo: — Quantas pessoas a igreja comporta?

— Quatrocentas no máximo — diz Quinn.

— Então, vamos dizer duzentas de cada lado, isso é justo?

Gianni protesta: — Vamos precisar de mais do que isso!

— Por que, se você tem uma família tão pequena?

Gianni olha para Quinn com as sobrancelhas franzidas. — Quem disse que temos uma família pequena?

Quando Quinn me envia um olhar de desaprovação, eu sorrio. — Posso ter mentido sobre quantos parentes nós temos.

— Entre outras coisas. Você é uma mentirosa patológica, ou é mais como um hobby?

— É mais próximo de uma adaptação evolutiva protetora, como as listras de um tigre.

Depois de um segundo, ele diz: — Você vive em uma selva, aprende a se camuflar.

Dou de ombros. — Sobrevivência do mais apto e tudo mais.

Ele diz sombriamente: — Sim. E você é um tigre apto, não é, mulher?

Leo e Gianni estão olhando para nós como se fôssemos dois pacientes psiquiátricos tagarelando um com o outro em uma cela acolchoada.

Ignorando-os, eu falo: — Então, duzentas de cada lado. Cuidarei dos convites do nosso lado. Eu confio que você tem alguém para quem possa delegar essa tarefa para você?

Parecendo pensativo, Quinn acena com a cabeça.

— Ótimo. Alguma sugestão de onde você gostaria que o jantar de ensaio fosse realizado? Não estou familiarizada com Boston.

— Eu conheço um lugar.

— Vamos manter a lista do jantar limitada aos familiares próximos e a quem estiver na festa de casamento, para que não tenha que ser tão grande quanto a igreja. O que mais? — Penso por um momento. — Licença de casamento.

Quinn diz: — Já está resolvido.

— E a recepção do casamento? Onde será?

Mais olhares vazios.

— Sabe de uma coisa? Deixe comigo. Encontrarei algum lugar perto da igreja que possa abrigar quatrocentos gângsteres e tenha boa segurança. Talvez haja uma prisão federal próxima.

Quinn balança a cabeça. — Deixe-me lidar com isso. Conheço alguém que pode organizar grandes eventos em curto prazo. — Ele faz uma pausa. Um sorriso surge em seu comportamento tempestuoso. Seu sorriso é fraco, mas está lá. — Ela é uma chefe. Lembra-me muito você, na verdade.

— Sério? Ela administra um zoológico também?

— Aye. Mantém todos nós macacos na linha.

— Tenho certeza de que teremos muito o que conversar. E o anel?

Gianni e Leo olham para Quinn, que está olhando para mim com as sobrancelhas franzidas.

— O que tem isso?

Como se estivesse falando com uma criança, digo com paciência exagerada: — Você vai comprar um, suponho?

— Eu suponho.

— Você *supõe*? Você quer que todos riam de você durante a parte da cerimônia em que deveria colocar um anel no dedo da sua noiva, mas você não o faz porque esqueceu de comprar um para ela?

Ele olha para o teto, como se estivesse pedindo paciência a um poder superior. Então faz uma careta para mim novamente. — Vou comprar um anel.

— Um bom — eu insisto. — Não apenas uma simples aliança de ouro. Certifique-se de que tenha diamantes.

Inclinando-se para trás em sua cadeira, ele cruza uma perna sobre a outra e olha para mim em uma fúria silenciosa e de lábios apertados.

Finalmente, com os dentes cerrados, ele diz: — Alguma especificação em particular que você gostaria quanto aos quilates,

Madame Queen?

Meu sorriso é tão doce que poderia causar câncer. — Quanto maior melhor. Ela vai precisar de algo para mostrar aos amigos, e certamente não é você.

Seu olhar fica preto. As nuvens de trovoada sobre sua cabeça começam a ferver.

Estou prestes a passar para o próximo item da minha lista quando ele diz de repente: — Você irá comigo para escolher.

Paro de mexer o molho carbonara para fazer uma careta para ele. — É muito pessoal. Você tem que escolher algo que você acha que ela gostaria.

Um músculo em sua mandíbula se flexiona. Ele me encara em um silêncio pensativo, então diz rispidamente: — Eu não sei do que ela gosta, não é?

— Pelo amor de Deus, não é ciência de foguetes. Basta escolher um lindo anel!

Vendo que Quinn está prestes a ficar desequilibrado, Gianni retruca: — Você vai com ele. Está decidido.

— Primeira coisa de manhã — concorda Quinn sombriamente.

Um juiz sentenciando à morte um prisioneiro não poderia soar mais ameaçador.

— Tudo bem. Que horas devo esperar você?

Ele retruca: — Ficarei aqui esta noite!

Farta de sua atitude, digo categoricamente: — Que delícia.

Abaixo o fogo sob a panela e removo meu avental. Então preparo um prato de espaguete e molho para Lili, junto com uma fatia do pão de alho que saiu do forno pouco antes de eles entrarem.

Eu me viro e vou em direção à porta. Gianni me olha intrigado.

— Aonde você está indo?

— Vou levar o jantar para sua filha e dar a notícia sobre a nova data do casamento dela, com a qual você ainda não tinha conseguido me atormentar.

Ele está horrorizado. — E os *nossos* jantares?

— Nenhum de seus braços está quebrado. Sirvam-se.

Eu sinto os olhos de Quinn queimando nas minhas costas enquanto eu saio.

Quando chego lá em cima, bato levemente na porta fechada do quarto de Lili. — Sou eu. Achei que você poderia estar com fome.

Não há resposta por muito tempo, acho que ela pode estar dormindo. Mas então a porta se abre e ela está ali de pijama, de olhos vermelhos e pálida.

— Oi, *zia* — ela sussurra.

— Oh, querida, eu sei. Um pouco de comida pode ajudar.

Ela recua, deixando-me entrar no quarto, mas está balançando a cabeça. — Eu não consigo comer. Estou enjoada.

Ela vai até a cama, rasteja para debaixo das cobertas e as coloca sobre o rosto.

Coloco o prato de comida na mesinha de cabeceira, empoleiro-me na beirada da cama e, em seguida, puxo os cobertores para baixo. Passando a mão sobre sua testa, eu digo: — Você quer falar sobre isso?

Ela funga. — Qual parte? Os tiroteios, a explosão, os cadáveres, ou aquele Pé Grande furioso com quem papai quer que eu me case?

— Qualquer uma das anteriores.

Ela bufa uma respiração difícil, estufando o lábio inferior, então fecha os olhos. — Na verdade, não.

— Ok. Mas há algo que eu tenho que lhe dizer.

Suas pálpebras se abrem. Ela me encara em pânico. — Oh, Deus. E agora?

Estou prestes a contar a ela sobre o casamento sendo adiantado quando o toque de um telefone me interrompe.

O som vem de algum lugar debaixo dos cobertores.

Isso não seria estranho, mas Lili não tem celular porque é

superprotegida e seu pai acha que tudo que as adolescentes fazem em seus telefones é tirar fotos de si mesmas de calcinha para postar na internet.

Enquanto o toque continua, Lili lentamente puxa as cobertas sobre o rosto até que apenas seus olhos arregalados e horrorizados estejam aparecendo.

Digo com firmeza: — Dê-me. Onde está, Lili? Entregue-o.

Quando ela não responde, eu me levanto e tiro as cobertas dela. Ela imediatamente começa a se mexer, procurando o telefone que está emaranhado em algum lugar nos lençóis.

Eu o encontro primeiro e o pego. É um Nokia barato e antigo com uma tela pequena e uma leitura pixelizada.

Um aparelho queimador.

Ela não conseguiu isto por conta própria.

Enquanto Lili se lamenta e se agarra comigo, tentando pegá-lo de volta, eu aperto o botão para atender, mas não digo nada.

— Oi? Lili? *Corazon*, você está aí?

A voz é jovem, masculina e tem um leve sotaque espanhol, e é claro que eu sei quem é.

— Olá, Juan Pablo — falo, afastando-me da cama para que eu possa ouvi-lo apesar das súplicas de Lili. — Esta é a tia de Lili, Reyna. Nós precisamos conversar.

— *Zia*, por favor! Dê-me o telefone! Deixe-me falar com ele!

Entro em seu banheiro e tranco a porta atrás de mim, ignorando sua súplica abafada.

Do outro lado da linha, Juan Pablo está em silêncio. Sento-me no assento fechado do vaso sanitário, inclino-me e apoio a testa na mão e suspiro.

— Escute. Não tenho nada contra você...

— Você demitiu meu pai — ele interrompe, parecendo indignado.

— Você deflorou minha sobrinha — eu rebato.

— Estamos apaixonados!

— Eu sei que você acha que isso significa que vocês deveriam ficar juntos, mas isso não vai acontecer. O pai dela não vai permitir. Preciso que você me prometa que vai deixá-la em paz.

Ele diz categoricamente: — Não. Você não pode nos manter separados.

Surpresa, eu solto um suspiro. *A coragem desse garoto.*

Estou inclinada a gostar dele, mas considerando que ele será um cadáver se Gianni descobrir sobre isso, vou guardar minha afeição para os vivos.

— Talvez eu não possa, mas o pai dela e o resto da Mob podem. Você tem alguma ideia do que vai acontecer se eles descobrirem sobre você?

Sua voz se eleva. — Acha que eu me importo com o que um bando de goomba²⁹ racista pensa sobre mim?

— Isso não é sobre sua raça.

— Mentira! — ele grita. — Isso é tudo! Seu tipo nos odeia!

Eu escuto sua respiração raivosa por um tempo, sentindo-me mal por ele, mas também magoada por ele assumir que eu não gosto dele com base em sua raça... também entendendo completamente por que ele faria essa suposição.

Uma pessoa só precisa ficar com Gianni por meia hora para obter uma educação sólida sobre como é o preconceito.

Mantendo minha voz baixa, eu digo: — Eu não odeio você. Mesmo se você fosse italiano, vocês não poderiam ficar juntos.

Sua respiração trava. — Por que eu sou pobre?

— Não, doce menino. Porque ela está noiva.

— De alguém que ela não ama! Ela foi forçada a isso! Se você se importa com ela, como pode deixar isso acontecer?

Ele está tão apaixonado, tão furioso e desesperado, tão obviamente doente de amor, estou emocionada.

Então eu digo a ele a verdade, mesmo que isso não me ajude em

nada.

— Gostaria de poder ajudá-la, Juan Pablo. Eu gostaria que vocês ficassem juntos, porque acredito que a faria feliz. Mas no mundo em que Lili e eu vivemos, não temos escolha. E se você tentar interferir neste casamento, meu irmão vai matá-lo. Isso não é uma ameaça leviana. Ele vai te matar, e isso não importa para ele.

Em uma explosão angustiada e teatral, ele grita: — Prefiro morrer a viver sem ela!

Jesus Cristo, essas crianças são uma tragédia shakespeariana esperando para acontecer.

— Mantenha isso e você irá. Não sei mais o que dizer.

— Você pode dizer que vai nos ajudar!

— Ok, chega. Você parece ser um bom garoto. Eu não quero que se machuque. Então isso acabou. *Agora.* Se realmente ama Lili, você tem que acabar com isso. Isso a está deixando infeliz. — Minha voz endurece. — Está colocando-a em perigo também.

Em seu silêncio tenso, eu digo: — Ou você acha que homens como meu irmão e seu noivo não vão se importar se descobrirem que ela não é virgem? Porque deixe-me dizer-lhe, Juan Pablo, você não será o único a pagar um preço. E o que eles farão com ela... a morte seria preferível.

Quando desligo, minhas mãos estão tremendo.

Eu me levanto, coloco o telefone no chão, então o piso com o meu salto o mais forte que posso. Ele se estilhaça em pedaços.

Abro a porta e olho para Lili, parada com as mãos na boca e os olhos cheios de lágrimas.

— Acabou, Lili. Este é o fim. Nunca mais falará com Juan Pablo. E por causa do que aconteceu hoje, seu pai adiantou o casamento. Você vai se casar com Quinn em uma semana. Eu sinto muito.

Não há mais nada a dizer, então eu a puxo em meus braços e a abraço forte enquanto ela soluça.

Não tenho certeza de qual coração está mais partido, o dela ou o meu.

SPIDER

Eu não durmo nada naquela noite. Hipervigilante, vago pelos corredores escuros da casa, verificando e revisando salas que já limpei uma dúzia de vezes.

Os homens de Gianni e Leo estão à espreita pelos terrenos e patrulhando os perímetros, mas isso não me dá paz de espírito.

Com tudo isso, eu quase perdi a cabeça quando Caruso me contou o que os intrusos disseram à Reyna. Eu sabia que foi um de seus inimigos que armou a cilada - todos nós os pegamos.

Mas quando os inimigos estão mais interessados em levar sua filha do que em matá-la, isso é um problema totalmente diferente.

Então aqui estou eu uma segunda vez, andando pelos corredores e rangendo os dentes por uma mulher sob minha proteção que é alvo de sequestro.

Só que desta vez, não é com o alvo que estou preocupado.

Eu deveria estar. Lili vai ser minha maldita esposa. Ela é uma garota adorável, e vai ser uma esposa adorável. Mas quando Caruso disse que acreditava que os intrusos armados estavam ali por causa de Lili, não consegui pensar em mais nada além da segurança de sua tia.

Reyna.

Rainha Diaba Vadia de Toda Existência, que faz meu sangue ferver e meu pau duro, e fala comigo com o tipo de desrespeito que nenhum homem ousaria, porque isso o mataria.

Reyna que me odeia.

Reyna que me desafia.

Reyna que tem a coragem de um viking e o corpo de uma deusa da fertilidade e a atitude de um gato selvagem.

Eu não deveria estar preocupado com ela. Se alguém

sequestrasse aquela mulher, ele se arrependeria dentro de uma hora. Ele a jogaria de volta pela janela da frente com um recado de desculpas e fugiria o mais rápido que pudesse.

Se ela não enfiasse uma adaga no coração dele primeiro.

Ela é uma bruxa! Geração demoníaca do diabo!

Mas ela atirou em um homem por mim. Ela me protegeu – literalmente – e matou um homem.

Por que ela fez isso se me odeia tanto? Poderia simplesmente ter me deixado ser morto e tirado o pó de suas mãos. Ela insulta o homem a cada oportunidade e só o chama pelo sobrenome.

Ela mente por hobby.

O homem que a fez parecer que queria vomitar quando o viu sem camisa.

Mas por que ela estava tão preocupada com minha ferida? Por que ela se importaria se eu fosse infectado? Por que ela se ofereceria para me suturar?

Por que ela *insistiria* em me costurar, então tomaria tanto cuidado, mordendo o lábio em concentração?

E por que, porra, *por que* não consigo parar de pensar nela?

Nós nem gostamos um do outro, porra!

Não, isso não é verdade. Eu realmente gosto dela. Apesar de suas bordas afiadas que poderiam cortar um membro, eu gosto de como ela é inteligente. Perspicaz. Engraçada, embora eu geralmente seja o desfecho da piada. Eu gosto do jeito que ela joga um insulto como um passeio de tênis, então me bate de novo quando eu jogo um de volta.

Eu gosto de como ela é protetora com Lili. Como ela é carinhosa com ela. Como uma mamãe urso com seu filhote.

Significa que ela não é só lâminas de barbear e arame farpado. Em algum lugar debaixo de toda aquela armadura que ela usa bate um coração mole.

Um coração mole que aprendeu a se esconder de uma mão cruel.

Eu quis dizer o que disse sobre o quanto gostaria de matar seu marido morto. Eu até ficaria feliz em exumar seu cadáver podre e

tentar isso.

Também falei sério quando disse a ela que não queria vê-la depois do casamento. Essa foi a verdade honesta de Deus.

Porque cada segundo que passo na companhia daquela mulher é um lembrete de todas as razões pelas quais eu concordei com um casamento arranjado em primeiro lugar.

Cristo. Eu gostaria que mais algumas dúzias desses intrusos aparecessem.

Vou precisar atirar em muito mais pessoas antes que tudo isso acabe.

REY

Quando me levanto de manhã cedo e vou para a cozinha para fazer o café da manhã para os homens, encontro Quinn já lá, parado no meio do cômodo como se estivesse esperando naquele local há séculos.

Surpresa, paro na porta e olho para ele.

Seus olhos estão injetados. O cabelo dele está uma bagunça. Ele está vestindo a mesma camisa de ontem, aquela com um rasgo no ombro e manchas de sangue na manga.

Ele parece um viciado. Perigosamente chapado. Como se estivesse acordado a noite toda consumindo cocaína.

— Bom dia — falo com cautela.

Seu olhar se arrasta sobre mim como um ancinho sobre brasas. Sua voz sai áspera. — Você está bem?

— Sim. Por que, algo aconteceu enquanto eu estava dormindo?

Ele balança a cabeça, então passa a mão pelo cabelo. Ele me encara por um momento, depois se vira abruptamente e começa a andar de um lado para o outro na frente da ilha com as mãos apoiadas nos quadris e as sobranceiras franzidas.

Este é normalmente o lugar onde eu faria uma observação inteligente sobre sua personalidade calma e alegre, mas há algo diferente nele hoje. Suas nuvens de tempestade têm um aspecto mais pesado. Ele está cheio de nervos carregados e tensão crepitante, e isso me deixa preocupada.

Dou alguns passos hesitantes para a cozinha. — Quinn?

Ele faz um movimento cortante com a mão e rosna.

Eu ergo minhas mãos. — Ok.

Ignorando-o, coloco o forno para pré-aquecer. Então vou até a

geladeira e começo a tirar as coisas. Em seguida, vou até a despensa. Coloco tudo no balcão ao lado do fogão, preparo um bule de café e começo a cortar legumes e preparar a refeição.

Atrás de mim, Quinn anda de um lado para o outro. De vez em quando, ele bufa, soando como um touro batendo no chão antes de atacar.

Eu luto contra o desejo quase avassalador de me virar e dar-lhe um abraço.

Ele cai pesadamente em uma cadeira, exala em uma rajada, então geme. O som é baixo e cheio de miséria.

Quando me viro para olhá-lo, ele está com os cotovelos apoiados na mesa da cozinha. Seus olhos estão fechados e sua cabeça está presa em suas mãos, seu cabelo espetado por entre os dedos.

Sem dizer uma palavra, coloco café em uma caneca grande, adiciono uma colher de chá de açúcar e deixo a caneca na frente dele. Então volto a cozinhar e o ignoro novamente.

Depois de um tempo, ele diz em voz baixa: — Como você sabia que eu tomo meu café preto com açúcar?

Batendo os ovos em uma tigela, sorrio para mim mesma. — Você parece um homem que gosta de um pouco de doçura, mas não quer que ninguém saiba disso.

Mal-humorado como o inferno, ele retruca: — Aye? Alguma outra observação espirituosa que você gostaria de compartilhar?

— Beba seu café. É muito cedo para discutir.

Nos próximos dez minutos, não falamos. Com palavras, de qualquer maneira. Ele se senta e joga relâmpagos nas minhas costas, dos quais eu desvio com uma calma que só parece irritá-lo ainda mais.

Posso dizer que ele está querendo uma briga, mas eu não vou dar isso a ele.

Duas vezes, ele se levanta da mesa e volta a encher sua caneca na cafeteira, apenas para retornar à mesa, se jogar em uma cadeira novamente e recomeçar a meditar.

Depois que solta seu terceiro resmungo alto em alguns minutos, eu já tive o suficiente.

Paro o que estou fazendo, vou até a mesa, puxo uma cadeira ao lado dele e digo baixinho: — O que foi? Estou preocupada com você.

Atordoadado, ele pisca para mim.

— Estou falando sério, Quinn. Eu quero saber o que está errado. Por favor, diga.

Ele pisca novamente. — Você... você acabou de dizer *por favor*?

— Corta a besteira. O que aconteceu? — Quando ele apenas fica sentado lá me encarando como se eu tivesse acabado de pousar do espaço sideral, eu pergunto: — Você discutiu com Gianni? Você descobriu algo sobre aqueles homens? Houve uma mudança de planos?

— O casamento ainda está acontecendo, se é isso que você quer dizer — fala irritado.

Olho para ele por um momento, então suspiro. — Desculpe-me, eu tenho sido tão negativa sobre isso. Tenho certeza de que você pode entender o porquê, mas... bem, eu estava pensando que tenho sido muito dura com você. Injustamente. Depois do que você fez ontem...

— O que eu fiz?

Ele diz isso como se ele realmente não se lembrasse de que ele entrou no modo John Wick completo e caçou e matou os homens que abriram um buraco na lateral da casa e queriam sequestrar Lili.

— Você nos protegeu. Todos nós. E você salvou minha vida.

Ele engole, seu pomo de Adão balançando. Seu olhar ardente nunca deixa meu rosto. Ele diz rispidamente: — Você salvou a minha.

— Provavelmente não. Quero dizer, aquele cara era um péssimo atirador. Você teria aberto um buraco na testa dele antes que ele pudesse sair de outra rodada. Se fosse *eu* atirando em você pelas costas, você estaria morto. Não que eu fosse atirar em você, porque decidi que não te odeio mais, mas você sabe o que estou dizendo.

Quando eu sorrio para ele, ele exala uma risada pequena e atônita.

— Assim sem mais nem menos, você não me odeia mais?

Eu faço uma cara de maluca. — Digamos que eu tenha rebaixado para aversão intensa e deixe por isso mesmo.

— E bastou alguns assassinatos — diz ele, parecendo atordado.
— Se eu soubesse disso antes.

— Ha. Mas falando sério, brincadeiras à parte. Você está bem?

Ele me encara por um longo momento em silêncio, então pergunta com raiva: — Quem é você agora? Onde está a bruxa do pântano?

— Por que não posso ser uma bruxa do pântano e uma querida? Hécate tinha três formas e todos a adoravam. Além disso, quem é você para falar, Dr. Jekyll. — Paro para pensar. — Ou é o Sr. Hyde? Nunca consigo lembrar qual deles é o monstro.

Parecendo exausto, ele se recosta na cadeira e passa a mão pelo rosto. — Toda vez que tenho uma conversa com você, sinto que estou enlouquecendo.

— Acho que isso significa que você não vai me dizer o que está errado.

— Não posso!

Isso me deixa desanimada. — Porque você não confia em mim.

— Não, porque eu não quero contar segredos para a devoradora de almas que substituiu a Rainha Diaba Vadia por essa pessoa razoável. — Ele acena com a mão para mim em irritação. — Quem quer que ela seja.

Levanto minhas sobrancelhas e olho para ele. — Desculpe-me... *Rainha Diaba Vadia*?

— Sim — ele diz sem perder o ritmo. — Não, espere. Não é isso, é a Rainha Diaba Vadia de Toda Existência.

Estou horrorizada. — É assim que eles me chamam? Que horror!

Ele ri. — Não, é assim que *eu* te chamo. Só Deus sabe como os outros rapazes a chamam, mas seja o que for, tenho certeza de que eles nunca diriam isso na sua cara.

Profundamente insultada, eu digo: — Isso é porque eles estão com medo, se o fizessem, suas esposas estariam escolhendo seus caixões. Quinn, uma bruxa do pântano é uma coisa, mas... *Rainha Diaba Vadia de Toda Existência*? Sério?

— Você já se viu, *lass*?

— Eu não sou tão ruim assim!

Ele bufa e coça a barba. — *Aye*. E as víboras não são tão venenosas.

Cruzo os braços sobre o peito e sorrio para ele. — Ah, isso me lembra. Não foi açúcar que coloquei no seu café. Era arsênico.

— Você só está provando o argumento!

O temporizador do forno apita. Levanto-me, despejo a mistura da caçarola de ovos em seis assadeiras untadas e as coloco nos fornos duplos. Então eu volto para Quinn.

— Fruta?

— Perdão?

— Você gostaria de algumas frutas com seu ovo assado, ou você é estritamente um cara de proteínas?

Ele torce os lábios. — Quer dizer que você ainda não sabe?

Inclino minha cabeça e olho para ele sob os cílios abaixados. — Eu diria que você é um grande comedor de frutas.

Um leve tom de rosa mancha suas bochechas. Ele engole. — O que eu realmente preciso é de uísque.

— Não, o que você realmente precisa é de um banho e uma camisa nova. Eu te daria uma de Gianni, mas você é grande demais no peito e nos ombros para caber em qualquer coisa dele.

— Isso foi... você acabou de me dar um *elogio*?

— Ah, pare de me olhar boquiaberto. Só estava dizendo que você precisa trocar de roupa. Não podemos ir às compras com você parecendo que saiu de debaixo de uma ponte.

Seu rosto cai. — Comprar a aliança. Claro.

Ele parece totalmente deprimido com a menção disso, o que é confuso, considerando que ele é aquele que insiste tanto nesse casamento.

— Quinn?

Ele olha para mim.

Hesito, mas decido que tenho que dizer, não importa o quanto ele não vai gostar. — Lili vai precisar da sua paciência. Seu casamento, pelo menos no começo, será muito difícil para ela. — Quando seu olhar azeda, eu rapidamente adiciono. — Não estou falando sobre suas mudanças de humor vertiginosas agora. Estou falando sobre o fato de ela ser jovem e ingênua.

Para não mencionar loucamente apaixonada por outra pessoa.

Minha voz cai. — Ela está com medo, ok? Por favor, seja gentil com ela. Se eu não estiver por perto para segurar a mão dela, você vai ter que estar. E eu sei que você pode, porque eu vi o lado humano que tenta tanto manter enterrado. Dê esse lado a ela, e você a fará feliz.

Ele olha para o meu rosto com uma expressão indescritível. Se eu não conhecesse melhor, diria que era angústia.

Ele diz rispidamente: — Maldição, mulher. Justo quando eu acho que entendi você, você cresce outra cabeça de Hidra e me derruba de novo.

Eu jogo minhas mãos no ar. — Você pode, por favor, parar de me chamar de *mulher* como se fosse um palavrão? Eu odeio isso!

Seu olhar penetrante no meu, ele responde suavemente: — Eu nunca disse isso como se fosse uma palavra ruim. É a palavra mais bonita da língua.

Então ele se levanta e sai da cozinha, e fico olhando para ele em um silêncio atordoado.

* * *

Uma hora depois, alimentei os homens, verifiquei Lili ainda dormindo e joguei água fria suficiente no meu rosto para esfriá-lo de escaldante para apenas quente.

Não tive essa sorte com a minha calcinha. Ela ainda está pegando fogo.

Quinn me chamou de bonita.

Quer dizer, eu acho que ele fez. Em uma espécie de rotatória.

Não foi? Ou estou inventando na minha cabeça? Minha vagina sequestrou meu intelecto e o manteve refém para que tudo o que o homem diga agora pareça sugestivo?

Eu me odeio por não saber. Eu me odeio ainda mais por querer saber.

Eu me odeio acima de tudo por esperar que eu esteja certa.

Quando Quinn reaparece na cozinha com uma camisa limpa e diz que está pronto para sair, não consigo olhá-lo nos olhos. Eu apenas aceno e continuo lavando a louça.

Ele fica lá vibrando tensão até que rosna: — A qualquer momento neste século.

Desligo a água, enxugo as mãos e passo por ele, saindo da cozinha.

— Aonde você está indo?

— Pegar minha bolsa, se estiver tudo bem para você, Príncipe Encantado.

Ele resmunga algo baixinho que eu ignoro. Dez minutos depois, estamos em seu grande Escalade preto, indo para a cidade.

O silêncio no carro é ensurdecedor.

Quando não aguento mais, tento manter uma conversa educada. — Então, onde você pretender passar a lua de mel? — Ele me olha como se não estivesse familiarizado com a palavra. — Não me diga que você não vai levá-la para uma lua de mel!

Ele olha para o para-brisa, segurando o volante com tanta força que tenho certeza de que está desejando que fosse meu pescoço. Com os dentes cerrados, diz: — Eu realmente mal posso esperar até nunca mais te ver.

Eu olho para seu perfil estúpido e bonito, me forçando a me abster de arrastar minhas unhas pelo lado de sua bochecha. Não quero que Lili tenha que olhar para o rosto rasgado dele durante os votos de casamento.

— Você deveria levá-la para a Irlanda — eu sugiro, então olho pela janela do passageiro porque não consigo olhar para ele nem um segundo a mais.

Depois de um tempo, ele diz rispidamente: — Por que a Irlanda?

Resistindo à vontade de fazer uma piada sobre as alegrias de cantar em um bar bêbado, digo em vez disso: — Para que ela possa ver onde você nasceu, Quinn. Conhecer você melhor. Sabe, conhecer todos os seus parentes da pátria e outros detalhes.

— Não tenho mais parentes na Irlanda.

A maneira sombria como diz isso me faz olhar para ele. Sua mandíbula está dura e suas nuvens de tempestade estão se formando, mas eu tenho que perguntar.

— Por que eles estão todos nos Estados Unidos agora?

— Porque estão todos mortos.

— Oh. Sinto muito por ouvir isso.

Não pergunte. Não diga isso, Reyna. Seja esperta e deixe pra lá.

Em meu silêncio ambivalente, ele diz: — Sim, *lass*, todos eles. E não, eu também não tenho ninguém aqui.

— Então é só você?

— Sim.

— Sem pais? Irmãos? Primos? Ninguém?

— Ninguém — ele repete rispidamente, então me envia um olhar aguçado. — E essa é a verdade.

— Você é o último Quinn?

— Há um milhão de Quinns — diz ele com um movimento dos dedos. — Apenas não algum um com o qual eu esteja diretamente relacionado. — Depois de uma pausa, ele acrescenta: — O que era o ponto.

Isso soa ameaçador. Mas ele não oferece nenhuma explicação adicional, então eu digo: — Eu não entendo.

Ele fecha os olhos brevemente, balança a cabeça como se estivesse se arrependendo de toda a conversa, então suspira. — No Velho Mundo, quando alguém realmente quer enviar uma mensagem, apaga uma árvore genealógica inteira, de cima a baixo. Avós, pais, filhos, maridos, esposas... todas as gerações vivas relacionadas por

sangue ou casamento com aquele que causou a ofensa.

E eu aqui achando a Cosa Nostra brutal.

— Foi isso que aconteceu com sua família?

Em vez de responder, ele liga o rádio.

Eu o alcanço e desligo. — Como você sobreviveu?

Ele olha para a tatuagem no meu dedo anelar esquerdo. — Como você sobreviveu?

Olho pela janela novamente, para a paisagem suburbana que passa rastejando em direção à cidade. — Dia após dia. De qualquer maneira que eu pudesse.

— Então você já sabe. Os detalhes não importam.

Ele liga o rádio novamente, encerrando a conversa.

Fecho meus olhos e permito que o desejo súbito e intenso de chegar ao coração escuro desse estranho *changeling*³⁰ de um homem passe por mim até que seja apenas um gosto fraco e agri-doce na minha língua.

O casamento não parece ser breve o suficiente.

Ele é uma correnteza e eu estou nadando longe em águas perigosas, sendo puxada para baixo rapidamente, não importa o quanto eu lute para permanecer à deriva.

SPIDER

Fica claro que cometi um grande erro ao ordenar que Reyna me acompanhasse na excursão para a compra do anel logo ao entrarmos na loja Cartier em Manhattan, quando o gerente da loja nos cumprimenta com um grande sorriso, braços abertos e um entusiasmado: *Parabéns por seu noivado!*

Reyna encara o gerente como se estivesse planejando seu assassinato.

Ela diz friamente: — Que gentil. Obrigada. Agora, por favor, mostre-me o maior diamante que você tem à venda.

— Você tem alguma preferência por forma?

— O que for mais caro.

O gerente quase se molha de emoção. — Por aqui!

Alguém, por favor, mate-me agora.

Eu os sigo enquanto caminham até uma vitrine de vidro iluminada perto dos fundos da loja. Nós somos os únicos clientes, pois Declan ligou e organizou uma exibição privada para nós.

Eu não disse a ele que estava trazendo Reyna em vez de Lili, porque eu não queria receber um sermão. Agora estou pensando que poderia ter usado uma boa palestra para me convencer de uma ideia tão idiota.

Não tenho dúvidas de que, ao partirmos, estarei falido.

O gerente, que ainda não se apresentou, pula atrás do case e faz mãos de porta-voz nas fileiras de anéis brilhantes aninhados em veludo branco abaixo.

Ouçó palavras como impecáveis e requintadas, mas estou muito distraído para prestar atenção a qualquer outra coisa.

Reyna se debruçou sobre o balcão. Sua postura e a forma como o

tecido de seu vestido se agarra enfatiza o perfeito inchaço arredondado de seu traseiro. Inspecionando a mercadoria no estojo abaixo, ela levanta uma mão na mandíbula e desliza um mindinho entre os lábios, mordendo a ponta em concentração.

Meu Deus, essa boca. Como eu quero foder essa boca deliciosa.

Tenho que me forçar a desviar o olhar para que a frente da minha calça não fique presa.

— Os rosas são lindos. Lili adoraria isso.

— Você tem um gosto excelente — diz o gerente, parecendo impressionado. — Os diamantes rosa estão entre as mais raras de todas as gemas.

— Provavelmente os mais caros também — murmuro.

— Eles são vendidos na faixa entre um e cinco milhões por quilate, dependendo da clareza e do corte.

Quando lhe envio um olhar amargo, ele sorri como um vendedor de carros usados. — Mas quem pode colocar um preço no amor verdadeiro?

— Eu — falo sem rodeios. — E não são cinco milhões de malditos dólares.

O gerente olha para Reyna, que está me dando um olhar que poderia derreter aço sólido.

— Mas *querido* — ela ronrona, furtiva como uma pantera. — Eu não valho a pena?

Estreito meus olhos para ela.

Ela sorri.

Sentindo um jogo de poder entre nós e uma oportunidade de lucrar com isso, o gerente diz a Reyna: — Se você está procurando algo *realmente* incomum, tente isso.

Ele abre a parte de trás da caixa com uma chave da corrente em seu pulso, remove um suporte de acrílico transparente e o coloca no balcão de vidro. Na bancada está um anel composto por uma simples faixa de ouro rosa com uma enorme pedra vermelho-sangue colocada no meio. Ele brilha e pisca sob a luz como se estivesse vivo.

— Isso é um rubi? — diz Reyna, franzindo a testa.

O gerente responde em voz baixa. — É um diamante vermelho. Um dos poucos já minerados. Ele contém zero impurezas e é absolutamente impecável.

É também a cor exata dos lábios exuberantes de Reyna.

Eu olho para ele, hipnotizado pelo tom vívido.

— Experimente — o gerente pede, tirando o anel do suporte.

— Oh, não, eu não poderia — Reyna começa a protestar. Mas o gerente agarra sua mão e já está deslizando o anel em seu dedo anelar esquerdo.

Ela puxa a mão, mas é tarde demais.

O anel brilha em seu dedo como uma grande e brilhante gota de sangue.

Ela estende a mão o mais longe possível do corpo e fica boquiaberta com os olhos arregalados e sem piscar. Ela está pálida e sua mão está tremendo.

Não tenho certeza, mas acho que ela está prestes a vomitar.

Muito gentilmente, eu agarro seu pulso e deslizo o anel de seu dedo. A tatuagem em sua pele parece um pouco mais escura, a escrita inclinada parecendo rastejar como cobras sibilantes.

Eu pisco, e a ilusão se foi.

Reyna murmura algo em italiano, então exala um suspiro trêmulo.

— É, não é? — diz o gerente, radiante.

Eu entrego o anel de volta para ele. — Você sabe italiano?

Ele concorda. — Minha mãe nasceu em Roma. Eu nunca morei lá, mas fomos criados falando em casa. Também fiz alguns cursos universitários.

Reyna puxa seu braço do meu aperto. — Por favor, dê-me licença. Preciso usar o banheiro.

— Sim, claro. É por aquele arco. Segunda porta à sua esquerda.

Assentindo distraidamente, ela sai correndo sem olhar para trás.

Enquanto o gerente está colocando o anel de volta na caixa, eu digo em voz baixa: — Você viu a tatuagem no dedo anelar da minha noiva?

— Sim, Sr. Quinn, eu vi.

— O que diz? — Quando ele me olha intrigado, eu sorrio para ele. — Ela é muito tímida para me dizer ela mesma.

Ele ri. — Bem, suponho que isso faça sentido. É um pouco estranho.

— Como assim?

— Qualquer uma com as palavras '*nunca mais*' tatuadas onde um anel de casamento ficaria provavelmente tem fortes sentimentos sobre o matrimônio. Você deve ter sido muito persuasivo.

Nunca mais.

Isso me atinge como um chute no estômago: um desejo poderoso de matar seu marido já morto.

Com um novo senso de urgência, pergunto: — O que ela disse a você sobre o anel?

Seu sorriso é presunçoso. — Que é a coisa mais linda que ela já viu na vida.

Ele tira um cartão de visita do bolso do terno e escreve algo no verso. Em seguida, o desliza pela caixa de vidro em minha direção.

Pego-o, leio o preço do diamante vermelho e quase rio alto.

Vinte milhões de dólares.

Virando o cartão para ler o nome dele, digo: — Diga-me, Lorenzo, se você fosse uma garota de dezoito anos, qual desses rosas você gostaria?

Ele franze a testa em confusão. — Dezoito?

— É uma longa história.

No caminho de volta para casa, Reyna fica em silêncio.

Ela tem uma expressão em seu rosto que eu nunca vi antes. É um misto de saudade e solidão, dor e tristeza.

Uma espécie de tristeza que a faz parecer perdida.

— Você quer falar sobre isso, víbora?

Ela olha para mim, então se vira, balançando a cabeça. — Falar nunca ajuda em nada.

— Conheço alguns terapeutas que discordariam de você.

— Você diz isso como se realmente conhecesse os terapeutas.

— Eu conheço.

Sinto sua atenção se aguçar, mas ela não olha para mim. — Amigos seus ou...?

Dou de ombros. — Fiz terapia por alguns anos. Tentei alguns diferentes.

Agora ela olha para mim, balançando a cabeça para me encarar em choque. — *Você?*

Eu resmungo: — Não faça isso soar tão malditamente implausível.

— Não é implausível, impossível.

— Por quê?

— Porque você é você!

— Seja lá o que diabos isso significa.

— Esses terapeutas sabiam o que você faz da vida?

— Não. Eu nunca falei sobre o meu trabalho.

— O que você falou?

Depois de um momento para reunir meus pensamentos, digo: — O sentido da vida. A futilidade da vingança. Como o perdão não é para a outra pessoa, é para você. Como continuar quando você não

tem uma razão para viver.

Seu silêncio é profundo. Não arrisco olhar para ela.

Posso senti-la olhando para mim, porém, e isso é o suficiente.

Arrastando a mão pelo meu cabelo, expiro pesadamente. — Quando eu era jovem, houve um tempo em que tudo que eu fazia era pensar em morrer. Eu desejava isso, todos os dias. Eu me colocaria em todas essas situações malucas, tentando o destino. — Minha risada é sombria. — Eu era suicida.

— Por que é que isso é engraçado?

— Porque eu poderia facilmente matar outro homem, mas nunca tive coragem de me matar.

Ela diz suavemente: — Oh, Quinn. Não se matar não foi um ato de covardia. Foi um ato de coragem. É preciso muito mais coragem para continuar vivendo quando você está com dor do que desistir.

Quando olho para ela e nossos olhos se encontram, parece que me conectei a uma tomada. Eletricidade, muito quente, corre em minhas veias. Até o ar parece carregado com uma corrente. Meu cabelo provavelmente está em pé.

Ela murmura: — E se vale de algo, estou feliz por você estar vivo.

Posso dizer que ela imediatamente se arrepende disso, porque fecha os olhos, balança a cabeça e se vira.

Não falamos pelo resto da viagem. Assim que eu paro na entrada circular e estaciono, ela salta do carro e corre para dentro de casa. Eu me sento lá com o motor ligado, lutando contra a necessidade de correr atrás dela.

Então envio uma mensagem para Declan porque preciso de algo para me manter distraído pela próxima semana.

De preferência algo violento.

REY

O resto da semana voa.

Um representante do ateliê Vera Wang em Manhattan chega à casa com vestidos de noiva para Lili experimentar. Como não temos tempo suficiente para fazer um vestido personalizado, temos que comprar algo pronto e encaixá-lo. Felizmente, Mamma é uma excelente costureira e pode fazer os ajustes.

Lili corre para o banheiro duas vezes para vomitar e cai em lágrimas três vezes enquanto experimenta os vestidos. Mas passamos por isso e decidimos por um lindo vestido de chiffon e renda. A saia é fluida com uma cauda curta e o corpete é detalhado com lantejoulas e pérolas. Ela parece um anjo nele.

Um anjo choroso e miserável.

Quando pergunto como ela está, diz sombriamente: — Você não quer saber.

A última vez que me senti tão impotente, um assassinato premeditado estava ao virar da esquina.

* * *

Na sexta-feira, um dia antes do casamento, voamos para Boston no jato de Gianni. Arrumei tudo que Lili vai precisar para começar sua nova vida. Exceto antidepressivos.

Ela tem um olhar selvagem e desesperado em seus olhos que eu não gosto.

Com uma dúzia de guardas armados a reboque, entramos no Four Seasons com um nome falso, tomando a suíte presidencial para nós quatro. O resto dos quartos do andar estão vazios, porque Gianni fez questão de reservar todos eles.

A paranoia está deixando-o louco.

Ele ainda não tem ideia de quem foram os homens que invadiram a casa. Apesar de todo o seu poder e seus contatos no submundo, ele não conseguiu descobrir uma pista.

A falta de informação é preocupante. Há sempre alguém disposto a falar por um preço – ou ser persuadido, sob ameaça – não desta vez. Ninguém parece saber de nada.

O mais assustador de tudo é que os técnicos forenses que trabalharam nos corpos no necrotério não encontraram nada identificável sobre nenhum dos homens.

As pontas de todos os dedos haviam sido queimadas com ácido. Os registros dentários não mostraram correspondências. Seus rostos não estavam em nenhum banco de dados da lei.

Eles eram fantasmas.

Tentei não admitir para mim mesma que me sentiria melhor se Quinn tivesse ficado na casa o resto da semana, mas meu subconsciente sabia perfeitamente. A casa parecia mais vazia sem sua presença expansiva nela. A Mob enviou reforços armados para tomar seu lugar e dar proteção suplementar aos homens de Gianni e Leo, mas isso não me deixou mais descansada.

Cem irlandeses não poderiam me dar a mesma paz de espírito.

Ele pode ser mal-humorado, mandão e totalmente irritante, mas Quinn é único quando as coisas ficam feias.

Detesto pensar assim. Mas, para o bem de Lili, estou feliz. Se alguém tentar sequestrá-la novamente, eles terão que lidar com um rabo maluco, mas extremamente protetor.

E eu sei que eles se arrependerão disso.

No carro a caminho do ensaio na igreja, na noite anterior ao casamento, Gianni transpira como um porco.

— Por que você está tão nervoso? — diz Mamma, franzindo a testa para ele. — Sua filha é quem vai se casar.

Sentada ao meu lado no banco de trás da limusine, Lili descansa a cabeça no encosto do banco e fecha os olhos. Eu aperto sua mão úmida, mas ela não aperta de volta.

Enxugando a testa com um lenço de bolso de seda, Gianni diz: — Mas sou eu quem vai ficar na merda se algo der errado.

— O que poderia dar errado?

Eu falo: — Não tente o destino fazendo uma lista, Gianni.

Mamma gargalha. — Como se o destino tivesse alguma coisa a ver com qualquer coisa. É tudo Deus. Ele é quem tem a mania de mesquinhez.

Para Lili tanto quanto para Gianni, digo calmamente: — Nada vai dar errado. Boston pertence à Mob, e todo mundo sabe que você não cruza com Declan O'Donnell.

Mamma diz: — Ela não vai se casar com Declan O'Donnell.

Envio a ela um olhar aguçado. — Ela vai se casar com o braço direito dele, o que é quase tão bom.

— Quase não é a mesma coisa.

— Mamma, pare! Você está assustando-a!

Ela olha para Lili, sentada passivamente ao meu lado com os olhos fechados e o rosto pálido. — Essa criança não está com medo. Ela está de luto.

Gianni franze a testa. — Luto pelo quê?

— Não dê ouvidos a ela — eu interrompo, dando-lhe um olhar duro. — Ela já tomou meia garrafa de vinho.

Ela sorri de volta para mim. — A noite ainda é uma criança.

Eu poderia ter que trancá-la em um armário de casacos.

Quando chegamos à linda e antiga igreja de tijolos, Quinn já está lá. Vestido com seu habitual terno preto Armani, com o cabelo penteado e os olhos ardendo, ele está de tirar o fôlego.

Lili dá uma olhada nele fumegando dentro das portas do vestíbulo e solta um gemido.

— Sr. Quinn — diz Gianni, correndo com a mão e seu pânico estendidos na frente dele. — Tão bom ver você de novo. Estamos atrasados?

— Não. Estou aqui há horas. — Ele aperta a mão de Gianni, acena para Lili e Mamma, então olha para mim.

A pura força de seu olhar me joga de volta em meus calcanhares.

— Reyna — diz ele rispidamente.

— Quinn.

Seu olhar me queima de cima a baixo. Ele lambe os lábios, endireita a gravata e muda o peso de um pé para outro. Então desvia o olhar, flexionando os músculos da mandíbula.

— Todo mundo já está dentro.

Posso dizer que Gianni está horrorizado por sermos os últimos a chegar, mas ele tenta não demonstrar.

— Maravilhoso! Vamos entrar?

Quinn gesticula em direção às portas. Gianni pega a mão de Lili e a arrasta entre eles. Mamma segue, rindo para si mesma e balançando a cabeça. Eu a estou seguindo, perguntando-me se ela está começando a enlouquecer, quando Quinn estende a mão e agarra meu braço.

Assustada, eu olho para ele.

Com a voz baixa, ele diz: — Estive pensando.

— Sério? Você pegou emprestado o cérebro de outra pessoa?

— Muito engraçado, víbora.

Nós olhamos um para o outro por um momento enquanto seus dedos apertam levemente ao redor do meu braço. Quando inalo, sinto o cheiro dele. Pele, calor e almíscar masculino. Apenas sua essência, não diluída pela colônia.

Minha boca começa a salivar. Acho que aquele gemido fraco que ouço são meus ovários.

Ele diz: — Não foi justo, o que eu disse sobre você não ver Lili depois do casamento. Ela poderá ver você em Nova York quando quiser.

Estou tão surpresa que quase rio. — Tem certeza? Achei que você não aguentaria me ver.

Sua resposta é dura: — É por isso que eu disse que ela poderia *ir* vê-la, não que você poderia *vir* vê-la.

Por que ele está segurando meu braço? Por que meu coração está acelerado? Por que estamos tão perto?

Eu digo: — Que bom que você caiu em si, porque eu não ia obedecer a essa ordem ridícula de qualquer maneira.

Seus cílios abaixam. Ele fala lentamente: — Que choque.

— Não achei que você ficaria surpreso. Posso, por favor, ter meu braço de volta agora?

Seu olhar faz uma viagem vagarosa sobre mim novamente, percorrendo cada curva. — Por que você sempre usa preto?

— Diz o homem que sempre se veste de preto.

— Eu sou um mafioso. É o uniforme.

— É o uniforme para viúvas também.

— Você é viúva há três anos. O preto é apenas tradicional no primeiro ano.

Surpresa por ele ter se lembrado desse detalhe, digo: — Vou usar preto enquanto for viúva. O que será para sempre, então sempre usarei preto. Este é o melhor momento para conversar sobre meu guarda-roupa? Você deveria estar marchando ao redor de um altar agora, praticando para amanhã.

Ignorando-me, provavelmente porque estou fazendo muito sentido, ele diz: — Você não será mais viúva se casar novamente.

Minha risada é suave, mas cheia de amargura. — Eu *nunca* vou me casar novamente.

— Nunca diga nunca. E se conhecesse o cara certo?

— Estou desapontada que você decidiu fumar algo alucinógeno antes de seu próprio ensaio de casamento, Quinn, mas nunca é a escolha correta da palavra. Significa nunca, em nenhum momento, absolutamente não. A ameaça da minha própria morte não poderia me obrigar a subir ao altar novamente.

Olhando no fundo dos meus olhos, ele diz com uma voz rouca: — Eu disse nunca mais de uma vez também. Acontece que eu estava

errado.

Meu coração começa a bater mais rápido. Percebo toda a pele do meu corpo de uma só vez, porque está superaquecendo. Sinto que estou sendo assada de dentro para fora.

Eu tento parecer normal, mas minha voz sai fraca. — Sobre o que você disse nunca?

Seu olhar cai para minha boca.

Ele está prestes a dizer algo quando somos interrompidos por uma voz de mulher.

— Aí está! Achei que tivéssemos perdido você.

Olho para ver uma morena deslumbrante em um vestido branco justo a alguns metros de distância, sorrindo para nós, com as mãos apoiadas nos quadris. Ela é alta e cheia de curvas, com um brilho em seus olhos verdes que é igualmente autoconfiante e travesso.

Quinn solta a mão do meu braço e dá um passo para trás. — Olá, Sloane.

— Olá, Spider! Apresente-me a sua amiga.

— Reyna, esta é Sloane, a esposa de Declan. Sloane, Reyna.

Sloane e eu apertamos as mãos enquanto ela sorri e me olha com interesse descarado.

— Então esta é a infame Viúva Negra. Baby, eu estava morrendo de vontade de conhecê-la. Eu tenho *tantas* perguntas.

Horrorizada, olho para Quinn. — *Viúva Negra?* O que aconteceu com a Rainha Diaba Vadia de Toda Existência?

Ele suspira. — Eu não te chamei assim, víbora. É como todos os outros te chamam.

Sloane diz: — Eu gosto mais de Rainha Diaba Vadia de Toda Existência! Que foda! Se você não quiser usar esse, eu aceito. Já posso ver a tatuagem, um demônio vermelho sexy com chifres, uma longa cauda e uma coroa de diamante negro, sentado em um trono de caveiras no meio de um lago de fogo. Certo?

Ela ainda está sorrindo para mim, apertando minha mão. Estou começando a me sentir como se estivesse sendo filmada para um

desses reality shows onde eles zombam de tolos desavisados.

— Claro, vamos fazer iguais. Vou colocar a minha bem acima do lugar onde o meu coração deveria estar. Sabe, se eu tivesse um.

Quando eu sorrio para ela, ela joga a cabeça para trás e ri. — Ah, eu gosto de você. Eu diria que podemos ser melhores amigas, mas eu já tenho uma dessas. Você pode ser a próxima na fila, no entanto.

Eu respondo inexpressiva: — Minha vida será completa.

Ela enlaça seu braço no meu e me leva para dentro da igreja, lançando um olhar por cima do ombro para Quinn. Assim que estamos fora do alcance da voz, ela murmura: — Um conselho? Fique longe de Boston por um tempo após o casamento. Tipo, para sempre.

Não tenho certeza se quero saber o que ela quer dizer, mas pergunto mesmo assim. — Por quê?

— Porque, querida, qualquer homem que olha para uma mulher do jeito que Spider olha para você já está pensando em como ele vai arruinar sua vida.

REY

O ensaio acontece sem problemas, mas para mim são trinta minutos de inferno absoluto.

Eu não olho para Quinn. Eu quero muito, mas não quero. Se o que Sloane disse é verdade, então essa atração carnal insana que sinto por ele é mútua.

E óbvia.

O que significa que estamos em cima de duas toneladas de dinamite, e é apenas uma questão de tempo até que alguém acenda um fósforo.

Eu me despeço do jantar depois alegando uma dor de estômago. A limusine me deixa no hotel, e vou direto para o quarto e me deito. Levanto-me depois de cinco minutos e assalto o frigobar.

Quando despejo a vodca em um copo, minhas mãos tremem.

Duas horas depois, Gianni, Mamma e Lili retornam.

Lili entra em seu quarto e tranca a porta. Mamma vai para o sofá da sala e se deita. Gianni tira a gravata e a joga nas costas de uma cadeira na sala de jantar, balançando a cabeça e resmungando.

— Como foi o jantar?

Ele para de resmungar para me encarar. — Como foi? Eu vou te contar como foi. Quinn não falou uma maldita palavra comigo o tempo todo.

Do sofá, mamãe grita: — Ele também não falou com mais ninguém.

Gianni concorda com a cabeça. — Nem mesmo com seu próprio chefe! Você deveria tê-lo visto sentado lá, triturando os molares em silêncio, enquanto todos os outros tentavam conversar ao seu redor. Quem ele pensa que é, rei do universo?

Na verdade, sim. Mas não digo isso em voz alta. — Ele provavelmente está apenas nervoso para amanhã.

— O que *ele* tem para ficar nervoso, o filho da puta rude?

Digo cortante: — Só que sua nova noiva foi alvo de sequestro há uma semana. Talvez ele esteja preocupado com o que pode acontecer no casamento!

Mamma ri. — Se ele aparecer. Esse homem tem os pés mais frios do que o iceberg que afundou o *Titanic*.

— Nem mesmo sugira isso! Na segunda-feira, as famílias realizarão uma votação para o novo capo. Se aquele bastardo irlandês não aparecer para o casamento... — Gianni estremece, sem vontade de sequer terminar o pensamento.

— Meu Deus, Gianni. Você se importa com outra coisa além de se tornar capo?

Ele me olha como se eu tivesse enlouquecido. — Que pergunta estúpida. Claro que não.

Eu me sirvo de outra vodca e vou bater na porta de Lili. Ela não responde.

— Lili?

— Vá embora, *zia*. Eu preciso ficar sozinha agora.

— Mas...

— Esta é minha última noite de liberdade! — ela grita atrás da porta. — Deixe-me em paz!

Fecho meus olhos e bato minha testa suavemente na porta várias vezes. Então tomo o resto da vodca e vou para a cama.

Acordo de manhã com uma sensação de pavor tão forte que parece uma premonição.

Eu corro para o quarto de Lili em pânico e bato em sua porta. Quando ela abre, estou tão aliviada em vê-la que quase desabo em uma pilha a seus pés.

— Graças a Deus — eu digo sem fôlego, pressionando a mão sobre meu coração martelando.

Ela faz uma careta para mim. — Você achou que eu fugi pela janela no meio da noite?

— Não. Mas agora que você mencionou, sim.

— Estamos no décimo nono andar. A única coisa para a qual eu usaria a janela seria me jogar para fora dela. Agora, por favor, me deixe em paz. Eu tenho que colocar minha mortalha e me preparar.

— Não é uma mortalha, é um vestido de noiva. — Quando ela apenas me encara em um silêncio sinistro, eu digo: — Você está certa. É a mesma coisa. Tudo bem? Apague isso, o que eu quero dizer, você precisa de mim para alguma coisa?

— Sim.

— O quê?

— Diga-me como matar meu marido e me safar.

Fecho os olhos e respiro fundo. — Vou fingir que não ouvi isso.

— Então você não pode me ajudar com nada. Bata na minha porta quando for hora de sair. Até lá, estou fazendo uma vigília à luz de velas pelo meu futuro perdido.

Ela fecha a porta na minha cara.

Às quatro horas, vamos para a igreja. Na limusine, todos estão tensos e em silêncio. Até mamãe parece infeliz. Quando Lili vê a enorme multidão se aglomerando nos degraus do lado de fora da igreja, ela fica branca.

Murmuro: — Firme, *tesoro*.

Ela não responde. Ninguém mais diz nada, também.

Rodeados por uma barreira de guarda-costas, entramos na igreja. A coordenadora, uma mulher idosa em um cardigã vermelho que tem ombros caídos e um sorriso doce, mostra-nos as meninas no camarim da noiva enquanto Gianni se dirige para se certificar de que Quinn chegou.

Em seu vestido de noiva, Lili se joga pesadamente em uma cadeira estofada no camarim e olha fixamente para a parede. Seu buquê já está aqui, esperando na mesa de centro em uma caixa branca com papel de seda. Meu buquê é igual ao dela, uma versão menor.

— Sinto muito que seu pai não permitiu que você tivesse outras damas de honra além de mim — eu digo suavemente, tocando uma orquídea no meu buquê.

— Não faz diferença — ela diz, sua voz sem vida. — Eu não vou ver minhas amigas novamente, de qualquer maneira. Morarei aqui em Boston a partir de agora. E você sabe que elas não poderão vir me visitar.

Estou prestes a protestar que Quinn vai deixá-la ter amigos quando Gianni irrompe na sala em uma onda de excitação.

— Ele está aqui! Quinn já está aqui e está tudo bem, e acho que estou tendo um ataque cardíaco!

Parecendo entediada, mamãe diz: — Você pode morrer depois de me acompanhar até o meu lugar. Eu não quero navegar nessa multidão sozinha.

Ela dá um beijo na bochecha de Lili e sai mancando na bengala. Um exultante Gianni segue atrás, deixando-me sozinha com minha sobrinha de luto.

Antes que eu possa pensar em algo apropriado para dizer, ela me pede para deixá-la em paz até a hora de caminharmos até o altar.

Meu coração doendo por ela, eu saio, silenciosamente fechando a porta atrás de mim. Ignorando os guardas estacionados do lado de fora e evitando a multidão de pessoas no vestíbulo, encontro um banheiro feminino deserto em um corredor dos fundos e me tranco em uma cabine por alguns minutos para tentar recuperar o fôlego.

Não consigo. Fico ali sentada hiperventilando por longos e terríveis minutos até que, finalmente, os sinos da igreja começam a tocar. Então eu volto para o vestiário, sentindo como se um bloco de cimento tivesse caído no meu peito.

Quando abro a porta do camarim, congelo de horror.

Lili está de joelhos no meio do chão, soluçando.

Ela está agarrada a um jovem de cabelos escuros vestido com uma jaqueta de couro marrom, jeans e uma camiseta branca, que está parado protetoramente na frente dela, usando seu corpo como escudo.

Os olhos escuros de Juan Pablo ardem de desafio e fúria.

Gianni está a dois metros de distância, apontando uma arma para seu peito.

Reagindo puramente por instinto, eu bato a porta para que os guardas não possam ver o que está acontecendo e ordeno: — Gianni, abaixe a arma.

Ele vomita palavras em italiano, depois grita em inglês: — Seu filho da puta, filho da puta! Você rastejou pela janela como uma barata? Diga suas malditas orações, *coglione*31!

Lili deve ter ligado para ele do hotel. Ela ligou para ele e disse onde ela iria se casar, e ele veio aqui para impedir o casamento.

Apesar de me chutar por deixá-la sozinha em um quarto com telefone, tenho que admitir que sinto uma profunda admiração pela bravura de Juan Pablo.

Ele é corajoso, mas tão, tão estúpido. Gianni nunca o deixará sair vivo desta sala.

— Papai, por favor! Por favor, escute-me! — geme Lili, chorando tanto que seu corpo inteiro treme.

— Por que eu deveria te ouvir, porra? Você desonrou toda a sua família!

Aproximando-me de Lili, eu digo: — Todos se acalmem. Respire fundo, Gianni. Não faça nada estúpido.

Ele olha para mim, seus olhos selvagens e seu rosto vermelho brilhante. — Ela está fodendo esse garoto, Reyna! Ela acabou de admitir! Ela acha que está apaixonada por este... este... filho de um homem da piscina! Ela está arruinada! E ela *me* arruinou!

Quando ele dá um passo mais perto deles, balançando a arma como um lunático e gritando sobre como Juan Pablo está prestes a encontrar seu criador, Lili grita aterrorizada: — Você não pode matá-lo! Estou grávida!

Gianni congela. Seus olhos se arregalam. Todo o sangue escorre de seu rosto.

Grávida.

Além do meu choque, há uma raiva crescente. Lili teria se casado com Quinn se Juan Pablo não tivesse aparecido. Ela teria se

casado com Quinn e tentado passar o bebê deles como dele.

Ela teria me contado? Ela teria esperado que eu escondesse isso dele, que a criança que ele acreditava ser sua era, na verdade, de outro homem?

Fingir ser virgem na noite de núpcias é uma coisa. Mentir a vida inteira sobre a verdadeira identidade do pai de seu filho é outra bem diferente.

Minha raiva é desviada quando Gianni sussurra: — Então vocês *dois* têm que morrer.

Antes que ele possa puxar o gatilho, eu pulo na frente de Juan Pablo. — Não!

— Saia do caminho, Reyna — Gianni rosna.

Estendendo minhas mãos, eu digo: — Você não tem que fazer isso! Há outro jeito!

— Não há outra porra de jeito! Há quatrocentas pessoas naquela igreja esperando para ver um casamento. Quando Lili não subir ao altar, quem você acha que será culpado? O que você acha que vai acontecer comigo? *Conosco?* Quinn será humilhado. O contrato será cancelado. Perderemos nossa posição com as outras famílias, não serei nomeado capo, e podemos começar a cavar nossas próprias covas. Está tudo acabado para todos nós, a menos que Quinn consiga uma esposa!

A menos que Quinn consiga uma esposa.

Ah. Merda. Eu sabia que hoje seria um pesadelo.

Eu arrasto uma respiração profunda em meus pulmões e dou minha vida.

Não é a primeira vez que o faço, mas é a primeira vez que o faço por uma causa nobre.

Salvar três vidas conta como nobre, certo?

Olhando diretamente nos olhos selvagens de Gianni, eu digo baixinho: — Lili não é a única mulher solteira da família Caruso.

Ele leva um momento antes que ele entenda. Então solta um suspiro espantado.

— Agora abaixe a arma e mande alguém buscar mamãe.

— Para que você precisa dela?

Expiro, mal capaz de acreditar nas palavras prestes a sair da minha própria boca.

— Ela tem que alterar um vestido de noiva.

SPIDER

De pé ao meu lado nos degraus que levam ao altar, Declan olha para mim tantas vezes com o canto do olho que estou ficando irritado.

Tento manter minha voz o mais baixo possível porque há quatrocentas malditas pessoas olhando para mim. — Pare com isso, pelo amor de Deus. Estou bem.

Ele alisa a mão na frente de seu smoking e sorri para o nosso público. Uma mulher do lado da noiva no corredor perto da frente sorri de volta timidamente e começa a se abanar com o programa do casamento.

Mal movendo os lábios, ele murmura: — Mesmo? Tão *bem* quanto você estava ontem à noite durante o jantar quando estava agindo como um gorila mudo? Ou tão *bem* como você esteve a manhã toda, com uma cara como se você tivesse um encontro com um pelotão de fuzilamento?

Com os dentes cerrados, digo: — Pare de se preocupar comigo.

— Não é com você que estou preocupado. É a sua pressão arterial. Você está conectado à lua, e sua cabeça está prestes a explodir. Não quero miolos no meu smoking.

Do outro lado de Declan, Kieran se inclina e sussurra: — Você parece um pouco assustador, rapaz. Como se talvez formigas estivessem em suas calças, mordiscando.

— Obrigado. Idiota.

A música do órgão soa metálica e irritante em meus ouvidos. O cheiro de flores e perfume feminino é avassalador. Estou suando no meu smoking, há um gosto metálico na minha língua, e eu realmente gostaria de um gole forte de uísque para acalmar meu estômago.

Eu só tenho que passar pela cerimônia. Então estarei melhor. Então eu posso parar de me arrepender dessa porra de decisão horrível e seguir com minha vida sangrenta.

Como qualquer outro homem que se casa.

Exceto Declan. Ele não se arrepende por um segundo. Ele se casaria com Sloane todos os dias se pudesse, o bastardo louco. Ela está sentada na primeira fila do lado do noivo, linda e radiante como uma das Madonas de Rafael, fazendo todas as outras mulheres ao seu redor parecerem pensionistas deselegantes.

Apenas Reyna poderia eclipsá-la.

Reyna com seus lábios escarlates e língua ácida, e um corpo pelo qual homens e deuses morreriam de bom grado. Reyna com seu coração terno e mentiras fáceis.

Reyna em quem *eu não estou pensando*.

Novamente.

Forçando o pensamento dela da minha mente, eu me concentro na fileira de vitrais alinhados de um lado do santuário. Imediatamente me faz pensar nos vitrais da casa de Reyna, então mudo meu foco para a multidão inquieta.

Meu olhar pausa em uma mulher desconhecida sentada no corredor cerca de meia dúzia de fileiras atrás. Ela está usando um vestido azul marinho com um padrão de lindas flores que são exatamente o tom cinza-esverdeado pálido dos olhos de sereia de Reyna.

Estou tão fodido.

Quando a música muda para o cortejo da noiva, fico aliviado com a distração.

Meu alívio dura cerca de dois segundos, até que Declan diz: — Por que eles estão tocando isso? É a música errada. A dama de honra deve vir antes da noiva.

Ele tem razão. Foi como ensaiamos ontem à noite. Reyna deveria caminhar pelo corredor antes de Lili e Gianni e tomar seu lugar em frente ao noivo e padrinhos nos degraus do altar. Então começaria “Here Comes the Bride”, o sinal para todos ficarem de pé. Em seguida, a noiva viria pelo corredor, de braço dado com o pai.

Mas não há Reyna. E não há nenhum Gianni.

Em vez disso, caminhando lentamente sozinha para o altar, está

Lili. Vestindo um lindo vestido branco e segurando um buquê de flores brancas. Um longo véu de renda obscurece seu rosto.

Meu primeiro pensamento é que algo ruim aconteceu com Reyna. Eu sei muito bem que ela nunca decepcionaria Lili não aparecendo no casamento, então o que quer que tenha acontecido, é importante.

Meu pânico florescente para quando Kieran sussurra em confusão: — Sou só eu, ou a pequenina cresceu um enorme par de melões durante a noite?

Olho mais de perto para a figura que se aproxima lentamente.

Ele tem razão.

Esses não são os peitos de Lili.

Isso não é sua cintura marcada, ou seus quadris generosos.

Lili tem o corpo de uma menina. A pessoa que caminha pelo corredor tem as curvas cheias e perigosas de uma mulher.

Meu coração faz um aperto final e doloroso dentro do meu peito, então cai morto.

Declan diz: — Doce Mãe Maria. Parece que houve uma mudança de planos.

Os murmúrios surgem do lado italiano do corredor. As pessoas começam a sussurrar, murmurando em sua elegância enquanto guincham o pescoço e olham para a noiva passando que obviamente podem dizer que é a errada.

Todos no lado irlandês têm olhares confusos, tentando descobrir o que está acontecendo.

— Spider? Você quer me dizer como vamos lidar com isso?

Eu responderia à pergunta de Declan, mas não consigo falar. Estou em branco com o choque. Meu cérebro está uma confusão, meus ouvidos estão zumbindo e meu sistema nervoso central não consegue decidir se está prestes a desligar completamente ou queimar uma vida inteira de reservas de adrenalina nos próximos dez segundos.

A única coisa que está funcionando – grande surpresa – é meu pau.

Ver Reyna caminhando em minha direção pelo corredor em um vestido de noiva me fez saltar tão forte e tão rápido que deve ser algum tipo de maldito registro de ereção.

Ela passa graciosamente pela primeira fileira de bancos, sobe os degraus do altar e me encara. Atrás do véu, ela está tensa, sem sorrir e muito bonita.

A única coisa que consegue passar pelos meus lábios é um rouco: — Que porra é essa?

Ela diz baixinho: — Você queria uma esposa, Quinn. Você tem uma.

Os murmúrios dos convidados ficam mais altos. Sinto que as coisas estão prestes a ficar ainda mais bizarras do que já estão.

Então eu me viro para Declan e digo: — Não deixe ninguém se mexer. Estarei de volta em dois minutos.

Eu agarro Reyna pelo braço e a puxo para longe.

Ela permite sem lutar comigo ou dizer uma palavra. Passo pelo padre assustado e atravesso a capela-mor, indo em direção à sacristia nos fundos. Abro a porta, puxo Reyna por ela e bato atrás de mim.

Ela recua vários passos até que atinge a parede e não pode ir mais longe.

Cercados por araras de vestimentas de padre na pequena sala parecida com um escritório, nós nos encaramos em um silêncio escaldante.

Eu rosno: — Comece a falar, víbora. E o que quer que saia dessa sua boca é melhor que seja a maldita verdade.

Ela lambe os lábios nervosamente. Inala e fecha os olhos brevemente. Então abre os olhos e olha diretamente nos meus.

— Lili está apaixonada por um garoto chamado Juan Pablo. Ele veio aqui para impedir o casamento. Gianni os encontrou juntos no vestiário e ia matar os dois.

Eu tento desentupir meu cérebro tempo suficiente para juntar uma frase. — Como isso acaba com você em um vestido de noiva?

Ela franze as sobrancelhas. — Por causa do acordo que você fez com Gianni. Que outra mulher Caruso você acha que tomaria o lugar

de Lili? Minha mãe? — Quando eu não digo nada, ela implora baixinho: — Por favor, Quinn. Por favor, não os machuque. Eles são bons jovens. Estão simplesmente apaixonados.

Eu solto uma risada que é parte surpresa e parte raiva. — Por que diabos você acha que eu a machucaria por estar apaixonada?

Pega de surpresa por isso, ela pisca.

Agora estou *realmente* insultado.

Eu exijo: — Você realmente pensa tão pouco de mim?

— Eu... eu não sabia o que pensar. Tudo aconteceu tão rápido. Tudo o que eu sabia era que Gianni estava prestes a disparar sua arma, então propus uma alternativa.

Estamos nos encarando novamente. Nós dois estamos respirando com dificuldade. Ela tem ansiedade escrita por toda parte, estou prestes a me enforcar com minha gravata borboleta, e meu pau está dolorosamente esticando o zíper da minha calça, pulsando de desejo só de olhar para ela.

Olhando para ela e pensando, *foda-se, como eu quero estar profundamente mergulhado nisso.*

Eu lambo meus lábios e me aproximo.

— Então você pensou que eu aceitaria essa sua pequena troca? Você pensou que eu não teria nenhum problema em substituí-la por Lili?

Ela olha para mim por um momento, então puxa o véu para trás sobre a cabeça, expondo seu rosto.

E seu peito. E seu decote. E seus ombros. E seu lindo pescoço comprido, no lado do qual uma veia pulsa irregularmente.

Cristo, ela é magnífica. Eu quase gemo alto de desejo.

Examinando a expressão no meu rosto, ela diz: — Sim.

Porque eu não estou mais no controle completo do meu corpo, eu me aproximo até que estamos a apenas alguns centímetros de distância e estou olhando para seus olhos arregalados e lindos, observando-a lutar para não ceder à vontade de correr.

— Você me disse ontem à noite que nem mesmo a ameaça de

sua própria morte poderia fazer você caminhar pelo corredor novamente.

— Foi a ameaça da morte de Lili que me fez mudar de ideia.

— Então isso é sobre Lili? É só isso?

Quando ela desvia o olhar, eu pego seu queixo na minha mão e a forço a olhar para mim. — É hora de dizer a verdade, lembra?

Ela mordisca o lábio inferior por um momento, hesitando. — Não me sinto confortável em responder.

— E não me sinto confortável em levar uma esposa que pensa que não vai ter que dormir comigo.

Ela fecha os olhos e murmura: — Jesus Cristo, Quinn, você está me matando.

Inclinando-me perto de seu ouvido, meu coração batendo como louco e meu pau doendo, murmuro: — Se eu me casar com você, Reyna, vou fodê-la com tanta força e quantas vezes eu quiser.

— Oh, meu Deus.

— Esse é o acordo, ou não há acordo.

Ela diz sarcasticamente: — Devemos adicioná-lo ao contrato?

Eu me afasto e olho para ela. — Eu te quis desde o primeiro segundo que te vi, apunhalando-me até a morte com aqueles olhos da janela do quarto em sua casa. Esse casamento falso inclui sexo, ou não acontece.

Ela me encara. — Seu charme poderia arrebatar uma garota, sabia disso?

— Espere até ver meu pau. Então você vai realmente desmaiar.

Todo o seu rosto fica vermelho, do pescoço à linha do cabelo. Ela aperta os lábios em uma linha fina.

Eu sei que isso não é uma rejeição. Ela não está dizendo não, o que significa que está dizendo sim.

Mas ela tem que dizer isso em voz alta.

— Então? Você concorda?

Soando como se ela quisesse enfiar seu buquê na minha garganta, ela diz: — Sim, Quinn. Concordo.

— Ótimo. Então vá em frente e me pergunte.

— Perguntar o quê?

— Se quero me casar com você.

Sua boca cai aberta. Ela me encara em choque por um momento, então diz categoricamente: — Você está brincando.

Aponto para o meu rosto. — Esta não é minha cara de brincadeira. Pergunte-me. E faça isso bem, ou eu posso dizer não, porque colocarei minha própria vida em minhas mãos.

— Como assim?

Eu sorrio para ela. — Qualquer homem que se case com uma Viúva Negra tem que dormir com um olho aberto.

Oh, como ela odeia quando eu sorrio. Seus olhos brilham de raiva. Ela diz com os lábios rígidos: — Essa é uma ideia muito inteligente. — Então ela se ergue em toda a sua altura, olha para mim com desdém fulminante e diz: — Sr. Quinn... você quer se casar comigo?

Estendo a mão e acaricio meus dedos sobre sua bochecha. — Sim, víbora — murmuro, sentindo meu sangue bombear rápido e quente em minhas veias. — Eu vou me casar com você. Mas se você decidir me matar, espere até amanhã.

Ela arqueia uma sobrancelha. — Por quê?

— Porque eu preciso sentir essas suas garras afiadas cavando nas minhas costas pelo menos uma vez antes de morrer.

Eu agarro a mão dela e a levo para fora da sala e de volta ao altar.

REY

Quando saímos da sala, metade da igreja está de pé. O santuário ecoa com som. Vozes sussurrantes, risadas abafadas, o farfalhar de roupas. No instante em que somos vistos, no entanto, o barulho cessa e todos se voltam para nos encarar.

Quinn ordena em voz alta: — Todo mundo de volta em seus malditos assentos. — Ele me arrasta para a minha posição e diz a Declan: — Siga em frente, companheiro. — Então estala os dedos para o padre, indicando para ele se mover.

O padre olha para Declan em busca de direção.

Lançando um olhar divertido para os convidados atônitos, Declan diz: — Talvez devêssemos pular a missa e ir direto aos votos, padre.

— Vamos — diz Kieran, rindo. — Esse bando de desordeiros está prestes a começar a jogar ovos.

Ainda não recuperei o fôlego quando o padre me diz com um forte sotaque irlandês: — Qual é o seu nome, *lass*?

— Reyna.

— Encantador. Boa sorte para você.

Embalando a Bíblia contra o peito, ele olha para a multidão e levanta a mão. Ele a mantém levantada até que todos tenham se sentado novamente e o santuário esteja em silêncio. — Amados, estamos reunidos aqui hoje para celebrar a união de Homer e Reyna no abençoado sacramento do matrimônio.

Mais de uma pessoa em ambos os lados do corredor sussurra: — Quem?

Ignorando-os, Quinn rosna para o padre: — Vá para a parte do beijo.

Ele está olhando para mim quando diz isso, com uma expressão

de fome e impaciência quente, seu olhar indo e voltando entre meus olhos e minha boca.

Minhas mãos tremem tanto, todas as flores do buquê estremecem.

O padre suspira, balançando a cabeça. — Muito bem. Você, Homer, aceita essa mulher...

— Aceito.

— Vá com calma, rapaz — murmura o padre. — Esta não é uma corrida sangrenta. — Ele exala com força e começa de novo. — Você, Homer...

— Aceito.

— ...tomar essa mulher, Reyna...

— Aceito.

Depois de fazer uma pausa para outro suspiro magoadado, ele continua: — Para ser sua esposa. Para ter e manter a partir deste dia...

Quinn interrompe com veemência. — Aceito, tudo isso. Agora vamos para a parte do beijo.

— Você não pode beijá-la até que ela diga seus votos!

— Então vá em frente!

O padre olha para o teto por um instante, depois se vira para mim. — Você, Reyna...

Isso é tudo que eu ouço. Depois disso, tudo é abafado pelo zumbido agudo em meus ouvidos e o rugido do meu pulso ressaltando isso.

Estou suando. Tremendo. Hiperventilando tanto que corro o risco de desmaiar. Isso deve ser um sonho ou um pesadelo, algum mundo de fantasia impossível em que estou presa, onde concordei em me casar com um estranho para salvar a vida da minha sobrinha.

Exceto que Quinn não é um estranho. Não um total estranho, de qualquer maneira.

Mas foi ele quem descreveu essa união como um casamento ‘falso’.

Um casamento falso especificamente incluindo sexo.

Então nós dois estamos aqui por obrigação, mas ele já tem uma vantagem. Ele ganhou uma concessão minha, mas eu não ganhei nada.

Exceto outro compromisso de vida que eu não queria.

De repente, percebo que o santuário ficou em silêncio mortal.

Há um ar de expectativa, como uma respiração coletiva presa. Olho em volta em pânico, sem saber o que está acontecendo porque estava perdida em meus pensamentos, quando o padre gentilmente fala: — É aqui que você diz ‘sim’, *lass*.

Em pânico, eu deixo escapar: — Onde está o anel?

Uma onda de risos atravessa a multidão.

A carranca de Quinn indica que ele não achou nada engraçado.

Declan enfia a mão no paletó de seu smoking. Ele pega um lenço de bolso de seda branco dobrado. Ele o desembulha e entrega um anel a Quinn.

Quinn pega minha mão esquerda na dele e desliza o anel no meu dedo.

Ele brilha lá, grande e ousado, vermelho e brilhante, tão vívido quanto uma gota de sangue fresco.

Chocada ao ver o diamante vermelho, sussurro: — Você disse que comprou um dos rosas.

— Comprei. E o troquei por este.

— Por quê?

Ele olha para os meus olhos arregalados com toda a força de sua masculinidade potente me envolvendo.

— Resolvi que precisava de algo para me lembrar todos os dias que meu coração não era confiável. O que poderia ser melhor do que uma pedra da cor exata de seus lábios?

Isso me deixa tonta. — É batom, seu grande idiota. Além disso, isso não faz nem um pinga de sentido.

Ele rosna: — Talvez eu esteja mentindo. Você está familiarizada

com o conceito. Agora diga ‘sim’, vóbora, e me dê essa maldita boca.

Eu dou meu último suspiro de liberdade. Faço uma oração silenciosa pedindo força. Então, tão suavemente que quase não é uma respiração, falo: — Sim.

Quinn derruba o buquê das minhas mãos, me puxa contra seu corpo e me beija.

É duro e exigente no início. Posso dizer que ele espera que eu resista ou me afaste, mas quando eu enrolo meus braços ao redor de seus ombros e afundo nele, sua boca se suaviza. Embalando-me em seus braços, ele varre sua língua contra a minha, a pressão tão suave quanto seus lábios.

Em segundos, estou perdida.

Meus dedos rastejam em seu cabelo. Todo aquele cabelo dourado macio e sedoso. Eu o puxo, querendo-o ainda mais perto. Querendo que ele me devore com a boca.

O som baixo de prazer que ressoa em seu peito me faz estremecer.

O beijo continua indo de doce a faminto e vice-versa. Estou flutuando, voando e caindo, tudo ao mesmo tempo. Sua boca é decadentemente exuberante. Seu sabor, delicioso. Não me importa que tenhamos quatrocentas testemunhas, ou que minha vida acabou, ou que troquei minha liberdade pela de Lili.

Eu nunca fui beijada assim antes.

Músculos que eu não sabia que tinha estão acordando e se alongando. O desejo se desenrola como um lótus aquecido sob minha pele. Uma pulsação constante bate entre minhas pernas, meus seios parecem pesados e meus mamilos doem. Sinto um desejo selvagem e animalesco de que ele me jogue no altar, me segure e me foda.

Quando finalmente se afasta, estou ofegante e instável, tonta como uma bêbada.

Meus olhos se abrem. Eu o encontro olhando para mim com olhos em chamas, ofegante, seus lábios entreabertos manchados de vermelho com meu batom.

Ele respira com espanto: — Porra, mulher.

Há uma onda de barulhos. Palmas. Vaías e risos, pés batendo. Viro a cabeça e pisco para a multidão tumultuada, incapaz de entender o que está acontecendo porque meu cérebro ainda está flutuando em algum lugar do espaço sideral.

Então Quinn está me entregando uma aliança. É uma faixa de metal fosco escuro, preto por fora e cinzento por dentro.

Ele diz: — Tomei a liberdade de comprar minha própria aliança, considerando que ninguém me perguntou o que eu queria. Coloque-a.

Concentrando-me em manter a consciência, eu a pego com as mãos trêmulas e deslizo em seu dedo anelar esquerdo.

Ele a encara por um momento, sua expressão pensativa enquanto a examina.

Então ele olha para mim e sorri. — Acabei de me casar com uma víbora.

Minha risada é fraca e incrédula. — E acabei de me casar com um inseto.

— Aracnídeo — ele corrige, os olhos brilhando.

— Com licença. Isso é *muito* melhor.

Ele me beija novamente, agarrando meu rosto entre suas grandes mãos.

O padre levanta sua voz para a congregação. — Caríssimos, eu lhes apresento o Sr. e a Sra. Quinn!

O rugido da multidão é ensurdecedor.

É quando meus joelhos finalmente cedem.

Antes que eu possa bater no chão, Quinn me pega em seus braços e me carrega, gritando para Declan e Kieran nos seguirem.

Para mim, ele diz: — Leve-me ao seu irmão e Lili. Eu preciso resolver isso.

Não consigo encontrar minhas palavras, então aponto na direção do vestiário.

Quinn caminha pelo corredor comigo em seus braços, acenando para as pessoas na multidão enquanto passamos. Eu considero a

possibilidade de que eu tenha sido drogada, ou que ele tenha me colocado em coma sobre o qual ele me provocou, mas decido que não sentiria tanto se tudo isso fosse apenas uma alucinação.

Eu não sabia que meu corpo poderia conter tanta emoção. Deve estar saindo de mim, escorrendo pelos meus poros, visível para todos verem. Sinto-me dolorosamente viva, doente e aterrorizada, e anseio por um lugar para me esconder para que possa pensar em tudo isso e tentar entender.

Mas não há para onde ir.

Agora não. Nunca.

Se há uma coisa que eu sei sobre Quinn, é que ele nunca vai me deixar fugir e me esconder. Ele estará na minha cara, me desafiando e me forçando a me expor a ele enquanto estivermos juntos.

Uma pequena voz dentro da minha cabeça sussurra que se as coisas ficarem muito ruins, eu sei como me livrar dele, mas eu empurro isso de lado e me concentro em dar direções para onde eu deixei minha família em frangalhos antes de sair para me casar com a Mob.

Quinn me coloca de pé do lado de fora da porta. Então ele irrompe no camarim comigo, Declan e Kieran logo atrás.

Assustamos Gianni, que está encostado na parede, encarando Lili e Juan Pablo, amontoados no sofá. Ela está vestindo sua jaqueta de couro marrom sobre meu vestido preto.

Mamma, cochilando em uma cadeira perto da janela, senta-se ereta com um bufo. Ela vê nós quatro e gargalha.

— Ah! *Agora* estamos nos divertindo!

— Fique quieta, mama. Lili, o Sr. Quinn quer falar com você.

Ele diz: — Entendo que seu pai ameaçou matá-lo. Diga-me exatamente o que ele disse.

Gianni olha para Declan, Kieran e Quinn completamente horrorizado. — Não, não, não — ele começa a protestar, mas Quinn lhe lança um olhar letal que faz as palavras murcharem e morrerem em sua boca.

Ele retruca: — Quando for a sua vez de falar, eu lhe direi. Agora

feche seu buraco antes que eu enfie meu punho nele.

Gianni olha para Declan suplicante. — Sr. O'Donnell, por favor, deixe-me explicar...

Declan interrompe com um olhar duro: — Acho que você não ouviu meu rapaz dizer para você fechar a boca, Caruso, mas se não me ouvir, vou colocar uma bala direto nessa sua sobrançelha.

Gianni quer tanto gritar algo sobre desrespeito, mas ele sabiamente guarda isso para si mesmo. Ele cai contra a parede, cruzando os braços sobre o peito e fervendo.

Enquanto isso, Juan Pablo se levanta.

— Ela não precisa contar nada a ninguém! — ele grita, olhando para os três irlandeses. — Ela não recebe ordens de você!

Estou prestes a começar a implorar para ele ser razoável, mas Quinn dá um passo à frente, levantando a mão para me silenciar.

Ele inclina a cabeça, olhando Juan Pablo de cima a baixo. E gesticula para Lili, encolhida atrás dele. Com sua voz calma e baixa, Quinn diz: — Você está apaixonado por essa garota?

— Sim! E não me importa quem saiba disso!

— *Tranquilo*, amigo. *Calmate*. Estamos apenas conversando.

Claramente confuso pelo tom suave de Quinn, Juan Pablo me olha de relance. Abano com a cabeça encorajadora.

Quinn olha para Lili. — E você está apaixonada por ele?

Lágrimas escorrendo por seu rosto porque ela provavelmente pensa que ambos estão prestes a morrer, ela diz com a voz quebrada: — Sim. Sinto muito.

— Você não tem que se desculpar comigo, *lass* — diz Quinn suavemente. — Eu não estou bravo com você. O coração quer o que quer.

Declan ri. — Não é essa a maldita verdade.

— Então qual é o plano? Você quer se casar com ela, ou está apenas brincando?

Juan Pablo puxa os ombros para trás e levanta o queixo,

enviando a Quinn um olhar de desafio. — Sim, eu quero me casar com ela. Ela é minha vida.

Quinn assente. — Boa resposta. Está bem então. Pegue sua garota e vá.

Lili grita em descrença feliz. Juan Pablo olha ao redor da sala como se não tivesse ideia do que está acontecendo.

Horrorizado, Gianni começa a gaguejar: — Ela não pode sair com ele!

— Por que não?

— Eu proíbo, é por isso!

— Ela não precisa de sua aprovação. A moça tem dezoito anos, o que a torna legalmente adulta. Ela pode fazer o que quiser.

Gianni aponta o dedo na direção de Juan Pablo, gritando: — Ela não vai sair com essa porra de wetback³²! Eu não vou permitir! Nenhuma filha minha ficará com um...

Seu discurso termina abruptamente quando Quinn se vira e lhe dá um soco no rosto.

Ele cai no chão e fica lá, sangrando e ofegando, segurando o nariz.

Encarando-o com as duas mãos fechadas e o maxilar cerrado, Quinn rosna: — Não é legal chamar as pessoas assim.

Controlando sua raiva, ele passa a mão pela frente do smoking e se vira para Juan Pablo. — Lili está em perigo. Você sabe o que aconteceu na semana passada?

— Sim, ela me disse.

— Vocês precisam se afastar da Costa Leste. De preferência fora do país, pelo menos até descobrirmos quem estava por trás do ataque.

Juan Pablo assente. — Tenho família no México.

— Ótimo. Vamos colocá-los em um voo particular com guarda-costas e segurança. Uma vez lá, mantenham-se discretos. Sem postagem na mídia social, sem falar com seus amigos. Vocês estarão fora de alcance.

Segurando o nariz sangrando, Gianni fica de pé, usando a parede para se equilibrar. Respirando com dificuldade, com as mãos trêmulas, ele olha para Juan Pablo com puro ódio nos olhos. Então ele vira seu olhar vicioso para Lili.

— Se você sair com esse garoto, estará morta para mim. Você entendeu? Eu nunca vou falar com você novamente. Será deserdada. Não terá um centavo do meu dinheiro.

Juan Pablo retruca: — Ela não precisa do seu dinheiro. Ela vai ter o meu.

A risada de Gianni é fria e dura. — Do que, sua rota de jornal?

— Minha família é provavelmente mais rica que a sua, *ese*.

— Sério? Limpar piscinas dá muito dinheiro, hein?

— Não. Mas o tráfico de drogas sim.

O ar na sala fica estático. Ninguém diz nada. O silêncio tem um peso estranho e perigoso.

Nele, Declan diz baixinho: — Sempre que você quiser explicar isso, fique à vontade.

— Meu tio é El Mencho.

Gianni faz um barulho estrangulado, como um gato tentando expelir uma bola de pelo. Seu rosto fica branco como uma folha.

Com as sobrancelhas levantadas, Declan diz: — Alvaro?

Juan Pablo assente. — Meu pai e eu não estamos no ramo. Não queremos ter nada a ver com isso. Mas ele é da família. O irmão de minha mãe. Ele se certifica de que não precisamos de nada.

Um confuso Kieran diz: — Quem é Alvaro?

— Chefe do Cartel Jalisco — responde Declan, avaliando Juan Pablo com um novo olhar em seus olhos.

— Oh. Nós somos amigos deles?

— Nunca os conheci. Mas eles são o maior rival de Sinaloa.

— E Sinaloa é nosso inimigo — finaliza Quinn. Uma sugestão de um sorriso levanta seus lábios.

Juan Pablo diz: — Se você quiser, eu faço uma apresentação.

Declan assente. — Isso seria apreciado. Obrigado.

— Não, eu agradeço. Você não precisava fazer isso por mim e Lili. — Ele olha para mim. — Você também. Eu sei que você só está usando esse vestido para nos proteger.

Gianni parece estar tendo um derrame ao ouvir a notícia de que não apenas perdeu o controle de sua filha, mas também de alavancar um laço de sangue com o segundo maior cartel do mundo.

Desesperado para não perder mais nada, ele grita para Declan: — Nossas famílias negociaram um contrato de boa-fé!

Declan sorri. — E o contrato permanece. Cristo, eu amo casamentos.

Quinn diz: — Espero que você também ame recepções. E pode me contar tudo sobre isso amanhã.

— O que você quer dizer?

Quinn volta sua atenção para mim. Seus olhos escurecem e sua voz assume um tom rouco. — Tenho um encontro com minha esposa hoje à noite.

Ele lambe os lábios, não deixando dúvidas sobre suas intenções.

REY

Estamos em uma limusine. Não me lembro exatamente como chegamos aqui. A última hora da minha vida foi um turbilhão de emoções tão avassalador que não consigo pensar direito.

Não sei se algum dia serei capaz de pensar novamente. Meu cérebro está quebrado. Há uma rede de rachaduras por todo o coitado que se parece exatamente com a tatuagem de teia de aranha do meu novo marido.

Sentado ao meu lado, Quinn olha para o meu perfil em um silêncio melancólico. Então ele estende a mão e me arrasta para seu colo.

— O que...

— Calma — ele murmura quando eu grito de surpresa. Ele enrola os braços em volta de mim e me segura em um aperto firme e possessivo, olhando para mim com olhos encobertos. A saia do vestido de noiva se espalha ao nosso redor como uma nuvem.

— Quinn, eu não estou sentada no seu colo!

— Engraçado, mas parece que você está.

— Deixe-me ir.

— Não. Agora escute. Não, não comece a me xingar. *Ouçá*.

Ele segura meu queixo com firmeza na mão e vira meu rosto, então sou forçada a olhar para ele. Com a voz baixa, ele diz: — Você está em choque.

Minha risada soa enlouquecida. — Você acha?

— Sim. Eu vi você esfaquear um homem no pescoço sem pestanejar e caçar intrusos armados com o entusiasmo de um grande caçador, mas dizer ‘sim’ parece estar além do seu limite de estresse.

— O casamento está além do limite de estresse de qualquer

mulher racional.

Seus lábios se estreitam em desagrado. — Eu não sou seu maldito marido morto.

Tento desviar o olhar, mas ele não me deixa. Ele mantém os dedos em volta do meu queixo, segurando minha cabeça no lugar.

Olhando nos meus olhos, ele exige: — Diga.

Eu franzo a testa. — Dizer o quê?

— Que eu não sou ele.

Ele está mortalmente sério, sua expressão sombria e seus olhos mais escuros. Não sei por que é tão importante para ele, mas não tenho a presença de espírito para descobrir. Ou para argumentar.

Tudo o que eu realmente quero é tomar um banho, ir para a cama e acordar amanhã de manhã com a vida de outra pessoa.

— Você não é ele.

— Diga de novo.

— Foda-se!

— Fique à vontade.

Suspiro e fecho os olhos, cansado demais para lutar. — Você não é ele. Eu sei que você não é. Honestamente, eu sei. — Quando ele permanece em silêncio, acrescento suavemente: — Você é dez vezes o homem que ele era. Isso não significa que meus sentimentos sobre essa situação sejam ilegítimos.

Ele acaricia o polegar ao longo do meu queixo e murmura: — Obrigado.

— De nada.

— Você nunca vai olhar para mim de novo?

Quando abro um olho, ele sorri para mim. Então fica sério e profissional.

— Nós precisamos conversar.

— Por que eu tenho um mau pressentimento sobre isso?

Ajustando meu peso em seu colo, ele abre mais as pernas para que minha bunda esteja apoiada no assento e suas coxas estejam abertas ao redor da minha bunda. Ele empurra a massa de chifon branco para que fique fora do seu caminho e desliza a mão pela minha coxa, me puxando para mais perto e cavando seus dedos em minha carne nua.

Eu digo secamente: — Nossa, de repente, estamos com as mãos cheias.

— Estou apenas começando. Mas é sobre isso que eu queria falar com você.

— Eu gostaria de ficar bêbada primeiro, se você não se importa.

— Eu me importo. Eu preciso de você lúcida para isso.

— Isso soa assustador.

— Eu quero foder você assim que chegarmos ao hotel, então precisamos tirar essa conversa do caminho primeiro.

Meu rosto cora com o calor. Eu mastigo o interior da minha bochecha enquanto ele olha para minha boca com desejo indisfarçável.

Com a voz grossa, diz: — Não vou forçá-la, quero que fique claro. Só porque você é minha esposa não significa que você não pode dizer não.

Sentindo-me como se tivesse acabado de ser atropelada por um caminhão, respiro fundo e solto o ar.

— Você está esquecendo nossa pequena conversa agradável na sala dos fundos da igreja, onde você exigiu que esse casamento falso tivesse que incluir sexo ou a coisa toda não iria acontecer?

— Lembro que você concordou com isso — vem a resposta dura.

— Porque minha sobrinha estava prestes a ser baleada pelo pai.

— Ok, vamos entrar nisso. — Ele faz uma pausa para sorrir para mim. — Você está cheia de merda.

Eu digo com veemência: — Ele *teria* atirado nela! E em Juan Pablo também!

— Mmhmm. E não havia como você ter arrancado a arma da

mão dele ou distraí-lo o tempo suficiente para atirar em você, certo? Porque você é *muito* dócil e incapaz.

O sarcasmo em seu tom me faz olhar para ele com indignação. — Você está sugerindo que eu *queria* me casar com você?

— Estou sugerindo que, se você realmente não soubesse, teria descoberto como lidar com seu irmão idiota sem se pavonear pelo corredor em um vestido de noiva.

Eu digo com os dentes cerrados: — Eu. Não. Sabia.

— Meu ponto é que eu vi você na frente de um homem apontando uma arma para o seu peito e você disse a ele para ir se foder. Você disse que o veria no inferno, onde cortaria suas bolas e o sufocaria com elas. — Seu sorriso é pequeno e terrivelmente presunçoso. — Não tem como Gianni te assustar.

Levanto meu queixo e bufo esnobe. — Você está delirando, mas pode pensar o que quiser.

— Eu vou. E o que eu acho é que, no fundo, você queria se casar comigo.

— Seu ego é a oitava maravilha do mundo, meu amigo.

Ignorando isso, ele continua em um tom mais suave e íntimo. — Porque você não é uma mulher que renunciaria a uma liberdade que foi conquistada por um custo tão alto.

Seu olhar é penetrante, perfurando o meu e me desafiando a contradizê-lo. Ele espera pela minha resposta, acariciando o polegar suavemente para frente e para trás sobre minha bochecha enquanto ele me segura.

— Isso é uma coisa terrível de se dizer, especialmente no dia do nosso casamento, então, por favor, perdoe-me. Mas não há garantia de que não voltarei a usar preto antes do fim do mês.

Ele me encara em um silêncio tenso e empolgante.

Então ele joga a cabeça para trás e ri.

Ele ri tanto e com tanta força que fico irritada. Dou-lhe um tapa em um de seus grandes e estúpidos peitorais.

— Não é como se você já não soubesse disso! Disse que estaria tomando sua vida em suas próprias mãos!

— Sim — ele concorda, ainda rindo. — E estou.

— Então o que é tão engraçado?

— Nunca pensei que encontraria uma ameaça na minha vida romântica.

— Ah, cale a boca — resmungo, balançando a cabeça em desgosto. — Você é um idiota.

— Mas eu sou seu idiota — diz ele, sua risada desaparecendo. Sua voz abaixa uma oitava. Seu olhar fica intenso. — E você é minha víbora.

— Eu odeio esse apelido.

Ele rosna: — Não, você não odeia, sua mentirosa de merda.

Ele me puxa e me beija.

Envolvendo sua grande mão na parte de trás do meu pescoço, ele me segura perto e bebe profundamente da minha boca enquanto eu seguro a lapela de seu smoking com uma mão e me agarro em seus ombros com a outra. Ele desliza a outra mão pela minha coxa até meu quadril e o aperta.

Então engancha o polegar sob o elástico da minha calcinha e a puxa, enviando ondas de prazer pela minha pélvis enquanto o algodão arrasta contra meu clitóris.

Contra minha boca, ele murmura: — Você está tremendo. Suponho que seja medo, certo? — Ele ri. — Porque você nunca estaria excitada por um idiota.

— Eu te odeio.

— As mentiras nunca param com você, não é?

Ele toma minha boca novamente, me beijando mais forte. Eu arqueio para ele, meu coração martelando e meus mamilos endurecendo com cada movimento de sua língua contra a minha. Ele puxa minha calcinha novamente, me fazendo contorcer inquieta, então desliza a mão entre as minhas pernas.

— Encharcada — sussurra, esfregando minha calcinha. — Doce pequena víbora, você já está encharcada.

— Eu estava pensando em envenenar seu café — falo

asperamente.

— Você estava pensando em montar meu pau.

— Como você é tão horrível?

— Você traz o bastardo em mim. Agora vamos ver se consigo fazer você me dar algo dessa boca além das provocações.

Ele desliza os dedos sob minha calcinha e delicadamente belisca meu clitóris inchado.

Eu suspiro, endurecendo.

Quando desliza um dedo grosso dentro de mim, eu fecho meus olhos e gemo.

— Perfeita — ele murmura. — E se eu fizer isso?

Ele pressiona o polegar contra o meu clitóris e lentamente trabalha o dedo para dentro e para fora, me fodendo com ele. Estremeço, deixando cair minha cabeça contra seu ombro e mordendo meu lábio para não fazer um som.

Até que ele adiciona outro dedo. Então eu gemo como um zumbi rastejando para fora de um túmulo. É o som menos atraente que fiz na minha vida.

Mas Quinn não pensa assim. Ele rosna em aprovação, mergulhando a cabeça para agarrar minha garganta com sua boca quente. Ele chupa meu pescoço e o dedo me fode enquanto eu inutilmente moo contra sua mão.

Ele diz calorosamente no meu ouvido: — Você quer gozar assim, baby? Ou você quer minha boca?

Delirante, meus olhos revirando na minha cabeça, eu suspiro. — O que diabos está acontecendo?

— Seu marido está tocando sua linda boceta molhada, é isso.

— Jesus! Quinn!

Ele respira. — Sim, *lass*. Diga meu nome assim quando gozar.

Balançando seus quadris em mim para que sua ereção fique pressionada contra meu quadril, ele beija um caminho pelo meu pescoço até meu peito, então lambe meu decote, mergulhando sua

língua na fenda entre meus seios. Quando eu gemo novamente, ele morde levemente a curva de um dos seios.

— Preciso provar cada centímetro de você — sussurra, com sua voz sombria. — Eu preciso morder cada parte perfeita de sua pele. Eu quero foder você e bater em você e fazer você levar meu pau na sua garganta. Eu quero que você me diga todas as coisas imundas que quer que eu faça, começando agora mesmo.

Ele puxa os dedos para fora de mim e os desliza preguiçosamente para cima e para baixo através das minhas dobras encharcadas, espalhando a umidade ao redor. Quando ele roça meu clitóris, eu empurro.

— Comece a falar, víbora. O que você quer?

— Uma anulação.

— Mentirosa.

Ele morde meu mamilo duro através do tecido delicado do vestido.

Ofegante, eu digo: — Não se importa que está dando um show ao pobre motorista?

— Eu me importo que você esteja flexionando seus quadris para tentar colocar meus dedos de volta dentro de você.

Horrorizada que ele esteja certo, eu deixo cair minha cabeça para trás e fecho meus olhos. — Ah!

Riso em sua voz, ele sussurra: — Tão gananciosa.

— Quinn...

— Peça-me para te foder com os dedos, víbora. Peça-me para fazer você gozar. Eu quero ouvi-la.

— Você e toda a sua conversa! Foi isso que você aprendeu na terapia? Como quebrar uma garota com sua tagarelice incessante? É como tortura da água, só que com palavras!

Varrendo seus dedos para frente e para trás sobre meu clitóris latejante, ele diz: — Diga-me que você precisa do meu pau. Diga-me que você quer que eu te foda. Diga-me que você tem sonhado com isso todas as noites e ansiado por isso todos os dias, do jeito que eu tenho.

Quando abro os olhos, ele tem o olhar mais intenso em seu rosto. Tão intenso, que é assustador.

Segurando meu olhar, ele ordena: — Diga-me.

Então ele desliza os dedos dentro de mim novamente.

Arqueando minhas costas, eu respiro fundo. Meus olhos se arregalam. Ele dobra os dedos e atinge um ponto sensível dentro de mim, esfregando-se contra ele com uma lentidão enlouquecedora, observando atentamente cada expressão que cruza meu rosto.

Não consigo desviar o olhar. Eu quero, mas não posso.

De alguma forma, ele me prendeu no peso de seu olhar poderoso. Uma mosca apanhada no âmbar.

Um pequeno inseto desesperado preso na teia de uma aranha faminta.

E mesmo com todo o meu orgulho e independência, e todas as vezes que jurei que nunca me permitiria ser possuída novamente, acho impossível não dar a ele o que ele está exigindo.

Olhando em seus olhos e respirando com dificuldade, eu sussuro: — Sim. Tudo isso. Eu quero que você me foda. Eu quero que você me beije em todos os lugares. Eu quero suas mãos e sua boca e todas as outras partes de você, e eu honestamente me desprezo por querer isso, mas eu quero. Então, por favor, faça-me gozar agora. Voltarei a nos odiar depois.

— Você disse que rebaixou o ódio para não gostar.

— Isso foi antes de eu me casar com você. Agora, todas as apostas estão canceladas.

Quando ele sorri, seu sorriso vitorioso, eu retruco: — Mas sem palmadas. Se você tentar me bater, vou considerar isso uma declaração de guerra, e isso será o seu fim!

Ele rosna: — Porra, é quente quando você ameaça me matar.

Então ele esmaga sua boca na minha e a devasta enquanto trabalha seus dedos dentro e fora de mim, empurrando-os profundamente, gemendo em minha boca quando eu abro mais minhas pernas.

Quando eu gozo, é com fogos de artifício atrás de minhas

pálpebras e um puxão de corpo inteiro que faz um dos meus sapatos voar. Quinn engole meu gemido, cantarolando sua aprovação na minha boca e me segurando contra ele, um picolé de víbora empalada em sua mão enorme.

Eu convulsiono e aperto em torno de seus dedos até que finalmente, eu desabo para trás, tremendo e exausta. Ele me segura com aquele braço forte em volta das minhas costas, desliza os dedos para fora de mim e os coloca em sua boca.

Enquanto eu assisto espantada, tonta e sem fôlego, ele lambendo preguiçosamente seus dedos escorregadios, saboreando meu gosto.

Observando-me com os olhos encapuzados, ele rosna: — Essa é minha boa garota.

E oh, o que isso faz comigo. O brilho dourado de felicidade que inunda minhas células. É ridículo como eu fico mole e derretida, flexível como uma folha verde de grama sob o sol da primavera.

Mas eu não sou uma folha de grama.

Eu sou uma lâmina. Ponto final.

Sou uma mulher forte, capaz e adulta que intimida tanto os homens mafiosos, que nem conseguem me olhar nos olhos.

Com minha voz tremendo de emoção, eu digo: — Não sou boa e não sou uma garota. E também não sou sua.

Rindo baixinho, ele pressiona um beijo gentil em meus lábios. — Vou conceder os dois primeiros. Mas você é definitivamente minha.

Só para acrescentar um pouco de foda-se para fazer seu ponto de vista, ele fala arrastado: — Sra. Quinn.

Isso me diz tudo o que preciso saber sobre como esse casamento vai funcionar.

Eu nunca soube antes deste momento que inimigos com benefícios era uma coisa real.

SPIDER

Fico feliz que o hotel seja perto da igreja, porque a cada quilômetro e minuto que passamos, Reyna se aproxima de um surto completo.

Ela quer rastejar do meu colo, mas eu não a deixo. Em vez disso, eu a seguro firmemente no lugar enquanto ela hiperventila e olha ao redor descontroladamente como um animal enjaulado desesperado por uma saída.

Não há saída para ela, no entanto. Estou levando essa coisa de *até que a morte nos separe* muito a sério.

O que significa que ela vai ter que me matar para fugir.

Mas eu não vou dar a ela uma razão para isso. Serei o oposto de tudo que seu último marido foi. Quero que ela aprenda que o casamento comigo não é o fim de sua vida.

É apenas o começo.

— Aonde estamos indo? — ela diz, olhando pela janela em pânico crescente.

Terei que fazê-la gozar novamente em breve. Ela precisa se acalmar.

— O Ritz. Reservei a suíte de lua de mel.

Ela engole e umedece os lábios. Então deixa escapar: — Você ronca?

Eu tenho que reprimir uma risada com isso. — Honestamente, não faço ideia.

— Ninguém nunca te contou?

— Quem me diria?

— Qualquer mulher com quem você já dormiu.

Eu torço meus lábios. — Eu não passo a noite.

Ela parece assustada com isso. — O que você quer dizer? Você nunca teve um relacionamento de longo prazo?

— Meus relacionamentos podem ser mais bem descritos como desastres rápidos. E foram poucos e distantes entre si. Não me comprometo com uma mulher há mais de dez anos.

Ela examina meu rosto em silêncio por um momento. Posso ver as rodas girando e sei que ela quer me interrogar para obter mais informações, ao mesmo tempo não quer.

Ela desvia o olhar em vez disso, mastigando nervosamente o interior de sua bochecha.

— Você pode me perguntar qualquer coisa — falo, acariciando minha mão em seu braço.

— Pode ser um insulto.

— Como se isso fosse novo.

— Como queira. Aqui está a pergunta: você... — Ela faz uma pausa para repensar. — Como você tem cuidado de suas necessidades na última década?

— Como você tem cuidado das suas?

— Romances e dispositivos movidos a bateria.

Sua franqueza me faz rir. — Você pode jogar tudo fora. Não vai precisar mais deles.

Suas bochechas ficam rosadas. Ela franze os lábios.

Adoro quando ela olha para mim como se fosse uma solteirona puritana.

Ela diz: — Deixe-me empurrar seu ego de lado por um segundo para mencionar que você não respondeu à minha pergunta.

Hesito, porque sei exatamente o quão ruim vai soar em voz alta. Mas ela foi honesta comigo, então o mínimo que posso fazer é retribuir o favor.

— Eu paguei por isso.

— Por sexo, você quer dizer.

— Aye.

Ela se senta com isso em silêncio por um tempo, então acena com a cabeça. — Ok. Obrigada pela franqueza. Posso fazer uma pergunta complementar?

Impressionado que ela não está nem chateada nem me julgando, eu inclino minha cabeça.

— Você tem algum vírus ou infecção que eu deva saber?

— Não. Estou limpo. Vou fazer o teste novamente para que você se sinta melhor, mas enquanto isso, vamos usar camisinha.

O rosa em suas bochechas se aprofunda para vermelho. — Agora é uma boa hora para lembrá-lo que você prometeu que eu poderia dizer não se eu quisesse.

Eu me inclino para pressionar um beijo suave em seus lábios deliciosos. — Você não quer dizer não. E não se preocupe em negar, porque nós dois sabemos que é verdade.

Ela suspira e murmura: — Parte de mim quer dizer não, mas não a minha vagina.

Eu não sei por que tê-la tão conflitante sobre seu desejo por mim me deixa tão nervoso, mas se meu pau ficar mais duro, ele abrirá o zíper da minha calça.

Embalando seu rosto na minha mão, eu me inclino perto de seu ouvido e sussurro: — Então vamos fazer um jogo disso, víbora.

Depois de um segundo de surpresa, ela diz: — Um jogo?

— Sim. Você pode fingir que não quer, e eu posso fingir que não sei que você quer.

Ela se contorce um pouco no meu colo, pressionando suas coxas.

Ela gosta da ideia.

Mas é claro que tem que agir como se não gostasse, porque Deus me livre a mulher me deixar levar vantagem.

Ela diz: — Como eu saberia que é um jogo? Poderia ser apenas você e seu ego gigante fazendo a coisa de sempre.

Eu a beijo suavemente sob sua orelha, acariciando-a ali, arrastando seu perfume por meu nariz. Ela cheira como nada mais no mundo, nenhuma outra fragrância ou perfume. O cheiro não é florido, enjoativo ou doce, porque a essência dela não é nada disso.

Ela cheira a algum tipo de paraíso sombrio e perigoso feito de carne feminina e frutas venenosas e especiarias exóticas. Um jardim de delícias mortais que um homem poderia entrar e se perder.

Um lugar no qual ele poderia perder a cabeça junto com o coração e a alma.

Eu digo: — Nós concordaríamos com isso de antemão. Por um tempo definido em um lugar definido, nós fingimos.

— E se eu não gostar?

— Nós teríamos uma palavra segura. Como... Viúva Negra, por exemplo.

Ela diz rispidamente: — Ou eu poderia apenas dar um soco na sua cara.

Quando eu começo a rir, isso a deixa ainda mais irritada.

— Eu não sou seu brinquedo de foda, Quinn.

— Ainda não, você não é. — Eu mordo sua garganta, e ela estremece.

Mas não tenta me afastar. Ela me deixa abraçá-la e beijar seu pescoço enquanto nos dirigimos para o estacionamento subterrâneo do hotel. Deixa-me acariciar suas coxas. Ela me deixa apertar seus seios através do corpete frisado do vestido, e quando eu belisco seu mamilo duro, ela deixa sua cabeça cair para trás para que eu possa tomar sua boca.

Quando enrola a mão na minha nuca, desliza os dedos no meu cabelo e me beija de volta ansiosamente, eu sei que ela está tão pronta para isso acontecer quanto eu.

Simplemente não posso dizer isso em voz alta, ou vou comer um sanduíche de punho.

Chegamos à suíte por um elevador subterrâneo privativo reservado para hóspedes ricos que gostam de ficar incógnitos e podem pagar pelo privilégio. Assim que as portas do elevador se fecham atrás

de nós, eu tomo sua boca novamente, empurrando-a contra a parede e pressionando meus quadris nos dela para que saiba exatamente o que está prestes a acontecer.

Ela me empurra, ofegante. — Espere! Eu não estou mentalmente preparada para isso!

— Vou te dar dois segundos. Vai.

— Quinn...

Quando eu a beijo novamente, ela geme em minha boca. O som envia um choque tão quente de luxúria em minhas veias, não posso deixar de beijá-la mais forte enquanto a seguro contra meu corpo.

Ela bate um punho fracamente contra o meu peito.

— Quinn, Deus, por favor, eu preciso de um minuto para...

— A última coisa que você precisa agora é tempo para pensar — eu interrompo. — Você tem os próximos cinquenta anos de sua vida para fazer isso.

O elevador apita. As portas se abrem para revelar a enorme suíte. Eu a balanço em meus braços, ignorando seu pequeno grito de surpresa, e rosno: — Se você não quer que eu te foda, apenas diga não.

Passando pelo saguão, sala de estar e sala de jantar, vou direto para o quarto principal. É tão opulento quanto o resto da suíte, decorado em tons sutis de creme e azul. Uma parede inteira do quarto tem janelas do chão ao teto, mostrando uma vista magnífica do Boston Commons e do centro da cidade. As luzes da cidade brilham contra o crepúsculo que se aproxima. O céu é de um magnífico tom de azul violeta sobre um horizonte dourado, mas não vejo nada disso.

Tudo o que vejo é a mulher em meus braços, agarrada a mim com medo e desejo.

Ela está com medo, mas ela me quer.

Ela se odeia por isso, mas ela me quer.

Ela está desorientada com a mudança abrupta em sua vida a partir desta manhã, preocupada com sua sobrinha e furiosa com seu irmão, está horrorizada por se casar novamente quando ela era tão contra a ideia até a tatuando diretamente em sua pele, mas ainda...

Ela me quer.

E é exatamente nisso que vou fazer com que ela se concentre pelo resto da noite.

Vou até a cama king-size, coloco-a nela e começo a arrancar minha gravata borboleta.

— Diga não se quiser que eu pare. — Eu jogo a gravata no chão e rasgo minha camisa.

Botões estouram. Assim como os olhos dela.

Lanço a camisa de lado, tiro meus sapatos e subo na cama, ajoelhando-me sobre ela com minhas mãos plantadas em cada lado de sua cabeça.

Respirando superficialmente, ela se deita embaixo de mim com as mãos pressionadas contra meu peito. Ainda está usando o véu. Está espalhado ao redor de sua cabeça como uma auréola rendada.

Ela diz fracamente: — Eu não quero que você pare. Mas você deveria saber que...

Eu a beijo antes que ela possa terminar a frase.

Ela luta por um momento, então se derrete, deslizando as mãos pelo meu peito e sobre meus ombros. Ela me puxa para baixo contra seu corpo com um suspiro.

E eu estou dentro. Mil por cento. Meu corpo está doendo por isso, implorando por isso, e não vou perder um único segundo. Há mais do que uma boa chance de que ela me diga para ir me foder de manhã, mas esta noite, ela é toda minha.

Eu a beijo até que esteja fazendo pequenos gemidos no fundo de sua garganta e esfregando sua pélvis contra mim, então eu beijo do seu pescoço até o peito. Enquanto acaricio seus seios, ela enfia os dedos no meu cabelo e exala uma respiração tão profunda que soa como se estivesse segurando a vida toda.

Ela sussurra hesitante: — Eu... eu só estive com um homem. E ele não estava exatamente interessado em me preparar para... o que estou dizendo é... eu não quero que você pense... quer dizer, eu provavelmente não sou muito boa nisso.

Faço uma pausa para levantar a cabeça e olhar para ela. — Você

acha que poderia me decepcionar?

Quando ela balança a cabeça, parecendo envergonhada, eu quase gemo. Eu me apoio nos cotovelos, seguro seu rosto em minhas mãos e olho em seus olhos.

Com minha voz rouca, eu digo: — Víbora. Minha adorável e letal esposa. Você é perfeita pra caralho, por dentro e por fora. Nunca se preocupe em me decepcionar. Você não poderia. Mesmo quando é homicida ou me insulta, você me tira o fôlego.

Ela engole em seco. Sua voz sai pequena. — Sim, mas você é estranho.

Deixo cair minha testa em seu pescoço e começo a rir baixinho.

Ela me dá um leve tapa nas costas. — Cale-se.

— Oh, *lass*, o que você faz comigo.

Eu a beijo novamente, profundamente, mas não com força, deixando-a relaxar. Dobrando o joelho, ela desliza a perna contra a minha e flexiona os quadris. Não acho que ela tem ideia de como é receptiva, porque provavelmente se forçaria a parar se o fizesse.

— Preciso de você fora deste vestido — eu sussurro, forçando-a rolando em seu estômago.

— Espere.

Eu murmuro: — Isso de novo não. — E puxo o zíper. O tecido se separa sob minhas mãos. Reyna endurece ao mesmo tempo, dizendo em uma voz mais alta: — Quinn, por favor, espere...

Mas é muito tarde.

Eu já a vi.

A tatuagem é grande e vívida, contornando toda a sua coluna, da nuca até a parte inferior das costas. É uma trepadeira retorcida e espinhosa de rosas vermelhas e delicadas folhas pretas, ramificando-se do centro em todas as direções.

É surpreendentemente de tirar o fôlego, não apenas pela complexidade e arte, mas também pelo caule do qual cada flor desabrocha.

Uma cicatriz.

Suas costas inteiras estão cobertas de cicatrizes brancas levantadas, cada uma da largura de um dedo e mais ou menos do mesmo tamanho.

Horrorizado, sussurro: — Reyna.

Com a voz baixa, mas firme, ela diz: — Ele gostava de usar um chicote.

Não consigo recuperar o fôlego. Estou tão atordoado e enjoado ao perceber o que ela deve ter passado, o que sofreu nas mãos dele, que mal consigo ver direito.

— Jesus Cristo. Jesus, porra, maldito *Cristo*!

— Isso não está me ajudando a me sentir melhor.

Eu a rolo e a puxo para cima, sentando-me sobre meus calcanhares na cama, então estamos de frente um para o outro. Tomando seu rosto em minhas mãos trêmulas, eu digo: — Desculpe. Eu sinto muito.

Ela me olha de soslaio. — Obrigada por isso, mas não é como se você pudesse ter feito alguma coisa. Eu não te conhecia naquela época.

— Não. Porra — eu gemo, beijando-a. — Sinto muito por cada coisa estúpida e arrogante que eu disse e fiz desde que nos conhecemos. Por todas as vezes que fui rude. Por como eu agi. Por... porra!... nem sei o quê! Por ser *homem*! Mas acima de tudo por forçá-la a se casar comigo. Jesus Cristo. O que eu fiz. O que eu fiz, porra?

Salto da cama, segurando minha cabeça em minhas mãos.

Ela se senta na cama e silenciosamente me observa andar de um lado para o outro por um momento. Então se levanta, puxa o véu do cabelo, joga-o no chão e sai do vestido. Ele desliza por suas pernas e se acumula a seus pés, suspirando suavemente enquanto se acomoda no tapete.

Ela está na minha frente nua, exceto por uma simples calcinha de algodão branco.

E mais malditas cicatrizes.

Em seu estômago. Em suas costelas. Sob ambos os seios. Seus braços e pernas são macios, assim como seu peito e pescoço, mas o

resto de seu corpo está marcado com os fantasmas de seu passado, uma centena de lembranças de sofrimento.

É como olhar para lápides em um cemitério.

Nunca chorei na minha vida adulta, mas acho que estou prestes a quebrar esse recorde.

Observando meu rosto com olhos brilhantes, ela diz suavemente: — Não ouse olhar para mim com pena. Eu não sou uma vítima. Eu sou uma sobrevivente. Eu estou viva. Existem milhões de outras mulheres como eu que não tiveram tanta sorte.

Expiro uma respiração incrédula. — Sortuda.

— Sim — diz ela com veemência. — E grata. E determinada a nunca desperdiçar mais um segundo desta vida que ganhei. Então traga sua bunda irlandesa aqui e me foda, ou eu vou me divorciar de você tão rápido que vai fazer sua cabeça girar.

Mais tarde, vou olhar para trás e perceber que este é o momento exato em que me apaixono por ela.

Mas, por enquanto, simplesmente obedeco ao comando da minha víbora e a levo de volta para a cama.

REY

Deitado em cima de mim com o comprimento de seu corpo grande e pesado pressionado contra o meu, Quinn me beija com um estranho tipo de desespero, como se ele estivesse tentando encaixar tudo que eu nunca tive em um beijo.

Não me incomodo em dizer a ele que não precisa se esforçar tanto, porque estou adorando a atenção.

— Minha doce víbora — ele murmura contra minha boca. Olhando para mim, ele diz algo em gaélico que não entendo.

— Inglês, por favor.

— O inglês não tem as palavras certas.

— Para quê?

— Como você é linda.

Parte de mim quer dizer a ele que está sendo brega, mas seus olhos estão brilhando de emoção e há uma pressão crescente dentro do meu peito. Então eu simplesmente sorrio para ele e enfio meus dedos em todo o seu cabelo dourado macio.

Ele abaixa a cabeça para meus seios e suga um mamilo em sua boca.

Um relâmpago de prazer dispara direto entre minhas pernas. Eu suspiro, arqueando para ele.

— Tão sensível — ele rosna, parecendo satisfeito.

Ele se move para o meu outro seio e chupa aquele mamilo também, girando sua língua ao redor até que esteja tenso e dolorido. Fecho meus olhos e deslizo minhas mãos sobre seus ombros, conhecendo seu corpo enquanto o meu ganha vida sob sua boca.

— Precisamos tirar esses pontos — eu sussurro, estremecendo.

— Sim. Logo depois que eu foder cada parte de você.

Sua voz é tão gutural de desejo, que faz arrepiar minha pele. Ele beija o caminho do meu peito para o meu estômago, aninhando-se e beliscando-me suavemente com os dentes. Sua barba é macia, mas também áspera, fazendo cócegas maravilhosas em todos os lugares por onde arrasta.

Eu quero sentir aquela cócega entre minhas coxas.

— Quinn?

— Silêncio — diz ele com firmeza. — Você não está no comando.

Não sei por que o comando em sua voz me faz suspirar de prazer. Não sei por que suas palavras de elogio são tão boas quanto uma mão acariciando minha pele. A única coisa que sei é que a protuberância em sua calça é grande e dura, e eu a quero dentro de mim desesperadamente.

Mas eu mordo minha língua e fico quieta, deixando-o ir em seu próprio ritmo.

Polegar sobre meus mamilos rígidos, ele beija seu caminho pela minha barriga, parando para morder meu quadril. Não é forte, mas é muito dominante, como se ele estivesse dizendo *isso é meu*. Movendo-se para baixo, ele também morde a parte interna das minhas coxas, uma após a outra, lambendo e chupando a carne onde seus dentes pressionaram.

É tão bom, eu gemo.

Ele sussurra: — Você gosta disso?

— Sim.

— E quanto a isso?

Ele gentilmente me morde entre as pernas.

Eu chupo uma respiração, endurecendo. Não dói, só fico chocada ao sentir os dentes em um ponto tão sensível. Ele rapidamente tira minha calcinha, então volta entre as minhas pernas, lambendo minhas dobras com a língua. Eu gemo mais alto, puxando seu cabelo.

Ouçó uma risada suave e satisfeita. — Sim, ela gosta — ele

sussurra. — Boa menina.

Eu seria uma mentirosa se dissesse a ele que não gosto que ele me chame de *boa menina*, embora eu realmente odeie gostar disso.

Meu cérebro odeia, de qualquer maneira. O resto do meu corpo fica selvagem.

Um arrepio violento de prazer percorre todo o meu corpo. Minhas pernas se abrem mais. Meus quadris flexionam, e parece que tudo isso acontece de algum lugar além do meu controle. Meu corpo está no piloto automático, cantando junto com cada nota que ele está tocando com a boca e as mãos.

— Olhe para essa linda boceta rosa — ele rosna. — Deus, eu preciso afundar meu pau nela.

Eu faço um som distorcido de prazer enquanto ele passa a língua para cima e para baixo no meu centro. Então, quando ele puxa o meu clitóris e passa a língua para frente e para trás sobre ele, eu gemo, longo e alto.

Ele desliza seu dedo grosso dentro de mim, e eu vejo estrelas.

Com a voz sombria e dura, ele diz: — Quero que você goze na minha cara. Então eu vou foder sua boceta e fazer você gozar de novo. Então eu vou foder sua bunda linda e...

— Fala demais! — eu choro, empurrando meus quadris. — Apenas faça!

Seus lábios se fecham em meu clitóris. Ele o suga, empurrando o dedo dentro de mim. Eu gemo, arqueando contra o colchão, meus dedos cravados em seu cabelo e minha bunda apertada enquanto eu moo impotente contra sua boca.

Gritando e arranhando seu couro cabeludo com minhas unhas, eu gozo.

O orgasmo rasga através de mim. Eu me debato e me contorço através das convulsões, delirando com a sensação de seus lábios quentes e sua língua me lambendo e chupando e seu dedo mergulhando fundo. Meus mamilos estão tão duros que doem. Uma flor de calor pisca sobre mim. Suor embaça minha pele.

Assim que as convulsões diminuem e eu estou implorando para que ele pare porque está muito sensível, e Quinn fica de joelhos, abre

o zíper de sua calça e fecha seu pau na mão.

Eu o encaro com os olhos arregalados. Meu coração martelando, então começa de novo, batendo ainda mais rápido.

Grosso e com veias, o eixo se projeta orgulhosamente de seu punho. A coroa é gorda e vermelha. A fenda na parte superior brilha com uma gota de umidade.

Seu pau é enorme. Tamanho de estrela pornô. Ele faria uma matança em filmes eróticos.

— Esse olhar em seu rosto é um elogio muito bom — ele rosna. Então se posiciona entre minhas coxas abertas e desliza a cabeça para cima e para baixo através dos lábios da minha boceta, molhando-a.

Eu suspiro, administrando um ofegante: — Preservativo?

— Não estava planejando fazer sexo hoje — diz ele com os dentes cerrados, olhando nos meus olhos arregalados. — Ainda é tempo de dizer não, víbora.

Estou tão excitada que mal consigo pensar. — Você disse que estava limpo?

— Sim. Eu prometo.

— Então foda-me, Quinn. E não ouse esconder nada. Eu quero tudo o que você tem para me dar.

Seu sorriso parece selvagem. Com um único e poderoso impulso, ele empurra aquela besta grossa dentro de mim.

Minha boca se abre, mas nenhum som sai. Estou esticada, empalada em seu pau, tomando cada centímetro dele enquanto afundo minhas unhas em suas costas e aperto minhas coxas trêmulas em volta de sua cintura.

Ele se inclina, descansando os antebraços em cada lado da minha cabeça e apertando as mãos no meu cabelo. Em meu ouvido, rosna: — Sabia que você seria como o paraíso.

Então ele estala os quadris novamente, empurrando com força.

Meus seios saltam contra seu peito, meus mamilos arrastando contra os pequenos piercings de metal nos dele. Eu grito de prazer.

Rindo, ele puxa meu cabelo. Com a voz sombria, ele ordena: —

Peça-me para te foder de novo, esposa.

Ele sai em uma corrida longa e sem fôlego. — Por favor, foda-me, oh, Deus, Quinn foda-me, e se você parar agora eu vou te matar assim que puder!

Ele empurra novamente. E de novo. E de novo. Cada vez, eu afundo minhas unhas mais fundo em sua carne e gemo impotente, perdida na sensação.

Ele começa a falar em gaélico, um fluxo quente de palavras que eu não entendo, mas adoro ouvir. É uma linguagem bonita, musical e cadenciada, mas com uma ponta dura que também a faz soar masculina e sexy como o inferno.

Assim que estou prestes a gozar novamente, ele rola de costas e me leva com ele. Respirando com dificuldade e suando, eu olho para ele com surpresa nebulosa.

Seus dedos cavando na carne dos meus quadris, ele olha para mim com olhos ardentes e ordena: — Foda esse pau, baby. Monte em mim e faça você mesmo gozar.

Quase desmaio de emoção.

Inclinando-me, coloco minhas mãos em seu peito forte e me equilibro enquanto pulo para cima e para baixo em seu eixo grosso. Ele é incrível. Estou cheia com seu pau, cheia até transbordar, e eu amo isso mais do que deveria.

Eu amo isso mais do que tudo.

Vou me preocupar com isso mais tarde, mas por enquanto, estou tendo o melhor momento da minha vida. Isso é *muito* melhor do que qualquer um dos meus brinquedos jamais poderia ser.

Meus olhos se fecham. Meus lábios se separam. Quando eu cavo minhas unhas em seu peito e solto um gemido baixo sem fôlego, ele ri.

É um som grave. Um cheio de prazer.

— Você é perfeita. Olhe para você, minha linda esposa. Jesus, esses peitos.

Ele alcança e engole-os em suas mãos grandes, apertando e acariciando-os enquanto eu balanço para frente e para trás, esfregando meu clitóris contra sua pélvis. Ele belisca meus mamilos ao mesmo

tempo, e minha moagem fica mais frenética.

Quando se senta, me agarrando pela cintura para me firmar enquanto agarra meu mamilo com sua maravilhosa boca quente, isso força seu pau ainda mais fundo dentro de mim.

Minha moagem se torna frenética. Eu começo a resistir e gemer, puxando seu cabelo.

Ele morde meu mamilo, e eu gozo, gritando.

Segurando-me firmemente com os braços em volta da minha cintura, ele empurra em mim com movimentos curtos e duros de seus quadris enquanto minha boceta aperta em torno de seu pau. Ele pulsa dentro de mim, um invasor rígido e pulsante, me esticando.

Eu não percebo que estou soluçando o nome dele repetidamente até que ele rosna: — Porra, mulher, continue chorando meu nome assim, e você vai me fazer gozar.

Não sei o que me impele a fazer isso. Não é uma decisão racional. Simplesmente explode, desabafo de êxtase e algum tipo de necessidade sombria e primitiva.

— Sim, goze dentro de mim, por favor, por favor, *deixe-me sentir você gozar!*

Ouvir-me implorar assim desencadeia algo nele. Ele era carnal antes, mas agora ele é um animal absoluto, rosnando como uma fera faminta libertada de uma jaula.

Em um movimento tão rápido, que me deixa tonta, ele me vira de costas novamente, joga minhas pernas para cima para que meus tornozelos fiquem enganchados sobre seus ombros, então me fode forte e rápido, inclinando-se sobre mim com os braços fechados e olhos selvagens, seus dentes à mostra quando ele mergulha em mim.

— Quinn! Oh, Deus!

Ele engole meus gritos, esmagando sua boca na minha e gemendo enquanto seu corpo estremece e arfa. Eu o sinto pulsar dentro de mim. Ele empurra, mordendo meus lábios.

Então joga a cabeça para trás e geme para o teto enquanto faz um último impulso duro e se esvazia dentro de mim.

Ele é lindo. Deus, ele está tão bonito assim, suado e tenso, seu

corpo inteiro contraído. Eu gostaria de poder tirar uma foto para ver mais tarde para não esquecer um único detalhe.

Uma onda de emoção me atinge com força, apertando meus pulmões e roubando minha respiração. Viro a cabeça e fecho os olhos, apoiando-me nele, mas não ajuda. Ainda sinto tudo.

Tudo dentro de mim dói e queima. Todas as células do meu corpo estão gritando.

E eles estão gritando a mesma coisa:

Quinn.

Quinn.

Quinn.

O nome do homem que me olha como se eu fosse um nascer do sol e ri quando ameaço acabar com sua vida.

O homem cujo ego é tão grande, poderia arrasar uma cidade, mas cujo coração é tão terno, quebrou quando viu minhas cicatrizes.

O homem de quem não sei quase nada, exceto que ele é mais doce do que qualquer Made Man pode ser. Sob toda sua arrogância machista, além de sua boa aparência de super-herói de quadrinhos e além de sua armadura de sarcasmo, existe uma alma que dói com a solidão.

Assim como a minha.

Ou doía, até agora.

Ofegante, ele cai em cima de mim. Todo o seu corpo treme. Ele faz uma pausa para recuperar o fôlego, então pega meu rosto em suas mãos e me beija profundamente.

— Oi — diz ele rispidamente, olhando nos meus olhos.

— Oi, você.

— Por que está sorrindo assim?

— Talvez eu esteja pensando em te empurrar pela janela.

Sua risada é baixa e sem fôlego. — Ou talvez você esteja pensando no deus do sexo que eu sou.

— Na verdade, eu estava pensando que sou muito mais flexível nos quadris do que pensava. Caso você não tenha notado, estou dobrada ao meio embaixo de você.

— Porra. Desculpe.

Ele levanta o peito para que eu possa puxar minhas pernas para baixo, então se acomoda de volta em cima de mim, mantendo seu pau dentro de mim o tempo todo. Enrolo meus braços ao redor de seus ombros, inspiro profundamente, depois expiro, esticando-me embaixo dele como um gato.

Ele olha para mim por baixo das pálpebras encapuzadas. — Eu tenho algo a dizer.

Eu jogo meus braços para os lados e suspiro. — Claro que você tem.

— Não seja tão dramática. Não é ruim.

— Vou caçar esses seus terapeutas e fazê-los mudar de carreira. Eles estão transformando homens adultos em Oprah Winfrey.

— Fique quieta e escute-me.

— Não é como se eu tivesse escolha. Você pesa mil quilos. Não estou indo a lugar nenhum.

Ele rola de costas, me ajusta em cima dele para que nossos corpos fiquem alinhados, então enfia minha cabeça na curva de seu pescoço e me aperta.

— Melhor?

Aconchegando-me contra seu peito duro, eu aceno.

— Ok. Então aqui está o que eu quero dizer.

Há uma pausa longa e sinistra.

— Não quebre seu cérebro, Quinn. Apenas diga.

Seu peito sobe e desce com sua expiração pesada. Ele desliza a mão aberta pela minha espinha, seus dedos suavemente traçando um caminho ao redor das minhas cicatrizes. Então, abruptamente, ele começa a falar.

— Eu vou matar qualquer um que desrespeitá-la. Eu vou matar

qualquer um que olhe para você da maneira errada. Se alguém te *incomodar*, enfio uma bala no crânio dele e joga seu corpo no rio Charles. Nunca mais terá que lutar suas próprias batalhas, víbora, entendeu? Irei destruir qualquer filho da puta idiota que se atrever a fazer você franzir a testa.

Ele é tão veemente e suas palavras são tão improváveis, que eu começo a rir.

— Uau, Romeu. O sexo sempre te deixa tão violento?

— E ela está rindo — ele resmunga. — Malditamente maravilhoso.

— Espere... — Eu levanto minha cabeça e olho para ele. — Você está falando sério?

— Sim, estou falando sério!

— Porque isso é doido. Você sabe disso, certo?

— Eu não me importo!

Minhas sobrancelhas levantadas, eu examino sua expressão. Além de se sentir insultado por eu ter rido, ele é completamente sincero sobre suas ameaças.

É uma estranha mistura de descrença e admiração que eu sinto.

E preocupação também. O dedo no gatilho deste homem está coçando demais.

Digo baixinho: — Obrigada. Isso é adorável. Insano, mas adorável.

Ele resmunga algo e desvia o olhar.

Tentando muito não rir, eu beijo sua bochecha. Em seu ouvido, sussurro: — Sabe, para um homem tão machista, você é muito mole.

Ele resmunga: — Não diga a palavra *mole* quando ainda estou dentro de você.

Não posso evitar agora. Eu deixo cair minha cabeça em seu peito e rio até que ele me rola de volta e me beija.

Sorrindo para mim com olhos brilhantes, ele fala: — Que barulho horrível é esse que você está fazendo, *lass*? Já ouvi hienas que

soam melhor.

— Desculpe-me, mas no momento, estou enfiada na minha laringe com seu pau gigante. Meus pulmões provavelmente entraram em colapso.

Ele irradia. — Então você gosta, não é?

— Pare de pescar elogios.

Ele abaixa a cabeça e coloca os lábios perto da minha orelha. — Você adora. Admita.

— Não admito nada.

Quando ele flexiona seus quadris, eu tenho que abafar um gemido. — Espere, como você ainda está duro?

— Você está nua. Então eu estou duro.

— Mas você...

— Gozei. Sim. Um monte.

Quando eu faço uma careta, ele ri. — Isso ofende as delicadas sensibilidades de sua senhora?

— Vamos apenas dizer que minha sensibilidade não está acostumada com esse tipo de conversa sobre sexo. — Meu sorriso morre. Memórias ruins me assaltam, e eu tenho que desviar o olhar.

Depois de um momento me olhando em silêncio, Quinn diz suavemente: — Ele não tem um lugar entre nós, *lass*. Mantenha-o em seu túmulo onde ele pertence.

Minha garganta fica apertada e meu peito começa a doer, então me ajude Deus, se esse bastardo me fizer chorar, eu vou enfiar uma faca entre suas costelas.

Com a voz estrangulada, digo: — Quero fazer um elogio, mas não quero que ele suba à sua cabeça.

Ele franze as sobrancelhas, esperando.

— Eu reduzi a intensa antipatia que sinto por você a uma leve aversão generalizada. Agora se apresse e me foda de novo antes que seu ego fique grande demais e me sufoque.

— Essa é a sua ideia de *elogio*?

— Ah, cale a boca, Quinn.

Eu puxo sua cabeça para baixo e o beijo com força, e em segundos, ele esquece tudo.

SPIDER

Ela acha que eu esqueci, mas não.

E não vou.

Nunca.

Porque eu sei exatamente o que está por trás desse não elogio, e isso incendeia minha alma.

É como quando o gato de rua que você está tentando alimentar há meses, que sempre assobia e foge quando se aproxima, finalmente decide que um dia aceitará sua patética oferta de ração e permitirá que o observe de uma distância segura enquanto ele janta, encarando você com desprezo indisfarçável.

Chama-se progresso.

Eu não sou idiota. Sei que vai demorar muito mais do que compromisso forçado e bom sexo para quebrar todas as suas paredes.

Mas é um começo.

Enquanto isso, vou transar com ela.

REY

Ele se retira, me vira de barriga para baixo, me puxa de joelhos, então mergulha seu membro ainda duro de volta dentro de mim com um grunhido que soa animalesco. Agarrando meus quadris com as duas mãos, ele começa a empurrar novamente.

Meu rosto enterrado no edredom, eu suspiro de felicidade.

Sua risada é sombria e conhecedora. — Sim, *lass*. Eu também adoro.

Estou abalada com a menção dessa palavra de quatro letras, mas me distraio quando ele chega perto e começa a acariciar minha boceta enquanto me fode, beliscando meu clitóris e deslizando os dedos por todo o lugar em que estamos unidos. Eu gemo e fecho meus olhos, desesperadamente puxando a coberta.

Ele diz algo em gaélico, uma palavra breve e rosnada, então me fode com mais força.

Embora eu esteja totalmente exposta, com cicatrizes e tudo, não sinto nenhuma vergonha. Toda a minha consciência está centrada no meu corpo e no que ele está fazendo com ele. A maneira gloriosa que está me fazendo sentir.

Até que ele chega ao redor e pressiona o polegar molhado entre as bochechas da minha bunda.

Eu empurro, endurecendo. Meus olhos se arregalam.

— Calma, víbora — ele canta suavemente. — Lembre-se, você sempre pode dizer não.

— Sempre posso usar aquela caneta na mesa de cabeceira para perfurar sua jugular também.

— Até que eu ouça um não ou você comunique o que mais você gostaria que eu fizesse, eu estou me divertindo com essa sua bunda perfeita.

Diminuindo os impulsos de seus quadris, ele começa a acariciar suavemente o polegar para frente e para trás sobre o nó sensível de carne. Ao redor, para cima e para baixo, ele acaricia enquanto eu tento decidir se é incrível ou se eu vou resistir e chutá-lo sob o queixo.

Depois de alguns momentos sem fôlego, eu vou com incrível.

Quando ele me sente relaxar, ele rosna: — Porra, você é linda. Minha doce menina. Eu mataria um exército por você, queimaria impérios e colocaria todo o ouro deles aos seus pés.

Estremeço e fecho meus olhos, escondendo meu rosto na coberta para que ele não possa ver o quanto eu amo quando ele fala assim. Quão profundamente isso me afeta.

Ele rompe o nó do músculo e desliza o polegar dentro de mim, calando-me com palavras ditas suavemente quando eu suspiro. Leva um momento para eu relaxar nisso, mas então eu estou empurrando de volta contra sua mão e ele está rosnando em aprovação.

Estendendo a outra mão, acaricia meu clitóris latejante.

— Diga-me o que você quer, querida — fala com sua voz rouca.

Eu respondo sem pensar. — Mais. Eu quero mais. Eu quero tudo de você.

Eu queria dizer ‘isso’, mas ‘você’ escapou em seu lugar. Há uma diferença sutil no significado, e ele não perdeu.

— E você vai ter tudo de mim, esposa — diz ao me foder mais forte. — Agora goze no meu pau.

Ele puxa meu clitóris, enviando uma onda de prazer por todo o meu corpo. Ofegante, eu gemo na coberta, meu rosto quente de ouvir os sons que fazemos quando nossos corpos se chocam.

Com os dentes cerrados, ele diz: — Você parece seda. Seda molhada e quente. Cristo. Goze, baby. Goze pra mim.

Com meus mamilos duros arrastando contra a coberta e seu dedo e pau me enchendo, eu gozo com um soluço.

Ele geme. O movimento de seus quadris vacila. Suas estocadas ficam lentas e depois param completamente enquanto eu aperto e convulsiono em torno de sua cintura.

Ele sussurra: — Ah, porra, víbora. Consigo sentir isso. Isso é

incrível. Você está gozando com tanta *força*.

Eu soluço novamente, empurrando, meu corpo completamente fora do meu controle. Eu me sinto desossada, como se a única coisa me segurando fosse o enorme membro latejante ao redor do qual estou convulsionando.

Ele move a mão que está segurando meu quadril mais para cima do meu corpo, deslizando-a sob meu peito para que ele possa acariciá-lo e beliscar meu mamilo. Eu recuo contra ele, implorando por mais.

Com uma risada sombria em sua voz, ele diz: — Você gosta quando eu brinco com seus mamilos enquanto estou fodendo você, não é? Você gosta do meu pau e gosta de gozar para mim quando eu mando, porque você é perfeita e você é linda e você é toda *minha*.

Não entendo como chegamos aqui.

Não consigo compreender que este homem rosnando todas essas coisas imundas seja meu marido. Não consigo entender a enormidade de nada disso, porque apenas esta manhã, eu estava me preparando para enviar Lili para sua vida de casada, mas agora estou aqui, de braços em uma cama de hotel, sendo penetrada por um sexy e louco Irlandês de quem eu nem gosto.

Ou pelo menos estou dizendo a mim mesma que não.

A alternativa é inimaginável.

De repente, do nada, começo a chorar.

Enterro meu rosto no edredom e choro como um bebê recém-nascido, batendo meu punho contra o colchão porque eu me odeio tanto por isso.

Então eu não estou mais de braços, porque de alguma forma estou sentada nos braços de Quinn e ele está me balançando, murmurando em meu cabelo.

— Está tudo bem, *lass*. Você está segura aqui comigo. Você está segura.

Ele aperta aqueles grandes braços em volta de mim, segurando-me firme. Eu choro por todo o seu peito, escondendo meu rosto e queimando de vergonha enquanto me agarro a ele impotente. Estou enrolada em seu colo com suas pernas ao meu redor, então todo o seu corpo está curvado em torno do meu.

— Des... desculpe.

Segurando minha cabeça em uma mão, ele exala e beija meu ombro. — Não seja uma maldita idiota. Você não precisa se desculpar.

— Não sei o que aconteceu.

Ele ri. — Vou te contar o que aconteceu. Eu deslumbrei a bruxa do pântano com meu pau, ela caiu sob um feitiço de sono, e a verdadeira você acordou pela primeira vez em séculos.

Fungando, eu limpo meu nariz com as costas da minha mão e dou um suspiro irregular. — Deus, você é um idiota arrogante.

Ele acaricia meu pescoço, sussurrando: — Mas estou certo.

Ele está certo sobre uma coisa, pelo menos. Eu me sinto segura em seus braços. Segura, quente e como uma idiota absoluta e indigna.

Que tipo de mulher chora durante o sexo?

Eu vou te dizer que tipo: uma fraca.

Em todos os anos em que Enzo abusou de mim, nunca me permiti chorar até depois, quando ele me deixava sozinha e sangrando.

— *Lass.*

— Sim, Quinn?

— Vamos precisar conversar mais.

Exasperada, falo: — *Agora?*

Ele faz uma pausa. — Não. Depois que eu te alimentar e te der um banho.

— Eu não preciso de comida ou banho.

Ele levanta meu queixo e me força a olhar para ele. Com uma voz gentil, mas firme, ele diz: — Não, você precisa de muito mais do que isso, mas no momento, vai deixar seu marido cuidar de suas necessidades básicas, e vai me fazer um grande e maldito favor se mantiver essa língua bifurcada na boca até eu terminar. Entendido?

— Por que você está sendo tão mandão?

Ele rosna: — Você está usando minha aliança. O seu bem-estar é

minha responsabilidade. É meu trabalho cuidar de você agora. Irei fazer isso quer você goste ou não. Entendido?

Meu lábio inferior treme até que eu o mordo. Não confio em mim para falar, então simplesmente aceno com a cabeça.

Ele pega meu rosto em suas mãos, beija minhas duas bochechas molhadas uma após a outra, então fala rispidamente: — Ótimo. Agora coloque sua doce bunda debaixo das cobertas e fique aqui quieta como uma boa menina até eu voltar.

Sem esperar que eu responda, ele puxa as cobertas, rolando-nos até que eu fique deitada, levanta-se e então puxa as cobertas sob meu queixo. Ele afofa o travesseiro sob minha cabeça, me beija na testa e se afasta, assobiando.

Fecho os olhos e rezo por uma embolia cerebral repentina.

A morte é preferível a ter que viver com essa nova versão chorosa de mim.

Quinn pega o telefone e pede serviço de quarto. Não escuto as palavras, apenas a cadência baixa e calmante de sua voz. Depois de terminar a chamada, ele liga a música, usando um controle remoto que encontrou no console sob a televisão. Isso também é reconfortante. Algum tipo de guitarra espanhola. Em seguida, ele desaparece no banheiro. Ouço água correndo.

Também pode ser o som da minha sanidade saindo pelos meus ouvidos.

Em alguns momentos, ele está de volta, nu, curvado sobre mim. — A comida estará aqui em trinta — ele murmura, puxando o edredom para baixo. — O que é muito tempo para um banho.

Ele me pega no colo e vai para o banheiro, me carregando em seus braços.

Descanso minha cabeça em seu ombro e digo para seu queixo: — Estou tentando não ficar impressionada com a facilidade com que você pode carregar uma mulher adulta, mas tenho que admitir, isso é outra coisa.

Ele zomba. — Você mal pesa uns quilos.

— Peso alguns milhares de quilos, na verdade. Espere, estávamos falando sobre seu cérebro?

Sorrindo, ele me lança um olhar de soslaio. — Ah, a bruxa do pântano desperta. Bem, foi bom enquanto durou. Olá, diaba.

— Olá, Homem-Aranha. Você é muito mais alto na realidade do que parece nos quadrinhos.

— Há um elogio em algum lugar, tenho certeza.

— Você só pensa isso porque é obcecado consigo mesmo.

Rindo, ele me coloca de pé ao lado da banheira. Puxando-me contra seu corpo, ele me dá um beijo firme de boca fechada. Então aponta para a água. — Entre.

Quando eu lhe envio um olhar duro, ele sorri.

— *Por favor*, entre.

— Uau. — Entro na água, estremecendo porque está quente, mas a dor desaparece rapidamente, e eu afundo com um suspiro agradecido, fechando os olhos.

Quinn murmura: — Afaste-se, querida.

Eu me inclino para frente. Ele se abaixa na banheira atrás de mim, fazendo com que a água suba perigosamente. Ele se acomoda, esticando as pernas de cada lado, então envolve seus braços ao meu redor e me puxa de volta contra a parede sólida de seu peito.

Ele descansa o queixo em cima da minha cabeça e me dá um aperto.

Ficamos em silêncio por um tempo, apenas sentados juntos na água quente, até que ele diz em um tom pensativo: — E se conseguirmos uma casa para você?

Espero que ele explique. Quando ele não o faz, eu digo: — Para quê, minha coleção de coroas feitas de fêmures humanos?

— Eu não acho que deveríamos encontrar um lugar tão grande. Não, eu quis dizer para *você*.

— Para eu fazer o quê?

— Para morar.

Franzindo a testa, eu torço meu pescoço e olho para ele.

Ele passa o polegar sob meu olho. Ele sai preto com rímel borrado. Ele mergulha os dedos na água e repete do outro lado, limpando o que deve ser uma bagunça feia no meu rosto feita das lágrimas misturadas com maquiagem.

Muito gentilmente, ele diz: — Você disse que nunca viveu sozinha. Que você foi direto da casa do seu pai para... a dele.

Seus olhos brilham com ódio quando ele diz ‘dele’, mas ele rapidamente continua.

— O que você acha de ter um lugar só seu?

— Acho que não estou entendendo a pergunta.

— Só porque somos casados não significa que vou forçá-la a viver comigo.

Eu olho para ele com a boca aberta surpresa.

— Não me olhe assim. Eu não sou muito de um homem das cavernas. Agora vire-se e deixe-me acariciá-la enquanto você pensa em insultos inteligentes.

Ele segura meu queixo em sua mão e encara minha cabeça para frente. Então ele varre todo o meu cabelo para um lado e beija meu pescoço enquanto ele se aproxima e segura meu seio em sua mão enorme.

— Não morar com você? — digo baixinho. — Você estava planejando fazer isso com Lili também?

Ele bufa. — Cristo, não. Duvido que a menininha saiba como se alimentar. Parece que ela precisa de cuidados 24 horas por dia, como um cachorrinho.

Estou prestes a discutir com ele, mas lembro-me das vezes em que ela quase incendiou a casa tentando cozinhar, e penso melhor.

— *Você*, por outro lado. — Ele ri novamente, agora segurando meus seios em suas mãos e puxando suavemente meus mamilos. — Pode cuidar de si mesma.

— Mas... você não quer morar comigo?

Ele pausa sua carícia para dizer com uma voz rouca: — Sim. Eu quero. Porém, mais do que isso, eu não quero que você seja infeliz.

Estou impressionada com a generosidade dessa oferta. Atordoada e oprimida, e não acreditando totalmente, por que como diabos algo assim funcionaria?

— Quinn... eu... eu não sei o que dizer.

— Você não precisa saber. Basta pensar nisso.

Massageando meus seios, ele cantarola com prazer. Alimentado por um reator nuclear interno que nunca fica offline, sua ereção penetra na parte inferior das minhas costas.

Ele diz: — Ah, mas não pense que você estaria do outro lado da cidade nem nada. Eu te compraria uma casa bem ao lado da minha.

Isso me faz sorrir. — Naturalmente.

— Provavelmente teriam portas de conexão para ligar os quartos também.

— Não consigo imaginar.

Deslizando as mãos pelas minhas costelas, ele aperta meus quadris, então desliza as mãos entre as minhas pernas. Amassando a carne macia na parte interna das minhas coxas, ele murmura: — Você não pode me culpar, *lass*. Você é um maldito sonho molhado. Você é a perfeição. Toda vez que olho para você, acho que posso ficar cego.

Com o coração se expandindo dolorosamente, falo: — Na verdade, tenho uma aparência bem comum. Você só tem uma queda por bruxas do pântano tagarelas.

Ele respira: — Deus, como eu tenho. — E afunda um dedo dentro de mim.

Eu viro minha cabeça. Ele pega minha boca, beijando-me profundamente enquanto coloca o dedo dentro e fora e brinca com meus seios, indo e voltando entre eles.

— Você está tremendo de novo.

— E você está falando de novo. Que surpresa.

Nossos rostos estão a apenas uma polegada de distância. Ele olha para mim, seus olhos castanhos suaves e quentes. Uma mecha de cabelo cai em sua testa. Eu a alcanço e afasto, minhas pálpebras deslizando para baixo enquanto ele acaricia preguiçosamente seus dedos sobre meu clitóris.

Ele diz: — Conte-me sobre esses seus romances.

— Por quê?

— Estou interessado em saber o que você gosta neles.

Penso por um momento enquanto ele gentilmente belisca um mamilo e meu clitóris ao mesmo tempo. A sensação é incrível. O que ele sabe, porque está observando atentamente meu rosto a um centímetro de distância.

Em uma voz ofegante, eu digo: — Acho que gosto que eles sejam escritos para mulheres. O mundo inteiro é feito para agradar o olhar masculino, mas os romances só se preocupam com o que queremos. O que precisamos. Eles são especificamente para o nosso prazer. Algumas das histórias são grandes fantasias escapistas.

Ele parece intrigado. — Talvez devêssemos reencenar uma dessas fantasias. Qual é o seu tipo favorito de enredo?

— Ah, isso é fácil. Harém reverso.

Suas sobrancelhas se juntam. — O que diabos é harém reverso?

— Onde uma mulher tem vários parceiros sexuais masculinos.

Ele congela. Suas narinas dilatam. Seus lábios afinam e um brilho perigoso aparece em seus olhos.

Ele rosna: — Duas coisas que você deveria saber sobre mim. Um: O que é meu é meu. Dois: eu não compartilho. Três: veja os números um e dois, mulher.

Eu rio. — Deus, você é fácil de provocar. Eu só estava brincando.

Seu olhar indignado indica que ele não acha minhas provocações divertidas.

— Ok, Sr. Ciumento e Possessivo, você pode parar de me encarar agora. — Eu pressiono um beijo gentil em seus lábios finos e digo mais suavemente: — Não tenho desejo de ter vários homens ao mesmo tempo. Na vida real, todos eles estariam mais preocupados em comparar o tamanho de seus paus do que em me agradar. E estou feliz que você não queira compartilhar, mas eu poderia ficar sem a possessividade exagerada do macho alfa.

Um estrondo de desagrado atravessa seu peito, mas ele não diz

nada.

Sorrindo, eu sussurro: — E você afirma não ser um homem das cavernas.

Ele retruca: — Eu disse que não era muito homem das cavernas, não que eu não fosse.

Meu sorriso cresce mais. Eu me coloco contra ele, ridiculamente satisfeita com tudo sobre essa conversa.

— Não se gabe — ele avisa, beliscando meu lábio inferior.

— É só que eu nunca tive um homem tão bonito agindo tão louco por mim antes.

Quando ele levanta as sobrancelhas e fala arrastado: — Ah, *é mesmo?* — Eu sei que cometi um grande erro.

Fecho os olhos e dou um suspiro. — Vá em frente. Acabe logo com isso.

— É só que eu poderia *jurar* que ouvi você me chamar... o que foi mesmo?

Eu murmuro: — Impossível.

— Não, não foi isso. Hum. — Ele finge pensar. — Poderia ter sido bonito. Mas talvez eu esteja enganado? Talvez eu precise que você diga isso de novo.

— Ou talvez você precise encontrar um carro em alta velocidade para pular na frente.

Ele desliza a mão pelo meu peito e envolve minha garganta com uma pressão suave de seus dedos. Abro os olhos para encontrá-lo olhando para mim com uma intensidade tão ardente que me faz recuperar o fôlego.

Com a voz baixa e os olhos hipnóticos, ele ordena: — Diga, víbora. Diga-me o que pensa de mim.

A maneira como ele está em volta do meu corpo – pernas, braços e aquela mão grande e áspera em volta do meu pescoço – deveria me deixar em pânico. Ou encurralada, pelo menos. Como uma raposa caçada, olhando para sua extremidade sangrenta.

Mas tudo que eu sinto é proteção.

Segurança.

Como se seu corpo fosse um escudo em vez de uma arma que pudesse me fazer mal. Pela primeira vez na minha vida, um homem não parece uma arma de guerra para mim, mas sim um lar.

Contemplo seus olhos como uma antiga rocha calcificada que se derrete em manteiga aquecida no centro do meu peito.

Então confesso algo verdadeiramente horripilante.

— Acho que você é um sol dourado brilhante em um céu que só conhece a noite negra e sem estrelas.

Através dos lábios entreabertos, ele exala uma respiração lenta e atônita. Seus olhos ardentes poderiam incendiar toda a cidade. Quando ele toca minha boca, seus dedos tremem.

Sou resgatada da sensação de que estou prestes a pular de um penhasco assustadoramente alto e mergulhar de cabeça em um abismo sem fundo quando o serviço de quarto bate na porta.

REY

Nós comemos em silêncio.

Mais precisamente, ele me dá garfadas de comida como se eu fosse uma inválida, e eu mastigo enquanto nenhum de nós fala.

Eu não sei como ele está se sentindo sobre tudo isso, mas eu, por exemplo, estou apavorada com o que pode sair da minha boca a seguir.

Estou em perigo de compor odes com maior precipitação e humilhação à sua beleza divina, por isso, no momento, estou fingindo ser uma mímica.

O filé está delicioso. Os aspargos perfeitamente preparados. O purê de batatas é perfeito, macio e amanteigado. Tudo isso desliza pelos meus lábios em pequenas garfadas que meu novo marido fornece com a intensa concentração de um especialista em explosivos desarmando uma bomba-relógio.

Entre mordidas, ele levanta uma taça de vinho aos meus lábios para que eu possa beber.

É uma prova do meu novo estado de deficiência mental permanente que eu não acho nada disso estranho.

Quando indico que já tive o suficiente com um pequeno movimento de meus dedos, ele se alimenta. É como assistir a um especial da National Geographic sobre leões famintos. É confuso, selvagem e acaba em dez segundos.

Então ele empurra os pratos para o lado, arranca nossos roupões macios do hotel, me pega e nos leva de volta para a cama novamente.

Ele coloca seu corpo nu em cima do meu e me beija vorazmente.

— Ai.

Ele se afasta, ofegante. — Porra. Eu sinto muito.

Com a minha língua, testo a ferida no meu lábio onde ele me mordeu. — Estou sangrando?

— Um pouco. — Parecendo aflito, ele lambe o local suavemente, então murmura outro pedido de desculpas. Ele está prestes a se retirar da cama, mas eu aperto seus ombros e balanço a cabeça.

Então, diz rispidamente: — Eu não queria te machucar, *lass*.

— Eu sei — digo suavemente, olhando em seus olhos. — Está tudo bem.

— Não está. Nunca está tudo bem. Eu...

— Você não é ele — eu interrompo. — Você nunca será ele. Isso foi um acidente, o que é muito diferente. Ok?

Eu sei que estava certa sobre o que ele estava pensando quando ele abaixa a cabeça e esconde o rosto no meu pescoço. E sussurra: — Vou matar qualquer um que te machuque. Inclusive eu.

— Vou me lembrar disso na próxima vez que seu ego me esmagar. Além disso, isso é perturbador.

— É verdade.

Eu falo zangada: — Nunca quero ouvir você falar sobre se machucar. Eu não gosto disso. A única pessoa que tem permissão para te machucar por aqui sou eu.

Ele levanta a cabeça e olha para mim.

Eu aviso: — Não se atreva a dizer outra palavra, Quinn.

— Eu tenho que dizer. Porque isso quase soou como se você se importasse.

Fecho os olhos e rosno de frustração.

Ele beija meu pescoço e sussurra em meu ouvido: — Diga-me que você se importa se eu viver ou morrer, víbora.

Pressionado entre minhas pernas, sua ereção é dura, quente e ansiosa.

Percebo de repente que talvez eu não seja a única com uma torção de elogio recém-descoberta.

Meu coração começa a bater. Minha respiração trava. Falo timidamente: — Eu... hum... claro que me importo se você morrer.

— Por quê? — ele desafia. — Por que você não terá mais ninguém para insultar?

Eu faço isso? Será que eu tento e vejo o que acontece?

Qual é a pior coisa que pode acontecer, você se envergonhar um pouco mais? Dê um tempo ao pobre homem, Reyna. Ele não está pedindo para você doar um rim!

Respiro fundo para acalmar meus nervos. Então o alcanço, enfio meus dedos em seu cabelo e digo suavemente: — Não. Porque não terei mais esse rosto lindo para olhar.

Ele lambe os lábios. Sua respiração fica irregular. E eu juro por Deus, aquele pau monstruoso entre nós se contorce.

Animada, continuo. Minhas mãos vão para seus ombros grossos, então para seus bíceps salientes, que eu aperto. — Ou esses grandes músculos fortes para tocar.

Suas pupilas dilatam até seus olhos ficarem pretos.

Com uma emoção estranha percorrendo meu corpo, eu movo minhas mãos para suas costas, acariciando minhas palmas sobre sua pele lisa e quente. Quando meus dedos roçam a curva dura e arredondada de sua bunda, ele estremece.

Olhando profundamente em seus olhos, eu sussurro: — Ou este lindo corpo duro para me fazer sentir tão segura e protegida.

O gemido que escapa de seus lábios é baixo e gutural. Suas pálpebras se fecham. Ele rosna: — Eu nem me importo se você está mentindo. Essa é a porra da coisa mais gostosa que qualquer mulher já disse para mim.

— Eu não estou mentindo. Nunca me senti mais segura do que agora, aqui com você. Meu lindo, másculo e durão irlandês em quem não parei de pensar desde o dia em que nos conhecemos.

Ele está com uma expressão que eu só vi em pessoas antes de desmaiar.

Esperando evitar esse resultado, puxo sua cabeça para baixo para um beijo.

Ele me beija de volta com fome, afundando os dedos no meu cabelo e balançando sua pélvis contra a minha. Ficamos assim, até que eu estou me contorcendo com a necessidade debaixo dele.

— Você beija tão bem — eu digo, ofegante. — Eu amo o seu gosto.

Ele geme. — Jesus, fodido inferno, você está tentando me matar.

— Não no momento. Estou apenas gostando de como você é delicioso.

Seus olhos rolam para trás em sua cabeça.

— Você pode me foder com esse seu incrível pau grande agora? Eu amo tê-lo dentro de mim.

Muito fracamente, ele diz: — Eu morri e fui para o céu. Tem que ser isso.

A única palavra que posso encontrar para descrever o sentimento de sua reação ao elogiá-lo é poder. Dar a ele o que ele precisa me faz sentir forte, ousada e poderosa *pra caralho*.

É assim que parece para ele também? Quando ele me chama de *boa menina* e eu derreto, isso o faz se sentir tão incrível? Eufórico?

Parece assim?

Quando ele desce pelo meu corpo, enfia o rosto entre as minhas pernas e começa a se deliciar com a minha boceta, decido que não importa. Se ele fizer isso toda vez que eu disser algo legal para ele, eu vou ser uma maldita distribuidora de biscoitos de agora em diante.

Afundando meus dedos em seu cabelo, eu abro mais minhas pernas e sussurro: — Eu amo sua língua, Quinn. Isso é incrível.

Ele geme em minha carne. Seus dedos cavam em meus quadris. Rígido e balançando, seu pênis pende entre as pernas dobradas, a coroa de um vermelho profundo. As veias se destacam por toda parte. A ponta brilha.

Em um frenesi, sua língua chicoteia para frente e para trás sobre meu clitóris ingurgitado.

Euforia soando como um batimento cardíaco dentro de mim, eu sussurro: — Seu pau é tão lindo. Tão grande e grosso. Só de olhar isso me excita.

Ele o segura com uma mão e começa a brincar com ele, bombeando seus quadris enquanto o acaricia da cabeça à base e vice-versa, parando de vez em quando para passar a palma da mão sobre suas bolas.

Perto do orgasmo, eu gemo. Meus dedos apertam em seu cabelo. Meus quadris se movem no ritmo dos golpes de sua língua perversa. Fazendo sons abafados de prazer enquanto me come, ele masturba seu pau mais rápido.

Eu arqueio minhas costas e me esfrego em seu rosto impotente. Meus mamilos estão duros e sensíveis, doendo por sua boca ou seu toque. Quando digo isso a ele, ele geme, seus olhos fechados e suas bochechas encovadas de sucção.

Observando-o, sussurro roucamente: — Faça-me gozar. Por favor, não pare com isso. Eu adoro assim. É perfeito. Você é perfeito. Quinn, oh, Deus...

Meu orgasmo rouba minha respiração. Eu me curvo da cama, tremendo e suando, amando cada toque quente de sua língua sobre meu clitóris, embora requintado, quase dolorosamente sensível. Eu gozo e gozo, puxando seu cabelo e gemendo, até que ele afunda dois dedos grossos dentro de mim e eu soluço.

— Você é a coisa mais perfeita que eu já vi na minha vida — ele rosna, fodendo-me com o dedo enquanto eu empurro e suspiro. — E você é toda minha, não é, baby?

Eu balbucio alguma coisa. Não sei o quê. Seja o que for, faz Quinn rir sombriamente.

— Sim, você é. Diga-me que você quer meu pau.

— Por favor, sim, por favor, dê para mim!

Quando ele afunda dentro de mim, ainda estou gozando. Eu grito em êxtase, minha boceta apertando em torno de seu eixo grosso. Convulsionando ritmicamente em torno dele, como se eu estivesse tentando ordenhar o esperma dele.

Ele diz algo em gaélico. Uma maldição ou um elogio, não sei dizer. Mas sua voz está tensa e seus quadris estão estalando. Sentando-se de joelhos com minhas pernas abertas ao redor de seus quadris e suas mãos apertadas na minha bunda enquanto ele me segura, mergulha seu pau em mim uma e outra vez.

Ele é rude, mas porque eu sei que é paixão, não raiva que alimenta sua aspereza, eu aceito isso.

Seu impulso vacila, e ele estremece, gemendo.

— Sim! Goze! Deixe-me sentir você gozando!

Ele avança, caindo sobre os cotovelos em cima de mim. Agarra meu rosto. Com os olhos bem abertos, ele me beija, então chega ao clímax com um grunhido primitivo e violento espasmo de corpo inteiro que sacode a cama.

Enterrado dentro de mim, seu pau pulsa enquanto ele se esvazia.

O tempo todo, nós olhamos nos olhos um do outro.

Ele suspira meu nome.

Envolver minhas pernas em volta de sua cintura.

E aquele penhasco alto com o qual eu estava preocupada antes?

Simplesmente pulei nele, caralho, de cabeça.

SPIDER

Ficamos enredados na cama, no escuro.

Não sei há quanto tempo estamos assim. Horas, talvez. Dias? Anos? Quem sabe? Perdi a noção do tempo. Só sei que estou aqui, em um lugar que nunca sonhei estar, com uma mulher que me faz sentir que a vida pode valer a pena afinal de contas.

A cabeça dela repousa no meu peito. Suas pernas estão entre as minhas. Sua mão quente está pressionada sobre meu coração palpitante.

Meu coração atordoado, dolorido e maltratado, que não faz a menor ideia do que acabou de atingi-lo.

Ele foi mordido por uma víbora com presas afiadas e o veneno ainda mais doce.

Após uma exalação pesada, Reyna sussurra: — O que acontece agora?

— Agora vamos descobrir, suponho.

Há uma pausa breve, mas tensa. — É...

— O quê?

— É sempre assim para você? Quero dizer, tão intenso?

Fecho os olhos e expiro. Meus pulmões também doem. — Não, *lass* — eu murmuro. — Não para mim.

— Ótimo. Se você tivesse dito sim, eu ia arrancar seus mamilos com meus dentes.

Rindo, eu penteio meus dedos por seu longo cabelo sedoso.

Mexendo, ela pressiona um beijo suave na minha mandíbula. Viro a cabeça e olho para ela, deslumbrante mesmo nas sombras.

— Sua mãe realmente te deu o nome do artista Winslow Homer?

— Sim.

— Muito legal.

— Ela era uma pessoa legal.

Posso dizer que ela quer dizer outra coisa, mas não quer. Ela apenas brinca com minha barba e me observa com aqueles olhos de sereia, brilhando no escuro como vidro marinho sob águas instáveis.

Sentindo-me com mil anos de idade, viro a cabeça e olho para o teto. Depois de um tempo, digo: — Tenho trinta e oito anos.

— Hum. Você não parece ter mais de cinquenta.

— Eu mereço isso.

— Merece. O que mais? Diga-me mais.

— Como por exemplo?

— Eu não sei... qual é a sua música favorita?

— “God Bless America”.

Ela ri. — Essa não é sua música favorita.

— É.

— Sério? — Ela digere isso em silêncio por um momento. — Que estranho.

Eu dou de ombros. — Eu também gosto de você. Você não pode explicar o gosto.

Ela ri novamente, suavemente, puxando minha barba. — Que bom. — Então, um momento depois e docemente hesitante: — Você gosta de mim?

E *me* chama de idiota.

Meu suspiro é uma enorme rajada de ar. — Sim. Gosto de você. Mas, por outro lado, sou um glutão para o castigo, então há isso.

— Essa é uma frase tão estranha, *glutão para o castigo*. Afinal, o que isso quer dizer?

— Significa que você ama o que te machuca.

Um arrepio delicado percorre seu corpo. Aproximando-se de mim, ela sussurra: — Não ame o que te machuca, Quinn. O que te faz mal não te merece. Você foi feito para muito melhor do que isso.

Mil facas esculpem o nome dela em meu coração. Sangrando, mal conseguindo respirar, eu falo rispidamente: — Maldição. Pare de ser doce. Não consigo lidar com isso quando você é doce.

— Sim, você pode, seu covarde. Vamos, vamos praticar. — Ela se levanta até um cotovelo e sorri para mim. — Olá, Homer. Eu sou Reyna. Prazer em conhecê-lo. Você parece a ideia de um órfão da manhã de Natal.

Fechando meus olhos, respiro e oro para que o Senhor me ajude.

Não que ele esteja ouvindo. Ele parou de me ouvir há muito tempo.

Ela sussurra: — Eu adoro que você seja esse cara grande e durão que corre por aí atirando nas pessoas como se fosse apenas mais um dia no escritório, mas por dentro você é todo molinho. Um pequeno elogio e você derrete.

— Isso não foi um pequeno elogio. Era um sorriso que poderia acabar com guerras e a única vez que você disse meu primeiro nome, e uma metáfora sobre como você pensa em mim que parecia uma maldita ovação de pé.

— Foi muito bom, não foi?

Quando eu viro minha cabeça e olho para ela, ela está sorrindo para mim.

Ela me cutuca nas costelas. — Agora você faz um.

Seguro seu queixo em minha mão e acaricio meu polegar sobre a adorável curva de sua bochecha. Olhando em seus olhos, murmuro: — Você é um privilégio que não mereço, mas vou passar o resto de nossas vidas tentando ser digno de você.

Ela está atordoada por um momento, engolindo e piscando. Então ela vira o rosto para o meu pescoço, fecha os olhos e diz baixinho: — Se você me fizer chorar de novo, o resto da sua vida será muito curta.

Isso me faz rir. — Agora quem é o molinho?

Escondendo o rosto, ela balança a cabeça e não diz nada.

Rolando para o meu lado, eu a pego em meus braços, enterro meu rosto em seu cabelo e inalo profundamente. Quando ela desliza um braço em volta da minha cintura e me aperta, sinto como se alguém acabasse de me entregar uma coroa e me conduzisse ao meu novo castelo.

Depois de um tempo, com a voz abafada, ela diz: — Não sei ser esposa.

— Tudo bem. Eu não sei ser um marido.

— Não, quero dizer, eu não sei se *posso* ser uma esposa. Caso você não tenha notado, tenho muita bagagem do departamento de matrimônio.

Acaricio uma mão sobre seu ombro e desço por suas costas, gentilmente traçando os contornos de suas cicatrizes. Mais do que nunca, eu gostaria que aquele fodido inútil do marido morto dela estivesse vivo.

Oh, o que eu faria com ele. Todas as coisas feias e maravilhosas.

— Se isso faz você se sentir melhor, não tenho expectativas. Se me deixar olhar para você nua de vez em quando, isso será ótimo, mas fora isso, não precisa fazer ou ser nada.

Parecendo confusa, ela diz: — Todos os irlandeses são tão fáceis de agradar quanto você?

— Todas as mulheres italianas são tão lindas quanto você?

— Há um milhão de mulheres italianas que se parecem comigo, Quinn. Peitos, bunda, muito atrevimento. Está em nosso DNA.

— Humm. Parece que preciso reservar uma viagem para a Itália.

Ela me dá um tapa nas costas, me fazendo rir.

— Isso foi uma piada.

Ela murmura: — É melhor ser.

— Desculpe, essa é a mesma pessoa que me acusou de ser ciumento e possessivo? Porque olá, panela, conheça a tampa.

— Eu vou colocar uma bala nessa tampa estúpida se você não

calar a boca logo.

Meu peito estremecendo com uma risada silenciosa, eu rolo em cima dela, tirando o cabelo de seu rosto.

Ela me encara com olhos brilhantes.

— Meu Deus — eu suspiro, olhando para seu lindo rosto lívido.
— Você é uma coisinha boa, Sra. Quinn.

— E você está me esmagando. Quanto você pesa, afinal?

— Não sei. Não me preocupo muito com balanças.

— Talvez você devesse comprar uma. É anormalmente pesado.

— São só os músculos.

Ela suspira, fechando os olhos.

— Eu tenho uma ideia.

— A pobrezinha deve estar sozinha dentro desse seu cérebro vazio.

— Pare de me insultar por um minuto e ouça. Vamos fazer compras de manhã.

Ela abre os olhos e arqueia uma sobrancelha.

— Você não se lembra que a única peça de roupa que você tem atualmente é um vestido de noiva?

— Está realmente sugerindo que eu deveria ir comprar roupas usando um vestido de noiva?

— Humm. Isso é um problema. Vou trazer algumas coisas da boutique no andar de baixo, então vamos fazer compras.

— Tenho muitas coisas minhas para vestir, Quinn. Você não precisa se incomodar em me comprar nada.

— Tudo o que você possui é preto.

— Oh. Certo. — Ela faz uma pausa, mordendo o lábio pensativamente. — E joguei fora todas as minhas roupas velhas depois que fui morar com Gianni.

— Então vamos fazer compras. Enquanto fazemos isso, enviarei

alguns rapazes à sua casa para arrumar suas coisas.

Eu observo sua expressão cuidadosamente para ver o que ela pensa dessa ideia.

Depois de um momento de processamento, ela diz: — Porque vou morar com você.

Eu mergulho minha cabeça e pressiono um beijo gentil em seus lábios. — Sim. Se você quiser.

— Você quer?

— Não seja uma idiota.

— Isso é um sim?

— É um *sim*.

— Eu só queria que você dissesse isso em voz alta.

— Eu já te disse antes.

Abaixando os cílios, ela sussurra: — Eu sei. Mas eu gosto de ouvir.

É tão tímido e tão diferente dela, que me pega completamente desprevenido. Também me encanta muito.

Digo rispidamente: — Quero que você more comigo. Eu quero que você durma comigo. Eu quero que você tome banho comigo, me alimente e me foda todas as noites e quatro vezes nos fins de semana.

— Ah! Eu sabia que você ia me fazer cozinhar!

— Sério? Foi só isso que você percebeu de tudo o que falei?

— Não — ela diz suavemente, sorrindo para mim. — Ouvi as outras coisas também.

— E?

— E... foi tudo muito legal.

— *Legal*? Você me força a usar meu coração na manga e tudo que eu recebo pelo esforço sangrento é um *legal*?

— O Sr. Hyde vai jogar agora? Sinto que estamos prestes a começar a discutir. Espere, ou é o Dr. Jekyll?

Quando eu rosno, ela ri, completamente satisfeita consigo mesma.

— Só estou me vingando por *me fazer* usar meu coração na manga.

— Muito bem. Estamos quites. Chega de provocar um ao outro por mais nada, sim?

Sorrindo para mim, ela brinca: — Sim.

Eu viro de costas e a puxo junto comigo. Ela se acomoda no meu peito com um suspiro de satisfação e corre os dedos dos pés ao longo do interior das minhas panturrilhas. Envolvendo meus braços ao redor dela, eu beijo seu cabelo e fecho meus olhos.

Eu não percebo que estou sorrindo até que ela estende a mão e toca meus lábios.

E diz: — Você realmente é incrivelmente bonito, Quinn. Nunca vi um homem com um maxilar assim. Mesmo com a barba, poderia cortar aço.

Minha voz cheia de emoção, falo: — Agora você está me mimando.

— Sim. Você gosta disso?

— Sim, bruxa má. Eu gosto, porra. O que você sabe. Pare de se dar palmadinhas nas costas e continue.

— Ok. Hmm... e se eu te disser que quando te vi pela primeira vez, meu coração saltou?

— Meu pau ficaria duro, é isso.

— Já está.

Ela não está mentindo. Todos esses elogios que está acumulando em mim tem minhas bolas apertadas e meu pau levantado. Ele quer afundar em seu calor doce e escorregadio novamente.

Alcançando entre nós, ela envolve a mão em volta da minha ereção. — Você poderia me mostrar como beijá-lo para que seja bom para você?

Meus olhos se abrem. Meu coração dispara como um foguete.

— Porque eu não sei fazer isso. — Ela exala uma risada trêmula.
— Enzo era envergonhado com o quão pequeno ele era, então não gostava que eu olhasse para ele, muito menos o colocasse na minha boca.

Eu sou um cachorrinho doente, doente pelo quão feliz me faz saber que a) ele tinha um pau pequeno e b) ela nunca o chupou. Também que ela quer chupar o meu.

Ela está certa: toda aquela terapia que fiz foi um desperdício de dinheiro. Eu ainda estou muito fodido.

Exalando uma respiração lenta, falo: — Não precisa se você não quiser. Eu nunca vou a obrigar a nada que não queira fazer. E você não deve se sentir obrigada a fazer algo só porque eu fiz isso com você.

— Eu sei. É porque eu quero fazer isso.

Quando eu só fico lá com o coração martelando, tentando descobrir se eu deveria me matar agora porque este é claramente o ponto alto da minha vida e tudo só pode ir ladeira abaixo a partir daqui, ela sussurra: — Eu quero fazer você se sentir bem, Quinn. Faz-me sentir bem agradá-lo.

Eu gemo.

Agora posso me matar.

Ela desliza para baixo do meu corpo até que esteja no nível dos olhos com o meu pau. Apoiada em seus cotovelos entre minhas pernas enquanto eu acaricio seu cabelo, ela reflete: — Será que todos aqueles autores românticos que eu li têm seguido secretamente você por aí em busca de inspiração.

— Significado?

— Paus grandes demais são a norma em meus livros. — Ela olha para mim. — Ou este é o tamanho normal?

Tentando reprimir um sorriso, digo: — Não sou especialista, mas pelo que entendi, existem tantos tamanhos e formas diferentes de pênis quanto homens.

— Oh. — Ela olha para o meu pau duro novamente. — Deus, se há paus maiores que este, os homens que os possuem devem ser gigantes.

— O fato de você nem estar tentando me elogiar faz desse o melhor elogio de todos até agora.

— Então, como eu começo? Finjo que é um pirulito?

Eu nunca em um milhão de anos acreditei que estaria tentando não rir alto com uma mulher prestes a me dar um boquete, mas este dia nunca para de surpreender.

— Dê-me sua mão.

Eu guio sua mão para o meu eixo e enrolo seus dedos ao redor da base.

De olhos arregalados, ela sussurra: — Meus dedos não conseguem nem tocar.

— Fique quieta agora.

Envolvendo minha mão em torno da sua, eu aperto, em seguida, puxo sua mão no meu comprimento, logo abaixo da coroa. Aperto novamente e murmuro: — Lamba a ponta em cima.

Ela lambe avidamente como um gatinho com uma tigela de creme. Parece incrível, mas estamos apenas começando. Eu não quero gozar em todo o rosto dela e estragar o clima.

Na minha voz rouca, eu digo: — Não se apresse. Chupe um pouco, apenas a coroa, depois lamba novamente.

Quando seus lábios deslizam sobre a cabeça inchada do meu pau, um gemido baixo sai do meu peito. Ela é maravilhosa, e meus olhos se fecham. Sua língua quente e molhada gira sobre a fenda em cima, e eu estremeço.

— Bom?

— Perfeito.

Guio sua mão para baixo do eixo novamente, flexionando contra a pressão enquanto ela continua a chupar e lamber a coroa.

Estou começando a suar. Minha respiração é irregular. A mão que eu tenho enrolada sobre a dela treme levemente, e os músculos das minhas coxas e estômago estão tensos.

Sussurro: — Tente colocar um pouco mais na boca, querida. Devagar.

A cabeça inteira do meu pau está envolta em calor úmido. É tão bom, eu gemo novamente. Ela lambe e chupa e gira sua língua ao redor enquanto eu me deito de costas, desenrolando.

— Você é tão duro — ela sussurra, seus lábios se movendo contra a minha pele.

Ela começa a me acariciar um pouco mais rápido, respondendo à pressão da minha mão e à flexão dos meus quadris. Quando ela se inclina para frente e balança a cabeça, eu aviso: — Não muito ou você vai...

Ela faz um som de vômito. Meu pau sai da sua boca.

— *Gag.* — Fazendo uma pausa para recuperar o fôlego, ela diz com a voz rouca: — Rapaz, eles nunca mencionam isso nos meus livros.

— Você terá que enviar uma carta com palavras fortes ao autor.

— Droga — ela murmura. Ela exala, joga o cabelo por cima do ombro e se inclina para frente novamente.

Deus abençoe uma mulher determinada.

Ela começa a chupar e lambe novamente, estabelecendo um ritmo confortável. Confortável para ela, de qualquer maneira. Estou cavando meus calcanhares no colchão e rangendo os dentes, tentando manter uma aparência de compostura. A última coisa que quero é perder o controle e começar a foder sua boca como um animal, embora seja exatamente isso que meu corpo está exigindo que eu faça.

Meu pau pulsa contra sua língua. Minhas bolas doem. Há uma espiral incandescente de prazer se enrolando cada vez mais forte em minha pélvis, e é tudo que posso fazer para não prender minhas mãos em ambos os lados de sua cabeça e subir em sua boca molhada perfeita uma e outra vez até eu explodir.

Eu tenho que ser um cavalheiro.

Afinal, é a nossa noite de núpcias.

Sua mão e meu pau estão escorregadios de sua boca, então cada golpe agora é deliciosamente liso. Ela está apertando mais forte enquanto me acaricia, e isso está me deixando louco pra caralho.

Com os dentes cerrados, digo: — Estou chegando perto. Eu vou

avisá-la antes.

— Por quê?

— Para que eu não goze direto pela sua garganta.

— Por que isso seria ruim? Eu quero provar você.

Meu gemido é quebrado. Se eu sair deste quarto vivo, será um milagre.

Inclino minha cabeça para trás no travesseiro, encontro uma mecha de seu cabelo sedoso e puxo enquanto ela chupa e acaricia meu pau. — Víbora — eu sussurro irregularmente. — Minha linda víbora. O que você fez comigo?

Quando ela geme ao redor do meu pau, eu sinto até as minhas bolas. Sugando o ar por entre os dentes, afundo minha mão em seu cabelo e fecho o punho.

— Baby. Porra. Estou lá. Porra, estou bem... ah...

Eu suspiro e empurro, explodindo em jatos quentes e incontroláveis antes que eu possa terminar a frase.

Ela enrola as duas mãos em volta do meu pau e chupa a coroa quando gozo em sua boca, perdida na sensação, meu coração voando e meu corpo inteiro estremeando com o orgasmo.

Quando acabou e eu estou deitado ofegante e tremendo, ela dá um aperto final no meu pau, senta-se sobre os calcanhares, lambe os lábios e sorri para mim.

— Você tem gosto de avelãs.

Minha risada é sem fôlego. — Você gosta de avelãs, querida?

— Minha coisa favorita.

Talvez Deus não me odeie tanto, afinal.

REY

Quando abro os olhos de manhã cedo, não tenho ideia de onde estou.

Eu me deito de lado na cama desconhecida, olhando para uma parede de vidro para uma visão desconhecida de uma cidade. Há uma dor desconhecida em meu corpo, especialmente entre minhas pernas.

Há também um calor desconhecido, mas muito confortável, aconchegado atrás de mim. Como um cobertor aquecido, só que com músculos.

Um raio de luz matinal atinge o anel em meu dedo, cegando-me com um súbito clarão escarlate. Tudo volta para mim como um tapa no corpo inteiro.

Estou casada.

Com Quinn.

Meu arqui-inimigo.

Mas não parece certo chamá-lo de meu arqui-inimigo. Nunca tive um inimigo que matasse por mim ou concentrasse toda a sua atenção no meu prazer ou me desse escolhas sobre como viver minha vida.

Agora que penso nisso, também nunca tive um amigo assim.

É isso que somos agora? Amigos?

Não seja ridícula. Pessoas casadas não são amigas.

São?

Não sei. Nunca vi um casamento assim, mas suponho que não seja impossível que existam. No mundo 'real', as pessoas se casam o tempo todo por amor. Essas pessoas também devem gostar umas das outras, eu acho.

Por que mais você juraria passar o resto de sua vida com alguém que vai te incomodar metade do tempo que estiverem juntos?

Ou talvez casais normais não se incomodem.

Talvez casais normais também não ameacem se matar.

Embora as ameaças de assassinato estejam vindo apenas do meu lado. Eu não quero me adiantar, mas se Quinn continuar agindo tão doce, eu vou ter que repensar quantas vezes eu o aviso que vou colocar uma bala nele.

Agitando-se atrás de mim, ele diz com uma voz grossa: — Posso ouvir as engrenagens girando, *lass*. Você está pensando de novo.

— Eu sei que é difícil para você entender, mas algumas pessoas gostam de se envolver nessa atividade de vez em quando.

— A única coisa que é difícil para eu entender é como uma mulher tão bonita pode soar como um cortador de grama quebrado quando ela dorme.

— Eu não tenho ideia o que isso significa.

— Isso significa que você tem apneia do sono.

Suspiro e reviro os olhos. — Eu não tenho apneia do sono.

Ele envolve um braço pesado em volta da minha cintura e beija minha nuca. — Você tem. Todos os javalis e elefantes em um raio de 1.600 quilômetros ouviram seu assustador chamado de acasalamento — ele sussurra, com um sorriso na voz.

— Passou muito tempo com animais selvagens, não é?

Ele bufa. — Só minha vida inteira.

Aninhando o nariz no meu cabelo, ele inala profundamente, então exala com um suspiro satisfeito. Ele murmura: — Bom dia, Sra. Quinn. Você cheira como uma floresta encantada.

Com um sentimento de admiração, percebo: o homem é um romântico.

Ele é um criminoso durão que vive fora das leis da sociedade, mata pessoas sem suar a camisa e provavelmente rouba bancos e gosta de um pequeno incêndio criminoso em seu tempo livre, mas também é um romântico.

Atordoada por essa percepção, murmuro: — Bom dia para você, Sr. Quinn.

— Você dormiu bem?

— No geral. Havia um objeto grande e duro que ficava me cutucando a cada hora, me acordando, mas consegui dormir algumas horas.

Quinn flexiona seus quadris, pressionando sua ereção na minha bunda. — O que poderia ter sido, você acha?

— Há uma mola quebrada no colchão.

— Hilário.

Acariciando meus seios, ele beija meu pescoço e engancha uma perna sobre as minhas, me puxando para mais perto. E sussurra: — Gostaria de fazer um pedido ao escritório em casa para que minha esposa sempre durma nua.

— Humm. Levaremos isso em consideração.

Puxando um mamilo, ele gentilmente morde meu ombro. Sua voz fica rouca. — Eu preciso foder você, mulher.

Isso me faz sorrir. — Acho que você toma muitas vitaminas.

Sua mão desce pela minha barriga, mergulhando entre as minhas pernas. — Não são vitaminas. É você. Você deixa meu pau tão duro que dói.

— Parece que deve procurar atendimento médico para isso.

Fazendo pequenos círculos preguiçosos, ele esfrega os dedos sobre meu clitóris. Arrasta seus lábios pelo meu pescoço, me fazendo cócegas com sua barba.

— Você não tem ideia do que faz comigo quando estremece assim.

— Eu não posso evitar.

— Eu sei. É por isso que é tão sexy. Como você quer que eu faça você gozar primeiro? Dedos, boca ou pau?

Arqueando minhas costas e agarrando seu antebraço, eu ansiosamente contorço minha bunda em sua pélvis. — Dedos e pênis

ao mesmo tempo, por favor.

Satisfeito com isso, ele rosna: — Essa é minha garota gananciosa. E tão educada.

Enquanto ele enfia um dedo grosso dentro da minha boceta, eu respiro: — Eu fui criada para ter boas maneiras.

Ele suga com força o lado da minha garganta, mordendo. É dominante e possessivo, e envia um arrepio de excitação por todo o meu corpo. Meus mamilos endurecem em dois pontos rígidos e doloridos.

— Você quer que eu te foda, não é?

Sem fôlego, eu aceno.

— Diga.

Eu sussurro: — Eu quero que você me foda.

— Boa menina.

Levantando-se até um cotovelo, ele pega a mão entre minhas pernas e a usa para guiar a cabeça de seu pau para minha boceta enquanto eu inclino meus quadris para trás e abro minhas pernas. Ele desliza a coroa entre minhas dobras, assobiando de prazer.

Eu gemo baixinho quando ele flexiona seus quadris, deslizando a cabeça de seu pau gordo dentro de mim.

— Você gosta disso?

— Sim. Você é tão bom.

Ele enrola a mão em volta do meu quadril e afunda mais um centímetro, abaixando a cabeça para dizer no meu ouvido: — E isso?

— Sim. Mais. Mais.

— Diga, por favor, víbora.

Começando a ofegar, eu sussurro: — Por favor. Muito por favor. Eu preciso disso.

— Você *precisa* disso — ele respira, soando eufórico enquanto desliza mais fundo dentro de mim.

Eu grito, fechando meus olhos e estremecendo com a sensação

dele afundando em mim, me enchendo. Quando ele empurra para se enterrar, eu grito de novo, mais alto.

Quinn desliza a mão de volta entre as minhas pernas e acaricia meu clitóris até que esteja latejando e eu imploro para ele mover seus quadris.

Pairando sobre mim em seu cotovelo, sua boca no meu pescoço e seu peito duro pressionado nas minhas costas, ele pergunta: — A quem você pertence?

— Você!

Ele me recompensa retirando e empurrando em mim novamente.

Então para, brincando pacientemente com minha boceta enquanto espera.

— Quinn, por favor!

Sua voz sombria e suave, ele diz: — Dê-me o que eu quero, esposa. Você sabe o que é isso. Dê-me isso.

Eu viro minha cabeça e olho em seus olhos ardentes. Sem parar para pensar no que vou dizer, deixo escapar: — Eu pertenço a você. Apenas a você. Eu amo como você me faz sentir, e nunca quero que você pare. Por favor, foda-me. Foda-me e goze comigo.

Ele fecha os olhos brevemente, apertando a mandíbula. Quando abre os olhos novamente, eles queimam com um fogo escuro e perigoso.

Ele estala os quadris, empurrando seu pau dentro de mim. Ao mesmo tempo, aperta meu clitóris.

Eu gemo longo e alto. Só paro quando ele esmaga sua boca na minha.

Então ele me fode forte e rápido por trás, bombeando em mim enquanto desliza os dedos para frente e para trás sobre meu clitóris dolorido. Ele engole meus gritos de prazer, tirando tudo de mim enquanto me dá exatamente o que eu preciso e eu desmorono.

Quando meu orgasmo atinge, eu enrijeço, sugando uma respiração pelo nariz.

Quinn estremece e geme na minha boca, e eu sei que ele está bem ali comigo.

Ele me rola na minha barriga e me fode direto através de seu próprio orgasmo, bombeando forte e gemendo enquanto eu enterro meu rosto no travesseiro e grito.

Ele diz algo em gaélico. Está quebrado e sem fôlego, como um apelo.

Quando o movimento de seus quadris diminuiu, ele se abaixa em cima de mim e empurra meu cabelo do meu rosto para que ele possa beijar meu queixo e bochecha.

Ficamos assim por um longo tempo, ambos sem palavras e atordoados, observando o quarto ficar mais claro com o sol nascente, até que finalmente ele exala uma respiração pesada.

Eu sussurro: — Você está bem?

— Aye.

— Por que você está mentindo?

Ele levanta minha mão e olha para o anel no meu dedo. Então ele vira o rosto para o meu pescoço e me respira.

— Apenas pensando em algo que alguém me disse uma vez.

— O quê?

— Que um homem que se casaria com uma mulher por qualquer motivo que não fosse amor tem a alma de um monstro.

— Ah. Sim, bem, essa pessoa estava bastante irritada com você na época.

Ele empurra o anel para cima com o polegar, expondo a linha preta inclinada da letra cursiva abaixo. Com a voz mais baixa, ele diz: — Sim. Mas você estava certa.

Algo em seu tom soa um alarme em minha mente. Não sei a causa, mas, de repente, sem aviso, ele fica chateado. Digo gentilmente: — Não acho que você seja um monstro.

Há uma breve pausa. Sua voz fica ainda mais baixa desta vez. — Mas você não me conhece, não é, *lass*? Você realmente não me conhece.

Ele não fala comigo por duas horas depois disso.

Levantamo-nos da cama. Ele faz um pedido ao serviço de quarto e faz ligações. Ele me leva para o chuveiro e lava todo o meu corpo, incluindo meu cabelo. Ele se lava, enxagua nós dois, então me levanta contra a parede do chuveiro e me fode.

Seu silêncio é especialmente enervante. Mesmo quando ele atinge o clímax, é com nada mais do que um grunhido.

Depois do banho e do café da manhã, ele faz mais ligações do outro quarto e continua me ignorando. Sento-me na beirada da cama com o roupão do hotel, desorientada por essa mudança abrupta.

Talvez eu estivesse certa sobre o Dr. Jekyll/Mr. Hyde.

Talvez ele só seja maravilhoso à noite.

Na cama.

Enquanto está me fodendo.

Um vampiro sexual noturno que se levanta ao pôr do sol e se transforma em um irlandês irritante e desconcertante durante o dia.

Como ele ainda está andando de um lado para o outro no outro quarto rosnando em gaélico em seu celular, pego o telefone do hotel e ligo para o Four Seasons. A telefonista me passa para o quarto de Gianni.

— Oi, Mamma. É Reyna.

— Reyna quem?

Eu suspiro pesadamente. — Fico feliz em ver que você não perdeu sua energia especial desde que sua única filha se casou com um estranho e sua neta fugiu para o México com o garoto da piscina.

— Estou na minha terceira mimosa. As coisas estão um pouco confusas por aqui.

— O que aconteceu depois que saímos? Você já falou com Lili? O que Gianni está fazendo?

— *Estou* bem, obrigada por perguntar.

— Mamma, por favor. Hoje não.

Ela faz uma pausa. — Como você está? O irlandês ainda respira?

Lanço um olhar irritado para o outro quarto. — Ele ainda está respirando.

Ela ri. — Parece que ele não vai estar por muito tempo.

— Conte-me sobre Lili. Você a viu sair?

— *Sim*. Ela e seu menino bonito partiram com cerca de noventa e sete guarda-costas em um comboio de limusines. Parecia uma carreata presidencial. Então Gianni foi embora. Não sei para onde, porque ele não foi à recepção e nunca mais voltou ao hotel.

Fico aliviada ao saber que Lili saiu da igreja com Juan Pablo e estavam sob proteção então. Isso deve significar que eles estavam indo para o aeroporto como Quinn ordenou. Mas ouço um estalo alto ao fundo e franzo a testa.

— Você acabou de abrir outra garrafa de champanhe?

— Não me julgue. Estou de férias.

Sentindo uma dor de cabeça chegando, esfrego minha têmpora.
— Vou providenciar para que alguém vá ao hotel para pegar minhas coisas.

— Não se incomode.

— Por que não?

— Eles já vieram aqui.

— Quem?

— O exército irlandês, é isso. Bateram na porta vinte minutos atrás, entraram correndo como um tsunami, arrumaram sua mala, saíram correndo de novo. Aquele malandro é bonito. Kellen?

— Kieran.

— Mmm. Acho que o assustei quando lhe disse que sempre gostei de um bom homem grande.

— Jesus, Mamma.

— O quê, uma garota não pode sonhar?

— Desde quando você flerta com homens?

Ela gargalha. — Desde nunca, mas foi divertido. Ele saiu daqui tão rápido que deixou marcas de derrapagem no tapete.

Falo fracamente: — Não entendo o que aconteceu com minha vida.

— Você cairá de pé, *stellina*. Enquanto isso, tome uma mimosa. Parece que poderia precisar de uma. Ou cinco.

— Obrigada por essa conversa estimulante.

— De nada. Quando Gianni voltar, devo passar-lhe um recado?

— Vou tentar o celular dele. Eu não posso acreditar que ele deixou você aí sozinha. Como você voltou da recepção?

— Seu primo Carmine.

— Oh, Deus. Ele ainda tem carteira de motorista? Ele tem cerca de cem anos!

— Você está pensando no seu tio-avô Carmine. Por falar nisso, ele estava *molto borracho* na recepção. Ficou íntimo de um bando de jovens irlandeses e se matou nos shots com eles. Então todos eles começaram a cantar. Foi hilariante.

Estou feliz por ter perdido.

Quando Quinn entra no quarto, falo: — Eu tenho que ir. Ligo para você mais tarde, ok?

— *Certo*. E Reyna?

— Sim?

Sua voz suaviza. — Dê uma chance a este. Tenho um bom pressentimento sobre ele.

— Você teve um bom pressentimento sobre Lili ir para a faculdade também.

— Talvez ela vá para a faculdade no México.

— E talvez eu me torne uma astronauta e voe para a lua. Falo com você mais tarde.

Desligo e me distraio com Quinn parado na porta olhando para

mim examinando minha manicure.

Eu sempre mantenho minhas unhas curtas e pintadas de preto. Isso confunde as pessoas. Eles não têm certeza se eu sou chique e moderna ou uma dominatrix.

Ele diz: — Essa era sua mãe?

Digo maliciosamente: — Ele fala! Eu estava começando a pensar que teria que fazer aulas de linguagem de sinais.

Um resmungo indica que meu novo marido não está satisfeito com minha ousadia. Ele está na porta vestindo apenas uma toalha branca enrolada nos quadris. Seu cabelo está despenteado, seus olhos estão queimando, e ele é tão bonito que me irrita.

— Eu tenho roupas vindo para você.

Diz isso como uma ameaça. Isso me irrita ainda mais.

— Que emocionante. Você gostaria de me dizer qual é o seu problema agora, ou vamos começar a jogar coisas?

Nós nos encaramos do outro lado do quarto até que uma batida forte na porta nos interrompe.

Sua mandíbula cerrada, ele diz: — Deve ser Kieran.

Eu me levanto da cama e passo por ele a caminho do banheiro. — Ótimo. Espero que ele tenha trazido uma de suas melhores personalidades com ele.

Fumegando, eu bato a porta atrás de mim.

SPIDER

Kieran dá uma olhada no meu rosto quando abro a porta e cai na gargalhada.

Eu rosno: — Cale a boca. Não estou com humor.

— Como se eu não pudesse dizer com essa careta que você está.
— Ele espia em volta do meu ombro. — Onde está a senhora?

— Aquecendo o caldeirão dela. Isso é tudo?

— Aye. Apenas pouca bagagem. Ela é uma mala leve.

Eu murmuro: — Deve ter deixado todos os livros de feitiços e poções em casa.

Quando Kieran faz uma careta para mim, eu suspiro. — Deixa para lá. Nós nos encontraremos lá embaixo em vinte minutos.

— Você não quer saber como foi sua festa?

— Declan já me disse.

Ele franze os lábios em insatisfação. — Ele te disse que eu passei metade da noite flertando com uma *lass* da Máfia e a outra metade dançando com ela?

— Faça um favor a si mesmo, *lad*³³. Fique longe das italianas. Elas assassinam os nervos.

Kieran e eu trazemos as malas de Reyna, junto com um terno novo para mim que ele pegou. Então ele sai para nos esperar no carro. Alguns minutos depois, uma funcionária do hotel chega com os vestidos que encomendei na boutique. Dou uma gorjeta para ela, perguntando-me por que seu rosto está vermelho, então percebo que ainda não tenho nada além da toalha.

Quando ela sai e eu me visto, bato na porta do banheiro.

— Suas roupas estão aqui.

Quando Reyna não responde quando eu bato de novo, uma pontada de pânico torce meu estômago. Eu tento a maçaneta, mas a porta está trancada.

— Mulher, abra esta porta.

Nada.

Eu chacoalho a maçaneta. — Você tem cinco segundos!

Nada ainda.

Meu cérebro me apresenta uma série de imagens horríveis, começando com uma Reyna chorando sentada no vaso sanitário com a cabeça entre as mãos e acelerando diretamente para ela deitada nua em uma poça de sangue, seus pulsos cortados, sua pele azul e seus olhos bem abertos enquanto olham sem ver para o teto.

Meu coração batendo forte e minha respiração acelerada, eu recuo e dou um chute forte na porta.

Ela se abre e bate contra a parede com um estrondo.

Enrolada em uma toalha, Reyna se encosta na pia do banheiro, lixando as unhas e sorrindo para mim.

— Eu me perguntei quanto tempo isso levaria. O tratamento do silêncio pode ser tão irritante, não é?

Aliviado, frustrado e com raiva, eu retruco: — Não faça isso de novo.

Ela me olha de cima a baixo com uma expressão como se eu tivesse acabado de sair cambaleando da rua, coberto de meu próprio vômito.

Eu me viro e pego suas malas. Eu as jogo no banheiro, depois volto para pegar as sacolas da boutique. Eu as deixo cair no chão logo após a porta.

— Vista-se. Você tem dez minutos.

— Aonde estamos indo?

— Sair!

Meia hora depois, ela sai do banheiro com o nariz empinado como se fosse uma socialite participando de um evento de arrecadação

de fundos para sua instituição de caridade menos favorita.

Eu diria algo sobre aquele olhar de vadia em seu rosto e como ela está atrasada, mas eu não posso falar.

Ela está usando um vestido vermelho sem mangas. Parece ser pelo menos um tamanho menor, se não dois. O decote é profundo, de onde saem os seios fartos. Sua cintura está apertada como se ela estivesse usando um espartilho, suas pernas estão nuas, seus saltos altos estão no céu, e tudo o que posso ver são curvas por dias.

Olhando para mim em silêncio frio, ela levanta as sobancelhas.

Eu tenho que fazer uma pausa para um pigarro áspero antes que eu possa falar. — Por que você não usou um dos vestidos brancos?

— Eu odeio branco.

— É a cor dos novos começos.

— É a cor da inocência. — Seu sorriso é letal. — Eu não queria que você tivesse a ideia errada.

Eu rosno: — Ninguém jamais poderia confundir você com inocente, víbora.

— Ótimo. A propósito, que idiota pensou que eu usava um tamanho pequeno?

— Esse idiota.

Segurando meu olhar, sua voz baixa e suave, ela diz: — Querido marido. Você já deve saber que não há nada pequeno sobre mim.

Nós nos encaramos do outro lado do quarto. E é claro – porque eu claramente tenho um problema – meu pau começa a ficar duro.

Ela olha para a protuberância crescente em minhas calças, e seu sorriso letal cresce ainda mais.

Atravesso o quarto, a pego pelo braço e vou até a porta da frente, guiando-a.

Ela puxa o braço do meu aperto e diz acidamente: — Eu sou capaz de andar sem um animal raivoso, obrigada.

Então estamos de volta à estaca zero. Porra maravilhosa.

Abrindo a porta da frente, faço um grande gesto amplo, completo com uma reverência zombeteira.

Ela passa por mim como uma rainha passando por mendigos fedorentos.

Uma vez que estamos no carro, ela decide que seu ódio pela humanidade não se estende a Kieran.

Sentada no banco de trás do SUV, ela diz a ele: — Então me conte tudo sobre a recepção. Você se divertiu?

— *Ach* eu me diverti! Conheci uma parente sua que eu gostei. Mulher chamada Aria?

— Essa é a filha de Leo! Oh, ela é uma coisinha bonita, não é?

— *Aye* — Kieran assobia, suas bochechas ficando rosadas. — Um espetáculo. Com a bunda mais doce que eu já vi na minha... — Ele para abruptamente, enviando um olhar horrorizado por cima do ombro. — Desculpe, *lass*. Eu sou um idiota. Basta perguntar a Spider.

Ela acena com a mão e ri. — Não seja bobo. Eu não me importo.

Eu rosno: — Você se importa se eu respirar em sua direção, mas você não se importa com isso?

Ignorando-me, ela diz: — Todo mundo se deu bem? Houve alguma alteração?

— Alterações? Não, foi pura loucura! Metade dos garotos estavam bêbados, a outra metade estava agitada! E as Bettys estavam sangrando mortalmente de ambos os lados, então havia muito tênis de amígdala acontecendo. Se eles não estavam na pista de dança, estavam em cantos escuros, gastando o rosto um do outro.

— Então traduzido significa que todos se divertiram?

— *Yer bang*, eles fizeram!

Ela exala uma respiração aliviada e se recosta em seu assento. — É bom ouvir isso. Estava preocupada. Sabe como pode ser perigoso colocar um monte de egos enormes em uma sala.

Eu falo: — Esse comentário sobre egos foi direcionado a mim?

— Nem tudo é sobre você, Príncipe da Arrogância.

— Rei da Arrogância, por favor.

Depois de me lançar um olhar penetrante, ela volta sua atenção para Kieran. — Então para onde vamos?

Ele parece confuso. — Spider não te contou?

— Não estamos nos falando no momento. Você me diz.

Ele me manda um olhar pelo espelho retrovisor. — Er... perdoe-me, *lass*, mas se estiver tudo bem, eu prefiro ficar fora de uma briga de casal. Tentei intervir entre minha mãe e meu pai uma vez e só levei um tapa selvagem por causa do problema.

Ela cruza as mãos no colo e cruza as pernas. — Então eu acho que vai ter que ser uma surpresa.

Atravessamos o centro da cidade até uma área industrial perto das docas. É abarrotado de armazéns e contêineres esperando para serem abastecidos e enviados através do Atlântico. Paramos na frente de um deles, um grande prédio de tijolos brancos com grades nas janelas, e Kieran estaciona.

Olhando pela janela do estacionamento, Reyna parece entediada.

A mulher teimosa não vai me perguntar onde estamos.

Mas eu digo: — Você vai querer uma arma para isso. — E ela vira a cabeça e me encara.

— Para quê?

— Estamos nos reunindo com os chefes das outras quatro famílias da Máfia.

Ah, aquele olhar de choque no rosto dela é tão satisfatório que o calor corre para minhas bolas.

— *Por quê?*

— Não sei. Eles convocaram o encontro. Você me diz.

Obviamente instável, ela franze a testa. — Deve haver uma votação para o novo capo.

— Então, por que Gianni não está aqui?

— Como você sabe que ele não está?

— Eles nos disseram que ele não foi convidado.

Ela pondera isso em silêncio, então balança a cabeça. — Isso não faz sentido. Ele é o chefe da família. E a votação deveria acontecer amanhã, não hoje. — Ela olha pela janela novamente, desta vez com uma expressão cautelosa. — Mamma disse que ele não foi à recepção. Ele também não voltou para o hotel ontem à noite.

Declan já me contou sobre a votação e que Gianni estava faltando na recepção, mas a notícia sobre ele não voltar ao hotel é nova.

Em nosso mundo, quando alguém desaparece, isso significa apenas uma entre poucas coisas.

Nenhuma delas é boa.

Do bolso do banco de trás do motorista, eu tiro uma arma de mão. Verifico se há uma bala no cano e depois a entrego à Reyna. — Você sabe atirar com uma Glock?

— Não pode ser tão difícil. Você sabe como fazer. — Ela pega a arma da minha mão. Quando eu tiro o paletó, ela diz: — O que você está fazendo agora?

— Você não está entrando em uma sala cheia de Made Men com essa aparência.

Ela diz timidamente: — Como o quê?

Eu dou a ela um olhar duro. — Coloque o maldito paletó.

Ela pensa em discutir, mas aparentemente decide melhor. Ela dá de ombros e coloca o paletó, arregaçando os punhos.

— Feche.

Ela me nivela com um olhar, mas não estou com humor para atrevimento.

— Até em cima.

— Quero que você saiba que a única razão pela qual estou usando seu paletó é porque não tenho onde esconder a arma neste vestido minúsculo que você me comprou.

— Pena que você esqueceu de trazer sua bolsa de caveiras. Você poderia tê-la colocado lá.

Ela sorri docemente para mim. — Só tem espaço para mais uma. Eu estava guardando para a sua. — Ela abre a porta e sai.

Depois que ela se foi, Kieran me olha pelo retrovisor. — Eu realmente gosto dela.

— Isso é porque você tem o bom senso de uma cenoura.

— Só porque você não sabe como lidar com ela não significa que eu não possa gostar dela!

— Eu sei como lidar com ela perfeitamente bem!

Ele sorri. — Claro que sim. Deixe-me voltar para você quando meus tímpanos estiverem curados, e teremos uma conversa adorável sobre isso.

Resmungando, saio do Escalade e dou a volta para onde Reyna está esperando. Estou pronto para brigar por ela não abotoar meu paletó, mas para minha grande surpresa, ela o fechou.

— Pronta?

— Não tenho certeza se entrar lá sozinho é uma boa ideia.

— Não estaremos sozinhos. Todos os outros já estão aqui.

Ela ergue uma sobrancelha para mim. — Quem é todo mundo?

Não posso evitar o sorriso que levanta meus lábios. — Você está na Mob agora, querida. Você nunca mais estará sozinha.

Um lampejo de emoção aquece seus olhos. Ou talvez eu esteja imaginando. De qualquer forma, ela desvia o olhar antes que eu possa decidir.

Espero que se afaste quando eu pego sua mão, mas ela não o faz. Ela me deixa levá-la do estacionamento ao redor do prédio até uma porta no topo de uma rampa. Um homem grande e careca de terno preto espera no topo, as mãos cruzadas sobre a virilha, as pernas abertas e o rosto tão vazio quanto uma parede de tijolos.

— Patrick.

Ele inclina a cabeça respeitosamente, cumprimentando-me em

gaélico. Ele também inclina a cabeça para Reyna, mas não a olha nos olhos. Ele tem trezentos quilos de puro músculo, mas não consegue olhar diretamente para o rosto dela.

Engraçado como todo mundo pode sentir que ela é uma bruxa do pântano também.

Ele abre a porta para nós. Entramos com Kieran nos seguindo. Leva um momento para meus olhos se ajustarem à pouca luz.

Parado no meio do armazém vazio e sombrio está um grupo de cinco homens. Todos estão em ternos escuros e caros. Todos exalam um ar de perigo e poder.

Declan é o único que reconheço.

A vários metros de distância do grupo estão mais homens de terno, mas esses são soldados, não líderes. Embora sejam todos italianos, e eu nunca tenha conhecido nenhum deles, posso notar a diferença a um quilômetro e meio de distância.

Revestindo as paredes do armazém estão nossos rapazes.

Eu me pergunto quantos deles estão cuidando de ressacas desagradáveis de ontem à noite.

Declan se vira, nos vê e levanta o queixo. De mãos dadas, caminhamos lentamente em direção a ele.

Em voz baixa, Reyna diz: — O que tem um monte de cabelos à esquerda de Declan é Massimo, chefe da família DeLuca. Ele é inteligente, mas não se pode confiar nele. Ele só pensa em si mesmo. À direita é Tomasi Berlasconi. Ele é tão burro quanto uma pedra. Ao seu lado no terno cinza escuro está Alessandro Ricci. Ele é um bom homem. Brilhante estrategista. Enzo costumava chamá-lo de General. Com o terno de risca de giz é Aldo LaRosa

A nota tensa que surgiu em seu tom quando ela disse aquele sobrenome me faz olhar para ela. — E ele?

— Eu te conto mais tarde.

— Diga-me agora.

Ela hesita. — Ele também não é confiável.

Eu a pressionaria para mais detalhes, mas atravessamos o armazém e agora estamos na frente do grupo. Kieran fica de lado com

nossos homens.

Relaxado e sorridente, Declan diz: — Sr. e Sra. Quinn. Desculpe interromper sua manhã.

Espero que Reyna faça um comentário inteligente, mas ela mantém a compostura e simplesmente diz: — Bom dia, Declan. — Então ela cumprimenta cada um dos italianos pelo nome.

Ela recebe murmúrios respeitosos em resposta.

Declan gesticula para o grupo. — Esses rapazes gostariam de falar com você, Reyna.

Ele se afasta, acendendo um cigarro.

Como se fosse a coisa mais natural do mundo ela ser chamada a um armazém abandonado em uma manhã de domingo diante dos líderes da Máfia e mais dezenas de homens armados sem saber o motivo, ela sorri e diz calmamente: — É claro. O que posso fazer pelos senhores?

Sinto uma onda de orgulho e admiração por minha esposa. Ela pode ser um demônio do inferno com uma língua bifurcada e um talento especial para levar um homem à beira da insanidade, mas caramba, a mulher faz jus ao significado de seu nome.

Aquele chamado Massimo com todo o cabelo olha para mim. Não é um olhar amigável.

— Estávamos esperando falar com você em particular.

Eu eriço. Antes que eu possa dizer uma palavra, porém, Reyna aperta minha mão. Olhando para Massimo com os olhos de aço, ela diz: — Meu marido fica, ou nós dois partimos. A escolha é sua.

Observando-nos por trás dos italianos, Declan sorri.

Massimo esconde sua raiva com um sorriso experiente, mas seus olhos brilham com malícia. — Muito bem. Então eu vou direto ao assunto. Sabemos que houve um incidente em sua casa na semana passada envolvendo intrusos armados.

— Houve. O que é que tem?

— Seu irmão descobriu quem eles eram?

— Não que eu saiba.

É uma resposta inteligente. Ela não está se comprometendo com um sim ou um não, e não está traindo o chefe de sua família divulgando quaisquer detalhes.

É um desvio, e inteligente.

Ela acrescenta: — Essa é uma pergunta para ele.

— Perguntaríamos a ele, mas não temos confiança de que ele nos diria a verdade.

— E por que isto?

— Vamos apenas dizer que descobrimos recentemente alguns fatos que nos levaram a acreditar que seu irmão está guardando segredos.

Parece uma ameaça. Uma insinuação de que tudo o que Gianni tem feito, ela também tem feito. De um segundo para o outro, isso passou de uma conversa para um interrogatório.

Mas se ela sente isso, não mostra nenhum sinal externo. Sua expressão é plácida. Apertada na minha, sua mão está fria e seca.

Quando Massimo não diz nada por um tempo e apenas fica lá olhando para ela, tentando ser intimidante, ela pergunta educadamente: — Desculpe, houve uma pergunta que eu perdi?

Uma sugestão de sorriso curva a boca de Ricci. Ele é aquele que Reyna disse que Enzo chamava de General. O mais velho do grupo, ele tem cabelos grisalhos, uma leve barriga e olhos como os de um falcão.

Neste momento, aqueles olhos afiados estão olhando para Reyna com a mesma admiração que estou sentindo.

Eu decido que gosto dele.

Massimo adota uma abordagem diferente para ver se consegue abalá-la. — Quando você matou seu marido, as famílias olharam para o outro lado.

Sem perder tempo, ela responde: — Meu marido está vivo e bem, Massimo. Talvez você tenha perdido a cerimônia ontem? Pensei ter visto você na igreja, mas os casamentos são sempre um turbilhão. — Ela se vira e sorri para mim. — De qualquer forma, aqui está ele. Desculpe por ter esquecido de apresentá-lo, querido. Pessoal, este é meu marido, Sr. Quinn.

Massimo parece estar tentando não engolir a língua. Ricci parece estar tentando não começar a rir. Os outros dois italianos parecem preferir estar em casa na cama a em pé neste galpão empoeirado e cheio de ecos, observando uma mulher correr sem esforço em círculos ao redor deles.

Quanto a mim, estou simplesmente deslumbrado.

Olhando para ela, eu digo com uma voz rouca: — Prazer em conhecê-los, senhores.

Seu sorriso poderia iluminar um oceano de escuridão.

Com os dentes cerrados, Massimo sussurra: — Meu ponto é que você recebeu um passe por assassinar um dos nossos a sangue frio. O mínimo que você pode fazer em retribuição é ser honesta conosco.

O sorriso brilhante de Reyna morre rapidamente.

Em seu lugar floresce um olhar de raiva tão quente e incoerente que quase deixo cair sua mão e começo a correr.

Ela se vira para Massimo e o queima no chão com os olhos.

— Eu não devo nada a você — diz ela com uma voz gelada e uniforme. — Especialmente considerando que você sabia exatamente o que Enzo me fez passar, e você sempre olhou para o outro lado. De qualquer forma, Massimo, você deveria contar suas bênçãos por ainda estar aqui para me insultar. Porque nós dois sabemos que eu poderia mandá-lo para queimar no inferno com seu amigo morto sem nem mesmo lascar meu esmalte da unha.

Ricci passa a mão pela boca para esconder o sorriso.

Sorrindo, Declan inclina a cabeça para trás e sopra uma série de anéis de fumaça perfeitos no ar.

Todos os outros ficam parados ali, atordoados.

Até que um dos soldados italianos diz baixinho: — Essa cadela precisa ser colocada no lugar dela.

Calor escaldante sobe pelo meu pescoço e queima meus ouvidos. Todos os pelos do meu corpo se eriçam. Eu digo em voz alta: — Você acabou de desrespeitar minha esposa?

Quando ele sorri para mim, eu pego minha arma e coloco uma bala em sua cabeça.

REY

O tiro é dolorosamente alto. A cabeça do soldado balança para trás. Um buraco perfeito aparece no centro de sua testa ao mesmo tempo em que uma confusão de pedaços sangrentos sai da parte de trás de seu crânio.

Ele cai de joelhos e tomba de lado, morto.

Olhando para o corpo, Declan suspira.

O caos irrompe. Soldados de ambos os lados avançam, gritando e acenando com armas. Um furioso Massimo grita com Quinn. Tomasi e Aldo estão congelados em choque, boquiabertos.

Ricci ergue os braços, vira-se para os soldados italianos e troveja sobre a briga: — Calem a boca e abaixem suas armas! — Há uma pausa no barulho, na qual ele diz em italiano: — Quem disparar um tiro não sairá daqui vivo.

Lançando olhares duros para a esquerda e para a direita, os soldados resmungando abaixam suas armas.

Declan faz um movimento irritado com a mão para indicar que seus próprios soldados devem fazer o mesmo. Eles obedecem instantaneamente, recuando.

Fica quieto por um momento, exceto pelo som da respiração pesada de Massimo.

Eu me viro para olhar para Quinn ao meu lado. Seus olhos são selvagens. Seu rosto está vermelho. Uma veia pulsa irregularmente na lateral de seu pescoço.

— E você tem a coragem de me chamar de mina terrestre. Você explode por qualquer coisinha.

Ele enfia a arma de volta na cintura e me puxa contra seu lado com um braço. Encarando Massimo, ele rosna: — Ninguém desrespeita minha garota.

Sou um indivíduo doente e distorcido, porque essa exibição violenta de proteção me deixou tão quente que quero empurrá-lo para o concreto nu e arrancar suas calças com os dentes.

Em vez disso, volto-me para Massimo e sorrio. — Você estava dizendo?

Ele umedece os lábios e endireita a gravata. Ele passa a mão trêmula pelo cabelo. Olha para Quinn, exala uma respiração difícil e se recompõe.

— Haverá uma votação amanhã para o próximo capo.

— Eu sei.

— Queremos saber se seu irmão é digno do cargo.

Sentindo que há muito mais do que isso, eu inclino minha cabeça e estreito meus olhos para ele. — Por que você não me diz o que realmente quer?

— Acabei de dizer.

Falo baixinho: — Você tem dez segundos até sairmos. Tenho compras para fazer.

Massimo abre a boca, mas Alessandro o interrompe. — Entendemos que você matou alguns dos intrusos?

Eu não sei onde eles estão obtendo suas informações, mas eu não vou ficar aqui e justificar a proteção da minha própria casa. Então eu digo categoricamente: — Qualquer um que entrar em minha casa sem ser convidado, vai embora em um saco para cadáveres.

Ele balança a cabeça, considerando-me. — Essa proteção se estende ao resto de sua família? — Ele faz um leve movimento de varredura com a mão, indicando todos os outros italianos presentes.

Percebo Declan me observando atentamente, mas não consigo me concentrar nisso. Segurando o olhar penetrante de Alessandro, eu digo: — Minha lealdade à família está em questão?

Ele faz uma pausa para escolher cuidadosamente suas palavras. — Perdoe a presunção, mas agora pode-se dizer que sua lealdade está... — Ele olha para Quinn. — Dividida.

— Minha lealdade se estende àqueles que se provam dignos dela.

— Independentemente do sangue?

— Pelo amor de Deus, Alessandro. Você é mais esperto do que isso. Deixe-me ser franca: a família vem em primeiro lugar. A menos que eles provem que não são confiáveis, então eles estão mortos para mim. — Eu sorrio. — Ou por mim. E antes que você fique muito animado, eu considero a família irlandesa agora também. Eles provaram ser amigos muito melhores do que eu esperava.

Faço uma pausa para olhar para Quinn. — E por isso, eu sou grata.

O olhar em seus olhos é toda a recompensa que eu preciso.

Olhando de volta para Alessandro, falo: — A questão é que não considero minha lealdade dividida. Considero estendida. Sou italiana de nascimento e agora irlandesa por casamento. Faça com isso o que quiser, mas não vou ficar mais aqui e ser forçada a me explicar. Eu dei a você o suficiente do meu tempo. — Envolver um braço em volta da cintura de Quinn. — Você está interrompendo minha lua de mel.

Alessandro olha para Massimo. Depois de uma pausa, ele dá um aceno curto. Então Alessandro olha para Tomasi e Aldo, que também acenam com a cabeça.

Ele se vira para mim. — Obrigado, Reyna. Sempre um prazer falar com você. — Ele olha para Quinn e ri. — Parabéns, Sr. Quinn. E boa sorte.

Quando Quinn estreita os olhos com desconfiança, eu o cutuco nas costelas para distraí-lo de usar o rosto de Alessandro para praticar tiro ao alvo.

Massimo se volta para seus soldados. Ele assobia e faz um círculo no ar com o dedo. Todos recuam e deixam passar as quatro cabeças, depois pegam o corpo e se enfileiram atrás deles, em direção a uma porta nos fundos do armazém.

Enquanto eles saem, Declan emite um comando em gaélico para seus homens. Eles caminham para outra porta, indo para o outro lado.

Sorrindo, Declan se vira para nós. — Isso foi muito divertido, não foi?

— Foi um teste — falo, observando o último dos homens de Massimo sair. A porta se fecha atrás dele. Um rastro de sangue é a única evidência de que eles estiveram aqui.

Declan murmura: — Aye.

Eu me concentro em seu rosto, que é ilegível. — Você sabe do que se trata, não sabe?

Ele levanta um ombro e joga a ponta do cigarro para longe. — Eu sei todos os tipos de coisas, *lass*. É o trabalho. A propósito, Sloane quer vocês dois no jantar hoje à noite.

Olhando para o braço possessivo de Quinn ao redor do meu corpo, seus olhos azuis cristalinos quentes com o riso. — Se vocês não têm outros planos, claro.

Quinn diz: — Tenho todos os tipos de planos. Que horas?

— Seis horas funciona para você, lover boy?

— Aye. — Ele olha para mim, e sua voz fica rouca. — Espero que Sloane não sirva nada muito pesado. Vou precisar da minha energia para mais tarde.

— Você não tem um problema com energia — falo suavemente. — Nós terminamos de brigar agora?

— Provavelmente não.

— Excelente. Obrigada pelo alerta.

Quando me viro para Declan, ele pisca para mim antes de ir embora.

* * *

De volta ao carro, peço a Quinn seu celular para que eu possa ligar para Gianni. Deixei minha bolsa no hotel porque estava muito distraída querendo arrancar a cabeça de Quinn quando saímos.

Quando ligo para seu número, vai direto para o correio de voz.

— Gianni. Ligue-me assim que receber isso. Merda, esquece, não tenho meu celular comigo, estou ligando do telefone de Quinn. — Eu olho para ele e digo: — Qual é seu número?

Ele torce os lábios. — Você acha que eu estou dando o meu número não rastreável para o seu irmão idiota?

Bom ponto.

Ao telefone, digo: — Não importa, vou tentar mais tarde. E é melhor você estar de volta ao hotel com mamma agora, pedindo desculpas por deixá-la sozinha durante a noite.

Desligo e devolvo o telefone para Quinn. Assim que ele o guarda no bolso da camisa, ele me arrasta pelo banco e me puxa para seu colo. Ele olha para minha boca. Seus olhos começam a arder.

Eu suspiro. — Não na frente de Kieran, por favor.

Do banco da frente, Kieran diz: — Não se importe comigo, *lass*. Estou cego como um morcego aqui. Surdo também, se isso faz você se sentir melhor.

Ignorando-o porque Quinn está deslizando a mão na minha coxa, eu aviso: — Não se atreva.

Ele sussurra: — Você me defendeu. Na frente de todos aqueles idiotas, você me apresentou como seu marido e me chamou de querido.

— Aqueles *idiotas* são minha família.

— Você disse que éramos sua família também — ele suspira, os olhos acesos. Afundando seus dedos em minha carne, ele toca seus lábios nos meus.

Satisfeita com o quão satisfeito ele está, eu sorrio para ele. — Não deixe isso subir à sua cabeça. Já é grande o suficiente.

Ele tira a mão da minha perna e a aperta em volta do meu queixo. Ele me beija novamente, desta vez com mais firmeza, mas ainda sem língua. Com emoção em sua voz, ele diz: — Você disse que estávamos em nossa lua de mel.

— Eu estava tentando distrair a todos da confusão que você fez. Lembra-se do cara morto no chão? Cérebro, sangue, soa familiar? Além disso, dê um tempo. Qual diabos foi seu problema esta manhã? Você estava preocupado com esta reunião da qual se esqueceu de me contar?

Sua mandíbula flexiona. Ele acaricia meu rosto por um momento em silêncio pensativo, então balança a cabeça.

Quando não oferece nenhuma explicação, falo zangada: — Vejo

que você apertou o botão mudo novamente. Eu gostaria de ter acesso a isso quando você não quer calar a boca.

— Deixe-me ter este momento de felicidade antes que você destrua minha vontade de viver, por favor. — Quando pisco, surpresa, ele diz: — Isso foi uma piada.

Eu mordo meu lábio e brinco com um botão em sua camisa. — Não brinque com sua vontade de viver. Você disse algumas coisas a esse respeito que me preocupam.

Ele exala, me puxa contra seu peito e enfia minha cabeça sob seu queixo. Segurando-me com força, ele diz ríspidamente: — Eu te digo uma coisa. Você é a única neste casamento que tem permissão para me matar. Como é isso?

Aconchegada em seus braços grandes e fortes, eu sussurro: — Eu não quero te matar. Quero dizer, sim, mas não agora.

Ele ri, acariciando minha orelha.

Fecho meus olhos e respiro ele. — Quinn?

— Aye?

— Você atirou em um homem porque ele me desrespeitou.

— Aye. E você nem vacilou.

— É ruim eu achar erótico?

— O cara morto?

Eu sei que ele está apenas procurando elogios, mas eu ainda suspiro de exasperação. — O machismo psicótico. Ver você explodir o cérebro de alguém porque não gostou do jeito que ele falou sobre mim foi muito excitante.

Com um sorriso na voz, ele murmura: — Cuidado, víbora. Mais um elogio desses e você terá cem corpos estendidos aos seus pés até o final do dia.

Eu tremo de felicidade, enterrando meu rosto na curva de seu pescoço. Então, porque sei que minha reação está errada, falo severamente: — Isso é horrível.

Ele ri e me aperta mais forte. — Cristo, nós somos um par e tanto, não somos?

Por cima do ombro, Kieran diz: — Olhe para isto assim, *lad*: vocês estão salvando duas outras pessoas por estarem juntos!

Eu falo: — Achei que você não podia ouvir nada!

— Oh. Certo. Desculpe, *lass*.

Aconchegando-me no peito de Quinn, digo a ele: — Tenho uma pergunta para você.

— E eu tenho uma resposta. Se eu vou admitir ou não, ainda falta ser visto.

O que eu não daria por um taser agora. — Você disse ontem que não tinha camisinha porque não estava planejando fazer sexo.

— E daí?

— Por que você não estava planejando fazer sexo na sua noite de núpcias?

Kieran ri. — Porque ele não gosta de garotinhas, é por isso.

Ao mesmo tempo, Quinn e eu falamos: — Kieran!

Ele acena com a mão se desculpando. — Desculpe. Nenhuma palavra.

Depois de uma pausa para encarar a nuca de Kieran, Quinn diz: — Lili não queria isso. Eu não queria. Não havia necessidade de proteção contra algo que não ia acontecer.

Estou tão confusa, meus olhos quase se cruzam.

Então, abruptamente, estou com raiva.

— Deixe-me ver se entendi. Você ia se casar com Lili sem nenhuma expectativa de consumir o casamento, mas exigiu que *nosso* casamento incluísse sexo e *então me fez propor a você?*

Ele faz uma careta como se eu estivesse sendo boba, então me dispensa com: — Vamos falar sobre Aldo. Por que você não confia nele?

Respondo com um olhar aguçado. — Porque ele é mal-humorado, arrogante e incompreensível.

— Ah. Então nós nos daremos muito bem.

Kieran tenta abafar uma risada tossindo.

Posicionando-me mais confortavelmente entre suas pernas, Quinn diz: — Então, onde devo levá-la às compras primeiro?

— The Neptune Society.

— O que é isso?

Meu sorriso é ácido. — Uma empresa de cremação. Você sabia que eles vão pegar um cadáver em qualquer lugar do mundo?

— Você está sendo engraçada de novo.

— Sim, mas muitas vezes você confunde ameaças com humor, então não há como dizer.

Descartando isso, ele muda de assunto. — Falando em sexo...

— Estávamos conversando sobre onde fazer compras!

— ...que tipo de anticoncepcional você está usando?

Cega por isso, eu olho para ele sem expressão.

Ele me encara com um olhar paciente e curioso, esperando minha resposta.

Minha resposta não fará nenhum maldito sentido, então pego uma página de sua cartilha e mudo de assunto. — Por que você acha que Alessandro estava tão interessado no que aconteceu na casa na semana passada? Isso foi estranho, não foi?

— Aye. O que é ainda mais estranho é porque você está tentando evitar responder minha pergunta sobre controle de natalidade.

— Volte para a parte da conversa em que você disse que teria uma resposta para mim, mas pode não admitir, e vamos a partir daí.

Ele franze as sobrancelhas, olhando para mim com crescente preocupação, então murmura: — Oh.

— O que você quer dizer com ‘Oh’?

Ele olha pela janela e me dá um aperto, dizendo suavemente: — Está tudo bem. Não precisamos falar sobre isso.

— Eu posso dizer que você está formulando algum tipo de hipótese bizarra e totalmente incorreta nesse pedaço de carvão que

você chama de cérebro, Quinn. Pare de pensar tanto. Não combina com você.

Ele olha para mim, seu olhar cauteloso. — Então não há uma grande *razão* para você não querer me contar?

Eu suspiro. O homem não tem esperança. — Apenas me diga qual é a grande razão que você produziu, e eu lhe direi se está certo.

Hesitando, ele lambe os lábios. — Você...?

Levanto minhas sobrancelhas. — Ansiosa por saber? Sim. Cuspa antes que eu desmaie.

Ele lança um olhar furtivo para o meu colo, depois olha para o meu rosto novamente. Quando estremece, eu sei o que ele está pensando.

— Não, eu não sou infértil.

Sua pausa é tão alta que preciso de tampões para os ouvidos. — Você ligou suas trompas?

— Não.

— Então, tudo está em boas condições de funcionamento. Ai embaixo.

Digo secamente: — Vou pedir ao meu ginecologista que lhe envie os registros, doutor. Você mesmo pode se debruçar sobre eles.

Parecendo aliviado e um pouco tímido, ele admite: — Eu só não sabia se você... se Enzo fez alguma coisa... foda-se. — Ele olha pela janela novamente, suas bochechas coradas.

Horrorizada ao perceber o que ele quis dizer, eu falo baixinho: — Oh, Deus, Quinn, não. Nada como isso. Eu estava tomando pílula o tempo todo em que fui casada.

Ele exala, assentindo. — Ok. Desculpe, eu só... — Ele para de repente, então me olha nos olhos. — Então você está dizendo que ainda está tomando pílula?

Sinto o calor subindo pelo meu pescoço, mas não há absolutamente nada que eu possa fazer sobre isso. — Não. Não é isso que estou dizendo.

Seu olhar fica intenso. — Então, que tipo de controle de

natalidade você está usando, mulher?

Olhando para o teto do carro, torço o nariz e digo: — Hum...

Com a velocidade de dois dedos estalando, ele evolui de um macho humano adulto com um lobo frontal totalmente funcional para um primata das cavernas composto por noventa e nove por cento de pênis.

Um rosnado sobe do fundo de sua garganta. Seus braços apertam ao meu redor. Seu nível de intensidade aumenta alguns milhares de pontos, e seus olhos ficam pretos. Sua energia estalando quente, ele me encara como se eu estivesse prestes a ser devorada.

Em uma voz gutural que arrepia todos os cabelos da minha nuca, ele diz: — Você não está usando nada.

Eu lambo meus lábios nervosamente. — Não vá todo George da Selva em mim. Eu simplesmente não sabia que precisaria de alguma coisa porque não sabia que ia me casar.

Seu sorriso selvagem é uma reminiscência de como um animal mostra os dentes. Seus olhos brilham com uma luz perturbadora. E sua ereção é agora o quarto passageiro no carro, sugando rapidamente todo o oxigênio.

— Você nunca mencionou isso, víbora. Você me deixou foder você e...

— Fale baixo!

— ...implorou para que eu gozasse dentro de você. *Implorou-me.* E o tempo todo, você não estava tomando anticoncepcional. — Ele morde minha garganta, então diz calorosamente em meu ouvido: — O que isso significa?

Tremendo, sussurro: — Que tenho dano cerebral e devo ser levada a um especialista imediatamente.

Ele envolve uma mão em volta da minha garganta e toma minha boca.

O beijo está consumindo em sua intensidade. Ele enfia a língua na minha boca e a devasta apaixonadamente até que eu acho que vou desmaiar. Quando ele recua, nós dois estamos ofegantes.

Mas ele é o único a rir.

Baixa, áspera e completamente satisfeita, sua risada é uma volta da vitória em torno da corrida que eu obviamente acabei de perder com minha admissão.

— Quinn?

— *Aye*, víbora?

— Não fale comigo pelo resto do dia, ok?

Ainda rindo, ele me beija novamente. Sua boca é possessiva, seu abraço é apertado e seus olhos são fogo vivo.

— O que minha rainha quiser.

Desviando o olhar de seu rosto triunfante, pergunto-me se é cedo demais para começar o aconselhamento matrimonial.

Rey

Quinn me leva para fazer compras nas lojas mais caras de Manhattan, uma a uma. Não só nos ateliês de alta costura, mas também de sapatos, bolsas, perfumes, cosméticos, lingerie e malas.

Leva o dia inteiro.

Ele providencia que a maioria das coisas seja entregue em seu endereço residencial, mas o que não é entregue, o pobre Kieran arrasta para o carro com a paciência de um santo.

Quando pergunto a Quinn porque ele não o ajuda, ele sorri.

— Estou em lua de mel.

E porque o homem tem um senso de absurdo muito desenvolvido, nossa última parada é na loja Cartier onde fomos buscar o anel de Lili.

Quando paramos na frente do prédio na Quinta Avenida, eu franzo a testa. — Você disse que já devolveu o diamante rosa.

Ele ri. — Você achou que um anel seria a única joia que eu compraria para você?

— Não é como se eu tivesse muito tempo para pensar sobre isso.

— Vou poupá-la do esforço. Quero você coberta de coisas bem brilhantes. Quanto mais melhor. Você vai parecer uma maldita árvore de Natal quando eu terminar com você.

Só para ser subversivo, ele me carrega através da soleira da loja em seus braços.

O gerente está muito feliz em vê-lo. Você pensaria que Quinn era seu irmão perdido há muito tempo pela maneira como o homem reage. Espero que ele desapareça em lágrimas de alegria a qualquer momento.

Suspeito que com a compra daquele diamante vermelho, Quinn

provavelmente pagou o aluguel do homem pelo resto da década.

Quando Quinn diz a ele: — Precisamos de mais joias. Muitas. — Ele quase desmaia.

Passamos mais de uma hora na loja. Quando saímos, sou a nova dona de alguns milhões de dólares em bugigangas de luxo e estou mais do que um pouco atordoada.

Atordoada e consternada, porque isso parece muito unilateral.

— Por que essa cara azeda? — ele pergunta quando estamos de volta no carro.

— É só que você me comprou todos esses presentes maravilhosos, e eu não lhe dei nada. Você até teve que comprar seu próprio anel de casamento.

Ele me pega em seus braços, sorri para mim e dá um beijo em meus lábios. Sua voz suave, ele diz: — Você me deu tudo, sua maldita mulher idiota.

— Sério? Porque parece que eu te dei apenas dores de cabeça e uma enxurrada constante de ameaças de morte.

— Sim. Isso também. Não se preocupe. Vou me certificar de que você me compense mais tarde hoje à noite.

Seu sorriso sensual não deixa dúvidas sobre que tipo de ‘recompensa’ eu vou dar.

Quando deixamos tudo no hotel e vamos jantar, já estamos meia hora atrasados. A casa fica nos arredores de Boston, no rico subúrbio de Westwood.

E quando digo *casa*, estou sendo irônica.

Declan e Sloane vivem em um terreno de quarenta acres com seu próprio lago alimentado por riacho, piscina infinita, casa da piscina, ancoradouro e casa de hóspedes. A propriedade é uma obra-prima do design contemporâneo, com tetos de seis metros, paredes inteiras de vidro e dez mil metros quadrados de opulência discreta.

Sua elegância faz a casa de Gianni parecer um pesadelo.

Quando estamos lá dentro e eu digo a Sloane o quanto eu amei a casa, ela sorri.

— Com sorte, desta vez, ficamos.

— O que você quer dizer?

Ela diz vagamente: — Nós nos mudamos muito. A propósito, eu *amo* esse vestido.

De pé ao meu lado na sala, Quinn estufa o peito. — Eu o escolhi.

Sorrindo, falo: — Você fez uma ligação. Uma funcionária do hotel o escolheu.

— Ainda conta!

Sloane sorri. — Sim, conta, Spider.

Ela parece gostar dele, o que me agrada. Eu gosto dela também. Ela é inteligente, sofisticada e o centro de uma sala sem tentar. Ela também tem um marido lindo que obviamente a adora. Os olhos azuis de Declan acompanham cada movimento dela com adoração indisfarçável.

Temos coquetéis no pátio com vista para a piscina e quilômetros de gramado bem cuidado. Embora tenhamos nos encontrado apenas uma vez no ensaio do casamento, Sloane e eu estabelecemos uma familiaridade imediata e fácil, conversando sobre tópicos tão variados quanto sapatos e eventos atuais.

Não há nenhuma besteira com ela. Ela diz exatamente o que pensa. Ela não dá a mínima para tentar impressionar.

O que é bom para ela, porque a refeição que ela serve é horrível.

Seramente horrível. Eu nem mesmo alimentaria coelhos famintos, que parecem ser o público-alvo.

Sentada em sua enorme mesa de jantar retangular de vidro, eu olho para o meu prato cheio de coisas não comestíveis e não identificáveis e me pergunto como o pobre Declan consegue manter tanto músculo em seu corpo.

Se eu tivesse que adivinhar, ele provavelmente come muito fora.

— Experimente o bolo de algas tempeh de soja — ela sugere, apontando com o garfo para um caroço marrom-esverdeado oblongo e feio em seu prato. — Eles são superbons para o seu cólon.

Espeto o bolo *seja lá o que for em nome de Deus* com meu garfo e

o mordo.

Tem o gosto de um pedaço imundo de madeira flutuante de um velho naufrágio: salgado, encharcado, suspeito, nojento.

— Mmm. Gostoso.

Observando-me do outro lado da mesa, Declan puxa seus lábios entre os dentes para não rir.

— Não é? Eu simplesmente adoro tempeh. É tão versátil. Você cozinha, Reyna?

— Como um maldito chef Michelin — diz Quinn, olhando cautelosamente para um carço cinza de aparência venenosa em seu próprio prato que poderia ser algum tipo de cogumelo. Ou possivelmente um sapo cozido.

— Sério? — diz Sloane, intrigada. — Qual é a sua especialidade?

— Cozinha siciliana em particular, mas comida italiana em geral. Minha mãe nasceu na Sicília, então muitas das minhas receitas favoritas são herdadas dela.

Com uma pitada de orgulho na voz, Quinn diz: — Ela faz tudo do zero.

Declan diz com força: — Não me diga que você faz macarrão caseiro! — Quando eu aceno, ele geme. — Spider, seu sortudo desgraçado!

Com sobrelance arqueadas, Sloane se vira para Declan. — Por que, exatamente, ele tem tanta sorte?

Evitando seu olhar ardente e uma resposta que poderia lhe custar um testículo, ele toma um longo gole de sua taça de vinho.

Escondendo delicadamente meu sorriso, eu intervenho: — Sempre gostei de cozinhar, mesmo quando era pequena. Depois, quando fiquei mais velha, a comida tornou-se ainda mais importante. É realmente o único prazer que tenho na minha vida. — Alcançando minha taça de vinho, eu envio um olhar caloroso na direção de Quinn. — Tinha, quero dizer.

Quando coloco minha taça na mesa depois de beber, percebo que todos estão olhando para mim.

Mas só os olhos de Quinn estão brilhando.

Declan me salva do que poderia ser um ataque malicioso do Sr. *Mãos Bobas*, perguntando: — O que você mais gosta de fazer?

Eu rio. — Oh, Deus. É como perguntar a uma mãe qual é o seu filho favorito. Lasanha de cinco queijos com linguiça picante, risoto de trufas, saltimbocca, pão achatado recheado à Sicília, a lista é infinita.

Com os olhos arregalados, Declan diz fracamente: — Pão.

— Deveria provar sua carbonara — gaba-se Quinn.

Ainda mais fraco, Declan fala: — *Bacon*.

Sloane lhe dá um tapa no ombro.

Passamos o resto da refeição com uma conversa fiada enquanto tento mover as coisas no meu prato para que pareça que eu as comi. Para a sobremesa, Sloane serve sorvete vegano feito sem creme, ovos ou açúcar, ou qualquer outra coisa que se assemelhe a comida de verdade.

Mas pelo menos é suave e sem sabor, então é isso.

Depois, os homens se dispensam para conversar no escritório de Declan enquanto Sloane e eu nos sentamos no sofá da sala de estar com nosso vinho.

Graças a Deus que ela gosta de vinho, ou eu já teria pulado no lago.

— Então. Reyna. Como você está?

Com suas longas pernas nuas esticadas e apoiadas na mesa de centro, Sloane me olha com a intensidade de um interrogador profissional.

Eu sorrio. — Estou bem. Obrigada por perguntar.

Depois de um momento de silêncio em que ela examina cada minuto de expressão no meu rosto, ela diz sem rodeios: — Besteira.

— Ficaria surpresa. Tenho muitos anos de experiência em compartimentar meus sentimentos.

— Engolindo-os, você quer dizer.

Inclino minha cabeça em um gesto que não é nem um sim nem um não. — Um casamento arranjado inesperado não é a pior coisa que

já aconteceu comigo. Vou sobreviver.

— Eu aposto que você vai. — Ela passa um tempo pensando, então diz: — E não te incomoda, a coisa do casamento arranjado?

— Incomodar é uma daquelas palavras que podem ter muitos significados diferentes.

Depois de um momento me observando por cima da borda de sua taça de vinho enquanto toma um gole, ela pronuncia: — Você teria sido uma excelente política.

Isso me faz rir. — Sou mulher em uma das Cinco Famílias de Nova York. Eu *sou* uma excelente política.

Ela puxa as pernas para fora da mesa e se inclina para olhar mais de perto para mim, apoiando os cotovelos nas coxas. — Você gosta dele, não é?

Eu tenho que fazer uma pausa para decidir como responder. Então eu vou com a verdade. Falo baixinho: — Na maioria das vezes, sim. — Quando ela sorri, satisfeita, acrescento: — Mas as alterações de humor dele são bem difíceis.

Ela acena com a mão no ar. — Ele passou por muita coisa ultimamente.

Posso dizer que ela se arrepende disso instantaneamente.

Sentada no sofá, ela cruza as pernas e toma seu vinho, olhando para uma pintura abstrata na parede que de repente parece fasciná-la.

De alguém tão franco e autoconfiante, esse comportamento evasivo me diz que seja o que for que Quinn tenha passado ultimamente, ela não quer me contar sobre isso.

O que, é claro, deixa-me desesperada para saber.

Eu digo: — Entendo que você é amiga dele. Não vou pedir que se coloque numa posição em que se sinta desleal, traindo sua confiança. Mas se houver algo que você possa me dizer para me ajudar a compreendê-lo, eu agradeceria.

Ela desliza o olhar na minha direção. Leva um momento para reunir seus pensamentos. Então diz: — É a história dele para contar, mas posso lhe dizer uma coisa: ele foi magoado.

Eu concordo. — Ele mesmo me disse isso. É a razão pela qual

queria um casamento arranjado.

Parecendo encorajada por eu já saber disso, ela descruza as pernas e vira o corpo para mim.

— Então ele te contou sobre minha irmã, Riley?

Tenho uma fração de segundo para decidir como responder.

Lembro-me do que Gianni me disse na noite da invasão domiciliar sobre a irmã da esposa do chefe da Mob ter engravidado de seu sequestrador russo, e decido andar na linha cinzenta entre a verdade e a mentira.

Olhando para minhas mãos, eu digo: — Eu sei que ela está grávida do chefe da Moscow Bratva.

— Sim. Pelo que Spider se culpa.

Assustada com isso, eu olho para cima. — Por que ele se culpa?

— Ele era seu guarda-costas quando ela foi sequestrada. Além disso, você sabe, ele tinha sentimentos por ela... — Ela para, então faz uma careta. — Você não sabia dessa parte.

Mantenho minha expressão completamente impassível quando digo: — Há quanto tempo foi isso?

Ela franze o nariz. — Sinto que talvez já tenha falado demais.

Ignorando isso, eu penso sobre o assunto. Se sua irmã ainda está grávida, isso significa que o que aconteceu, foi nos últimos nove meses.

Então, *este ano*, Quinn ficou tão arrasado com a mulher sob sua proteção sendo sequestrada e engravidada pelo russo que ele tomou a medida drástica de mudar sua vida ao concordar com um casamento arranjado com uma estranha em resposta.

Ele estava apaixonado por ela.

Ele *ainda está* apaixonado por ela.

É disso que se trata esta manhã. Sua mudança de humor, seu silêncio, suas carrancas inexplicáveis.

Ele se casou comigo e fez amor comigo e acordou comigo, uma substituta para a mulher que ele realmente quer.

Estou enjoada. Tola, envergonhada e doente do estômago.

Uma semana atrás, isso não teria doído. Eu não sentiria nada. Mas a noite passada parecia tão real para mim. Toda a paixão e emoção que compartilhamos parecia tão *real*.

Foi uma sensação boa.

Pela primeira vez na minha vida, eu me senti desejada.

Protegida.

Segura.

Neste momento, sinto-me como se fosse o alvo de uma piada cósmica viciosa.

Porque não importa como eu possa me sentir sobre meu novo marido estar apaixonado por outra mulher, sou basicamente sem sorte. Eu não posso fazer nada sobre isso.

Há um contrato.

Diante de quatrocentas testemunhas, os votos foram feitos.

Para piorar as coisas, troquei minha liberdade e Quinn deixou Lili ir embora com Juan Pablo como se não significasse nada para ele. Ele teria feito isso de qualquer maneira. Como o conheço um pouco melhor agora, entendo que, se soubesse de Juan Pablo antes de se casar comigo, teria cancelado o contrato e ido embora.

Todos nós estaríamos livres.

Eu me fiz um cordeiro sacrificial por nada.

Tudo isso passa pela minha cabeça em segundos. Sloane espera minha reação com um olhar preocupado, mas eu sorrio e a tranquilizo.

Porque, como ela disse, eu teria sido uma excelente política.

Posso mentir e sorrir e acenar, quando por dentro sinto vontade de morrer.

— Não importa. O que passou, passou. Obrigada por sua franqueza. — Eu levanto minha mão e balanço meu dedo anelar para ela. — Podemos falar sobre diamantes agora? Porque notei que você tem uma pedra do tamanho de um rинque de patinação. Essa coisa é

linda! Você escolheu, ou Declan apenas tem um gosto requintado?

Ela ri, estendendo a mão para olhar seu anel. — Sim, é muito doce, não é? Ele gosta de me mimar.

Partimos daí. A conversa flui naturalmente. Se ela nota algo estranho em mim, não menciona.

Cerca de vinte minutos depois, pergunto onde fica o banheiro.

— Naquele corredor, terceira porta à direita.

— Obrigada. Volto logo.

— Devo servir-nos mais vinho?

— Absolutamente!

Desço o corredor, desesperada por um momento de privacidade, mas me distraio assim que coloco a mão na maçaneta da porta do banheiro.

Eu ouço vozes vindo de mais longe no corredor.

É Quinn e Declan em seu escritório.

Hesito, tentando me dissuadir, mas acabo cedendo e rastejando pelo corredor em direção à porta meio aberta. Do lado de fora, eu paro e ouço, prendendo a respiração.

— ...não pode ter nada a ver com isso. Isso foi há vinte anos, *lad*. E você o matou. As pessoas não voltam do túmulo.

Quinn suspira pesadamente. — Sim. Eu sei. Mas não posso deixar de pensar que sou amaldiçoado.

— É a sua culpa falando, não o seu bom senso.

— Se você diz.

— Eu digo. Esqueça isso. Agora me fale sobre sua esposa. Como está a situação?

Eu me inclino para mais perto, meu coração batendo forte enquanto espero para ouvir como Quinn responde.

Quando há apenas silêncio, Declan pergunta: — Lembra o que você me disse quando me pediu para marcar a reunião com Caruso?

— Não, o quê?

Declan ri. — Você disse: *Não há nada como uma boceta nova para superar a velha*, seu bastardo de sangue frio.

Isso parece uma faca enfiada no meu plexo solar. Não espero para ouvir o resto.

Eu me viro e vou embora, xingando-me por ser tão tola a ponto de deixá-lo entrar.

As mulheres nunca podem confiar nos homens. Eles só querem foder as coisas ou quebrá-las.

SPIDER

— Eu estava sendo um idiota — respondo, balançando a cabeça.

— Sim, eu sei disso. Estou feliz por você perceber. Conte-me. Como é a infame Viúva Negra?

Eu falo zangado: — Eu não vou te contar como ela é na cama, pelo amor de Deus.

— Tire sua cabeça da sarjeta. Não é isso que estou perguntando.

— Então o que diabos você *está* perguntando?

Ele olha para mim por um momento antes de dizer: — Ela gosta de você, você sabe.

Calor rasteja em minhas bochechas. Falo rispidamente: — Você acha?

— *Aye. Dimwit*³⁴.

— Como você sabe?

— O jeito que ela olha para você. A maneira como ela fala com você. A maneira como mandou seus próprios parentes se foderem quando eles tentaram fazer você sair da reunião.

— Massimo — eu digo, meu humor escurecendo com a memória dele. — Eu não gosto daquele filho da puta.

— Quem gosta? Meu ponto é que sua nova esposa te protege. — Seus olhos brilham com o riso. — Deve ter sido uma noite e tanto de núpcias, rapaz.

— Eu sabia que você estava falando sobre isso!

— Ah, cala a boca. Você está ferido. Eu deveria ter forçado você a tirar uma folga.

— Eu já tive folga depois de todo o desastre na Rússia, lembra? E estou preocupado com esse maldito sonho, como te disse. Não sonho

com Shannon há anos.

Chutando seus pés para cima em sua mesa, Declan toma um gole de seu uísque e me considera, sentado em frente a ele em uma de suas grandes cadeiras de couro.

— Eu não acho que isso precise ser dito, mas Reyna não é Shannon. Ela pode cuidar de si mesma.

— É meu trabalho cuidar dela agora!

Ele acena isso. — E só porque Caruso não descobriu quem eram os intrusos não significa que tenha algo a ver com Urosecvic.

Agitado, levanto-me da cadeira e começo a andar de um lado para o outro. — Eles eram mercenários, Declan. Mãos contratadas, totalmente indetectáveis. Essa não foi apenas uma tentativa comum de sequestro. Algo maior estava por trás disso. Algo *maior*. E o fato de Caruso não descobrir nada sobre eles prova isso.

Observando meu ritmo agitado, Declan diz gentilmente: — Você colocou uma bala no cérebro dele, rapaz. Ele está morto e enterrado por metade de sua vida. Não era ele.

— Então quem diabos era?

— Faço questão de descobrir. Você terá todas as informações em poucos dias.

— Como?

Seu sorriso é misterioso. — Eu sou eu, simples assim.

— Você quer dizer que ligou para Killian Black.

Seu olhar presunçoso azedou. — Você pode ser um verdadeiro pé no saco, sabe disso?

Eu murmuro: — Agora você parece minha esposa.

— Falando em esposas, é melhor voltarmos para lá antes que criem um plano para dominar o mundo e nos tornar obsoletos.

Ele tem razão. Deixar duas mulheres como Sloane e Reyna sozinhas em uma sala é perigoso. Dependendo do humor delas, podemos nos encontrar perdendo alguns membros importantes ao acordarmos de manhã ou descobrir que elas comandaram nossos soldados para servir sob uma nova liderança totalmente feminina.

Quando voltamos para a sala, elas estão aconchegadas no sofá, bebendo vinho e rindo como duas velhas amigas.

Declan diz: — Vocês duas parecem estar se divertindo.

Sloane sorri para ele. — Só conversa de garota. Venha, sente-se.

Olhando para Reyna, que está sentada com os pés descalços debaixo dela e aqueles lindos seios caindo do decote de seu vestido, falo: — Acho que é hora de encerrar a noite. Tivemos um dia agitado. Tenho certeza de que minha esposa gostaria de ir para a cama.

Sloane ri. — Tenho certeza de que um de vocês gostaria.

Minhas orelhas estão quentes, mas não consigo desviar o olhar de Reyna. Ela está olhando para mim por baixo de seus cílios com um olhar inescrutável em seus olhos. Como se tivesse um segredo.

Espero que esse segredo envolva meu pau duro, porque já está mexendo.

Ela se vira para Sloane. — Muito obrigada por nos receber. Você é uma anfitriã maravilhosa. Espero que nos vejamos mais em breve.

Sloane diz: — Querida, vamos nos ver *muito* mais. A propósito, você acha que estaria interessada em uma viagem de garotas para Paris? Eu e minha melhor amiga, Nat, estamos pensando em ir para a semana de moda em setembro.

Declan diz: — Você não vai para a porra de Paris sem mim.

Sloane sorri para ele. — OK, querido. — Ela se vira para Reyna. — Ficaremos no Hôtel Costes, que é onde ficam todas as celebridades descoladas. Eles têm essa suíte de luxo *incrível* que custa cinco mil euros por noite e vale cada centavo. É do tamanho de um apartamento. Todas nós podemos ficar lá juntas e pedir serviço de quarto para cada refeição.

Declan repete em voz alta: — Você não vai para Paris sem mim!

— Eu sei, querido. Então eu ligo para você com todos os detalhes, ok, Reyna?

— Parece ótimo — responde Reyna, levantando-se. Ela coloca sua taça de vinho vazia na mesa de café enquanto Sloane se levanta, então elas se abraçam.

Eu não sei por que a visão delas se abraçando deixa meu peito

apertado e um nó se forma na minha garganta, mas deixa.

A julgar pela expressão de Declan, ele não está se sentindo tão confuso com a situação.

Pobre coitado. Passará os próximos dias tentando dissuadir Sloane da ideia da viagem a Paris, que todos sabemos que falhará miseravelmente.

Despedimo-nos e vamos para o carro.

Assim que nos instalamos e Kieran está nos levando pela estrada sinuosa da propriedade, Reyna se vira para mim.

— Estou preocupada com Lili. Você pode descobrir como ela está?

Eu pego sua mão e digo suavemente: — Ela está bem, *lass*. Eles chegaram ao México em segurança.

— Você falou com ela?

— Não. Falei com um dos homens que os levou.

— Quando?

— Esta manhã.

O sol se pôs horas atrás, então a luz está baixa, mas ainda posso ver seu rosto bem o suficiente para pegar o flash de raiva em seus olhos.

— Esta manhã — ela repete, sua voz fria. — Quando você estava tão distante.

Arrasto a mão pelo meu cabelo, suspirando. — Sim. Desculpe-me por isso.

Engolindo em seco, ela desvia o olhar. Depois de um momento de silêncio, ela diz: — Você não precisa se desculpar.

— Eu devo me desculpar quando sou um idiota.

Ela balança a cabeça. — Você não tem que explicar, também. Eu entendo.

Algo no tom de sua voz – e no modo como sua mão está parada passivamente ao meu lado, como um peixe morto – deixa-me nervoso.

— O que você entende?

— Eu só quis dizer que você merece privacidade. Você não é obrigado a compartilhar cada pequeno pensamento em sua mente. Eu sei que você precisa de espaço.

Quando ela gentilmente puxa sua mão da minha, eu agarro seu queixo e viro sua cabeça para mim.

Sua expressão está em branco. Seus olhos têm um olhar distante neles. Ela está fechada em si mesma, em algum lugar que ela não quer que eu a alcance.

Foda-se, essa merda.

— O que há de errado?

— Nada.

Ela engole novamente. Acho que é uma dica para quando ela está emocional, mas tentando não demonstrar.

Não estou tendo nenhuma porra de bobagem. Eu a agarro e a arrasto para o meu colo.

Ela exala e fecha os olhos, murmurando: — Aqui vamos nós.

— Você está muito certa, aqui vamos nós! Kieran, feche seus ouvidos, companheiro!

Ele me dá um sinal de positivo e liga o rádio.

Segurando Reyna, dou-lhe um aperto e um pequeno empurrão, rosnando: — Fale comigo, víbora. O que diabos está acontecendo nessa sua mente? E não diga *nada* de novo, ou eu vou te dar uma surra.

Seus olhos brilham. Ela sussurra: — Experimente, irlandês. Estou com vontade de derramar um pouco de sangue.

Embora eu esteja ansioso sobre o que está comendo-a, eu sorrio. — Aí está minha Diaba. Agora comece a falar.

— Qual é essa necessidade patológica que você tem de discutir tudo?

— Isso se chama ser adulto. Agora pare de se esconder de mim e desabafe, mulher.

Tão rígida e espinhosa quanto um cacto em meus braços, ela me encara. — Vou aproveitar a sua oferta para me deixar ficar no meu próprio lugar.

Isso me atordoa. Machucado, indago: — Por quê?

— Não te devo uma explicação.

Ok, *agora* estou com muita raiva. Se ela quer uma briga, vai conseguir uma.

Com os dentes cerrados, eu digo: — Sim, víbora. Você deve. Eu sou seu maldito marido, lembra?

Seus olhos poderiam me congelar em um cubo de gelo. Ela diz categoricamente: — Como se eu pudesse esquecer.

— Não me tente, mulher.

— Ou o quê?

Estou bem ciente de que poderíamos ir e voltar assim a noite toda, então eu resolvo o problema com minhas próprias mãos e a beijo.

Ela resiste a mim no início, empurrando contra o meu peito e tentando fugir. Mas eu não a deixo. Eu a seguro e a beijo até que ela esteja flexível e tremendo e meu pau esteja gritando comigo para se soltar das minhas calças.

— Agora, fale, porra — eu digo contra sua boca, respirando com dificuldade. — E me dê a consideração de ser honesta.

— Como você foi honesto comigo sobre estar apaixonado por outra mulher?

Isso parece um tapa na cara. — Que diabos isso significa? Por quem eu deveria estar apaixonado?

— Riley.

Da frente, Kieran solta um assobio baixo e atônito.

Ignorando-o, exijo: — Como você sabe sobre Riley?

Percebo que essa é a abordagem errada quando toda a luta se esvai dela. Reyna engole novamente e desvia o olhar. — Por favor, solte-me.

— Maldição, mulher. Você não vai a lugar nenhum. Olhe para mim.

Claro que ela não vai, então eu pego seu rosto na minha mão e a forço. Olhando em seus olhos, eu digo deliberadamente: — Eu não estou apaixonado por Riley.

— Você sabe o quê? Realmente não é da minha conta se você estiver.

— Pare de lutar comigo. Eu não vou deixar você ir. E não feche os olhos, porra!

— Você pode parar de gritar na minha cara, por favor?

Eu coloco minha boca bem perto de sua orelha e digo com veemência: — Seu ciúme não tem fundamento. Não estou apaixonado por mais ninguém.

— Eu não sou ciumenta!

Ela fica horrorizada com a sugestão, o que me faz pensar que estou certo.

Isso também me deixa tão excitado, eu quero rasgar esse vestido e a foder aqui mesmo no banco de trás.

Eu agarro sua cabeça com as duas mãos e a beijo novamente. Ela se contorce, tentando fugir, empurrando contra mim até que eu prendo seus pulsos. Então eu coloco minha outra mão em seu cabelo e a beijo novamente, desta vez gemendo em sua boca com necessidade.

— Quinn, pare. Solte-me.

— Eu nunca vou deixar você ir. Há um contrato que diz que não posso.

— Seu bastardo sem coração.

— Olhe para mim. Acalme-se e olhe para mim, Reyna.

Respirando com dificuldade, ela vira o rosto, mas olha para trás com um olhar hostil e desconfiado.

Mantendo minha voz baixa embora eu gostaria de gritar com ela, falo: — Eu não estou apaixonado por mais ninguém. Responderei a todas as perguntas que você quiser, mas primeiro você precisa entender esse fato. Eu fui apaixonado por Riley, sim. Eu queria que

houvesse algo entre nós, sim. Mas não havia. Eu nunca beijei a moça. Nunca a toquei. Ela estava sob minha proteção, e eu estraguei tudo tanto que ela acabou baleada. *Por mim*. Acidentalmente, mesmo assim, foi a minha bala que ela levou. Então você terá que me perdoar por estar mais do que um pouco fodido com isso, Reyna, mas eu não estou apaixonado por ela. Ela não é quem eu quero.

Pressiono um beijo suave em seus lábios. — Tenho a mulher que quero, mesmo que ela me odeie.

Ela me encara em silêncio. Então, em uma voz tão baixa que mal posso ouvir, ela diz: — Eu não odeio você.

Meu coração está acelerado, eu a puxo para mais perto e a beijo novamente. Eu a beijo todo o caminho de volta para a cidade e até Kieran parar o carro na garagem subterrânea. Então eu levo minha esposa para o andar de cima para a suíte de lua de mel e tranco a porta atrás de nós.

Eu caminho em direção a ela. De olhos arregalados, ela se afasta de mim.

— Não tenha medo de mim, Reyna. Juro pelo túmulo da minha mãe que nunca vou te machucar.

— É só que toda vez que eu acho que vi seu nível de intensidade mais alto, você estabelece um novo recorde.

A última coisa que quero é que ela pense que sou tão psicótico quanto Enzo, então aponto para uma cadeira e ordeno: — Sente-se. Porra, digo, *por favor*, sente-se.

Apoio minhas mãos em meus quadris e começo a andar, porque, aparentemente, é a única maneira que eu sei como desabafar sem atirar em algo.

Reyna se empoleira na beirada da cadeira de couro e me observa com cautela.

Paro no meio da sala, solto um suspiro forte e fecho os olhos. — Quando eu tinha dezenove anos, eu me apaixonei por uma mulher casada.

— Você não precisa...

— Fique quieta. Você terá sua chance de falar.

Nem preciso olhar para ela para saber que ela está me matando com os olhos, mas não importa. Agora tudo o que importa é que eu limpe o ar entre nós. Eu preciso levá-la nua para a cama, e isso não vai acontecer se ela ainda estiver com raiva de mim.

Vou até o bar e me sirvo de um uísque. Eu bebo, em seguida, levanto o copo vazio.

— Não, obrigada.

— Como queira. — Eu sirvo outro e bebo também. Então coloco o copo de lado, me viro e cruzo os braços sobre o peito enquanto me inclino contra o tampo do bar de mármore.

Não tenho ideia de como dizer o que precisa ser dito, então decido tentar explicar com o mínimo de palavras possível.

Respiro devagar, expiro e falo.

— O nome dela era Shannon. Ela era cinco anos mais velha do que eu. Nós nos conhecemos em uma partida de rugby. Ela me disse que era casada, mas eu não me importei. Eu a persegui implacavelmente. Eventualmente, ela cedeu. — Minha risada é baixa e sem humor. — Posso ser muito persistente quando quero algo.

Estou perdido em memórias sombrias por um momento, então balanço minha cabeça para limpá-la. Reyna me observa em um silêncio tenso e sem piscar.

— O marido dela descobriu. Eu não sei como. Eu também não sabia que ele era da máfia sérvia.

Os lábios de Reyna se abrem. Suas mãos apertam os braços da cadeira.

Ela sente o que está por vir.

Olho diretamente em seus olhos quando faço minha confissão.

— Ele a matou por sua traição. Cortou sua garganta e deixou seu corpo no meu gramado da frente. Então ele foi para a casa dos meus pais, a primeira coisa naquela mesma manhã. Eles ainda estavam na cama quando ele colocou uma bala na cabeça de ambos.

Eu aguento até a próxima parte, onde minha voz falha.

— Ele matou minha irmãzinha também. Cortou a garganta dela da mesma forma que fez com a de Shannon. A polícia disse mais tarde

que ela não morreu imediatamente. Levou um tempo para ela sufocar até a morte em seu próprio sangue. Hannah tinha doze anos.

Reyna levanta as mãos para cobrir a boca.

Fecho meus olhos novamente para não ter que ver o olhar de horror nos dela.

— Em seguida, ele foi para as casas dos meus avós. Ele os amarrou e incendiou a casa, fazendo a mesma coisa com os outros dois. Todos os quatro foram queimados vivos.

Reyna diz fracamente: — Oh, Deus. Quinn.

— Não chame por Deus ainda. Fica pior. Minha irmã mais velha morava com o marido e três filhos pequenos. O marido ele amarrou e espancou até a morte. Nas três crianças ele atirou à queima-roupa. Não vou contar o que ele fez com minha irmã. Ela era uma garota muito bonita. Então ele passou pelo resto da minha família, um por um, pegando-os como peixes em um barril. Tias. Tios. Primos. Seus filhos, maridos e esposas. Quando ele terminou, quarenta e duas pessoas haviam sido assassinadas. Minha árvore genealógica inteira foi exterminada. Por minha causa.

Tenho que parar para recuperar o fôlego. Eu não percebi que minha voz tinha ficado rouca enquanto eu falava.

— Eu tinha dezenove anos e era responsável por uma carnificina inimaginável.

Reyna fala suavemente: — Quinn, você era apenas um garoto. Ele foi o responsável, não você.

Levanto a cabeça e olho para ela, minha esposa guerreira que sobreviveu a quatorze anos de abuso nas mãos de um louco, e sinto uma onda tão avassaladora de inutilidade que mal consigo falar. Quando o faço, sai em um raspão.

— Não. Todo aquele sangue está em minhas mãos. Começou por causa do meu egoísmo. Então, quando um assassino russo que foi enviado para matar Declan sequestrou a irmã de Sloane bem debaixo do meu nariz, essa garota inocente por quem eu era responsável para proteger... fiquei um pouco louco. Eu revivi meu próprio inferno pessoal novamente. E quando acordei esta manhã, de repente percebi que me casando com você, poderia ter assinado sua sentença de morte. Que, embora eu tenha me vingado de Urosec pelo que ele fez com Shannon e minha família, talvez sua maldição ainda me siga

depois de todos esses anos. — Eu engulo, então digo rispidamente: — É por isso que eu estava chateado. Não porque estou apaixonado por outra pessoa. Porque eu sou responsável por você agora. E se algo acontecer com você, será o meu fim.

Ela me encara do outro lado da sala em silêncio. Seus olhos de sereia perfuram em mim, direto na minha alma.

Então ela se levanta, vem em minha direção e joga os braços em volta dos meus ombros.

REY

Ele esconde o rosto no meu pescoço e me aperta com tanta força que fico sem fôlego.

— Obrigada — eu sussurro. — Obrigada por me dizer isso. É a pior coisa que já ouvi, mas estou tão feliz por saber.

Sua voz falha quando ele diz: — Por quê?

— Porque o que eu quero mais do que tudo é conhecer você. O verdadeiro você que mantém escondido sob todos os sorrisos e a arrogância machista horrível.

— Olha quem está falando. Você tem tantos disfarces antigos de bruxas do inferno, que não consigo acompanhar todos eles.

Eu me afasto, emolduro seu rosto em minhas mãos e gentilmente o beijo nos lábios. Olhando profundamente em seus olhos, falo: — Elas não são disfarces.

Depois de um segundo, nós dois começamos a rir.

É suave e sombrio, mas risos, no entanto.

Eu o beijo novamente. Ele deixa cair a testa no meu ombro e exala. Um arrepio percorre seu grande corpo. Posso dizer que ele está profundamente afetado pela história que acabou de me contar, que dizer isso em voz alta foi excruciante e trouxe de volta memórias horríveis junto com uma montanha de culpa. Mas, pela primeira vez, sou grata por sua insistência em falar sobre as coisas.

Mas há um último item na agenda que não vou deixar de lado.

Eu me afasto dele e espero até que levante a cabeça e olhe para mim para dizer: — Um pequeno anúncio de serviço público: se você se referir a mim como ‘boceta’ de novo, eu vou quebrar sua cara.

Ele junta as sobrancelhas. — O quê?

— Ouvi o que você disse a Declan sobre mim.

Depois de um momento, ele entende. — Você estava *earwigging*35 na porta?

— Se essa é uma palavra irlandesa obscura para espionagem, então sim.

Ele levanta a voz. — Então você deveria ter me ouvido dizer a ele que eu estava sendo um idiota quando disse isso.

— Eu já tinha saído então.

— Além disso — continua, falando sobre mim — eu nem te conhecia quando Declan e eu tivemos aquela conversa. Estava me referindo a Lili, não a você.

— Pare de falar, Quinn. Você só está cavando sua cova mais fundo.

Ele me encara por um instante em um silêncio tenso. — Você sempre vai pensar o pior de mim, não é?

— Não seja dramático. Você está me dizendo que ouvi algo fora de contexto, e estou aceitando isso.

Suas sobrancelhas se erguem. — Mas você não acredita?

Posso dizer que ele está à beira de outra explosão. Eu não quero uma repetição do episódio que tivemos no carro onde recebo outro discurso irritado gritado na minha cara, então eu me afasto dele e caminho lentamente até as janelas.

Enquanto olho para as luzes da cidade, uma sensação avassaladora de exaustão toma conta de mim.

Tenho trinta e três anos, não tenho filhos, não tenho carreira nem experiência profissional. Fui criada em um ambiente de vergonha e medo por pessoas que não se amavam. Tudo que eu já conheci de cada homem que deveria cuidar de mim é violência. Estou cansada, cínica e quebrada em tantos lugares, não há cola suficiente no mundo para me recompor.

E estou começando a ter sentimentos reais por um homem que pode estar ainda mais quebrado do que eu.

Eu digo: — Acredito que nós dois temos problemas que não vamos resolver esta noite. Tenho traumas do meu passado. Você tem um trauma sobre o seu. Nós dois somos assombrados por más

lembranças. Acredito que você queria um casamento arranjado para tentar escapar de tudo isso e encontrar um pouco de paz, mas em vez disso você me pegou. Uma mulher que tem tantas cicatrizes quanto demônios. Acredito que temos uma conexão física intensa, mas nenhum de nós sabe viver consigo mesmo, muito menos com outra pessoa. — Eu me viro da janela e olho para ele. — E também acredito que você teria deixado Lili fora do contrato se soubesse sobre Juan Pablo antes.

— Sim — diz ele zangado. — O que é que tem?

— Apenas me ocorreu que nunca assinamos uma licença de casamento.

Congelado, ele me encara do outro lado do quarto. Eu vejo sua mente em ação, a corrida louca enquanto ele liga os pontos. Em seguida, passa a mão pelo rosto.

— Puta merda.

— Sim. Não somos casados legalmente.

Ele se vira e se serve de outro uísque. Bebe, então pausa o copo com cuidado. Sem olhar para mim, ele diz rispidamente: — Então você quer sair do contrato.

Não é uma pergunta. Ele diz isso como se fosse uma conclusão precipitada de que eu não estaria neste quarto se não fosse legalmente obrigada a estar.

Mas a vida nunca é tão simples, não é?

— Não sei o que quero. Os últimos dias arruinaram minha capacidade de pensar racionalmente.

Ele espera, imóvel, olhando para o copo vazio no bar.

Minha voz baixa, eu continuo: — Mas eu quis dizer o que eu disse sobre querer conhecê-lo.

Ele levanta a cabeça. Nossos olhos travam. Uma onda de emoção aperta meu peito.

— Eu gosto de você, Quinn. Você é esperto. Você é engraçado. Você é gentil. Você é protetor. Você também é completamente desequilibrado. O que aconteceu com você e Riley ainda está fresco. Você ainda está processando.

Ele rosna: — Eu não estava mentindo quando disse que não estou apaixonado por ela.

— E eu acredito nisso. Mas você ainda pode estar pensando em alguém, mesmo que não esteja apaixonado. — Depois de um momento, acrescento baixinho: — Como eu ficaria se esse nosso casamento de mentira não desse certo.

Seus olhos brilham. Sua mandíbula flexiona. Seu pomo de Adão balança enquanto ele engole.

Então ele cruza o quarto em alguns passos largos, me pega em seus braços e me beija.

É apaixonado, beirando o desesperado. Ele segura minha cabeça entre suas mãos trêmulas e toma profundamente da minha boca até que nós dois estamos respirando com dificuldade.

Afastando-se ele rosna: — Permissão para ser rude. Eu não vou te machucar, mas...

— Concedida. Eu confio em você. Foda-me, marido falso. Podemos resolver todas as outras besteiras amanhã.

Suas pálpebras se fecham enquanto ele exala em um gemido suave.

Quando abre os olhos novamente, Quinn se foi. Em seu lugar está meu monstro de olhos negros que sai para brincar comigo no escuro.

Ele me ergue e me joga por cima do ombro, caminha até a cama e me coloca no colchão. Eu nem recupero o fôlego antes de ele me arrastar pelos tornozelos até a borda, empurrar minhas pernas, espalmar a mão no meio do meu peito e me forçar a deitar.

Ele arranca minha calcinha e enfia o rosto entre minhas coxas.

Eu grito, arqueando.

Ele agarra minha bunda com as duas mãos e enfia os dedos na minha carne enquanto passa a língua para frente e para trás sobre meu clitóris. Então ele enfia um dedo dentro de mim, me fazendo suspirar.

Eu suspiro ainda mais alto quando ele desliza o dedo na minha bunda.

— Ok, esposa — diz ele com uma voz gutural, sua boca a centímetros de distância da minha boceta exposta e seu dedo enfiado profundamente dentro de mim enquanto ele se ajoelha no chão entre minhas pernas abertas. — Se esta é a última vez que eu vou te foder, eu vou me certificar de que você se lembre disso pelo resto de sua vida.

Ele afunda o polegar dentro da minha boceta, abaixa a cabeça e começa a chupar meu clitóris, me enchendo com os dedos e me acariciando com a língua.

A sensação é alucinante. Enquanto lambe, aperta os dedos, depois gira a mão e aperta novamente. Ele está me manipulando como um fantoche de mão. É quente e sujo e incrível.

Eu cavo minhas mãos em seu cabelo e começo a puxar enquanto eu me contorço contra sua boca com minhas pernas abertas o máximo que posso.

Quando estremeço e gemo, ele ri sombriamente.

— Minha boa menina gosta de ser fodida com o dedo em todos os seus doces buracos enquanto eu lambo sua boceta, não é?

Não consigo formar uma resposta. Meus olhos rolam para trás na minha cabeça. Eu faço um gemido animal de prazer enquanto balanço meus quadris freneticamente em um apelo sem palavras.

— Sim, ela gosta. Ela adora isso. Agora goze na minha cara para que eu possa foder todos esses buracos apertados com meu pau.

Vou morrer. Ele vai me matar. É assim que eu morro, deitada de costas com as pernas abertas na suíte de lua de mel do Ritz-Carlton Hotel, enquanto um gângster irlandês maluco me enche de palavras sujas como um batismo obsceno.

Pelo menos vou morrer feliz.

Fazendo círculos com os dois dedos, ele achata a língua e a arrasta para cima e para baixo no meu clitóris inchado, cada vez mais rápido, até que eu estou gemendo e resistindo e fora da minha maldita mente.

Chego ao clímax com um grito primitivo.

Ele me fode com o dedo durante o meu orgasmo, estendendo a mão para puxar a gola do meu vestido e beliscar meu mamilo

latejante. Eu me debato contra sua boca, soluçando incoerentemente porque é tão intenso, insanamente bom.

Ele se levanta de joelhos e cai em cima de mim, beijando vorazmente a minha boca, pescoço e peito, arrastando a barba sobre minha pele sensível. Sinto o gosto em seus lábios e não consigo decidir se devo chorar ou rir loucamente.

Empinando-se sobre os calcanhares, ele agarra o decote do meu vestido e o rasga com um puxão selvagem. O som do tecido rasgando e a visão dos meus seios derramando parecem ligar seu interruptor de homem das cavernas.

Seus olhos se arregalam. Ele rosna, mostrando os dentes.

Então puxa o resto do vestido do meu corpo, rasgando-o em pedaços como um lenço de papel.

Ele joga os restos desfiados no chão, puxa para baixo o zíper de sua calça, agarra sua ereção em sua mão e cai de volta em cima de mim, tomando minha boca novamente enquanto eu agarro seus quadris e levanto o meu.

Ele se encaixa dentro de mim com um impulso brutal.

Delirante, eu grito. Ele morde meu pescoço, rindo.

— Você vai levar a sério, querida, e você vai adorar. Enrole suas pernas em volta da minha cintura.

A desobediência não é uma opção. Mesmo que eu quisesse, meu corpo se rendeu completamente ao seu controle. No momento em que o comando passa por seus lábios, dobro minhas pernas e as envolvo em torno dele, enganchando meus tornozelos nas costas.

Ele rosna: — Boa menina.

Eu quase desmaio.

Seu primeiro impulso me faz gemer. Seu segundo me faz choramingar. Então, quando ele começa a me foder com força, mergulhando em mim repetidamente enquanto ele estala os quadris e rosna algo em gaélico, eu perco a capacidade de fazer um som completamente.

Tudo o que posso fazer é sentir.

Seu peito duro contra o meu. O tecido liso de sua camisa

arrastando contra meus mamilos apertados. Seu hálito quente em meu pescoço e o couro frio de seu cinto mordendo minhas coxas.

Sua barba na minha pele.

Sua voz no meu ouvido.

Seus ásperos gemidos de prazer em cima de mim.

Ouçó um canto de algum lugar distante, uma repetição crua e lamentosa de *por favor, por favor, por favor*. Leva um momento antes que eu perceba que está vindo de mim.

— Adoro quando você implora por mim — Quinn fala com veemência, apertando meu peito. Ele puxa meu mamilo, rindo quando eu imploro por sua boca.

Ele abaixa a cabeça e suga com força meu mamilo rígido, então desliza a mão pelo meu quadril e sob minha bunda. Ele acaricia minha bunda enquanto eu empurro e gemo debaixo dele.

Eu gozo, gritando seu nome.

— Sim, baby. Diga-me a quem você pertence. Diga de novo para mim, *lass*, e me faça acreditar. — Seus quadris empurram mais forte. Sua voz baixa até que não passa de um comando profundo e ressonante.

— *Faça-me acreditar que você é minha.*

Nesse momento, é tudo que eu quero. É tudo pelo que eu já vivi. Eu agarro suas costas e choro seu nome e dou a ele cada parte de mim, corpo e alma, sem segurar nada enquanto eu convulsiono em torno de seu pau e ouço suas palavras de louvor que se misturam até que elas sejam apenas sons, ruídos roucos de aprovação e adoração.

Não tenho que falar a língua para entender o que elas significam.

Você é linda.

Eu te adoro.

Você é minha.

Ele se retira e me rola sobre minha barriga. Ele envolve um braço em volta da minha cintura e me coloca de joelhos. Ele afunda a mão no meu cabelo e o puxa para que meu pescoço fique arqueado.

Segurando-me assim, ele usa a outra mão para deslizar seu pau molhado para frente e para trás sobre minha bunda, cutucando a coroa na minha entrada.

— Sim ou não, esposa?

A necessidade em sua voz deixa meus nervos em chamas.

Vejo nosso reflexo nas janelas escuras. Uma mulher nua de quatro na cama. Com um aspecto de domínio absoluto, um homem totalmente vestido está atrás dela.

E eu sei que não importa como possa parecer, o homem nesta imagem não é quem está no controle da situação.

É uma coisa engraçada, poder. Tão facilmente quanto pode corromper, também pode ser humilhante.

Saber que Quinn vai fazer apenas o que eu permitir, e fazer tudo apenas para me agradar, me dá uma sensação de poder tão absoluto, que eu queimo com isso.

Tremendo toda, eu lambo meus lábios. — Sim. O que você quiser, só por esta noite, a resposta é *sim*.

Ele faz um som que eu nunca o ouvi fazer antes, algum som primitivo e necessário que surge no fundo de seu peito. Então ele flexiona seus quadris, conduzindo seu pau duro dentro de mim.

É tão doloroso que não consigo nem gritar.

Meus olhos voam bem abertos. Eu agarro meus dedos no cobertor. Meus lábios se abrem, mas nenhuma palavra sai.

Quando ele ouve o suspiro estrangulado que eu faço, ele congela. — Estou machucando você.

— Sim! Porra! Não pare!

— Reyna...

O que ele ia dizer é cortado quando eu recuo com força, tomando todo o comprimento dele dentro de mim.

Ele ladra um gemido que é ainda mais alto que o meu.

Quando ele solta meus cabelos, eu desmaio de frente para a cama, puxando as cobertas e rangendo meus dentes. Preciso continuar

piscando forte para limpar meus olhos da água.

Deslizando, agarra meus quadris em ambas as mãos para me firmar. Sinto o metal frio de seu zíper na parte de trás das minhas coxas e estremeço.

— Não posso fazer isso se estou machucando você.

Com os dentes cerrados, eu digo: — Maldição, gângster. É melhor você foder essa bunda, ou eu vou encontrar outra pessoa que o faça.

Como eu sabia que aconteceria, essas palavras o enlouquecem.

Ele empurra e retira, então faz isso uma e outra vez. Suas bolas batem contra minha boceta. Seus rosnados de prazer e fúria enchem o ar. Seus dedos cavam na carne dos meus quadris até que eu tenho certeza de que estarei machucada pela manhã.

Se o amanhã chegar. Podemos foder um ao outro até a morte esta noite, não há como dizer.

Ele pausa seu impulso fervoroso para alcançar e deslizar os dedos sobre meu clitóris. Quando eu empurro, sugando uma respiração entre os dentes, ele respira: — Sua boceta está encharcada.

— E seu pau está latejando. Estamos brincando, ou você está me fodendo?

Posso dizer que sua mandíbula está apertada quando ele responde. — Cuidado, mulher. Você me disse que eu nunca poderia bater na sua bunda, mas você não disse nada sobre essa doce boceta.

Ele dá um aperto firme nas minhas dobras molhadas, me fazendo gritar. Também faz meus músculos da bunda apertarem ao redor dele.

Ele geme. Então decide tentar novamente.

É minha vez de gemer. Seus dedos são duros e calejados, e embora o aperto seja firme, não dói. Se alguma coisa, é uma bela distração.

Eu sussurro: — Então, bata nela...

Respirando irregularmente, ele faz uma pausa por apenas um segundo antes de deslizar os dedos pelas minhas dobras, para cima e para baixo, até do lado de fora, sobre minhas coxas. Eu ouço o

barulho que faz, seus dedos cobertos pela minha maciez, e sinto meu rosto queimar.

Esqueço meu rosto queimando quando ele me dá um tapa inteligente entre as pernas.

— Ah!

A dor disso é rapidamente substituída por uma enxurrada de calor que faz meus músculos relaxarem e meu maxilar ficar frouxo. Depois disso, um pulso constante de prazer pulsando para fora do meu núcleo me faz estremecer.

Soando triunfante, ele sussurra: — Você gostou.

— Sim.

— Diga.

— Eu gostei.

Ele ri. — Claro que você gostou. Sabe por quê?

— Porque estou doente.

— Não, doce menina. Porque você é minha.

Minha respiração trava. Meu coração bate. Eu me sinto trêmula e tonta e muito viva. Tão viva, estou voando.

Meu rosto meio enterrado nos cobertores, eu sussurro: — Goze em mim assim, Quinn. Foda-me com força e espanque minha boceta e goze dentro de mim. Eu preciso sentir você gozar. Quero que gozemos ao mesmo tempo.

Acariciando meu clitóris dolorido com uma mão, Quinn desliza a outra pelas minhas costas até minha nuca, depois para baixo novamente, seus dedos suavemente traçando o contorno das minhas cicatrizes.

Em uma voz reverente, ele diz: — Comecei a desfazer-me no primeiro momento em que coloquei os olhos em você, víbora. E mesmo que esta noite seja tudo o que recebo, nunca mais serei ferido corretamente.

Ele bombeia em mim, começando com força e continuando ainda mais forte enquanto brinca com minha boceta, parando de vez em quando para dar um tapa rápido que me faz chorar e perder a

cabeça.

O movimento de seus quadris só vacila quando ele grita: — Estou lá.

— Eu também.

— Ah, porra, víbora...

— Quinn! Quinn!

Nós gememos alto juntos, tão alto que ecoa nas paredes. Ele enfia o dedo profundamente dentro da minha boceta. Eu recuo contra ele, apertando e apertando, estremecendo incontrolavelmente.

Ainda bombeando em minha bunda, ele se inclina e descansa a testa entre minhas omoplatas enquanto se derrama dentro de mim.

Pressionando seus lábios na minha espinha, ele sussurra meu nome em um longo e baixo gemido.

Qualquer chance que eu achava que tinha de não me apaixonar por esse homem evapora no ar.

Aconteça o que acontecer quando o sol nascer, meu pequeno coração frio está agora em suas mãos.

REY

Nós deitamos juntos na cama como vítimas de um acidente de avião. Nenhum de nós fala. É só quando ouço meu celular tocando de dentro da minha bolsa do outro lado do quarto que eu me sento.

Lentamente, porque estou tonta.

Quinn murmura: — Eu vou pegar.

Ele balança as pernas sobre a beirada da cama e se levanta, colocando-se de volta em sua cueca. Atravessando o quarto, ele fecha as calças. E volta em um momento com meu telefone, duas aspirinas e um copo de água.

O telefone parou de tocar, mas o número na tela é de Gianni.

— Aqui. Tome isto.

Quinn me entrega os comprimidos. Eu os coloco em minha boca, aceito o copo de água e bebo profundamente, tudo isso evitando seus olhos.

Sinto como se meu coração estivesse exposto, batendo fora do meu peito. Como se cada nervo tivesse sido despojado de seu revestimento protetor. Nunca me senti mais nua na minha vida.

Quinn pega o copo vazio de mim e o coloca na mesa de cabeceira. Então ele me beija na testa e puxa o cobertor felpudo dobrado da ponta da cama. Ele o envolve em volta do meu corpo, acariciando meu pescoço e se sentando ao meu lado para me puxar para o círculo quente e seguro de seus braços.

Fecho os olhos e deixo que ele me abrace enquanto cheiro seu pescoço e me pergunto como me desculpar educadamente para poder ir ao banheiro.

Ele me salva do constrangimento ao me pegar e me levar lá ele mesmo.

Ele me coloca na frente do balcão, beija minha testa novamente,

então murmura: — Eu vou te dar um minuto. Não tranque a porta.

Como se eu pudesse operar algo tão complexo quanto uma maçaneta de porta agora. Nem sei dizer em que ano estamos.

Ele fecha a porta, deixando-me sozinha com meu reflexo atordoad no espelho. Corada e manchada, meu cabelo emaranhado e meus olhos turvos, quase não me reconheço.

Eu me afasto da estranha no espelho. Uso o banheiro e lavo as mãos. Enrolo o cobertor em volta dos ombros novamente e ligo para Gianni.

Ele atende no primeiro toque, soando alegre e relaxado, como se estivesse desfrutando de umas férias encantadoras no Caribe. — Reyna! Como vai, *sorellina*?

— Onde você esteve?

Não sei se é o tom monótono e descontente da minha voz que o faz parar, ou se ele pode dizer que acabei de ser usada da maneira mais brutal e bonita, mas ele leva um momento antes de responder.

— Estou no Four Seasons com Mamma.

— Não foi isso que perguntei. Ouça com atenção. Onde você esteve?

A irritação se insinua em seu tom despreocupado de férias. — Desde quando eu te devo satisfação?

— Desde que me casei com um irlandês para salvar a família. Só vou perguntar mais uma vez, depois mando aquele irlandês para quebrar suas rótulas. Onde você esteve?

Ele retruca: — Cuidando dos negócios.

— Que negócio?

— *Meu* negócio, é isso. Só porque você está casada agora não significa que eu preciso lhe dar um itinerário.

— Talvez não. Mas você vai me dar uma cópia desse contrato de casamento. Por e-mail para mim. Agora mesmo. Quero saber os termos que você negociou.

Indignado por eu estar dando ordens, ele começa a balbuciar algo sobre ser o chefe da família, mas eu ignoro isso e falo por cima

dele.

— Encontrei-me com o Alessandro.

Silêncio. Eu o ouço respirando do outro lado da linha, mas fora isso, ele não diz uma palavra.

— Massimo, Tomasi e Aldo também.

— Quando? Por quê? O que eles queriam?

— Esta manhã. Entraram em contato com Declan O'Donnell e combinaram. Eles pareciam muito interessados no que você poderia fazer em seu tempo livre. Sabe, como quando você desaparece misteriosamente.

Outro silêncio, este tenso. Eu sinto seu nervosismo tão claramente como se ele tivesse estendido a mão e me agarrado com uma mão trêmula.

— O que está acontecendo, Gianni? No que você se meteu?

— Nada. Não seja estúpida. Tenho tudo sob controle.

Falo baixinho: — Estou quase pensando em contar uma mentira desagradável a Quinn sobre algo que você disse sobre mim e mandá-lo até aí para modelar seu rosto, então é melhor você parar de me enrolar ou essa conversa acaba.

Ele rosna: — Vinte e quatro horas com ele e de repente você pensa que está no comando desta família?

— Sempre fui responsável por esta família. Eu só tenho deixado você segurar as rédeas por um tempo. Agora fale antes que as coisas saiam do controle.

— Foda-se, Reyna. Não estou lhe dizendo nada.

Nós respiramos com raiva um para o outro por um tempo, até eu decidir que não vale a pena ficar chateada. O que quer que esteja fazendo, acabará vindo à tona eventualmente.

— Lili e Juan Pablo chegaram ao México com segurança. Caso esteja interessado.

Ele murmura um juramento em italiano. — Não estou interessado. Não tenho mais filha.

— Você ainda tem mãe? Porque ela está sentada sozinha em um quarto de hotel dia e noite. Tenho estado preocupada.

— Você está brincando? Ela está tendo o melhor momento de sua vida. Quando voltei para o quarto, ela estava dando uma festa para a equipe de limpeza. Tenho uma conta de serviço de quarto de dois mil dólares aqui com a assinatura dela.

Isso me faz sorrir. E suponho que não deveria ter me preocupado com ela. Ela passou por tanto quanto eu e ainda está sobrevivendo.

— Estamos partindo para Nova York pela manhã. Quais são seus planos?

— Eles estão em desenvolvimento. Eu aviso você. A propósito, de nada.

Ele faz uma pausa. — Pelo que?

— Jesus Cristo, Gianni. Você é um idiota. Não se esqueça de me enviar o contrato.

Desligo e coloco o telefone no balcão. Quando abro a porta do banheiro, Quinn está bem ali, encostado na parede com os braços cruzados sobre o peito.

Ele diz: — Você poderia ter me pedido o contrato.

— *Earwiges*, você estava ouvindo?

— Sim. Não gosto de não saber o que está acontecendo.

— Sério? Que surpresa estupenda.

Seu sorriso é tão suave quanto seus olhos. — Pedi serviço de quarto. Achei que você poderia estar com fome.

— Oh! Graças a Deus. Eu realmente gosto de Sloane, mas nunca tive uma refeição tão ruim na minha vida.

— Ela está muito preocupada com sua saúde.

— Ela está com a saúde de Declan? Porque parece que seu pobre marido pode morrer de fome comendo aquele papelão picado que ela chama de comida.

Ele estende a mão e tira uma mecha de cabelo da minha bochecha, colocando-a atrás da minha orelha. — Declan comeria vidro

quebrado se fosse isso que Sloane estivesse servindo.

Lembro-me de como seus olhos acompanharam cada movimento e sorriso dela. — Ele parece um pouco obcecado por ela.

Quinn me puxa contra seu peito, envolve seus braços em volta de mim e olha nos meus olhos. — Sim — diz ele rispidamente. — Os irlandeses levam o amor muito a sério.

Não derreta. Você tem um monte de coisas importantes para fazer. Se você derreter, não chegará a nenhuma delas.

Acho que ele pode dizer que estou nervosa com esse comentário, então ele muda de assunto. — Declan diz que terá informações para nós dentro de alguns dias.

— Sobre o que?

— Quem entrou na casa procurando por Lili.

Eu sulco minha boca em confusão. — Como Declan pode obter essa informação?

Seu sorriso é misterioso. — Ele tem amigos em lugares baixos.

— Bem, isso é bom. Embora eu duvide que Gianni se importe neste momento. Ele acabou de me dizer que não tem mais uma filha.

— Vamos parar de falar sobre seu irmão idiota agora.

— Combinado. Sobre o que devemos falar em vez disso?

Ele me considera em silêncio pensativo por um momento, então me balança em seus braços e nos leva de volta para a cama.

Esticando-se ao meu lado, ele desliza um braço pesado sobre minha cintura e coloca o nariz no meu cabelo. Com os olhos fechados e a voz áspera, ele diz: — Pense no que você quer. O que realmente quer, não o que você acha que precisa acontecer. Vamos falar sobre isso.

Eu me deito lá, minha mente em branco. — Eu nunca tive ninguém me perguntando o que eu quero antes.

— Eu estou perguntando.

— Eu não saberia por onde começar.

— Comece com como seria um bom dia. Seu dia perfeito. Imagine isso.

— Então o quê?

— Então eu vou fazer acontecer.

Fecho os olhos com força, respiro fundo e tento falar com o sapo na minha garganta. — Quinn, você não tem que cuidar de mim.

— Alguém tem que fazer isso. Pode muito bem ser seu marido falso.

Envolvo meus dedos em torno de seus bíceps duros e estremeço de prazer. Ele me faz sentir como se um tapete vermelho tivesse sido desenrolado sob meus pés, estendendo-se à minha frente até onde posso ver. E quando eu descer, serei banhada em pétalas de rosa com cor de anjos cantores flutuando acima.

— Ok... meu dia perfeito. — Eu penso por um tempo, tentando diferentes cenários. — Começaria com o café da manhã na cama. Que outra pessoa fez para mim.

Quinn faz um barulho suave de encorajamento.

— Então eu faria uma massagem. Em casa. De um jovem muito bonito que estaria recebendo uma quantia para me mimar.

— Você não teria que pagar nada a ele. Os homens fariam fila na rua para ter a chance de colocar as mãos em seu corpo nu.

— Cala a boca, por favor. Esta é a minha fantasia.

— Certo. Desculpe.

— Onde eu estava?

— Nua em uma cama de massagem com um jovem bonito.

— Posso dizer pelo seu tom que a ideia não lhe agrada.

— Não. Ele sairia de casa com uma marca do meu punho em seu rosto.

Eu suspiro. — De qualquer forma. Depois da massagem, eu tomaria um adorável banho quente e demorado.

— Sozinha?

— Você quer calar a boca?

Um resmungo de desagrado é a minha resposta.

— Então eu me vestiria com algo que me faria parecer dez quilos mais magra.

— Você acha que está acima do peso? Isso é idiota!

— Pelo amor de Deus. Isso vai levar uma eternidade.

— Desculpe. Vá em frente. Os meus lábios estão selados.

— Ah! Como se isso fosse acontecer.

Sufocando o riso, ele me aperta e acaricia meu pescoço.

— Como eu estava dizendo antes de ser tão rudemente interrompida, eu me vestiria. Então eu...

Eu tenho que parar. A imagem que se apresentou a mim é tão inesperada, é chocante.

Inconvenientemente sendo um homem com antenas afinadas, Quinn sente a mudança em mim. Ele levanta a cabeça e olha para o meu perfil.

— Então você faria o quê?

Meu coração bate. É difícil recuperar o fôlego. Olhando para o teto, eu digo incrédula: — Então eu acordaria as crianças e as prepararia para a escola.

Cada grama de relaxamento foge de seu corpo tão rápido que é como se ele tivesse sido substituído por um robô.

Um robô sexual escaldante com olhos ardentes e um pau de aço.

— Não diga nada, Quinn. Por favor. Eu não acho que posso lidar com o que está prestes a sair da sua boca.

Ele olha para o meu perfil com a intensidade aquecida de mil sóis.

Sóis que estão derretendo meus ovários com a consistência de manteiga aquecida.

Fecho os olhos para tentar me esconder dele.

Ele exige: — Você quer filhos?

Ah, foda-se. Aqui vamos nós. Por que eu simplesmente não mantive minha maldita boca fechada?

— Eu realmente nunca pensei sobre isso.

— Até agora — diz ele instantaneamente, seu corpo tão tenso quanto um fio ao lado do meu.

— Não exatamente. Não antes...

Ele grunhe: — O quê?

Abro os olhos e olho para ele. — Deixe pra lá! Isso não é um interrogatório!

Ele abaixa a cabeça até que nossos narizes se toquem e eu estou tentando não ficar vesga porque ele está tão perto. Sua voz mortalmente suave e seu corpo vibrando em tensão, ele ordena: — Termine. Esta. Frase.

Eu engulo e umedeço meus lábios, me perguntando se é assim que um rato se sente quando vê o gato faminto prestes a atacar. Muito suavemente, eu admito: — Não antes de conhecer você.

Pressionado contra meu quadril, sua ereção pulsa.

Sério, o homem toma muitas vitaminas.

Ele agarra meu queixo com sua mão grande. Ele desliza uma perna pesada sobre as minhas. Segurando-me em seu olhar abrasador, ele diz: — Então, o que estou ouvindo você dizer, Reyna Caruso, é que você quer ter filhos... *comigo*.

Eu estalo: — Não se eles terão seu gene de intensidade assustadora. Eles vão aterrorizar todas as outras crianças na escola.

— Diga. Você quer ter meus filhos.

— Quinn...

— Quantos? Diga-me.

— Podemos, por favor...

— Se você acha que eu vou deixar você sair deste quarto antes de terminarmos esta conversa, você está muito louca.

Eu digo com os dentes cerrados: — Tudo bem. Se você quer saber quantos filhos de fantasia eu gostaria, a resposta é cinco.

Seus olhos ardentes se arregalam. Em um sussurro exultante e atônito, ele diz: — *Cinco*.

Meu Deus. Eu criei um monstro. Se antes eu pensava que o ego dele era grande, agora não haverá como contê-lo. Teremos que nos mudar para o campo em uma fazenda de cem acres para ter espaço suficiente.

Digo rispidamente: — Ou talvez nenhum. Estou apenas improvisando aqui. Você insistiu.

Ele rola em cima de mim e segura minha cabeça em suas mãos. Ele me beija. Tão descontroladamente, é como se ele quisesse comer minha alma para fora do meu corpo.

Eu tento empurrá-lo, mas o homem pesa uma tonelada. E há essa ereção para enfrentar. A coisa tem vontade própria, sem falar no apetite de um atleta adolescente.

Quando ele finalmente interrompe o beijo, ele está respirando com dificuldade, seus olhos estão em chamas, e sua expressão só pode ser descrita como exultante. Ele parece ter acabado de voltar de uma viagem ao céu, onde teve um encontro pessoal com o próprio Deus.

— Você quer *meus* filhos.

Eu cubro meus olhos com uma mão.

Ele a puxa e insiste: — Você quer que *eu* te engravide.

Eu gemo.

Ele ri, e soa louco. — É por isso que você me implorou para gozar em você, querida. *Você quer que eu te engravide*.

— O que eu realmente quero é voltar no tempo para antes de termos essa conversa estúpida.

— Ah, não — diz ele, ainda rindo. — Esse gato está fora do saco, *lass*. Você pode não querer ser minha esposa, mas você quer meus bebês em sua barriga. *Cinco* deles.

— Sinto que este é um bom momento para lembrá-lo de que sou perfeitamente capaz de matar.

Ele me beija de novo, depois rola de costas, abre os braços e ri para o teto. Ele ri e ri, balançando a cama, até que eu me levanto, puxando o cobertor felpudo em volta de mim.

Com toda a dignidade que posso reunir, digo: — Estarei no banheiro até que o serviço de quarto chegue. Aproveite este momento, garoto engraçado. Ria. Porque quando você acordar de manhã, seus lábios estarão costurados.

Eu bato a porta do banheiro ao som da risada alegre de Quinn soando em meus ouvidos.

SPIDER

Quando a comida chega, eu me acalmo a ponto de sentir como se tivesse cheirado apenas meia linha de coca, não a coisa toda.

Ela quer ter meus bebês.

Ela pode negar o quanto quiser. Pode inventar qualquer tipo de mentira. Mas a expressão de vontade no seu rosto, quando começamos a falar sobre isso, ficará gravada na minha memória para sempre.

Eu deixo o rapaz do serviço de quarto entrar no quarto e assino a conta. Eu lhe dou uma gorjeta de quatrocentos por cento, porque o maldito menino Jesus em uma bolacha amanteigada do Ritz, Reyna Caruso quer que eu a engravide.

Estou tonto. Meu coração está palpitando. Eu tenho que beber dois copos inteiros de água antes que minha boca comece a ficar normal novamente.

Quando bato na porta do banheiro, Reyna abre com relutância.

— Você já terminou de gargalhar?

— Eu terminei — digo, sorrindo. — Quando você quer começar a trabalhar para engravidar? Porque eu estava pensando que agora seria ótimo.

Um rubor de cor se espalha por suas bochechas. Ela murmura: — Eu me arrependo de todas as decisões na minha vida que me levaram a este momento.

Eu a agarro e dou um beijo caloroso em sua boca. Quando me afasto, ela suspira.

— *Eca.* Você vai ficar realmente insuportável agora.

Eu a pego. Ela ainda está enrolada no cobertor e faz um peso confortável e felpudo em meus braços. Colocando-a cuidadosamente na beirada da cama, rolo o carrinho de serviço de quarto até ela e começo a remover as tampas dos pratos.

— Ok. Temos bife. Temos frango. Temos vegetais.

Ela diz: — E nós temos duzentos acompanhamentos. O que aconteceu, eles estavam em oferta?

— Eu não conseguia decidir o que queria, então pedi um pouco de tudo.

— Claro que você fez. E pare de sorrir assim. Você está me cegando.

— Não seja tão mal-humorada. É ruim para o bebê.

Ela cai de costas na cama e grita incoerentemente para o teto.

— Tão dramática — eu provoco, sentindo-me como um balão de hélio cheio demais. — Ah, é muito cedo para começar a escolher nomes? Porque eu tenho um monte de ideias.

Fechando os olhos, ela murmura: — Onde está um bom asteroide quando você precisa de um?

Deixo a minha voz firme. — E eu quero que você coma muito deste bife. Você vai precisar do ferro. Os fetos em desenvolvimento têm altas necessidades de ferro.

— Quinn?

— *Aye, lass?*

— Você é louco. — Quando sorrio para seu olhar maligno, ela acrescenta: — Certamente. Há uma cela acolchoada em algum lugar com seu nome na porta.

Meu sorriso cresce mais. — Casa de Spider. Adorei. Agora sente-se e deixe-me alimentá-la.

— Eu não sou uma inválida!

— Fique quieta, ou vou colocar outra coisa na sua boca para fazê-la calar.

Se um homem pudesse ser morto com um olhar, eu estaria morto mil vezes.

Não me lembro de ter me sentido tão feliz em toda a minha vida.

REY

Nós comemos. E com isso, quero dizer que Quinn me alimenta com pequenas porções de alimentos cuidadosamente cortados, certificando-se de incluir todos os vegetais que ele possa colocar na minha boca, enquanto fala sobre as necessidades nutricionais dos bebês.

Depois do jantar e a primeira do que eu temo que venham a ser muitas palestras sobre comer por dois, ele nos leva para o chuveiro, nos lava com o entusiasmo de um labrador em seu primeiro passeio no parque dos cachorros, depois volta para a cama comigo em seus braços.

Quando ele está deitado em cima de mim, queimando minhas retinas com o brilho de seu sorriso jubiloso, decido que é hora de fazer um ajuste à situação.

— Perdoe-me por interromper essa sua coisa aqui, mas ocorreu a você que eu poderia precisar de um descanso?

Ele junta as sobrancelhas. — Descanso?

— Deixe-me colocar desta forma: se eu inserisse um objeto do tamanho de um pino de boliche em seu traseiro, você acha que poderia voltar aos negócios como de costume depois? Você estaria cavalgando pelas planícies da Irlanda, saltando sobre os riachos e galopando a toda velocidade enquanto seu pobre traseiro em carne viva levava o peso de todo aquele empurrão na sela?

Ele parece estarecido. — Eu sabia que estava te machucando!
— Então, depois de um segundo: — Um pino de boliche?

Quando seu sorriso retorna, eu desisto. Fecho os olhos e suspiro pesadamente.

— Tudo bem, *lass* — diz ele, sua voz quente, sua boca perto do meu ouvido. — Nós vamos descansar. Teremos uma boa noite de sono. Você vai precisar, porque carregar bebês requer muita energia.

— Você pode parar de falar antes que eu me jogue pela janela,

por favor?

Ele rola, me arrasta para cima dele e esconde o rosto no meu pescoço enquanto ri.

Devo estar mais exausta do que percebo, porque adormeço em cima dele quase imediatamente.

* * *

O sonho começa com fogo.

Em cima de mim, ao meu redor, mesmo debaixo da minha pele. Estou sendo queimada viva de dentro para fora, e não há como escapar disso.

Exceto que não é realmente fogo. Só parece fogo.

Porque é exatamente assim que é ser chicoteada repetidamente com um chicote de couro.

Estou nua, gritando, rastejando sobre um piso frio de mármore em minhas mãos e joelhos, soluçando e implorando por misericórdia. Meu algoz não me dá nenhuma. Seguindo de perto enquanto eu luto por segurança, ele estala o chicote várias vezes, separando minha carne. Sangue respinga no mármore. Está quente e escorregadio sob as palmas das minhas mãos.

Um chute violento nas costelas me faz cair de lado. Deito-me no chão frio e duro de costas com os braços abertos, ofegante, implorando desesperadamente *não, não, não*, enquanto ele paira sobre mim, um corpo alto com um rosto sombreado e um braço levantado para atacar.

Ao cair, o chicote corta o ar com um assobio vicioso como mil cobras descendo com suas presas afiadas à mostra, preparadas para morder.

Eu grito a plenos pulmões, sabendo que ninguém vai me ouvir.

— Reyna! Acorde, baby! Acorde!

Quinn está gritando comigo. Segurando-me em seus braços e gritando.

Estou cega por um momento, vendo nada além de escuridão e ouvindo apenas meu batimento cardíaco acelerado e aquele silvo terrível que sempre vinha logo antes da dor explodir sobre mim.

Quando inalo uma respiração afiada, volto a mim lentamente. Centímetro por centímetro, a escuridão se retira. O calor do quarto e os braços de Quinn se infiltram, acalmando-me.

Estou segura. Em um quarto de hotel em Boston, não na casa em Nova York com Enzo.

Enzo está morto.

Ele nunca mais pode me machucar.

Exceto que ele pode, porque aquele filho da puta doente vive na minha memória.

Suando e tremendo, eu abaixo minha cabeça no peito de Quinn.

— Você está bem, amor — diz ele, parecendo abalado enquanto me balança em seus braços. — Você está bem. Estou aqui com você.

Os lençóis estão emaranhados ao nosso redor. Eu devia estar me debatendo. Eu me pergunto quanto tempo ele levou para me acordar.

Ele beija minha cabeça, então pega meu rosto em suas mãos. Seus olhos examinam os meus.

— Você estava tendo um pesadelo.

Minha voz crua, falo: — Enzo.

Ele estremece. — Ah, foda-se.

Ele me pega em seus braços e me segura até que minha respiração irregular volte ao normal, e eu não estou mais tremendo de pavor.

— O que eu posso fazer?

— Só isso. Eu vou ficar bem em um minuto.

Ele exala pesadamente, então puxa os cobertores para cima, me segurando com um braço. Ele nos acomoda de volta contra os travesseiros, enfiando minha cabeça sob seu queixo e envolvendo seus braços e pernas em volta de mim para que eu esteja envolta em seu calor.

Ficamos assim no escuro, respirando juntos, por um longo tempo. Podem ser minutos ou horas, não sei.

Eventualmente, um sentimento estranho toma conta de mim. Depois de examiná-lo por um tempo, percebo que é paz.

Eu nunca senti paz antes.

Em todos os meus trinta e três anos, nunca soube como é encontrar abrigo das tempestades que sempre me seguiram. Estou perdida no mar há tanto tempo que pensei que era isso que significava viver.

Não é até agora, com um vislumbre de um homem de cabelos dourados acenando para mim da margem ao longe, que percebo que as tempestades podem estar atrás de mim. Minhas velas estão cheias, os mares são mansos e o vento às minhas costas é suave e calmo.

Poderia finalmente estar voltando para casa.

Em voz baixa, digo: — Epinefrina.

— O quê?

Eu me afasto de Quinn, rolando e me sentando para balançar minhas pernas para o lado da cama. Eu coloco minha cabeça em minhas mãos e expiro uma respiração que eu estive segurando a minha vida toda. Ela estremece fora de mim, mais pesada que a gravidade.

— Eu disse epinefrina. Normalmente, é usada no tratamento de emergência para reações alérgicas. Mas em doses grandes o suficiente, vai parar o coração. E porque é um hormônio que ocorre naturalmente no corpo, não é automaticamente sinalizado no relatório do legista.

Quinn fica perfeitamente imóvel e em silêncio, ouvindo.

Eu lambo meus lábios secos. — Enzo era diabético. Ele tinha que se injetar insulina antes de cada refeição.

Depois de um longo momento, Quinn diz suavemente: — Você substituiu a insulina dele por epinefrina.

Olho pelas janelas para Boston brilhando como uma joia na noite e acho que já posso estar grávida. Eu já posso ter o filho desse homem crescendo dentro de mim. Eu não insisti que ele usasse proteção. Honestamente, nem pensei duas vezes.

Eu o queria desde o início. Muito antes que eu pudesse admitir para mim mesma, eu queria tudo o que ele poderia me dar.

Eu falo: — Ninguém mais na terra sabe disso. A causa oficial da morte foi uma súbita parada cardíaca. O diabetes é um fator de risco para isso. Ele também tinha gordura no fígado e níveis elevados de colesterol, então o legista não abriu um inquérito. Ele foi cremado, mas o legista guarda amostras de tecido biomarcador por cinco anos. Se eles soubessem procurar por hormônios adrenais elevados, eu estaria na prisão.

Olho para ele por cima do ombro. — Então você tem dois anos de excelente material de chantagem.

Ele olha para mim com um olhar de profunda admiração.

O que é mais uma prova de sua insanidade, considerando que acabei de confessar o assassinato do homem anterior em sua posição.

Ele diz: — Antiveneno.

— Eu deveria saber o que isso significa?

— Eu tenho uma alergia severa ao antiveneno de aranha. Fui picado por uma aranha quando tinha dez anos. A mordida foi ruim, dolorosa e inchou. Minha mãe me levou para o hospital, e eles me deram soro antiofídico. Eu teria sobrevivido à mordida muito bem, mas o antídoto quase me matou. Entrei em choque anafilático.

— Por que você está me dizendo isso?

— Então nós dois sabemos algo sobre o outro que ninguém mais sabe. Para que você não sinta que eu tenho algo para segurar você. E então sabe que eu confio em você com minha vida. — Sua voz baixa e seus olhos brilham. — Agora me pergunte qual foi a única coisa que me salvou de morrer de choque anafilático.

Meu coração bate dolorosamente forte. Sussurro: — Epinefrina.

Segurando meu olhar, ele assente.

Fecho os olhos e enterro o rosto nas mãos.

Então seus braços estão ao meu redor, me puxando para perto. No meu ouvido, ele diz: — Devemos nomear o primeiro bebê de *Epi*.

Minha risada é parte soluço. — Isso é doentio.

Ele finge estar sério. — Você tem razão. Que tal Nefrina? Epine? Rin?

— Oh, Deus. Nós dois vamos para o inferno.

— Com certeza. Teremos assentos na primeira fila. — Sua voz aquece. — Mas estaremos juntos.

Ele me arrasta de volta para o centro da cama e me abraça com força, me beijando por todo o meu rosto. Eu me deito em seus braços, envolta por ele e uma enorme sensação de admiração pelo quão estranho o mundo é.

— Então é sobre isso que sua tatuagem e apelido são?

— Sim. Depois que voltei do hospital, todas as crianças da vizinhança começaram a me chamar de Spider. Pegou. A tatuagem é um lembrete para deixar as coisas serem como são. Que às vezes lutar contra o que é pode piorar as coisas. E que o perigo real nunca é o que você pensa que é, então mantenha os olhos aguçados e a mente aberta antes de tomar uma decisão que possa mudar sua vida. Porque tudo está conectado, ligado em uma corrente delicada, como a teia de uma aranha.

— Ah, não — falo, minha voz embargada. — Nunca vou ser capaz de pensar que sua tatuagem é burra novamente.

Ele ri. — A maioria das pessoas acha que isso significa que eu passei um tempo na prisão, então fazer você pensar que é burrice é um upgrade.

— Eu não sabia que tatuagens de teia de aranha eram simbólicas para prisão.

— Tradicionalmente, sim. Mas elas podem ser simbólicas para muitas coisas. Uma luta que você teve que superar. Desejando se libertar de uma armadilha. Tempo passado longe da família. — Ele acrescenta amargamente: — Ou, no meu caso, um lembrete de que, se eu for mordido por uma aranha novamente, para não pegar o maldito soro antiofídico.

Começo a rir e não consigo parar. Eu me deito em seus braços e me dissolvo em uma risada impotente até meus lados doerem e meu rosto parecer estar preso.

Quando finalmente me acalmo e estou suspirando, Quinn beija o topo da minha cabeça.

— Vá dormir agora, *lass*. E chega de pesadelos, entendeu? Nunca mais precisa ter medo de nada. Você me tem para cuidar de você agora. Eu nunca vou deixar nada te machucar.

Adormeço com a imagem de uma enorme aranha dourada me balançando suavemente em sua teia enquanto está vigilante no escuro, pronta para dar uma mordida mortal em qualquer coisa que me ameace.

* * *

De manhã, Gianni liga furioso, exigindo saber o que eu disse aos outros chefes das famílias para que adiassem a votação do capo.

Quando digo docemente que ele esqueceu que sou apenas uma mulher estúpida e impotente, ele desliga na minha cara.

Quinn mostra uma contenção notável por não me atacar quando abro os olhos. Em vez disso, ele sugere irmos para sua casa para que eu possa decidir se quero morar lá, ou me mudar para o outro lado do mundo e morar em uma cabana para que ele não possa me encontrar.

Ele está tentando ser engraçado, mas eu posso dizer o quão nervoso está sobre isso.

Ainda não me comprometi a viver com ele. Ou assinar uma licença de casamento para legalizar o casamento na igreja.

A única coisa em que ambos concordamos até agora é o encontro de esperma e óvulo.

— Sim, eu gostaria de ver sua casa. Mas primeiro, gostaria de ver o contrato de casamento.

Ele torce os lábios. — Você está muito interessada nesse contrato, não é?

— Pode haver alguns itens que eu gostaria de renegociar.

— Humm.

— Que resposta segura. Mostre-me o contrato, Quinn. Vamos acabar com isso.

Ele o abre em seu laptop.

Tem vinte e sete páginas.

Percorrendo o documento, digo fracamente: — Que porra é essa?

Andando atrás de mim com os braços cruzados sobre o peito, Quinn diz: — Você acha que os termos que unem dois impérios criminosos internacionais seriam rabiscados em um guardanapo?

— Não. Também não pensei que seria a Carta Magna.

— Continue lendo.

Eu leio. Ele entra em detalhes notáveis sobre rotas comerciais, condições de pagamento, territórios atribuídos, quem se reporta a quem, como as disputas devem ser tratadas, gatilhos de rescisão, jurisdições e a hierarquia dos gerentes dessas jurisdições. Entre outras coisas.

É possivelmente o acordo pré-nupcial mais complicado já criado.

— O que é essa seção sobre alguém chamado Stavros? É muito ambíguo.

Quinn espia por cima do meu ombro para ler. — É uma condição que Gianni concordou em cumprir como parte do acordo.

— Então o que é?

Ele se endireita e olha para mim. — Gianni tem que matar Stavros. Pessoalmente. E mostrar a prova.

— Percebo. E o que esse Stavros fez que Declan o quis no contrato?

— Ele é o ex de Sloane.

— Ele era abusivo?

Ele bufa. — Stavros não conseguiria abusar de uma vespa o picando repetidamente no rosto.

Eu franzo minhas sobrancelhas. — Então, por que Declan o quer morto?

— É uma longa história.

Eu digo com firmeza: — Então ficarei por aqui enquanto você

conta.

Suspirando, Quinn se vira e começa a andar novamente. — Um homem chamado Kazimir Portnov está no controle da Bratva aqui nos EUA. Ele atende por Kage.

— Sim, eu ouvi o nome.

— Declan pediu a ajuda de Kage quando Riley foi sequestrada e levada para Moscou. Em troca, Kage recebeu um favor de Declan. Ele tinha que fazer um favor a Kage, não importa o que fosse, sem perguntas.

— Ok. Estou seguindo.

— O favor de Kage foi que Declan tinha que matar Stavros.

— Por que Kage queria Stavros morto?

— Porque ele é russo. Eles são loucos.

— Diz o louco. Não está bom o suficiente. Continue.

Depois de um rosnado agravado, Quinn diz: — Declan não pode matar Stavros porque prometeu a Sloane que nunca o faria. E Kage, sendo o psicopata que ele é, pensou que seria muito divertido fazer de seu favor algo que Declan havia prometido a sua esposa que ele nunca faria e ver como ele lidaria com isso.

— Ok. Mas por que Kage queria Stavros morto em primeiro lugar?

— Deslealdade. Pelo menos foi o que Declan me disse. Realmente poderia ser nada mais do que Kage sendo Kage.

— Stavros é russo?

— Sim.

Pensando nisso, volto minha atenção para a tela do computador. — Então Sloane não sabe sobre esse favor?

— Não exatamente o motivo.

Eu não gosto do som disso. Mesmo que ainda não estejamos próximas, Sloane é alguém que eu vejo como uma boa amiga. E eu sei o suficiente sobre ela para saber que não gostaria desse tipo de negócio escondido.

— O que também significa que ela não sabe que Declan colocou isso no contrato de casamento.

Ele ri. — Não é como se ele fosse dizer a ela, *lass*. Se Sloane descobrisse que Declan havia quebrado sua promessa, ele perderia duas bolas.

Assim como eu pensei. É uma brilhante peça de estratégia da parte de Declan, mas se Sloane descobrisse sobre essa jogada de xadrez inteligente dele, ela se sentiria traída com razão.

Esses homens pensam que são tão inteligentes.

Mas se fossem realmente inteligentes, teriam muito mais medo de suas esposas.

Eu passo para outros itens, pedindo a Quinn para explicar e elaborar. Eu recebo uma educação sobre os aspectos técnicos e logísticos de como drogas e armas são transportadas através das fronteiras, como o dinheiro muda de mãos, como a aplicação da lei é usada para ajudar atividades ilegais ou evitadas onde não podem ser subornadas.

No final, tenho uma boa noção dos termos do contrato.

E uma noção ainda melhor de onde isso precisa ser mudado para o benefício da Máfia.

Fechando o laptop, eu digo: — Obrigada. Isso foi útil. Vamos ver sua casa.

— É isso?

— Você é o homem encarregado das negociações do contrato?

A expressão de Quinn escurece. — Declan é.

— Então é isso. Vamos lá.

Ele diz com firmeza: — *Lass*. O contrato não pode ser alterado. Já foi assinado.

Eu sorrio para ele. — Mas a licença de casamento não. E sem um casamento legal, o contrato não é vinculativo. Eu vi isso na seção dezoito B.

— Gianni não vai pedir mais concessões. Ele já está na lua sobre o que ele conseguiu.

Sim, mas não estou. E sinto-me bastante ambiciosa esta manhã.

Eu digo: — Vamos lá. — E vou até a porta.

REY

A casa que Quinn chama de lar é uma cobertura em um arranha-céu no meio da cidade que parece ter sido projetada por Morticia Addams no auge de um episódio depressivo.

Decorada inteiramente em tons de cinza e preto, o local é escuro, sofisticado e frio. É um lugar onde um clã de vampiros poderia se sentir confortável e bem-vindo.

Nem uma única mancha de cor anima o lugar. Não há uma almofada, fotografia ou planta à vista. Também não há carpetes ou tecidos quentes para suavizar o espaço. É tudo vidro, mármore, aço e superfícies refletoras frias.

Olhando ao redor da ecoante sala de estar, eu digo: — Nossa, que delícia. Se eu fosse um ciborgue, eu me conectaria direto.

— Costumava ser de Declan antes de se casar — diz Quinn, passando por mim com as mãos nos bolsos.

— Então é um apartamento de solteiro da Mob. Isso explica a falta de calor.

Quinn se vira para olhar para mim. — Acho que isso significa que você não gosta daqui.

Sentindo seu olhar em mim enquanto ando, vou até a cozinha. Há uma enorme ilha de mármore no meio dela, acompanhada por uma série de aparelhos de aço inoxidável à espreita na escuridão. Eles me olham desconfiados. Até o micro-ondas parece hostil.

Não quero ser má, então procuro algo para elogiar.

— O fogão é bom.

— Diga-me o que você acha do quarto.

Ele casualmente se afasta por um corredor. Espio a enorme sala de jantar e a biblioteca antes de seguir, ensurdecida com o som dos meus saltos batendo no chão de mármore, fragmentando-se em mil

ecos que saltam de volta para atacar meus ouvidos.

Quando entro no quarto principal, eu o encontro encostado a um bar com um livro em suas mãos. À direita dele, uma pilha de grandes caixas de papelão repousa contra a parede.

— O que são todas essas caixas?

— Seus pertences do seu quarto.

— Meu quarto na casa de Gianni em Nova York?

— Sim. Eu lhe disse que enviaria os rapazes para pegar suas coisas.

Olho para as caixas em estado de choque. — Como eles conseguiram tudo aqui tão rápido? E como eles entraram na casa quando não estávamos lá?

Ele sorri, folheando o livro. — Minha amiga Bettina, a governanta, os deixou entrar. Doce *lass*. Acho que ela gosta de mim.

— E eu acho que ela precisa ser demitida.

Ele ri. — Não é culpa dela que eu seja tão bonito e persuasivo. A propósito, este seu livro é *muito* interessante. — Ele o segura, exibindo a capa, que mostra uma mulher seminua e peituda desmaiando nos braços de um guerreiro musculoso.

“Devastada por um Ladino”. É um dos meus favoritos.

Quinn estala a língua. — Ela ganhou o Prêmio Nobel de Literatura? Parece muito intelectual.

Minhas bochechas esquentando, eu exijo: — Onde você conseguiu isso?

Ele gesticula em direção a uma caixa com a tampa aberta ao lado dele. — Uma delas foi rotulada de ‘coisas safadas’. Então, é claro que fui direto a ela. Interessante como este livro é brincalhão. Até tem seções destacadas. Oh, aqui está uma boa.

Com voz teatral, ele lê uma passagem em voz alta.

— *Ele repetidamente espetou sua virilidade túrgida em seu canal de veludo, excitado por seus luxuriosos gritos de prazer e a visão de seus seios voluptuosos e seus tensos e rosados mamilos balançando em suas mãos.*

Sorrindo, ele olha para mim. — Eu não tinha ideia de que os mamilos poderiam balançar.

Estou horrorizada ao perceber que minha querida coleção de livros eróticos vintage foi empacotada e entregue aqui – o que significa que os homens de Quinn tiveram que passar por eles para embalá-los – e também a minha querida coleção de brinquedos movidos à bateria descoberta e enviada junto com os livros.

Imagino meia dúzia de irlandeses no meu quarto, rindo e fazendo piadas sujas enquanto jogam meus vibradores favoritos como frisbees.

Posso estar em perigo de vomitar.

— Ah, não faça essa cara, lass. Tenho certeza de que ninguém vai pensar menos de você por gostar de tesouros literários como... — Ele enfia a mão na caixa e tira outro livro de bolso. — *“Esmaltada pelo Gladiador”*.

Quando ele olha para mim com as sobrelanceiras levantadas, eu digo: — Em minha defesa, esse está muito bem escrito.

— Ah, posso imaginar. As partes sobre como ele a esmaltou devem ser majestosas.

— Na verdade, são. Mas minha parte favorita está na página dezesseis.

Enquanto ele vira as páginas, ele murmura para si mesmo: — Ela está guardada na memória.

Ele encontra a página e começa a ler. Depois de vários momentos de silêncio, ele olha para mim.

Estranhamente excitada, eu digo: — O marido dela é um velho rico com problemas de ereção. E ela está desesperada para ter um filho. Então, quando o gladiador mais famoso, bonito e viril de Roma é preso e jogado em uma masmorra abaixo do Coliseu, ela decide fazer uma pequena visita conjugal para tentar obter um pouco de seu superesperma para um bebê.

— Por que ele foi preso?

— Quem se importa? Não é isso que é interessante sobre a história.

— Não, o que é interessante é que essa cena em que uma misteriosa mulher vestida com um manto entra na masmorra e tenta abrir caminho para as boas graças do gladiador para que ela possa colher seus genes superiores para seu futuro filho ocorre no *primeiro capítulo*. O que diabos acontece no resto do livro?

— Mais disso. Exceto mais tarde, ele sai da masmorra para encontrá-la porque ele está loucamente apaixonado por ela então.

Quinn olha para o livro. — Ela o tinha vendado pelos guardas antes de entrar na cela. Como ele sabia quem procurar?

— Pelo som de sua voz.

Ele olha de volta para mim, e agora seu tom é engraçado. — Entendo. Então ele sai de uma masmorra para procurar por toda Roma uma mulher que ele nunca viu antes. Excelente plano. Seu gladiador é um idiota.

Sinto-me irracionalmente presunçosa em informá-lo do contrário. — Mas ele a encontrou, então ele não é.

Exasperado, ele diz: — Como ele a encontrou? Telepatia?

— Ele estava no mercado e a ouviu conversando com o vendedor de tomates.

Quando ele me olha incrédulo, eu sorrio. — Então, Maximus Aurelius Tiberius... quão forte é o seu esperma?

Seus olhos se aguçam. Suas cargas de energia. Juro que vejo seus caninos se alongarem.

Deixando de lado os livros no balcão do bar, ele diz rispidamente: — Se você quiser colher, Antonia Octavia Flavius, terá que fazer à moda antiga.

Eu me aproximo dele, segurando seu olhar predatório. — Mas eu trouxe esta urna especial de terracota para coletar sua semente, gladiador. Eu sou casada. Simplesmente *não posso* trair meus votos de casamento.

Assim que estou a um braço de distância, Quinn estende a mão e me agarra. Ele prende meus braços atrás das costas, me puxa contra seu corpo e me encara com olhos ardentes.

— Se o seu marido é velho demais para foder você

corretamente, seus votos de casamento já estão quebrados.

Eu timidamente bato meus cílios. — Mas senhor, eu sou uma senhora da classe. Eu nunca poderia fornicar com um mero soldado. Um criminoso cruel. Um homem condenado à morte por seus crimes.

Olhando para a minha boca, ele lambe os lábios. — Você não pode ter minha semente a menos que venha pegar.

Quando eu me contorço contra ele, esfregando meus seios contra seu peito, ele rosna. Seus olhos escurecem. Sua ereção crescente pressiona contra meu quadril.

Não sei quem gosta mais desse jogo, ele ou eu.

Eu falo sem fôlego: — Você deveria estar amarrado a uma cadeira e com os olhos vendados.

Ele olha ao redor do quarto. Soltando-me, ele caminha até uma mesa na parede oposta e puxa a cadeira debaixo dela. Ele a coloca na minha frente, senta-se nela, tira a gravata e a estende.

Quando eu pego, ele arranca o paletó e a camisa e os joga no chão. Despido até a cintura, ele fica ali sentado olhando para mim com uma intensidade de fogo, com o peito subindo e descendo e todos os tendões do pescoço se destacando.

— Mãos atrás das costas, gladiador.

Ele instantaneamente junta as mãos atrás da cadeira.

Eu poderia perder a consciência de excitação.

Dando um passo atrás dele, eu enrolo a gravata em volta de sua cabeça, cobrindo seus olhos, e dou um nó atrás. Eu me curvo e beijo seu pescoço, sussurrando em seu ouvido: — Você vai ser um bom gladiador e manter suas mãos atrás de você, ou eu preciso encontrar algo para amarrá-las?

— Serei bom — diz ele, praticamente ofegante.

Como recompensa, beijo seu pescoço novamente, mordendo-o suavemente, depois lambendo o ferrão. Ele geme baixinho, inquieto.

Quando me endireito, sinto-me tonta. Eu ando até sua frente e monto em seu colo. Entre minhas pernas, sua ereção é enorme.

Coçando minhas unhas levemente sobre seus ombros, eu

sussurro: — Você é o gladiador mais lindo que eu já vi. Tão forte. Olhe para todos esses belos músculos.

Ele se inclina para frente, caçando cegamente minha boca. Eu dou a ele, emocionada com o som animal que ele faz quando nossos lábios se encontram. Nós nos beijamos profundamente, até meus mamilos doerem por sua boca e o latejar entre minhas pernas se tornar insuportável.

Eu me levanto, abro o zíper do meu vestido e tiro-o. Eu removo minha calcinha e meus saltos. Então eu me ajoelho na frente de Quinn e desafio seu cinto.

Quando eu tenho seu zíper para baixo, seu pau duro está orgulhosamente se projetando do topo de sua cueca.

— Ah, gladiador. Você é tão talentoso quanto eu ouvi.

Espalho minhas mãos sobre suas coxas e lambo a coroa ingurgitada.

Ele geme, flexionando os quadris. Todos os músculos de seu estômago se contraem.

Eu pego seu pau com as duas mãos e o lambo todo, girando minha cabeça ao redor da coroa e chupando, então arrastando minha língua para cima e para baixo na veia pulsante. Quando o tenho bem duro e liso, monto nele novamente, pressionando meus seios nus contra seu peito.

Seu pau duro está preso entre nós, preso em minhas dobras molhadas. Eu deslizo para frente e para trás nele, mal movendo meus quadris.

Ele diz com os dentes cerrados: — Mais. Dentro.

Beijando seu pescoço, eu sorrio. — Você não está no comando aqui. Você é um prisioneiro, lembra?

— Porra.

Flexionando meus quadris para frente e para trás, eu pego seu rosto em minhas mãos e guio sua boca para o meu peito. Ele agarra um mamilo com um som de alívio, sugando tão forte, suas bochechas vazias.

— Isso é tão bom — eu sussurro, enfiando meus dedos em seu

cabelo. — Eu amo sua boca.

Dou-lhe meu outro seio e ele faz a mesma coisa, lambendo e chupando avidamente. Cada puxão de seus lábios é uma flecha de prazer atirada na minha boceta. Estou tão molhada, a fricção tão deliciosa, eu gemo enquanto deslizo para frente e para trás sobre o comprimento de seu pênis rígido.

Digo sem fôlego: — Acho que devo ir, Maximus. Este é um plano perigoso. Se formos descobertos, meu marido vai me matar.

Ele rosna: — Vou matar seu marido antes que ele descubra. Então podemos ficar juntos.

— Mas você está trancado nesta masmorra!

— Não por muito tempo. Agora pegue meu pau grande de gladiador dentro da sua boceta bonita de classe e monte nele até que eu lhe dê o que você veio buscar.

Rindo de euforia, eu cavo minhas unhas em seus ombros e afundo em seu pau gigante.

Ele empurra em mim com um grunhido, fazendo meus seios saltarem. Equilibrando-me na ponta dos pés e segurando em seus ombros, eu deslizo para cima e para baixo em seu eixo, meus mamilos duros roçando seu peito, até que nós dois gememos alto.

Ofegante, ele diz: — Você está pronta para pegar meu esperma?

— Sim! Dê-me isto!

Ele agarra meus quadris e me puxa para baixo enquanto empurra para cima, xingando e empurrando com tanta força que a cadeira pula.

Eu o sinto derramar-se profundamente dentro de mim. Eu o sigo até a beira do esquecimento, convulsionando ao redor dele enquanto eu grito seu nome impotente.

— Pegue, baby — ele ordena calorosamente no meu ouvido. — Seja uma boa menina e tome cada gota de merda.

Uma onda de emoção toma conta de mim. Eu soluço e abaixo minha cabeça, escondendo meu rosto em seu pescoço. Ele desliza as mãos pelas minhas costas e me segura enquanto se esfrega em mim, rosnando de prazer, meu mafioso que me deixou vender seus olhos e

interpretou um gladiador maravilhoso.

Acho que eu poderia realmente gostar deste apartamento de solteiro depois de tudo.

REY

Passamos a noite aqui. Atuamos em mais duas cenas do livro. Recuso-me a participar de uma cena que Quinn achou particularmente fascinante, onde o gladiador demonstra exatamente como o título do romance foi inspirado.

Prefiro não ter uma ejaculação facial, muito obrigada. Minha pele já está bem hidratada.

De manhã, faço o café da manhã com o único abacate maduro no balcão, os três ovos na geladeira de idade indeterminada e o pão na despensa, metade do qual está mofado. Eu jogo fora o pior e tiro alguns pontos dos outros pedaços, então os frito com manteiga em uma panela.

— Torrada de abacate com ovos fritos — falo para Quinn, que está sentado sem camisa na ilha da cozinha. — É possível que isso te mate. Quando foi a última vez que você foi às compras?

— Por comida?

— Não, para urânio.

— Eu costumo comer fora.

— Ah. Você e Declan devem ter grandes contas de restaurante.

— Ah, sim. Temos grandes... contas. — Ele sorri, mordendo sua torrada.

— Cresça.

— Você adora, víbora.

Sim, mas não vou admitir. Isso só vai encorajá-lo.

Seu celular toca. Ainda sorrindo para mim, ele o tira do bolso da calça e responde.

— Alô. — Ele ouve por um momento, então olha para mim. —

Nós já vamos.

Quando ele desliga, eu digo: — Quem era?

— Declan. Ele tem notícias sobre o arrombamento. Diz que você vai querer ouvir pessoalmente.

Tomamos banho e trocamos de roupa, depois seguimos para o palácio que Declan chama de lar. Assim que nos sentamos em seu escritório, Declan diz: — Antes de começarmos a falar, Sloane me fez prometer marcar outro jantar com você. Então vamos resolver isso.

— Oh. Jantar.

Olho para Quinn, sentado ao meu lado com um sorriso sem graça. Seu trato digestivo provavelmente está mais preparado para lidar com as aventuras culinárias de Sloane do que o meu, provavelmente tendo sido submetido a elas antes.

— Na verdade, vamos voltar um segundo. Falemos de suas propostas.

Declan levanta as sobrancelhas.

Quinn avisa: — Reyna.

Eu sorrio para os dois e vou em frente com o que eu ia dizer. — Precisamos remover a seção do contrato sobre Stavros.

Declan se recosta em sua cadeira e cruza as mãos sobre o estômago. Ele fala arrastado: — Sabemos agora.

— Sim. E por favor, não seja paternalista. Essa é literalmente a minha coisa menos favorita.

Ele olha para Quinn, que parece preferir estar em qualquer outro lugar do que nesta sala, então olha de volta para mim. — O contrato já foi assinado.

— Mas não entra em vigor até que meu querido marido aqui e eu tenhamos assinado uma licença de casamento e seja arquivada com o funcionário do cartório. Até então, é apenas um monte de papel.

Quando Declan abaixa suas sobrancelhas escuras e me encara, falo inocentemente: — Ou estou errada?

O suspiro de Quinn é pesado.

Declan olha para mim com um olhar calculado em seus olhos azuis gelados. Tenho certeza de que se eu fosse um homem, ele seria terrivelmente assustador, mas agora, tudo o que estou sentindo é determinação.

Quero essa seção fora do contrato, e quero negociar alguns termos melhores para o meu lado, e não vou deixar este escritório até que ambas as coisas sejam feitas.

— Ouça. Ou você tira essa seção, ou direi a Sloane o que está lá. Você escolhe.

Em um tom cortante, Declan diz: — Poderia simplesmente cancelar a coisa toda...

Então ele quer jogar sujo. Bem, eu estou pronta para isso.

Sento-me na cadeira, cruço as pernas e dou de ombros. — Tudo bem por mim.

Gemendo, Quinn se inclina e deixa cair à cabeça em suas mãos.

— Seu irmão sabe que você está fazendo exigências em nome dele?

Segurando o olhar azul congelante de Declan, eu digo calmamente: — Estou fazendo exigências em nome da minha família e da minha nova amiga Sloane, não Gianni. Se ele tivesse meio cérebro, ele mesmo teria negociado um contrato melhor, mas já que sou eu quem está sentada aqui com um anel de casamento no dedo, é com você que estou lidando.

Depois de um longo momento de silêncio, Declan sorri.

— Tudo bem, *lass*. Vamos eliminar a seção de Stavros.

— Obrigada. Agora, em relação à seção vinte e quatro A. Vamos precisar de um cronograma de pagamento melhor para essas remessas para o exterior.

Em suas mãos, Quinn murmura: — Querido Deus do céu.

Mas Declan não parece nem um pouco surpreso ao ouvir que não terminei de fazer exigências. Ele simplesmente diz: — Por que você não coloca tudo por escrito e envia? Vamos pedir aos advogados que elaborem um novo rascunho e podemos analisá-lo então.

Quinn levanta a cabeça e olha para Declan como se tivesse

enlouquecido.

— Eu farei isso. Obrigada.

— Alguma outra surpresa que você gostaria de lançar em mim?

— Não no momento.

— Podemos chegar ao motivo de você estar aqui agora?

— Não há necessidade de ser grosseiro.

Declan olha para Quinn, que coloca as mãos no ar e balança a cabeça.

Declan leva o laptop para um lado da mesa e o vira para que a tela fique de frente para nós. Ele aperta um botão e um vídeo começa a ser reproduzido. É uma foto em preto e branco do que parece ser o feed da câmera de segurança em uma doca de carga vazia em um armazém.

— O que estou olhando?

— Apenas observe.

Franzindo o cenho, vejo uma van branca voltar para o cais. Suas portas traseiras se abrem. De algum lugar fora da câmera, sete homens emergem. Todos eles estão em uniformes pretos idênticos de botas de combate, calças e coletes táticos e camisas de manga comprida.

Eles também estão usando máscaras de esqui pretas e carregando rifles.

Os pelos em meus braços estão em pé.

Os homens entram na van. As portas traseiras se fecham. A van se afasta da doca de carga.

Eu olho para cima para encontrar Declan me observando atentamente. Ele diz: — Observe a placa sobre a porta ao fundo.

Olho para a tela. Há uma porta ao lado de onde a van parou. A placa acima diz: — *Indústrias Caruso. Somente funcionários.*

Algo sombrio e feio se forma na boca do meu estômago.

Eu digo baixinho: — Não.

Declan não responde. Ele aperta outro botão. Agora estou

olhando para uma van branca correndo por uma estrada rural. É a mesma van do vídeo. A vista desta vez é de cima.

A tela se divide em quatro visualizações diferentes, todas da mesma van acelerando pelas estradas, dirigindo de forma irregular.

Em Scardale.

Longe de casa.

Declan diz: — Câmeras de trânsito. Reconhece a área?

Com horror crescente, eu sussurro: — Ele não faria. Ele não poderia ter.

— Olha a hora.

Há um carimbo de data e hora no canto inferior direito de cada imagem. Todos mostram o dia e a hora da invasão.

Declan aperta outro botão. Agora estou ouvindo uma gravação da voz de um homem que não reconheço.

— Missão Charlie Foxtrot. Oscar Mike.

Declan diz: — Essa é a gíria militar para a missão foi uma merda, estou em movimento.

— Missão — repito fracamente, sentindo-me doente.

— A mensagem foi deixada no correio de voz do seu irmão cinco minutos após os carimbos de hora nas câmeras de trânsito.

— Não pode ter sido. Gianni tem excelente criptografia. Todas as suas comunicações, seu e-mail, tudo é seguro...

Eu paro quando Declan aperta o botão novamente e uma nova tela aparece. É um e-mail, datado de duas semanas atrás. Enviado para Gianni de alguém chamado *Hangfire*. O corpo do e-mail diz apenas: Fundos recebidos. O balão subiu.

— Isso significa que o problema está chegando — diz Declan, observando meu rosto. — Aquela data no final é quando a operação deveria ir ao ar.

É a mesma data nos vídeos da van branca.

Na mesma data em que os homens de preto invadiram a casa.

Meu coração batendo contra minha caixa torácica, eu digo: — Isso não faz sentido. Por que Gianni armaria um ataque à sua própria casa?

A voz de Declan é nivelada quando ele diz: — Por que seu irmão faz alguma coisa?

Ele não está fazendo uma pergunta retórica. E não preciso pensar muito antes de encontrar uma resposta.

Sussurro: — Dinheiro. Oh, Deus.

— O plano era sequestrar Lili e mantê-la como resgate.

— Mas ele estaria colocando seu próprio dinheiro para o resgate!

— A menos que eu me oferecesse para pagar — diz Quinn calmamente. — O que eu teria.

Declan diz: — Então esse dinheiro teria voltado para Gianni. Ou ele fez um palpite calculado que Spider colocaria o dinheiro ou não importava se o fizesse, porque havia um alvo maior.

— Que alvo?

Quando Declan apenas me encara em silêncio, eu sei qual é o alvo.

Ou melhor, quem.

Estou realmente enjoada agora, porque sei sem sombra de dúvida o que Gianni estava procurando.

Fecho os olhos e tento muito não gritar.

— Enzo tinha uma apólice de seguro de vida de dez milhões de dólares para mim. Eu não sabia sobre isso até depois de sua morte. Continuei pagando as apólices do seguro, mas mudei o beneficiário para Gianni. Na época, Lili ainda não tinha dezoito anos, ou teria sido ela.

Quinn diz: — Dez milhões? Por que ele teria todo esse trabalho por apenas dez milhões?

Abro meus olhos e encontro Declan olhando para mim com a resposta em seu próprio.

Ele já sabe.

— Isso era apenas a cereja no topo. O dinheiro real é o que herdei com a morte de Enzo.

Declan diz suavemente: — Duzentos e quarenta milhões de dólares.

Em choque, Quinn se vira para mim. — *O quê?*

— *Aye, lad.* Sua esposa é rica.

Depois de um momento de silêncio pensativo, Quinn diz: — Exceto que ela não é realmente minha esposa, é?

Eu não posso olhar para ele. Há uma nota de finalidade em sua voz, como se ele só agora percebesse que esse nosso não casamento está patinando em gelo muito fino.

Eu falo: — Isso não muda nada entre nós, Quinn.

Declan diz: — E se você fosse nomeada capo das Cinco Famílias? Isso mudaria alguma coisa?

Atordoada, eu olho para ele com os olhos arregalados e meu coração palpitando. Meu cérebro começa a correr.

Penso no estranho encontro com os chefes das outras quatro famílias naquele dia no armazém, na forma como senti que havia algo mais acontecendo do que eles disseram, e sinto um formigamento na espinha.

Eu também sei que tenho que andar com muito cuidado aqui, porque não tenho como saber se isso é uma armadilha, se estou sendo gravada, ou como Declan O'Donnell chegou a ter todas essas informações em suas mãos.

Quando se trata disso, a Máfia e a Mob ainda são inimigas. Sem essa licença de casamento, nosso relacionamento não existe.

Eu falo: — E se for uma questão perigosa. E aqui é onde eu assinalo que não tenho nenhuma prova de que nenhuma destas informações sejam reais. Tudo isso poderia ter sido facilmente fabricado por alguém com muita pouca habilidade.

Olhando para mim com o tipo de compostura que não esconde nada, Declan diz: — Houve uma votação esta manhã, Reyna.

— Gianni disse que a votação foi adiada.

— Disseram a ele que tinha sido, mas seguiu sem ele.

— Por quê?

— Porque eles já decidiram que ele não era mais bem-vindo na Família.

Minha voz subindo junto com minha raiva, eu digo: — O que diabos isso significa?

— Isso significa que eles receberam provas indiscutíveis de que Gianni vem desviando dinheiro das operações da Família há anos, além de muitos outros atos de deslealdade.

Digo categoricamente: — Deixe-me adivinhar. Você forneceu a eles a prova.

— Eu não.

— Quem então?

— Um terceiro interessado.

Eu posso dizer que é tudo o que vou conseguir, então eu mudo de marcha. — Preciso falar com meu irmão sobre tudo isso.

Depois de uma pausa, Declan diz baixinho: — Temo que isso não seja possível.

Parece uma ameaça.

O ar fica estático. Meu coração dispara. Cada músculo do meu corpo fica tenso.

Ao meu lado, Quinn também ficou tenso, olhando para frente e para trás entre nós com as mãos em volta dos braços de sua cadeira. Cada célula em seu corpo está pronta para entrar em ação, preparada para o estresse crepitante na sala.

Isso me atinge com uma explosão nuclear.

Se Declan tentasse me machucar, Quinn o mataria.

Seu chefe, seu amigo, uma pessoa que ele descreveu como o melhor homem que já conheceu. Ele o mataria para me proteger.

A emoção que sinto é tão crua e avassaladora que tenho que

inalar várias respirações lentas antes de poder falar novamente.

— Por que não?

— Porque Gianni está morto.

Quando eu pulo da minha cadeira, Quinn se move ao mesmo tempo, pulando para ficar na minha frente protetoramente com um rosnado e uma carranca ameaçadora na direção de Declan.

Declan nos observa com as sobrancelhas levantadas e um olhar de incredulidade no rosto. — O que diabos há de errado com vocês dois?

Quinn rosna: — Esta mulher pode estar carregando meu filho. Se você quer chegar até ela, você tem que passar por mim primeiro!

A risada de Declan é curta e atônita. Ele olha para mim como se estivesse se perguntando que tipo de feitiço eu coloquei em seu amigo, então olha de volta para Quinn. Ele balança a cabeça e exala.

— Sentem-se, seus bastardos malucos. Eu não estava ameaçando ninguém. Jesus, Maria e José, tenho um motim em minhas mãos. Eu sabia que hoje seria uma merda.

Ele se reclina em sua grande cadeira de couro de capitão com um suspiro e acena com a mão para nós como se estivéssemos sendo ridículos.

— Sentem-se!

Quinn olha para mim em busca de direção. Eu aceno, e nós dois cuidadosamente tomamos nossos lugares.

Declan diz irritado: — Pelo amor de Deus, *lad*, não fique me encarando com uma carranca tão feia! A última vez que ouvi, ainda estou no comando, então mostre um pouco de respeito!

Moendo seus molares, Quinn relutantemente se acomoda em sua cadeira.

Declan corta seu olhar para mim e diz acusadoramente: — O que você fez com ele? Ele está ainda mais tenso do que o normal!

— Ele está bem. Vamos voltar aos negócios, por favor.

Ele murmura para si mesmo: — Eu preciso de uma maldita bebida e ainda não são dez horas da maldita manhã. — Então,

excessivamente dramático, fala: — Agora que somos todos adultos civilizados novamente, vou continuar.

Ele clica no laptop por um segundo, procurando por algo. Em seguida, um vídeo começa a ser reproduzido.

Gianni está amarrado a uma cadeira no meio de uma sala vazia. Seus olhos estão fechados. Sua cabeça pende para um lado. Seu rosto está machucado e sangrando. Mais sangue mancha a frente de sua camisa branca e o chão embaixo da cadeira.

Levanto minha mão à minha boca, inalando bruscamente.

Declan diz: — Eu não vou te mostrar o pior. Alessandro enviou isso depois que ele me contou sobre a votação.

Um homem entra na imagem. É Massimo, fumando um cigarro enquanto circula Gianni. Ele diz: — *Então você roubou dinheiro de nós. Sua própria Família.*

Gianni murmura algo incoerente. Massimo chuta a cadeira e Gianni pula.

— *Sim. Eu fiz. Mas você tem que acreditar em mim, eu...*

Massimo chuta a cadeira novamente. Gianni fica em silêncio.

— *Não se preocupe com desculpas. Sabemos do dinheiro. Sabemos do produto roubado. Sabemos dos subornos que você pagou para tentar manter a boca de todo mundo fechada. Mas alguém sempre fala, Gianni. Você já deve saber disso. Alguém sempre fala.*

Massimo anda de um lado para o outro, balançando a cabeça em descrença. — *E sua própria filha? Ma daí! Você armou para sua própria filha ser sequestrada? Isso é doente pra caralho. Quem faz isso? Eu vou te dizer quem. Um grande pedaço de merda.*

Ele chuta a cadeira novamente. Gianni geme, balbuciando desculpas. Então Massimo olha direto para a câmera.

— *Ei, merda. Diga a sua irmã o que você tinha em mente para ela, hein? Diga a ela como você ia deixar um bando de mercenários mexer com ela antes que eles cortassem sua garganta. Como você prometeu a eles que poderiam usá-la.*

Um estrondo baixo e perigoso atravessa o peito de Quinn, mas além de uma profunda sensação de irrealidade, não sinto nada.

Massimo se afasta da câmera, fumando e circulando novamente. — *Nós pegamos aquele motorista, a propósito. Fiz ele falar do mesmo jeito que fizemos com você. Mannaggia a te³⁶! Espero que não lhes tenha pagado muito dinheiro. Que trabalho fodido foi esse. Ah, bem. Últimas palavras?*

De baixo do paletó, Massimo saca uma pistola.

Gianni começa a gritar. — *Minha filha fugiu com um mexicano! Ela é inútil! Ninguém se importa com o que acontece com ela! E minha irmã é uma prostituta sanguinária!*

Digo baixinho: — Ah, Gianni. Você sempre foi um idiota triste.

Eu me aproximo e paro o vídeo. Ele é interrompido quando Massimo está levantando a arma.

Sento-me com os olhos fechados por um tempo, ouvindo o silêncio na sala e pensando em meu irmão. Tentando lembrar de uma época em que estivemos próximos.

A memória não vem. Gianni e eu éramos parentes de sangue, mas nenhum outro laço de amizade ou amor jamais nos uniu.

Tal como aconteceu com Enzo, para ele eu não era nada mais do que uma coisa a ser usada para ganho pessoal.

Sinto o toque de Quinn no meu braço e abro os olhos.

Ele murmura: — Você está bem?

Não tenho certeza de como responder a isso, então não respondo. Eu olho para Declan em vez disso.

— Minha mãe?

— Ela está em um avião indo para casa em Nova York.

Eu aceno, pensando. — Então, a conclusão, se entendi corretamente, é que meu irmão traiu a Cosa Nostra e seu próprio sangue e foi baleado por causa disso.

— Sim.

Eu aceno novamente. — E houve uma votação para o novo capo esta manhã.

— Sim.

— E você está me pedindo para acreditar que uma instituição dominada por homens com centenas de anos decidiu do nada que deveria ter uma mulher como líder pela primeira vez.

— A votação foi dividida. Nem todos estavam a bordo.

— Deixe-me adivinhar. Massimo.

Declan levanta um ombro. — Alguns rapazes ainda não estão vivendo no século XXI.

— Por que eles simplesmente não elegeram outra pessoa? Alessandro, por exemplo?

— Eles podem se explicar melhor, *lass*, mas você é a única que se levantou na frente de quatrocentas testemunhas e do próprio Deus e jurou amar e obedecer a este maluco aqui para que você pudesse salvar sua sobrinha de levar um tiro. Você também poupou Juan Pablo de levar um tiro, e adivinha agora o tio Álvaro só quer fazer um acordo com a mulher que salvou a vida de seu querido sobrinho?

Meus lábios se curvam para cima. — Isso seria eu, eu presumo.

— Isso seria você. — Sua voz fica mais calma. — Você também é a *lass* que suportou quatorze anos de brutalidade sem reclamar...

— Como se alguém tivesse ouvido.

— ...e conseguiu cegar os olhos de cada oficial da lei quando ela eliminou cirurgicamente seu agressor.

Digo automaticamente: — Não matei meu marido.

Declan sorri. — E é uma grande mentirosa, para começar. Por que eles *não* a desejariam no comando?

— Ah, eu não sei. Minha vagina?

Ele ri disso. — Eu disse a eles que não renovaria o contrato com mais ninguém, então é isso.

Meu sentimento de irrealidade cresce. Estou desconectada do meu corpo, como se estivesse vendo tudo isso acontecer de algum lugar no alto. — Mas eu não assinei o contrato. Gianni fez.

Quinn e Declan apenas se sentam lá e olham para mim.

— E você sabia quando eu entrei nesta sala que Gianni estava

morto. Você só me deu a concessão sobre Stavros e me disse para enviar as outras alterações porque já sabia que eu tinha sido nomeada capo. Você até sabia naquela reunião no armazém com Alessandro e os outros que eles estavam testando minha lealdade. Você sabia na noite em que viemos jantar que a mulher que concordou em se casar com esse homem ao meu lado era uma candidata em potencial para o cargo mais poderoso da Cosa Nostra. Você sempre soube de muita coisa, Sr. O'Donnell.

Ele diz uniformemente: — Você não pode culpar um leopardo por suas manchas, *lass*.

— Ou um tigre por suas listras.

A tensão de Quinn está aumentando novamente. Mesmo sem quebrar o olhar de Declan, eu posso senti-lo ficando mais agitado, e eu sei o motivo.

Ele acabou de perceber que se eu sou capo, não há necessidade de me casar legalmente com ele.

Não precisamos de uma licença de casamento para tornar o contrato válido. Se eu sou o chefe da família criminosa Caruso agora, estou livre para negociar meus próprios contratos sem vender meu corpo como um ativo para ninguém.

Estou livre para me afastar deste *não-casamento* e ainda conseguir tudo o que quero.

Estou simplesmente... livre.

Eu olho para Quinn. Ele olha de volta para mim, tudo escrito em seu rosto tão claro como o dia.

Com uma voz rouca, ele diz: — Vou mandar suas coisas para onde você quiser.

Ele se levanta da cadeira e sai da sala com dificuldade.

SPIDER

Fico do lado de fora com o rosto virado para o céu e os olhos fechados, sentindo o calor do sol na minha pele e a frieza congelante dentro do meu coração.

Eu deveria saber que era bom demais para ser verdade.

Eu deveria saber.

Ouçoo passos. Não me viro nem abro os olhos.

Eu quero lembrar desse momento. Eu quero marcar cada pensamento e sentimento em minha memória, então se eu pensar que as coisas podem ter mudado para mim, se eu cometer o erro de ter esperança novamente, vou olhar para trás e me sentir queimando no chão e me afastar dessa esperança porque é mentira.

Sempre foi mentira.

Não há esperança para mim.

Só há miséria.

Declan diz gentilmente: — O que você está fazendo, *lad*?

— O que parece que estou fazendo?

— Sentindo pena de si mesmo.

— Com todo o respeito, chefe, vá embora.

Ele ri e coloca a mão no meu ombro. — Não me diga que você está se apaixonando por sua esposa.

— Apaixonado, passado. Já aconteceu. E ela não é minha esposa.

— Tudo é tão preto e branco com você. Tente olhar para os tons de cinza de vez em quando. Vai te fazer um pouco de bem.

Abro os olhos para encará-lo. De pé ao meu lado no jardim, ele

está sorrindo. Olhando para mim como se eu não tivesse acabado de ser expulso do trem da felicidade no qual estava andando desde o casamento.

— Esse é o seu conselho para mim agora? Olhar os tons de cinza?

— Sim. Além disso, talvez ficar por perto para o final de uma conversa antes de sair furioso em um drama adolescente.

— Eu não saí furioso! E eu não sou dramático!

Ele leva um momento para deixar o cabelo cair em volta do rosto antes de dizer: — Ah, não. Você não é. Você é tão calmo quanto um maldito buda.

Murmurando, desvio o olhar e cruzo os braços sobre o peito.

— Então qual é o seu plano, lover boy? Ficar aqui no jardim olhando para as pobres flores até escurecer?

— Eu não tenho um plano.

— Então talvez você possa entrar. As meninas estão tomando champanhe.

Eu viro minha cabeça e olho para ele. — Champanhe?

Ele sorri. — Sloane achou que um brinde cairia bem. Considerando que sua esposa é a primeira chefe feminina da Cosa Nostra.

Meu coração começa a bater mais rápido, eu falo: — Ela não é minha esposa.

Ele dá de ombros e desliza as mãos nos bolsos. — Se você diz. — Ele se vira e caminha de volta para a casa, assobiando “*Here Comes the Bride*”.

Minhas mãos começam a tremer. Eu começo a suar frio. Meu coração decide que agora seria um bom momento para testar seus limites para ver o quão rápido ele pode bater em um intervalo de dez segundos.

Não faça isso. Nem pense. Não tenha muitas esperanças, seu maldito imbecil.

Esta é apenas mais uma forma de o destino rir de você.

Fico preso no mesmo lugar por cinco minutos, discutindo comigo mesmo, até que Reyna aparece em uma janela.

Cabelo escuro, lábios vermelhos, pele morena.

Um vestido decotado.

Acres de decote.

E olhos que brilham prateados ao sol da manhã como o brilho das moedas no fundo de um poço dos desejos.

Meu coração acelerado solta um grito primitivo.

A primeira vez que a vi em uma janela, no dia em que fui encontrar Lili em Nova York e assinar o contrato, Reyna me olhou com aqueles olhos de sereia como se quisesse cortar minha garganta.

Agora ela está olhando para mim como se eu fosse a resposta para todas as perguntas que ela já se fez.

Ela sorri e curva um dedo. Então se vira, desaparecendo de vista.

Eu quase desmaio.

Em vez disso, corro em direção a casa, bombeando minhas pernas tão rápido quanto elas podem me levar.

REY

Estou bebendo da minha taça de champanhe quando Quinn entra pela porta da frente, gritando meu nome.

De pé na cozinha comigo e Sloane, Declan sorri. — Ah. O noivo chegou.

Olhos selvagens, sua cor alta, Quinn derrapa no corredor e vem direto para mim.

Sloane diz: — Cara, ele é intenso.

— Você não tem ideia. Oi, querido.

Sloane remove a taça de champanhe da minha mão um instante antes de Quinn me agarrar em um abraço de urso e me esmagar contra seu peito.

Seu coração bate contra o meu. Seus grandes braços apertam minhas costelas até que eu mal consigo respirar.

Eu rio, abraçando-o de volta. — Muito tempo sem nos ver, Dr. Jekyll. Ou é o Sr. Hyde? Eu nunca consigo me lembrar.

Contra o meu pescoço, ele diz rispidamente: — Víbora.

Eu sussurro: — É Antonia Octavia Flavius para você, gladiador.

Um arrepio percorre seu peito. Ele me abraça mais forte.

Declan limpa a garganta. — Nós vamos lhes dar dois minutos.

Quando Quinn finalmente me libera do abraço de urso, estamos sozinhos na cozinha. Inclinando-me contra ele, sorrio para a expressão de adoração, esperança e pavor em seu rosto.

— Você é um desastre emocional, querido marido.

Ele engole. Ele lambe os lábios. Ele diz: — Marido. — Como se não tivesse certeza se me ouviu corretamente.

Acariciando sua barba, eu digo: — Então há essa parte em todos os meus livros de romance que é chamada de momento sombrio. Ouviu falar? Não, claro que não. Os homens das cavernas não passam muito tempo lendo. É quando tudo parece perdido, como se o casal nunca pudesse resolver seus problemas e é o fim da estrada para eles. Você está prestando atenção? Parece estar gastando muito tempo olhando para o meu decote.

— Estou ouvindo — fala com uma voz grossa enquanto olha para o meu decote.

Eu suspiro. — De qualquer forma. Na vida real, as pessoas fazem essa coisa chamada comunicação. Agora, eu sei que você já ouviu falar disso, porque você cansou meus ouvidos fazendo exatamente isso. Exceto por algum motivo, você decide em um momento muito importante em nosso relacionamento que prefere sair correndo e quebrar as coisas do que falar comigo.

Ele troveja: — Eu não saí! E eu não quebrei nada!

Acaricio sua barba e sorrio para ele, meu louco mafioso irlandês com lindos olhos castanhos.

— Não há necessidade de romper meus tímpanos, querido. Como eu estava dizendo. O momento sombrio. Eu não quero ter um, porque este não é um romance, é a vida real. Então, se houver alguma pergunta que você gostaria de fazer sobre o que aconteceu no escritório de Declan ou pensamentos que você gostaria de compartilhar – em um volume normal – por favor, faça isso. — Fico na ponta dos pés e pressiono um beijo suave em seus lábios. — Porque eu tenho um encontro com um gladiador mais tarde, e realmente espero que ele apareça.

Ele exala e se dobra em volta de mim novamente, enterrando o rosto no meu cabelo.

— Acho que isso é um não — murmuro, acariciando minhas costas. — Mas só para ficarmos claros, Quinn, aconteça o que acontecer a seguir, eu quero você ao meu lado. Licença de casamento ou não, contrato ou não, chefe da Cosa Nostra ou não, eu quero você. — Eu rio baixinho. — Você e sua semente de gladiador superior com a qual eu gostaria de fazer bebês.

Ele geme. E me abraça mais forte. Então ele sussurra em meu ouvido: — Cinco deles.

— Você está pronto para isso?

— Estou pronto desde o primeiro segundo em que coloquei os olhos em você.

— Boa resposta. Hora de me beijar agora, Quinn.

Ele se afasta, seus olhos brilhando e sua expressão de pura devoção. — Você vai ser sempre tão mandona agora que está no comando da Cosa Nostra?

Meu sorriso se transforma em um enorme. — Ah, eu vou ser a *pior*.

Com uma risada, Quinn abaixa a cabeça e me beija.

É suave, profundo e tudo o que eu poderia pedir. Parece uma promessa feita, uma promessa mais forte do que qualquer assinatura em um documento legal ou voto falado na frente de quatrocentas testemunhas em uma igreja.

Parece um campo de flores abrindo seus botões ao sol depois de um longo inverno.

É como voltar para casa.

* * *

Naquela noite, encontro-me com os quatro chefes das outras famílias.

Aldo, Tomasi e Alessandro me cumprimentam com apertos de mão e sorrisos respeitosos. Massimo me cumprimenta da mesma forma, mas seu sorriso não chega aos seus olhos.

Terei que ter cuidado com esse. Ele é tão egoísta quanto Gianni, mas muito mais esperto.

Passamos três horas discutindo o passado, presente e futuro da Cosa Nostra nos Estados Unidos. Além disso, Alessandro me fornece um arquivo digital de todas as provas que eles coletaram sobre as traições de Gianni. Ninguém pede desculpas por sua morte ou me oferece condolências pela perda de meu irmão.

Eu não esperava tais gentilezas. Todos os homens fizeram saber

o preço da deslealdade.

Fez as mulheres saberem também.

Sangue entra, sangue sai. Tem sido o nosso modo de vida por séculos.

Há uma cerimônia formal de juramento. Recebo um anel de ouro com o brasão da família para usar. É muito grande para o meu mindinho, então o uso no dedo indicador da minha mão direita.

Ainda tem o sangue de Gianni.

Eu decido no local que nunca vou limpá-lo.

No final da reunião, quando as despedidas foram ditas e os outros saíram da sala dos fundos do restaurante, Massimo ficou para trás. Torcendo o anel do dedo mindinho com o polegar, ele olha para mim em um silêncio pensativo.

— Fale o que pensa Massimo — eu digo, de pé no lado oposto da mesa.

Depois de um momento, ele diz: — Enzo e eu éramos próximos. Você sabe disso.

— Eu sei. E também sei que você estava ciente do que ele fazia comigo.

— O que há entre marido e mulher é problema deles.

— Aonde você quer chegar?

Ele tira o sobretudo de lã de cashmere do encosto da cadeira e o veste. Leva seu tempo para abotoá-lo. Quando isso é feito, ele me olha com um olhar calculista.

— Você vai ter que escolher um lado, Reyna. Nós ou eles. Os outros podem pensar que seu casamento é uma vantagem para nós, mas eu não. Acho que é uma fraqueza.

— Por quê?

— Porque uma casa dividida contra si mesma não subsistirá.

Um leve sorriso levanta meus lábios. — Você está citando Abraham Lincoln. Isso é inesperado.

— Você entende o que estou dizendo.

— Entendo. Mas não há divisão.

— Não? Você será capaz de manter todos os nossos segredos de seu marido irlandês?

Segurando seu olhar desafiador, eu digo uniformemente: — Eu tenho guardado segredos minha vida inteira. Incluindo um sobre você, Massimo. Um bem grande.

Seus olhos se tornam fendas. — Como o quê?

Sorrio para sua mudança repentina de meramente desagradável para francamente hostil. — Como se tivesse feito um favor ao chefe de uma família inimiga que faria com que ambos fossem mortos se seus homens descobrissem. As pessoas não gostam de cobras. Especialmente a Bratva. Eles são verdadeiros vingadores.

As pupilas de Massimo se dilatam, mas ele não mostra nenhum outro sinal externo de emoção. — Eu não sei do que você está falando.

— Tudo bem, mas você realmente não deveria fazer ligações importantes em coquetéis. Principalmente no viva-voz. Nunca se sabe quem pode estar ouvindo na porta.

Eu o vejo trabalhando nisso, tentando decidir se estou blefando, tentando se lembrar de que festa nós poderíamos ter participado juntos onde ele fez uma ligação que deveria ter sido mais discreta.

Só para estarmos na mesma página, vou dar uma jogada útil à memória dele.

— Assassinar Maxim Mogdonovich em troca de um favor do homem que tomou seu lugar poderia ser visto tanto pela Bratva quanto pela Cosa Nostra como um pouco desleal, não acha? Com certeza, as plumas ficariam desfeitas de ambos os lados. Mas admito, fazer parecer que ele morreu em um motim na prisão foi um pequeno golpe de gênio. Eu mesma não poderia tê-lo feito melhor. Aposto que Kazimir Portnov apreciou sua criatividade. Oh, com licença. Você o chama de Kage. Suponho que quando você mata o chefe de alguém por ele, você fica um pouco amigável.

Nós nos encaramos do outro lado da mesa.

Vejo o momento exato em que ele decide que devo morrer e reviro os olhos para o teto.

Os homens são tão previsíveis.

Deslizo o lindo xale de seda vermelha que Quinn me comprou da parte de trás da minha cadeira e o enrolo em volta dos meus ombros. Então levanto o queixo e olho Massimo para baixo.

— Tomei precauções. Se alguma coisa acontecer comigo, um arquivo será liberado para as famílias. Para *todos* os membros de *todas* as Famílias, para ser precisa, não apenas os chefes. Esse arquivo contém tudo o que vi e ouvi desde criança. Todas as conversas que ninguém achava importante esconder de mim porque eu era mulher. Todas as minhas memórias e experiências. Todas as coisas que eu testemunhei. Tudo foi anotado e salvo em duplicata. Se eu morrer por qualquer motivo que não seja velhice avançada, esses arquivos serão enviados. — Eu estalo minha língua. — Imagine a informação que tenho, Massimo. Filha de um chefe da máfia, esposa de um capitão da máfia, irmã do chefe de uma das cinco famílias... sou uma porra de um *filão* de informações divertidas.

O rosto de Massimo fica vermelho. Uma veia em sua têmpora lateja. Ele retruca: — Bobagem.

Meu sorriso cresce mais. — É mesmo? Acho que o tempo dirá. Mas há uma coisa que nós dois sabemos com certeza, e é que você sempre me subestimou.

Eu seguro seu olhar enfurecido por um segundo antes de virar as costas e ir embora, deixando-o sozinho na mesa.

REY

Paris, setembro

— Que porra é *essa* coisa?

— Chama-se alta costura, Riley.

— Se *alta costura* é um código para extravagante e ridículo, então eu entendo Hollywood. Sério, onde no mundo você poderia sair em público usando um vestido de balão gigante? A menos que haja uma inundação, então suponho que aquela mistura hedionda de bolinhas de plástico poderia ser ótima como um dispositivo de flutuação.

Sloane suspira. — Vejo que viver na selva de uma floresta russa não fez nada para elevar seu senso de estilo.

Riley bufa e olha para a saia de Sloane. — Isso de uma mulher que acha que minissaias de tule rosa choque cobertas de lantejoulas e laços são o auge da moda.

— Não ouse insultar Betsey Johnson! E a alta costura é mágica, Smalls. É arte vestível.

— É coxo é o que é. Podemos sair agora? Estou morrendo de fome.

Estamos sentadas na segunda fila de assentos no desfile da Fendi, logo atrás de Victoria Beckham. À minha esquerda está Nat, a beldade de cabelos pretos noiva do chefe da Bratva nos EUA. À minha direita estão Sloane e sua irmã mais nova Riley, discutindo os méritos, ou a falta deles, da alta costura francesa.

Elas brigam constantemente, mas o amor entre elas é óbvio. Nos últimos três dias, desde que chegamos a Paris, elas brigaram tanto quanto se abraçaram.

Nós assistimos a modelo final desfilar pela passarela, então

levantamos e batemos palmas com o resto da plateia quando o desfile termina e o estilista sai sob aplausos estrondosos. Em seguida, abrimos caminho pela multidão, rumo ao *after-party* no Musée des Arts Décoratifs.

Somos seguidas por nada menos que duas dúzias de guarda-costas.

Armados e com olhos de águia, eles estão espalhados pela sala, movendo-se entre os clientes bem-vestidos como tubarões na água. A proteção era uma condição inegociável, na qual todos os nossos homens insistiram, embora não a única. A lista era longa.

Uma viagem de garotas a Paris é muito mais do que uma simples fuga quando as *garotas* pertencem a quatro dos homens mais poderosos e perigosos do crime organizado.

Homens que se odeiam.

Eles provavelmente odeiam ainda mais que não há como nos parar uma vez que nossas mentes estejam decididas.

Mas bastou uma única teleconferência entre nós quatro para nos convencer de que uma viagem de garotas era exatamente o que precisávamos. Se esses nossos homens vão ficar na garganta uns dos outros pelos próximos quarenta anos, seremos a cola que mantém esse show de merda unido.

E estamos usando a cola em Paris, comprando alta costura e comendo alta gastronomia.

Ninguém nunca disse que a política tinha que ser conduzida em ambientes sombrios.

Conversando sobre o desfile, viajamos para o museu em um comboio de SUVs blindados com janelas escurecidas. Entramos por um elevador privado na parte de trás do edifício. Uma vez dentro, os guarda-costas se espalham novamente, mantendo seus olhares predatórios para qualquer indício de perigo.

A festa depois é realizada no museu, um elegante espaço de três andares de arcos esculpidos, colunas de mármore branco e pisos de mármore brilhante. Expositores de manequins com vestidos de grife estão agrupados em plataformas elevadas. As paredes brilham com lavagens roxas de luz. Garçons uniformizados passam champanhe e canapés em bandejas de prata. Eu localizo quatro celebridades nos primeiros cinco minutos de nossa chegada.

Nós nos reunimos em torno de uma mesa de coquetel alta coberta de linho em uma extremidade da sala e conversamos, comemos e as pessoas observam enquanto mais convidados chegam.

Até que Riley diz de repente: — Uh... oh.

Mastigando uma tortinha de pera e gouda, Nat diz: — O que há de errado?

Já identifiquei o problema. — Oh, apenas uma pequena bomba-relógio ali.

Nat e Sloane seguem a direção que Riley e eu estamos olhando.

Em ambos os lados da extremidade oposta da sala, dois pares de homens estão olhando um para o outro. De um lado estão Declan e Quinn. Do outro estão Kage, noivo de Nat e chefe da Bratva americana, e Malek, noivo de Riley e chefe da Bratva em Moscou.

Todos os quatro estão com os braços cruzados sobre o peito e expressões de raiva assassina em seus rostos enquanto se encaram por cima da cabeça de todos.

Sloane ri. — Veja. Os meninos estão aqui!

Nat diz irritada: — Eu sabia que eles não ficariam no hotel como concordaram. Acho que eles estão nos seguindo toda vez que saímos.

Eu falo: — Claro que eles estão. Eles não podem ajudar a si mesmos. Toda essa energia de pau grande vem com alguns sérios efeitos colaterais de homem das cavernas.

— Devemos intervir? — pergunta Riley nervosamente. — Eu não gosto desse olhar no rosto de Mal.

O olhar que ela está se referindo é direcionado para Quinn, que está olhando de volta para Malek com os dentes à mostra.

Não é pior, no entanto, do que o olhar que Kage e Declan estão compartilhando, um brilho de ódio empolgante que poderia descascar a pintura das paredes.

Eu digo: — Não se preocupem com eles. É apenas um barulho de sabre. Eles sabem que não devem fazer isso conosco como testemunhas.

Sloane ri novamente. — Certo? Eles sabem o que vão enfrentar quando chegarem em casa, os pobres coitados.

— Eles podem ser bastardos, mas pobres eles definitivamente não são — diz Nat, virando-se para sorrir para mim. — Quantos quilates tem esse colar de diamantes, afinal? Cinquenta?

— Perto, mas não. E olha quem está falando. Quantos quilates tem esse anel?

— Dez. — Nat sorri para seu anel de noivado, um enorme pedaço de gelo que deve ter custado milhões de dólares a Kage. — Mas ele acha que eu preciso de algo maior. Quando ele viu o anel de Sloane, ficou muito bravo.

— Falando em anéis de noivado — diz Sloane, dando uma cotovelada em Riley com um sorriso. — Quando você e seu assassino russo gigante vão se casar?

— Provavelmente não até depois que o bebê nascer — Riley diz, acariciando sua barriga. Em comparação com o resto de sua pequena estrutura, a pequena protuberância que ela está crescendo parece grande. — Embora se dependesse dele, seria esta noite. Não estou com tanta pressa.

— Por que esperar?

Ela bufa. — Porque casamentos de gângsteres são assuntos tão calmos e simples, talvez?

Eu sorrio. — Um homem.

Sloane acena e toma um gole de champanhe. — Então vá a um juiz de paz ou algo assim. Eles têm isso na Rússia, eu presumo?

— Não seja esnobe. A Rússia não está no meio do nada.

— Exceto que a cabana em que você mora com seu homem e seu corvo de estimação fica literalmente no meio do nada.

— Corvo de estimação? — digo, interessada.

Riley sorri para mim. — O nome dele é Poe.

— Ah. Por causa de Edgar Allan. Muito esperto.

— O pássaro também. Juro que essa coisa é mais inteligente do que a maioria dos caras com quem Sloane namorou.

Nat impassível: — Não seria difícil.

— Muito engraçado, idiotas — Sloane fala alegremente. — Quero que vocês saibam que uma vez namorei um aluno de Rhodes.

— Uma vez sendo a palavra importante nessa frase — diz Nat, rindo.

— Além disso, ninguém é mais inteligente do que eu, então por que me dar ao trabalho de namorar um cara inteligente?

— Tenho certeza de que Declan teria algo a dizer sobre você pensar que é mais inteligente do que ele.

— Ah, ele sabe. Eu digo isso a ele o tempo todo.

Nat revira os olhos. — Claro que você diz.

Dentro de sua linda bolsa, o telefone de Sloane toca. Ela abre o zíper da bolsa, tira o telefone e suspira quando vê o número no visor. — Ah, Stavi. Desista já.

— Stavi?

Sloane sorri para mim. — Meu ex, Stavros. Ele quer que eu mande uma mensagem de texto para ele com uma foto dos meus sapatos.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Ele gosta de calçados femininos?

Sua risada é seca. — Mana, você não acreditaria.

Eu não disse nada a ela sobre a seção sobre seu ex Stavros no contrato que Declan e eu negociamos, e nunca vou. É o suficiente que ele concordou em tirá-la. E enquanto Stavros permanecer vivo, mantereí minha promessa a Declan de que todo o incidente permanecerá entre nós dois.

A política é complicada, mas como eu disse uma vez a ela, sou uma excelente política.

Sloane ergue os olhos do telefone para mim. — Ei, você conhece alguma garota solteira da máfia? Prometi a ele que o arrumaria com alguém. Ele é super doce. Fofo também. E muito rico.

— E ele tem uma queda por sapatos femininos.

Ela torce o nariz. — Quero dizer, ninguém é perfeito.

Riley me diz: — Eu queria te perguntar como Kieran está.

— Ele está indo muito bem!

Sloane diz: — Loucamente apaixonado por Aria, pelo que Declan me disse.

Isso me faz rir. — Sim, nossos irlandeses caem rápido e com força, não é?

Nat diz: — Provavelmente não tão rápido ou duro quanto nossos russos, certo, Riley?

Riley olha incisivamente para sua irmã. — O que não é tão rápido ou difícil quanto as irmãs Keller fazem.

Sloane acena com a cabeça, bebendo mais champanhe. — Mas a Síndrome de Estocolmo é familiar, então realmente não conseguimos nos conter.

Eu já recebi a história completa sobre como o sequestro foi o evento incitante que fez Sloane e Riley se apaixonarem por seus captores, Declan e Mal. E, honestamente, depois de tudo que passei na minha vida, faz tanto sentido quanto qualquer outra coisa.

Exceto pela história de Nat sobre como ela se apaixonou por Kage.

Acho que nunca seria capaz de amar um homem que foi enviado para me matar, não importa o quão bonito ele fosse.

Acho que essa é a coisa engraçada sobre o amor, no entanto.

Seu fogo pode forjar almas gêmeas até mesmo dos inimigos mais amargos.

Meu próprio celular vibra na minha bolsa. Quando olho para ver quem é, recebo uma mensagem de mamãe.

Como você abre o frigobar neste lugar? O bastardo está trancado!

Eu envio o código para ela, esperando que ela não esteja dando uma festa em sua suíte. Quando a convidei para vir conosco a Paris, ela disse que só iria com a condição de ter seu próprio quarto. Com vista para a Torre Eiffel. E um mordomo. Com mais de um metro e oitenta e menos de trinta e cinco.

Ela recebeu todas as suas exigências, naturalmente. Eu não sou a

única mulher Caruso que Quinn não pode dizer não.

— Meninas, eu tenho que visitar o banheiro feminino. Alguém mais?

Eu recebo uma rodada de sacudidas de cabeça como resposta.

— Ok. Eu estarei de volta em um segundo. E fiquem de olho nos meninos. Se as coisas parecerem que vão dar errado, conto com você para controlar a situação, Sloane.

Ela sorri como se esperasse um tiroteio a qualquer momento. — Sem problemas, querida. Eles não vão saber o que os atingiu.

Abro caminho lentamente pela multidão elegante em direção a um arco marcado ‘Mesdames’. O banheiro fica no final de um corredor forrado de palmeiras em vasos com luzes roxas. Entro, uso o banheiro e lavo as mãos na pia.

Quando saio, o corredor está vazio.

Exceto pelos meus quatro guarda-costas deitados de bruços e imóveis no chão e o homem inclinado casualmente contra a parede.

Vestindo jeans desbotados, uma camiseta branca apertada, botas de caubói e óculos de sol espelhados, ele tem um pé apoiado na parede e seus braços tatuados cruzados sobre o peito enorme. Seu cabelo escuro e ondulado roça seus ombros. Sua mandíbula angular está coberta de barba.

Ele é grande, masculino e exala um ar de perigo tão palpável que quase posso tocá-lo.

Ele parece uma mistura de Wolverine, Dirty Harry e James Bond. Com esteroides.

Eu digo: — Pelo menos tire os óculos de sol. Seria um insulto à injúria ser assassinada por um homem usando óculos escuros. Dentro de um prédio. À noite.

— Não vou te machucar, *lass*. Só quero uma palavra.

Seu sotaque irlandês é cadenciado e seu tom é gentil, mas eu não confio nele.

Conheço um assassino quando vejo um. E esse cara é um assassino com A maiúsculo.

Ele se afasta da parede, puxa uma enorme arma semiautomática da parte de trás de sua cintura e a estende para mim. — Se isso vai fazer você se sentir melhor.

— O que me faria sentir melhor é se eu soubesse por que um irlandês que pensa que é o Dirty Harry agrediu quatro dos meus guarda-costas.

Ele sorri. Meu reflexo em seus óculos parece muito pequeno.

— Esta conversa precisa ser privada.

— Eles estão mortos?

— Você vê algum sangue?

— Há tantas maneiras de matar um homem que não envolvem derramar seu sangue.

Seu sorriso cresce mais. Colocando a arma de volta em seu lugar, ele fala lentamente: — Sim, existem. Sobre o qual você sabe tudo, não é?

Alguém está vindo pelo corredor. Duas mulheres, conversando, suas cabeças juntas e seus saltos altos batendo no chão de mármore. Elas nos veem e aos quatro homens inconscientes e param. Elas olham uma para a outra. Então se viram e fogem sem dizer uma palavra.

Dirty Harry se afasta e vira à esquerda em um corredor, desaparecendo de vista. Do outro lado do corredor ele diz: — Vamos, Reyna. Se eu quisesse te matar, eu já teria feito.

Quem quer que seja, esse cara é muito irritante.

— Quem é você?

Uma risada rouca é minha única resposta.

— Eu realmente não aprecio a rotina de capa e adaga.

— Dois minutos do seu tempo. Isso é tudo que preciso. Por que você não tira essa lâmina da bainha em sua coxa e acena para mim? Pode fazer você se sentir melhor.

Olho para a frente do meu vestido. A cintura é apertada e a saia é cheia, escondendo qualquer carço ou protuberância. Não há como ele saber que estou carregando uma faca.

— Não pense muito nisso, *lass*. O relógio está correndo.

A curiosidade tira o melhor de mim. Dou a volta no corredor, paro a poucos metros dele e apoio as mãos nos quadris. Ele está encostado na parede novamente, como se achasse que é seu trabalho segurar o prédio inteiro.

— Você é um rival de Declan e Quinn, é isso? Estou prestes a ser sequestrada e mantida como refém?

Sua risada indica que ele está se divertindo com a pergunta.

— Isso é um sim?

— É um não. Conheço Declan há mais de vinte anos. Ele é um amigo querido.

Eu olho para ele com cautela. — Uh-hum. E seu querido amigo sabe desse bate papo clandestino? Porque faz muito mais sentido você falar comigo na outra sala com ele em vez de se esgueirar pelos banheiros femininos.

Ele me estuda por um momento em silêncio. Eu sinto seu olhar passando por mim, para cima e para baixo. Um canto de sua boca se levanta.

— Você me lembra minha esposa. Ela roubou um caminhão cheio de fraldas de mim. Foi assim que nos conhecemos.

— Fascinante.

— Foi.

— Há algum ponto que você chegará em breve? Porque senão, tenho que voltar ao meu champagne.

Ignorando meu comentário, ele diz: — Você vai conhecê-la. O nome dela é Juliet. Tenho a sensação de que vocês duas se darão bem como se fossem bandidas.

Eu decido que já tive o suficiente. Se ele vai me sequestrar, vamos em frente. Se ele não for, estou entediada.

Eu me viro e começo a me afastar, mas paro quando ele diz: — Lili e Juan Pablo estão indo bem no México, você não acha? Doce história de amor, essa.

Meu coração começa a bater mais rápido. Eu me viro e olho

para ele, perguntando-me o que diabos esse cara realmente quer. Eu exijo: — O que você sabe sobre eles?

— Sei que decidiram fazer do México seu lar permanente. E eu sei que você se encontrou com o tio de Juan Pablo, Alvaro, na semana passada para discutir um acordo entre a Máfia, a Mob e o cartel de Jalisco.

— Declan te disse isso?

Ele ri novamente. Ele parece gostar muito de fazer isso.

— Não, *lass*. Tenho minhas próprias fontes de informação. E tenho que admitir, estou muito impressionado com o acordo que você negociou. Você nasceu para torcer os homens em torno de seu dedo mindinho, não é?

— Chega de perguntas retóricas. Eu odeio perguntas retóricas. Quem é você?

Em vez de me dar seu nome, ele diz enigmaticamente: — Um terceiro interessado.

A princípio, acho que ele quer entrar no negócio de Jalisco. Mas então me lembro de algo que Declan disse no dia em seu escritório quando me mostrou a evidência de que Gianni armou a tentativa de sequestro e invasão de domicílio.

Quando perguntei como ele obteve todas as informações, ele disse a mesma coisa que esse irlandês acabou de dizer. *Um terceiro interessado*.

Todos os minúsculos cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiam.

Eu digo: — Você estava ouvindo. Naquele dia no escritório de Declan, você estava ouvindo nossa conversa.

— Assistindo por uma câmera escondida no teto, na verdade. Não culpe Declan por isso. Ele não sabia que estava lá. Mas seu desempenho foi impecável. Nunca vi uma mulher se comportar tão bem. Declan pode ser muito intimidante.

— Pouco me intimida.

— Exatamente. É por isso que estou lhe fazendo um convite.

Ele deixa-o pendurado lá sem explicar o que ele quer dizer.

Eu digo sarcasticamente: — Aqui é onde você vai me oferecer riquezas além dos meus sonhos mais loucos ou algo assim, certo?

— Há dinheiro envolvido, mas não é por isso que você estará interessada.

Estou prestes a explodir de exasperação, mas consigo manter a calma. — Ok, eu vou jogar seu jogo bobo. Por que estarei interessada?

Depois de um momento, ele tira os óculos escuros. Sem eles, ele é ainda mais bonito. Ele me encara com olhos escuros que perfuram meu crânio.

— Porque você é uma benfeitora, Reyna Caruso. Você tem um senso superdesenvolvido de certo e errado.

É oficial: *ele é maluco*.

— Já que você obviamente sabe tanto sobre mim, deve saber que eu sou o chefe da Cosa Nostra. Diga-me como estar no comando de um império do crime organizado me torna tão ética?

— Você se sacrificou para salvar a vida de sua sobrinha e do namorado dela. *Bondade*. Você disse às outras famílias da Máfia que na próxima reunião anual da véspera de Natal de todos os sindicatos, os chineses e os armênios serão cortados se continuarem suas operações de tráfico humano. *Bondade*. — Seu sorriso fraco e satisfeito retorna. — Você ordenou que Declan não matasse Stavros porque ofendia seu senso de jogo limpo. *Bondade*.

— São três fatos. Grande coisa. E é realmente assustador o quanto você sabe sobre mim.

— Eu sei muito mais do que isso, mas estou tentando recrutá-la para se juntar à minha organização, então não vou te assustar mais dando detalhes adicionais.

— Qual é a sua organização?

Aproximando-se de mim, ele estende um cartão de visita branco.

Eu o pego dele e examino. — Está em branco.

— Vire.

Quando faço isso, não encontro mais nada no verso, exceto um número impresso em negrito no meio do cartão.

Eu olho para ele em confusão. — Treze? O que é isso?

— O nome da minha organização.

— Oh. Ok, isso é estranho.

Ele parece ofendido. — Por que é estranho?

— Treze é um número feminino. O número de sangue, fertilidade e potência lunar. O número da Grande Deusa. — Eu o olho de cima a baixo. — Você não parece exatamente uma Grande Deusa para mim.

Ele coloca os óculos de sol de volta no rosto, cruza os braços sobre o peito e suspira. — É também o número da carta da Morte no Tarô.

— Então sua organização tem algo a ver com o Tarô?

— Não. Treze é apenas o número de membros que temos.

Eu o encaro por um momento. — Sinto que poderíamos ficar aqui até o fim dos tempos e andar em círculos enquanto você evita me dizer qualquer coisa sobre o que essa sua organização faz.

Seu sorriso é misterioso. — Eu entrarei em contato. Enquanto isso, não conte a ninguém que você falou comigo. Esse é o seu primeiro teste.

— Para que conste, eu odeio testes. E considerando que não tenho ideia de quem você é, provavelmente não vou contar a ninguém sobre você. Eu nem sei o seu nome.

Ele abaixa a cabeça e me olha por cima da armação de seus óculos de sol. Em voz baixa, ele diz: — O nome é Killian Black, *lass*. E você terá notícias minhas.

Passos soam no piso de mármore do corredor. Olho para o corredor. Quando me viro novamente, ele se foi.

Killian desapareceu no ar.

Eu digo em voz alta: — Isso é ainda mais assustador! E se eu me juntar à sua organização estúpida, você terá que mudar o nome para quatorze. Você sabe disso, certo? Toda vez que você recrutar um novo membro, você terá que imprimir novos cartões de visita!

Não tenho certeza, mas posso jurar que ouço o som de uma

risada fraca ecoando em algum lugar distante.

REY

Tarde da noite, estou deitada na cama ao lado de Quinn e olhando desconfiada para o teto da suíte do hotel com uma sensação crescente de desconforto que um louco chamado Killian Black possa ter colocado uma câmera no detector de fumaça, quando Quinn acorda e desliza uma de suas pernas pesadas sobre a minha.

Com a voz sonolenta, ele diz: — Uma coisa estranha aconteceu esta noite.

— O que foi?

— Quatro de nossos guarda-costas afirmam que acordaram em um corredor dos fundos do museu sem ideia de como chegaram lá.

Eu sabia que eles estavam vivos quando os deixei, porque verifiquei todos os seus pulsos. Mas eu ainda não decidi o que dizer a Quinn sobre esse personagem Killian Black, então eu vou com um vago: — Humm. Isso é estranho.

Ficamos em um silêncio confortável por um tempo, até que ele diz: — O que você está pensando, víbora?

— Eu estou pensando... — Eu viro minha cabeça e olho para ele. Sua cabeça descansa no travesseiro ao lado da minha. Seus olhos castanhos são suaves, quentes e cheios de adoração. Eu sorrio para ele e toco sua maravilhosa barba elástica. — Que estou muito feliz.

— Mesmo? — Ele me puxa para mais perto e acaricia meu pescoço. — Diga-me mais.

Eu tenho que rir disso. Vejo muitos e muitos anos de elogios ao meu irlandês no futuro. — Estou feliz por estarmos aqui juntos. Estou feliz por ter feito três novas amigas incríveis. Estou feliz que minha mãe não tenha agredido sexualmente o belo e jovem mordomo que você arranjou para servi-la.

Quinn diz: — Ainda.

— Sim, ainda. Deus, é perturbador vê-la flertar. É como assistir a

um filme de terror em câmera lenta. — Eu deslizo minha mão pelo seu pescoço em seu cabelo e sussurro: — Eu também estou feliz em ver você tão feliz. Fiquei um pouco preocupada que ver que Riley seria traumático para você.

Ele suspira. — Ver Malek é traumático para mim. Eu odeio aquele filho da puta. Eu nunca quis estrangular tanto alguém. Mas estou feliz que Riley esteja feliz. Ela parece bem, você não acha?

Eu aceno, aconchegando-me mais perto.

Depois de um momento, ele pergunta timidamente: — Você está com ciúme?

— Eu estaria se achasse que você ainda tinha sentimentos por ela. Mas é óbvio que não. Ei, a propósito, estive pensando em algo.

— Jesus.

— Ah, não tenha medo. Apenas me ocorreu outro dia que eu nunca perguntei a você o que essa tatuagem diz.

Eu traço meus dedos sobre a tinta que corre em seu peito logo abaixo de sua clavícula.

Ele exala e me puxa para mais perto. — É gaélico para abraçar o caos. Alguém me disse isso anos atrás, quando eu estava em um lugar muito escuro, e isso ajudou.

— Um de seus terapeutas?

— Não. Declan.

Eu penso sobre isso por um tempo enquanto traço meus dedos sobre os pergaminhos e voltas com tinta em sua pele. Parece um slogan tão bom quanto qualquer outro para sobreviver a esta nossa vida turbulenta.

Pressionando um beijo na minha têmpora, Quinn murmura: — Eu estive pensando em algo também.

O tom de sua voz me deixa nervosa. — Preciso tomar uma bebida antes de ouvir?

— É sobre a tatuagem no seu dedo anelar.

— O que tem isso?

Ele faz uma pausa. — Eu estava me perguntando... se ainda é como você se sente sobre o casamento.

— Oh. — Eu rio um pouco, aconchegando-me mais perto dele. — Na verdade, o casamento em geral parece uma ideia terrível.

Seu suspiro é suave e derrotado. Ele diz: — Foi o que eu pensei... — E fecha os olhos.

Este homem. Ele sempre assume o pior. Vou ter que trabalhar nisso.

— Eu não terminei.

Ele abre um olho e olha para mim. Eu sorrio em seu rosto carrancudo.

— Como eu estava dizendo, o casamento em geral parece uma ideia terrível..., mas o casamento com um certo inseto teimoso, mandão, mal-humorado e possessivo parece ser meio divertido.

Sua respiração fica presa. Seus olhos brilham. Seus braços apertam ao meu redor. Ele diz rispidamente: — Aracnídeo.

— Sim, desculpe-me. Aracnídeo.

Depois de um momento de silêncio, ele rola em cima de mim, olhando-me com uma intensidade ardente, todos os músculos de seu grande corpo tensos.

— Então você está dizendo que quer se casar comigo. De verdade desta vez.

Sorrindo para ele, eu digo timidamente, — Eu não sei. Talvez você devesse me perguntar e descobrir. Porque se não me falha a memória, *sou* a única pessoa neste quarto que te pediu em casamento. Sob pressão, devo acrescentar. Isso não faz uma grande história que podemos contar aos nossos netos. Seria bom se o fizéssemos corretamente.

Porque seu peito está pressionado contra o meu, posso sentir o quão forte seu coração está batendo. Eu também sinto uma rigidez repentina contra minha coxa e tenho que morder meu lábio para não rir.

Mas então estou ofegante, porque Quinn se lançou da cama, arrastando-me junto com ele. Ele me mantém firme em meus pés,

então afunda em um joelho no tapete na minha frente.

Olhando para mim com olhos de adoração, ele diz com uma voz rouca: — Víbora. Eu quero passar o resto da minha vida com você. Eu quero que você tenha meus filhos. Eu quero fazer de você a mulher mais feliz do mundo. Eu lhe darei tudo o que tenho para dar e qualquer coisa que você pedir. Eu te amo com cada parte do meu coração escuro e cada pedaço da minha alma desperdiçada. Por favor, dê-me a honra de ser minha esposa? — Seu sorriso é de tirar o fôlego. — De verdade desta vez?

Minha garganta apertada e meus olhos lacrimejando, eu digo: — Sim, meu lindo irlandês. Eu vou me casar com você. Vou me casar com você todos os dias pelo resto da eternidade, porque nunca amei nada na minha vida do jeito que amo você.

Ele fecha os olhos por um momento. Ele engole. Quando abre os olhos novamente, eles estão escuros.

Meu monstro rosna: — Boa resposta. — Então se lança para mim.

Ele nos leva de volta para a cama com o som da minha risada feliz ecoando nas paredes.

EPÍLOGO

SPIDER

Boston, quinze meses depois

Véspera de Natal

Reyna está na cabeceira da longa mesa de carvalho, observando silenciosamente o grupo sentado.

A mulher solitária em uma multidão de dezenas dos homens mais poderosos e perigosos do mundo, ela parece tão serena e gentil quanto uma das senhoras da sociedade que o artista favorito de minha mãe pintou.

Seu longo cabelo escuro está enrolado em um coque baixo. Seu vestido vermelho abraça suavemente sua barriga inchada. Ela descansa uma mão sobre a preciosa protuberância que contém nosso filho em crescimento.

— Senhores — diz ela, olhando para cada homem por sua vez. — Como todos sabem, o ano passado foi de sucesso sem precedentes para nossas famílias. Provou que trabalhar juntos para alcançar nossos objetivos mútuos é muito mais vantajoso do que estar em desacordo um com o outro. Quero agradecer por sua cooperação com o que alguns sentiram ser uma ideia insana.

Ela olha para mim, de pé contra a parede nas sombras. Quando nossos olhos se encontram, a sensação é a mesma desde o primeiro dia. Como se eu estivesse conectado a uma tomada.

Ela sorri. — Ou pelo menos mal orientado.

Cruzo os braços sobre o peito e sorrio de volta, embora o meu seja um pouco azedo.

Eu não fui o único que disse a ela que tentar trabalhar em cooperação com os sindicatos internacionais era uma ideia maluca. Mas eu *sou* o único que tem que olhar nos olhos dela todas as noites, sabendo que eu estava errado.

Não que eu deva me surpreender com isso. Aprendi que há muitas poucas coisas sobre as quais minha esposa está errada.

E aquelas que eu sou sábio o suficiente para não mencionar.

Reyna volta sua atenção para a longa mesa de madeira. No lado direito estão os chefes das filiais internacionais da máfia armênia, a Sociedade da Tríade Chinesa, a máfia chechena, o cartel de Jalisco, a Bratva e outros. No lado esquerdo estão todos os chefes das famílias dentro dos Estados, incluindo Declan e Kage. Seus capitães estão encostados nas paredes da sala, observando em silêncio, os olhos arregalados e a tensão alta.

Seus líderes podem estar de acordo com a ideia de um sindicato do crime OTAN, mas alguns de seus segundos no comando obviamente não estão.

Estou de olho em um personagem especialmente obscuro. O albanês de cabelos escuros em couro preto e botas de combate do outro lado da sala tem pequenos olhos de furão e dedos trêmulos. Além de ter a energia de um viciado, ele lambe os lábios toda vez que olha para Reyna.

Eu daria um tiro na cara dele agora, mas aprendi ao longo do último ano a escolher minhas batalhas com mais sabedoria.

Vou atirar na cara dele mais tarde, quando não houver testemunhas por perto.

Vê? Eu posso ser razoável.

— Nos pens drives na mesa à sua frente estão meus planos propostos para o próximo ano. Por razões óbvias, essas unidades são protegidas com uma senha. Cada senha é única para seu usuário e só pode ser usada uma vez antes que os arquivos sejam apagados automaticamente. Os arquivos não podem ser copiados ou salvos, portanto, certifique-se de ler o material antes de fechar.

Mirzoyan, chefe da máfia armênia, pega o pequeno pendrive preto na mão e franze a testa. — Quando recebemos as senhas?

— Vocês já as têm. Para cada usuário, a senha é o nome completo do primeiro homem que você matou. — Ela sorri gentilmente para os homens assustados. — Podem ter que fazer uma pequena busca na alma se não conseguirem se lembrar.

Alvaro, chefe do cartel de Jalisco e tio de Juan Pablo, pergunta:

— Como você pode ter essa informação?

— Vamos apenas dizer que tenho amigos em lugares baixos e deixar por isso mesmo.

Ela quer dizer Killian, é claro. Killian maldito Black, um homem que conhece tudo e todos e tem um ego ainda maior que o meu. Um homem que ‘oficialmente’ morreu há muito tempo, mas ainda está se espalhando pelo mundo praticando espionagem e tentando salvar a humanidade enquanto parece a fantasia suja de uma adolescente.

Vendo a expressão em meu rosto, Malek sorri.

Ele está trabalhando com Killian também, o grande filho da puta russo. Eu mantenho minha expressão impassível, embora eu gostaria de arrancar seus olhos.

Ainda temos o jantar de véspera de Natal no Declan para passar esta noite.

— Continuando. O FBI está se tornando um problema. Desde a morte repentina do vice-diretor há um ano e meio, eles intensificaram seus esforços internos para prender e encarcerar membros do crime organizado. Seu novo diretor é particularmente zeloso. Ele está trabalhando em estreita colaboração com a Interpol e outras organizações policiais internacionais para apertar o laço.

Kage diz: — Eu vou lidar com isso.

Declan lhe lança um olhar. Vendo como ele foi quem matou o antigo vice-diretor, ele provavelmente quer tentar com o novo também.

Reyna diz: — O que me lembra, Kazimir. Seu contato dentro do FBI foi comprometido.

Os olhos escuros de Kage se aguçam, mas sua voz não trai nada. Especialmente sua surpresa por ela saber que ele tem um contato dentro do FBI.

— E como você sabe disso?

— Porque eu o comprometi. — Sem mais explicações, ela diz a Declan: — Seu contato Grayson também não é confiável. É um jogo totalmente novo por lá. As velhas regras não se aplicam mais.

Todos olham para Declan.

É um momento importante. Eu posso dizer pelo súbito estalo de tensão na sala, a forma como o foco de cada homem muda para ele. De todos os homens presentes, Declan sempre esteve entre os mais admirados.

E não importa o quão capaz e inteligente Reyna possa ser, o crime organizado ainda é um mundo de homens.

Exceto que talvez não seja.

Porque sem hesitação, Declan diz: — Entendido. Aprecio a informação.

Sua voz transmite respeito, o que é o suficiente para que os homens relaxem em seus assentos.

Passo a mão pelo rosto para esconder o sorriso.

Porra, minha mulher é nada menos que surpreendente.

Todos saúdam a Rainha.

Reyna fala sobre vários assuntos de negócios por mais alguns minutos, então se senta. Segue-se uma mesa redonda. Medidas abertas são discutidas perante a liderança. Os votos são lançados.

Uma hora depois, eles terminaram e estão compartilhando um brinde à saúde um do outro.

Reyna brinda com água com gás. Embora o médico a tenha liberado para tomar uma taça de vinho de vez em quando, ela não tocará em uma gota até depois do parto.

Ela *me* acusa de ser superprotetor. Este bebê pode ter um lobo raivoso como pai, mas eu não sou páreo para a mamãe tigre que vai rasgar em pedaços qualquer um que se atreva a respirar em Reagan da maneira errada.

Minha esposa queria um nome irlandês para o bebê. Um que significa ‘pequeno rei’ parecia se encaixar, mesmo que tenhamos uma menina.

Ela está prevista para o Dia dos Namorados.

Não quero me azarar, mas acho que minha má sorte finalmente mudou.

— Para que é esse sorriso?

Reyna está ao meu lado, olhando para o meu rosto. Atrás dela, a sala está se esvaziando. Eu aceno para Declan, então franzo a testa ao ver Kage e Massimo compartilhando uma palavra perto da porta dos fundos. Eles se separam, mas não antes daquele idiota do Massimo enviar a Reyna um olhar fulminante.

Declan estava certo. Alguns rapazes ainda não estão vivendo no século XXI.

Mas se eu o pegar olhando para ela assim de novo, ele não estará vivo.

— Apenas feliz. — Eu a beijo na testa. — Onde está seu casaco?

— Naquela cadeira.

— Eu vou pegar.

— Sou perfeitamente capaz de caminhar até lá e pegar eu mesma.

— E eu sou perfeitamente capaz de te dar um tapa nessa sua bunda se você não parar de me insultar.

Ela arqueia as sobrancelhas e zomba. — Você não é o meu chefe.

— Não, *você* não é a *minha* chefe.

Depois de uma pausa divertida, ela fica na ponta dos pés, pressiona os seios contra o meu peito e sussurra em meu ouvido: — Desculpe, Maximus Aurelius Tiberius... o que você estava dizendo?

Lembro-me da cena que representamos ontem à noite, e meu pau endurece. Eu absolutamente adoro quando ela me venda, me amarra a um objeto imóvel e me tortura de brincadeira.

— Que eu sou um idiota — eu respondo, minha voz grossa de desejo.

Rindo baixinho, ela me beija na bochecha. — Como eu adoro quando concordamos.

Envolvendo sua cintura com as mãos, digo: — Estava pensando que esta noite Antonia poderia precisar ser amarrada para variar.

— Oh, sério? — Reyna aperta meu bíceps e pisca para mim timidamente.

— Sim. Sêrio.

— Hum. Vamos ver como você se comporta no jantar, depois conversamos.

— Isso é chantagem!

— Não, isso é incentivo. E não quero que a pobre Sloane tenha que limpar poças de sangue do chão da sala de jantar na véspera de Natal.

Eu falo: — Já tivemos essa conversa, esposa. Todos concordaram em se comportar da melhor maneira.

Quando ela me olha em dúvida, eu acrescento: — Como se estivéssemos no casamento de Nat e Kage. Lembra disso? Ninguém foi baleado.

— O que me lembro é de um salão de baile em Manhattan em fevereiro que mal continha a raiva coletiva da Bratva e da Mob enquanto se encaravam na pista de dança como tribos canibais inimigas ansiosas para comer a carne um do outro.

Eu dou de ombros. — Sim. Casamentos de gângsteres não são exatamente escola dominical.

— Você não acha?

— Além disso, esse é um visual perturbador. Não comemos uns aos outros depois de nos matarmos. Somos homens civilizados.

— Você é tão civilizado quanto os homens das cavernas podem ser, eu vou te dar isso.

— Obrigado.

Seus olhos de sereia brilham. Seus lábios escarlates se curvam nas bordas. — Foi realmente um elogio, no entanto?

Eu rio. — Vamos entrar no carro antes de começarmos a discutir ou vamos ficar aqui a noite toda.

Tomando-a pela mão, eu a conduzo pela sala até a cadeira sobre a qual seu pesado casaco de inverno está pendurado. Eu a ajudo a vesti-lo, então pego sua mão novamente enquanto caminhamos para o carro. Kieran espera por nós no estacionamento com o motor do SUV já ligado. O vapor do cano de descarga sobe branco no ar frio da noite.

— Como foi lá dentro? — ele pergunta enquanto nos afastamos.

Eu falo: — Ninguém morreu.

— Ah! Sucesso, então. Bom ouvir isso.

Reyna diz a ele: — Vamos pegar Aria no caminho ou ela vai nos encontrar lá?

— Ela já está lá. Ela me mandou uma foto dela e de Sloane na cozinha. Só sorrisos. Muito doce. Enviei uma mensagem logo depois perguntando se eu poderia levar alguns antiácidos para ela.

Reyna ri. — Aposto que sim, coitadinha. Sloane deve tê-la feito provar alguns dos aperitivos.

— Eu nunca vou entender como uma *lass* tão adorável é uma cozinheira tão ruim — diz ele, balançando a cabeça. — Nunca tenho certeza se ela está tentando me alimentar ou se ela está rindo às minhas custas, observando-me ao tentar manter uma cara séria com a boca cheia de galhos podres.

— Estou feliz que Aria voou de Nova York para passar o Natal com você, mesmo que ela tenha que comer galhos podres. — Reyna se vira para mim. — Lembre-me novamente por que não vamos jantar em nossa casa, Quinn?

Digo secamente: — Porque você está reformando a cozinha, víbora. Não me diga que você já esqueceu. Está me custando um braço e uma perna.

Ela fez disso uma condição para morarmos juntos. Pensamos em construir uma nova, mas decidimos comprar uma casa no bairro de Declan e Sloane que tivesse quartos suficientes para todos os futuros Quinns. O que não tinha era uma cozinha que minha rainha aprovava, então passei o último ano morando em uma zona de construção.

Eu reclamo muito disso, mas porque Reyna se sente mal e quer me compensar.

Quando você é viciado em alguém, você faz qualquer coisa por mais um gosto, não importa como você consiga.

Chegamos à casa de Declan e Sloane, quando Sloane está abrindo a porta da frente para Malek. Ela lhe dá um abraço, deixando-me carrancudo.

Reyna suspira. — Oh, querido.

Eu rosno: — Eu vou jogar bem por causa da política, mas eu ainda o odeio.

— Eu sei. E obrigada.

— Ele atirou em Kieran, a propósito.

Seus olhos se arregalam. — Sério?

Kieran ri. — Sim. Três vezes. Faz cócegas em mim toda vez que entro em uma sala com aquele grande e feio bastardo lá, sabendo o quão irritado ele deve ficar ao me ver sorrindo para ele como um maldito doido.

— Esse é o espírito! Agora pare de fazer cara feia, Quinn, e por favor me ajude a sair desse veículo ridículo que você chama de carro. Não quero cair e quebrar uma perna.

— Ah. Outra de suas dicas não tão sutis para comprar um sedã Mercedes.

Ela sorri docemente para mim. — Não seja bobo. Eu sei que você nunca compraria um desses. Só os adultos os dirigem.

— Somente velhos e xeiques os conduzem.

— Você diz isso como se conhecesse qualquer pessoa velha. Ou xeiques.

Abro a porta e pego sua mão, ajudando-a a deslizar pelo banco em minha direção. Então eu a pego e chuto a porta.

Enquanto a carrego pelo caminho em direção à porta da frente, ela suspira.

— Não diga isso. Eu sei que você é capaz de andar, mas enquanto houver neve no chão sangrento, eu vou te carregar.

— Você não me carregou para fora da reunião.

— Você só tinha que andar três metros.

Ela diz rispidamente: — Então, há um limite de três metros para minha mobilidade permitida?

Eu rosno: — Há um remo com seu nome nele é o que há.

— O dia em que eu permitir que você me espanque será o dia em que Sloane comerá uma rosquinha.

— Conta se ela não sabe que é uma rosquinha? Porque vou enrolar com prazer um Krispy Kreme em terra e cocô de coelho e dizer a ela que é feito de quinoa orgânica e aveia cortada em aço.

Rindo, Reyna deixa cair à cabeça no meu ombro. — Eu vou aceitar esse acordo. Mas eu tenho que estar na sala para ver o rosto dela quando ela comer.

Quando entramos na casa, já estou planejando como posso me desculpar para correr até a loja Krispy Kreme mais próxima.

Eu coloco Reyna de pé cuidadosamente dentro da porta da frente, então dou um abraço em Sloane. Ela abraça Reyna e Kieran e nos diz que Declan já chegou.

Kieran pergunta: — Ele gosta de seu novo motorista?

Sloane sorri calorosamente para ele. — Não tanto quanto o antigo. Entrem, rapazes. Podem deixar seus casacos naquele divã.

Quando entramos na sala, Nat e Kage estão sentados em um sofá de um lado da sala. Aninhado em seus braços está seu novo bebê, Kaz, em homenagem a seu pai horrível.

Kaz está enrolado em um cobertor azul e tem tanto cabelo preto e grosso que parece que está usando um capacete de pele.

Sentados no mesmo sofá estão Malek e Riley. Ela está entregando a ele seu bebê, Mik. Ele é alguns meses mais velho que Kaz, mas tem metade do cabelo.

Mas também é preto. Como o coração de seu pai.

De pé na frente da lareira segurando um copo de cristal cheio até a borda com uísque está Declan, parecendo estar lutando contra uma violenta crise de diarreia.

Mas ele faz muito essa cara, então é difícil dizer se os russos são o problema.

Sloane acena para nós e diz: — Pessoal, antes de começarmos com as festividades, tenho um anúncio a fazer. Ah, aí está Aria. Venha sentar-se.

Emergindo da cozinha está Aria, uma moça bonita com olhos

castanhos brilhantes e covinhas. Ela vai direto para Kieran, dá um beijo em sua bochecha corada, então o puxa para baixo com ela para um sofá perto da lareira.

Reyna e eu continuamos de pé com os braços cruzados na cintura um do outro.

Estou esperando algum discurso açucarado sobre amigos, família e todas as outras merdas de festas. Então fico surpreso quando Sloane caminha até Declan, enrosca seu braço no dele e diz sombriamente: — Algo aconteceu. Queríamos contar a vocês primeiro.

— Oh, merda — diz Nat, de olhos arregalados. — Eu sabia.

Sloane franze o nariz. — Você sabia o quê?

Nat olha ao redor da sala, para baixo em seu bebê, então de volta para Sloane. — Que tudo isso era bom demais para durar.

Suspirando, Sloane diz: — Baby, precisamos falar sobre essa atitude de desgraça e melancolia. O que eu ia dizer é... — Ela faz uma pausa para um efeito dramático, então deixa escapar: — Estou grávida!

Reyna suspira de surpresa. Aria, Nat e Riley gritam de alegria.

Então Sloane acrescenta: — De *gêmeos*! — E os guinchos se transformam em gritos de felicidade.

Malek e Kage estão usando expressões idênticas de desgosto, o que faz Declan sorrir presunçosamente.

— Parabéns, companheiro — eu digo, estendendo minha mão. Ele a sacode, sorrindo de orelha a orelha.

— Obrigado. Estamos muito animados.

— Gêmeos — diz Reyna melancolicamente. — Que maravilhoso!

Eu aperto meu braço ao redor dela, sorrindo largamente porque eu sei que nós vamos nos divertir muito tentando gêmeos da próxima vez.

Já posso imaginar a diversão perversa que será.

Sloane ri, brilhando de felicidade. — Ok, agora isso está fora do meu peito, vamos brindar!

Declan diz: — Você não vai brindar com meus bebês na barriga!

— Vou tomar cidra espumante, querido. Não enlouqueça. — Ela o beija, depois se vira para as meninas e joga os braços no ar. — *Por favor! Por favor! Por favor!*

Enquanto Declan balança a cabeça, eu me inclino e murmuro no ouvido de Reyna: — Acho que precisamos ir ao banheiro.

— Nós? Você precisa de uma mão extra?

— Por uma questão de fato, eu preciso.

Sorrindo, eu a pego pelos ombros e digo aos outros que já voltamos. Então eu a guio pelo corredor em direção ao escritório de Declan. Eu a coloco no banheiro no meio do caminho e tranco a porta atrás de nós.

Voltando para a pia, Reyna diz: — Você está bem?

— Melhor do que nunca, víbora. Melhor do que nunca.

Eu a pego em meus braços e a beijo com força. Ela responde como sempre faz, com um suspiro suave, seu corpo instantaneamente derretendo contra o meu.

Meu próprio corpo responde como sempre faz também, enviando a maior parte do sangue em circulação direto para o meu pau, então fico tonto.

— Meu lindo gladiador — ela sussurra contra minha boca, abrindo os olhos para olhar para mim. Há tanto amor nesse olhar, que deixa meu pau ainda mais duro.

— Minha linda rainha. Eu preciso foder você.

— *Agora?*

— Agora.

Ela ri uma risada rouca e feliz, enrolando os braços com mais força em volta dos meus ombros.

— Ok, Máximo. Você é o chefe.

Quando eu congelo, olhando para ela com o que tenho certeza de que é um brilho de euforia histérica em meus olhos, ela esclarece: — Pelos próximos cinco minutos. Não se precipite, Romeu.

Meu sorriso é selvagem. Eu a viro para que ela fique de frente para o espelho, puxo a saia de seu vestido e deslizo minha mão ao redor da frente de seu quadril e para baixo entre suas pernas. No momento em que meus dedos deslizam sob sua calcinha e roçam seu clitóris, ela geme baixinho e fecha os olhos.

Em seu ouvido, murmuro: — A quem você pertence?

Ela responde sem hesitar. — Você.

— Sim. Agora e sempre.

Eu trabalho minha mão entre suas pernas, meus dedos deslizando por seu calor e umidade. Com minha outra mão eu seguro seu seio, manuseando seu mamilo duro. Então eu beijo sua garganta, chupando ao mesmo tempo que puxo seu clitóris.

Ela exala uma respiração instável. Refletidos no espelho, nós parecemos exatamente o que somos.

Duas pessoas loucamente apaixonadas uma pela outra.

Começando a suar, eu ordeno: — Abra mais as pernas, esposa.

Ela me obedece imediatamente, inclinando a bunda para trás e ampliando sua postura enquanto se inclina sobre a pia. Eu puxo sua calcinha para baixo de suas coxas, abro minha calça e pego meu pau dolorido na minha mão.

Cutucando a coroa em sua entrada, falo: — Abra os olhos.

Suas pálpebras se abrem. Quando nossos olhares se encontram no espelho, eu empurro dentro dela, então agarro seu quadril e empurro novamente.

Seu gemido é quebrado desta vez. Suave e quebrado, um som que faz todas as células do meu corpo se encherem de energia sobrecarregada. A maneira como ela se rende a mim me faz sentir como um maldito rei.

Então ela sussurra meu nome, e eu me sinto como um deus.

Invencível.

Imortal.

Capaz de qualquer coisa.

Segurando seu olhar no espelho, eu a fodo lenta e profundamente, preguiçosamente acariciando seu clitóris até que ela esteja ofegante e tremendo toda. Ela se inclina mais para frente, apoiando um braço contra a parede.

— Quinn. Oh, Deus. Quinn.

Ofegante, eu digo: — Sim, querida. Dê-me isto.

Ela estremece, agarrando meu antebraço e gemendo enquanto eu brinco com seu clitóris e fodo sua boceta.

Ela está encharcada, deliciosa e linda, tomando meu pau tão duro quanto eu quero dar a ela. Ela é tudo que eu sempre quis e muito mais do que eu poderia merecer, e eu sei sem dúvida que vou amar essa mulher até meu último suspiro. Eu vou amá-la até que a terra pare de girar e o sol se apague e todas as estrelas caíam do céu.

Eu vou amá-la para sempre.

Minha esposa. Minha víbora. Minha guerreira.

Minha rainha.

Eu a adorarei por toda a eternidade.

Fim.



Notes

[←1]

Tia em italiano.

[←2]

Sim em gaélico irlandês.

Wladziu Valentino Liberace foi um pianista, cantor, ator e *showman* americano. O artista mais bem pago do mundo no auge de sua fama nas décadas de 1950 a 1970, adotou um estilo de vida de excesso extravagante dentro e fora do palco, adquirindo o apelido de *Mr. Showmanship* – Senhor Espetáculo.

[←4]

Termo do gaélico irlandês que significa senhorita, moça, jovem mulher.

[←5]

Boneca em italiano.

[←6]

Que chatice!

[←7]

Fanook ou *Finook*: derivado de *Finocchio*, um termo pejorativo para homossexual ou gay.

[←8]

Certo em italiano.

[←9]

Um homem amável, um termo pejorativo hiberno-inglês usado na Irlanda para um empresário ou político obscuro e 'negociante de rodas' que procura sempre obter lucros rápidos, geralmente às custas de outras pessoas ou mediante a aceitação de subornos.

[←10]

Um gângster, especialmente um membro de uma família da máfia.

Mas no gaélico irlandês.

Gíria irlandesa para roupas íntimas.

Celta, Irlandesa: Queridinha, de coração puro. Irlandês: Pura, virginal.

[←14]

Uma pessoa que bajula, bajula ou concorda com os outros, especialmente pessoas de maior autoridade. Ouvido principalmente no Reino Unido, Irlanda.

Menino ou homem.

[←16]

Significa *Estás fora*, pelo contexto tem o sentido de *perdida em pensamentos*.

[←17]

As duas palavras têm significados similares, podem ser traduzidas como canalha e malandro.

[←18]

Significa rapariga, garota, menina.

[←20]

Estrelinha em italiano.

[←21]

Muito obrigada em italiano.

[←22]

Galo tolo, idiota.

A panna cotta é uma sobremesa típica da região italiana de Piemonte, elaborada a partir de nata de leite, açúcar, gelatina e especiarias, especialmente canela, podendo ainda contar com pedaços de fruta ou chocolate, para adornar o prato.

[←24]

Morte de um tecido causado por uma infecção ou falta de fluxo sanguíneo.

[←25]

Idiota, cabeça de merda.

Exercícios realizados por uma mulher para fortalecer os músculos do assoalho pélvico, envolvendo repetições de contrações voluntárias sustentadas e rápidas dos músculos e usados especialmente para tratar a incontinência urinária e melhorar a função sexual.

[←27]

Bunda na gíria italiana.

[←28]

Buona sera é uma saudação em italiano, ela significa tanto Bom dia, Boa tarde ou Boa noite.

Um companheiro, amigo, amigo íntimo ou associado, usado especialmente entre homens ítalo-americanos. Às vezes tem a conotação de um amigo mais velho que atua como patrono, protetor ou conselheiro.

No folclore europeu, uma prole deformada ou imbecil de fadas ou elfos substituídos por eles sub-repticiamente por uma criança humana. Segundo a lenda, as crianças humanas raptadas são entregues ao diabo ou usadas para fortalecer o estoque de fadas.

Idiota em italiano.

[←32]

Gíria extremamente depreciativa e ofensiva. Um termo desdenhoso usado para se referir a um trabalhador mexicano que entra nos EUA ilegalmente, como atravessando o Rio Grande.

Significa garoto no gaélico irlandês.

Idiota em gaélico irlandês.

Bisbilhotando.

[←36]

Você deveria se envergonhar em italiano.